

**PADRÕES DE
CONCORDÂNCIA
VERBAL E DE
ALTERNÂNCIA
PRONOMINAL
NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO E
NO PORTUGUÊS
EUROPEU**

ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO
COMPARATIVO

CÁSSIO FLORÊNCIO RUBIO

**PADRÕES DE
CONCORDÂNCIA VERBAL
E DE ALTERNÂNCIA
PRONOMINAL NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO E
NO PORTUGUÊS EUROPEU**

CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO
Responsável pela publicação desta obra

Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi

Ana Mariza Benedetti

Luciani Ester Tenani

Sandra Denise Gasparini Bastos

CÁSSIO FLORÊNCIO RUBIO

**PADRÕES DE
CONCORDÂNCIA VERBAL
E DE ALTERNÂNCIA
PRONOMINAL NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO E
NO PORTUGUÊS EUROPEU**
ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO
COMPARATIVO

**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

© 2012 Editora UNESP

Cultura Acadêmica

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.culturaacademica.com.br

feu@editora.unesp.br

CIP – BRASIL. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C338p

Rubio, Cássio Florêncio

Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu: estudo sociolinguístico comparativo / Cássio Florêncio Rubio. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7983-353-3

1. Linguística. 2. Língua portuguesa – Brasil. 3. Língua portuguesa – Europa.
I. Título.

12-9268.

CDD: 410

CDU: 811

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Editora afiliada:



Às duas mulheres da minha vida, que sempre me apoiaram incondicionalmente em todos os momentos, minha mãe, Geni (in memoriam), e minha esposa, Marina, companheira dedicada que está sempre ao meu lado,
DEDICO

SUMÁRIO

Abreviaturas	9
O ponto de partida	11
Seguindo a trilha	13
Prefácio	15
Introdução	17
1 O português europeu e o português brasileiro	23
2 Os fenômenos de concordância verbal e de alternância pronominal à luz da Sociolinguística Variacionista	67
3 Caracterização das comunidades e dos contextos de investigação	111
4 Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu	177
Conclusões	307
Referências bibliográficas	323

ABREVIATURAS

1PS	Primeira pessoa do singular
2PS	Segunda pessoa do singular
3PS	Terceira pessoa do singular
1PP	Primeira pessoa do plural
2PP	Segunda pessoa do plural
3PP	Terceira pessoa do plural
AC	Amostra Censo ou Amostra Comunidade
AI	Amostra de Interação
AP	Alternância pronominal
ALIP	Amostra Linguística do Interior Paulista
BDI	Banco de Dados Iboruna
CRPC	<i>Corpus</i> de Referência do Português Contemporâneo
CV	Concordância verbal
PB	Português brasileiro
PE	Português europeu
SJRP	São José do Rio Preto

O PONTO DE PARTIDA

Fala-se muito num “dialeto brasileiro”, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialeção, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados.

Nem se poderão discriminar, enquanto não se fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões.

O falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de São Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior de São Paulo se podem distinguir, sem grande esforço, zonas de diferente matiz dialetal – o Litoral, o chamado Norte, o Sul, a parte confinante com o Triângulo Mineiro.

Seria de desejar que muitos observadores imparciais, pacientes e metódicos se dedicassem a recolher elementos em cada uma dessas regiões, limitando-se estritamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo quanto fosse hipotético, incerto, não verificado pessoalmente. Teríamos, assim, um grande número de pequenas contribuições, restritas em volume e em pretensão, mas que na sua simplicidade modesta, escurteira e séria prestariam muito maior serviço do que certos trabalhos mais ou menos vastos, que de quando em quando se nos deparam, repositórios incongruentes de fatos recolhidos a todo preço e de generalizações e filiações quase sempre apressadas.

Tais contribuições permitiriam, um dia, o exame comparativo das várias modalidades locais e regionais, ainda que só das mais salientes, e por ele a discriminação dos fenômenos comuns a todas as regiões do país, dos per-

tencentas a determinadas regiões, e dos privativos de uma ou outra fração territorial. Só então se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialeto brasileiro, ou dos dialetos brasileiros, quantos e quais os subdialetos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um. (Amaral, A. [1920]1976, p.12).¹

1 O excerto acima foi extraído da obra “O dialeto caipira”, de Amadeu Amaral, publicado originalmente no ano de 1920.

SEGUINDO A TRILHA

Embora tenham se passado mais de noventa anos da publicação dos sábios ensinamentos do filólogo, poeta e folclorista Amadeu Amaral e apesar de muito se ter avançado no campo dos estudos linguísticos, há um longo caminho a seguir para conhecermos plenamente todas as variedades do português brasileiro. O mesmo se pode afirmar se abarcarmos também as inúmeras variedades do português europeu, do africano e do asiático.

Seguindo os ensinamentos de Amaral e de inúmeros outros linguistas que se dedicaram ao estudo da linguagem humana, o intuito desta obra é, nesse âmbito, permitir o estreitamento, ainda que *na sua simplicidade modesta*, desse longo caminho, até a descrição de todas as variedades de língua portuguesa que permeiam hoje os continentes americano, europeu, africano e até mesmo asiático.

PREFÁCIO

A presente obra é fruto da adaptação da tese de Doutorado em Estudos Linguísticos intitulada *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*, defendida no ano de 2012, na Universidade Estadual Paulista, *campus* de São José do Rio Preto.

O objetivo do estudo é apresentar uma análise comparativa de fenômenos relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal de primeira, segunda e terceira pessoas do singular e do plural no português brasileiro e no português europeu, com o intento de reunir mais evidências para discussão da origem das variedades de língua portuguesa hoje presentes no Brasil.

Foram utilizadas como *corpora*, para investigação empírica da fala do interior paulista e da fala do português europeu, amostras da região noroeste do estado de São Paulo, provenientes do Banco de Dados Iboruna, e amostras de diversas regiões do território português, integrantes do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo.

A análise empreendida ao longo da obra ampara-se nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista de base laboviana (Labov, 1966, 1972) e realiza-se de forma qualitativa, para fenômenos relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal de primeira, segunda e terceira pessoas do singular e de segunda pessoa do plural, e de forma qualitativa e quantitativa, para fenômenos relacionados à concordância verbal de primeira e terceira pessoas do plural e à alternância pronominal de primeira pessoa do plural.

Além da apresentação dos resultados empíricos para a concordância verbal e para a alternância pronominal no português europeu e brasileiro contemporâneos, retoma-se, no primeiro capítulo da obra, o contexto sócio-histórico de formação das variedades de língua portuguesa europeia e brasileira, o que fornece subsídios para a discussão a respeito das teses de origem do português brasileiro.

INTRODUÇÃO

Entre os inúmeros fenômenos já analisados no português brasileiro, a variação na concordância verbal talvez seja um dos mais perceptíveis para falantes e ouvintes, o que faz com que a ela tenha se dado grande ênfase, principalmente a partir dos últimos anos da década de 1970 e dos primeiros anos da década de 1980.

Passados mais de trinta anos dos primeiros estudos sobre a concordância verbal e após inúmeras contribuições de renomados autores que se dedicaram a compreender esse fenômeno variável e suas diferentes características em comunidades brasileiras, muito ainda se tem a desvendar, sobretudo quando se considera, além das marcas de terceira pessoa do plural, todo o quadro de concordância verbal do português brasileiro.

Mais do que variação no uso da terceira pessoa do plural, observa-se, em algumas variedades do português brasileiro, o apagamento variável de marcas de plural nos verbos em primeira pessoa do plural, o que, para alguns pesquisadores, é fenômeno típico de comunidades rurais e *rurbanas* (termo cunhado por Bortoni-Ricardo (1985) para se referir a comunidades com características que se situam no *continuum* entre o rural e o urbano).

Se para a terceira pessoa do plural encontra-se uma profusão de estudos sobre a concordância verbal, o mesmo não se pode dizer em relação à primeira pessoa do plural, principalmente se forem considerados os trabalhos que se restringem ao estudo da forma pronominal *nós* ou aos estudos que tomam por base a oposição das formas pronominais *nós* e *a gente*.

Ademais, o estudo de uma comunidade de fala pode revelar características que lhe são peculiares, o que a faz única e impulsiona a investigação

de um tema já recorrente em outras variedades do português brasileiro. Somente a elaboração de um quadro comparativo da comunidade em relação a outras comunidades de fala do português brasileiro indicará, além de características presentes na comunidade, possíveis regularidades de fenômenos em evidência.

Enquanto para o português brasileiro há a possibilidade de elaboração de um quadro comparativo dos fenômenos variáveis envolvendo concordância verbal e alternância pronominal, para o português falado em outras nações, incluindo Portugal e países africanos de colonização portuguesa, são ainda raras as investigações científicas que contemplam esses mesmos temas. Os estudos variacionistas a respeito da concordância verbal nessas comunidades de língua portuguesa têm sido propostos tardiamente, nos primeiros anos do século XXI, e, na maior parte, por iniciativa de linguistas brasileiros. Nas comunidades africanas também são raros os estudos que tratam do fenômeno variável da concordância verbal, porém por questões diferentes das lusitanas. Na África, alguns países de língua portuguesa obtiveram sua independência recentemente, o que contribuiu sobremaneira para que o desenvolvimento de estudos científicos nas mais diversas áreas ficasse relegado a segundo plano. Além disso, as nações lá presentes possuem outras línguas de origem africana que concorrem com o português e, por vezes, são mais empregadas do que este, transformando-o, com frequência, em segunda língua.

As razões até aqui apontadas sugerem fortemente a necessidade de estender os estudos de cunho variacionista às comunidades de Portugal e África, nos mesmos moldes das pesquisas elaboradas para as comunidades do Brasil, para que confirmem ou refutem a afirmativa de que não se evidencia variação na concordância verbal no português fora do território brasileiro.

Propor um estudo comparativo entre línguas faladas em países diferentes exige, em primeiro lugar, a consideração de que se está lidando com culturas e sociedades distintas. Isso implica grande atenção na consideração dos grupos de fatores sociais. Seria ingênuo afirmar que variáveis como *anos de escolarização*, *faixa etária* e *gênero* poderiam ser equiparados plenamente. Os papéis assumidos pelos indivíduos são determinados pelo valor que sua classe detém perante as demais. Em outras palavras, é possível, por exemplo, que representantes do gênero feminino estejam mais inseridas no

mercado de trabalho em uma das comunidades do que em outra. Do mesmo modo, é possível que os anos de escolarização não sejam determinantes para o aumento do uso da norma-padrão nas variedades de Portugal como o são nas variedades brasileiras.

Outro fator preponderante a ser observado em estudos que lidam com diferentes comunidades, principalmente de localizações geográficas tão diversas, é a possível divergência de valores que se atribuem às variantes em concorrência no fenômeno em variação. A variante inovadora em uma comunidade pode possuir um *status* linguístico que não se evidencia em outra comunidade. O indivíduo é julgado em relação às suas escolhas linguísticas, e o que é considerado legítimo de dada classe de falantes em uma comunidade pode não ser considerado legítimo em outra comunidade.

Essas observações não invalidam a consideração, a importância e a influência de variáveis sociais nos processos de variação linguística das comunidades analisadas. Apenas servem de alerta no que concerne à relativização e ponderação das conclusões a respeito dos resultados a serem apresentados.

Para além de considerar as chamadas “influências do meio externo”, analisadas pela estratificação social dos informantes na pesquisa sociolinguística, é essencial a consideração das variáveis internas ao sistema, variáveis de ordem linguística que exercem influência na seleção das formas variantes utilizadas pelos falantes imersos em uma comunidade de fala.

Entre os inúmeros grupos de fatores considerados em pesquisas anteriores, que serão descritos ao longo do trabalho, são contempladas aqui variáveis que partem da perspectiva morfológica, como *saliência fônica da forma verbal de plural em oposição a sua correspondente singular*; e que consideram a perspectiva morfossintática, como *posição e distanciamento do sujeito em relação ao verbo*, a perspectiva semântica, como *traço semântico do sujeito*, e até mesmo a perspectiva discursiva da linguagem, como *paralelismo formal de nível discursivo*.

É patente que não se deve atribuir a uma única variável independente, que ocasiona um contexto específico de variação, a responsabilidade pela escolha de uma ou outra variante em um processo de variação, porém, alguns contextos notadamente podem restringir esse processo a grupos sociais específicos, revelando a percepção sobre o fenômeno variável e suas variantes por parte dos demais grupos.

Embora variáveis internas sejam consideradas inerentes ao sistema linguístico, é possível observar um contínuo em relação à percepção de algumas variáveis independentes por parte dos falantes. Julga-se de crucial importância, nesse caso, proceder à observação dessas variáveis na correlação com as variáveis sociais.

O intuito principal da comparação da língua falada em uma comunidade brasileira, do interior do estado de São Paulo, e da língua falada em Portugal é a obtenção de possíveis respostas para a origem dos fenômenos de variação na concordância verbal e de alternância pronominal.

Os resultados aqui apresentados fornecem subsídios para a discussão que há anos é travada a respeito da origem de fenômenos variáveis no português brasileiro. Caso os resultados apresentados no presente estudo para o português europeu evidenciem processos de variação semelhantes aos amplamente exibidos nas variedades brasileiras, haveria forte indício de que os fenômenos de variação na concordância verbal possuem sua origem além-mar, o que confirma a chamada tese da Deriva Linguística, a qual propõe que alguns fenômenos de variação, incluindo o fenômeno variável da concordância verbal, já estavam presentes no português europeu e, no Brasil, apenas tomaram maior proporção.

Por outro lado, a não confirmação do fenômeno nas variedades portuguesas forneceria fortes indícios para a crença de que o português brasileiro passou por alterações devido à influência de outras línguas, em especial as indígenas e as africanas. O fenômeno variável da concordância verbal seria, então, fruto da aquisição irregular e incompleta da língua portuguesa, influenciada pelos mais variados fatores.

Seria deveras pretensão supor que a análise de fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal no português poria fim à controversa origem das variedades brasileiras, todavia a proposição de um conjunto de estudos, nos quais este volume certamente se inclui, seria capaz de fornecer elementos científicos que sustentassem em bases mais sólidas uma ou outra tese.

Além da concordância variável de primeira e terceira pessoas do plural, será considerado aqui o uso variável das formas pronominais *nós* e *a gente*, visto a já comprovada observação, em outras variedades do português, de que essas são formas concorrentes para a primeira pessoa do plural do discurso, guardadas as devidas diferenças em relação às marcas de plural nor-

malmente presentes em cada uma delas. A hipótese a ser investigada gira em torno exatamente do uso alternante das formas pronominais *nós* e *a gente* e sua possível relação com a aplicação e a não aplicação de marcas de plural nos verbos. Sabe-se, de antemão, que a forma pronominal *nós*, na maioria das ocorrências, recebe desinência de primeira pessoa do plural no verbo, o que é prescrito pela gramática normativa. Para a forma pronominal *a gente*, há uma *preferência de uso* de verbos em terceira pessoa do singular (Naro; Görski; Fernandes, 1999, p.197), que seria a marcação predominante na maioria das ocorrências e também a forma reconhecidamente prestigiada na comunidade, fixada, até mesmo do ponto de vista histórico, por ser a forma utilizada antes do processo de gramaticalização do sintagma nominal *a gente* (Omena; Braga, 1996; Menon, 1996; Lopes, C., 1993, 1999).

Como no Brasil, em Portugal ocorre o uso alternante das formas pronominais *nós* e *a gente*, o que sugere, aos moldes da variação na concordância verbal, um estudo que se proponha comparar e considerar as variáveis linguísticas e extralinguísticas influenciadoras dessa alternância.

Ante o exposto, busca-se realizar aqui, com base nos pressupostos da Sociolinguística Quantitativa de base laboviana, o estudo comparativo da concordância verbal de primeira e de terceira pessoas do plural e o estudo comparativo da alternância entre as formas pronominais *nós* e *a gente*, com a consideração de amostras de língua falada do português europeu e do português brasileiro, extraídas, respectivamente, do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo e do Banco de Dados Iboruna, estratificadas mediante o controle das variáveis sociais *gênero*, *faixa etária* e *escolaridade*.

Para levar a cabo esse objetivo, este volume está assim estruturado: no Capítulo 1, “O português europeu e o português brasileiro”, apresenta-se um panorama histórico do português no continente europeu e do português em território brasileiro; no Capítulo 2, “Os fenômenos de concordância verbal e de alternância pronominal à luz da Sociolinguística Variacionista”, tem-se um levantamento dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e dos estudos que abarcam os fenômenos variáveis de concordância verbal e alternância pronominal em outras variedades da língua portuguesa; no Capítulo 3, “Caracterização das comunidades e dos contextos de investigação”, em primeiro lugar, encontram-se as características sociais das comunidades investigadas e os procedimentos de composição dos *corpora* empregados na pesquisa para, posteriormente, apresentar o conjunto

de variáveis sociais e linguísticas a ser considerado para cada um dos fenômenos variáveis; no Capítulo 4, último desta obra, intitulado “Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu”, são apresentados os resultados da análise quantitativa e qualitativa da concordância verbal de primeira e terceira pessoas do plural e da alternância pronominal de primeira pessoa do plural nas variedades do português europeu e do português brasileiro, com a discussão das semelhanças e diferenças evidenciadas entre essas variedades.

1

O PORTUGUÊS EUROPEU E O PORTUGUÊS BRASILEIRO

A proposta deste capítulo é proporcionar uma visão ampla dos fatores históricos que contribuíram para a formação das variedades de língua portuguesa hoje existentes no Brasil e em Portugal. Em primeiro lugar, serão tratadas as características que permeiam as variedades brasileira e europeia do português contemporâneo, por meio de um apanhado histórico que se inicia com a formação do território português. Além disso, será abordada, neste capítulo, a alteração do *status* social das variedades linguísticas em território português à época posterior do descobrimento do Brasil. Após a apresentação das principais características linguísticas verificadas nas variedades lusitanas, segue-se com a investigação da formação do português brasileiro, com uma análise do papel social de cada um dos povos e línguas que estiveram em contato no território brasileiro. Na sequência, são apresentadas as teses sobre a origem do português brasileiro, as quais estão intrinsecamente envolvidas com a investigação anteriormente apresentada e justificam também o estudo sobre a origem geográfica e social dos povos europeus que migraram em direção ao Brasil. O capítulo encerra-se com uma breve descrição de características e de fenômenos evidenciados no português brasileiro e dos fenômenos variáveis já estudados no português do interior paulista.

Embora muitos estudos tenham sido dedicados às variedades de língua lusitana e brasileira, poucos são os trabalhos sociolinguísticos que se dispõem a considerar fatores externos que contribuíram, ao longo do tempo, e que contribuem, atualmente, para a caracterização das variedades do português brasileiro e do português europeu.

O objetivo dessa caracterização sócio-histórica é angariar subsídios que permitam justificar, ainda que parcialmente, as semelhanças e dessemelhanças verificadas em diferentes variedades do português. Além disso, é também intuito proporcionar ao leitor, neste capítulo, a comprovação científica e documental do emaranhado de acontecimentos que teceram a grande teia de relações que influenciaram a(s) (trans)formação(ões) da língua portuguesa que se conhece contemporaneamente. São palavras de Mattos e Silva (1988, p.2), a esse respeito:

A par dos estatutos sócio-políticos diversos [...], as configurações linguísticas internas que assume a língua portuguesa nos diversos lugares em que é utilizada são de natureza também diferenciada, decorrentes da história própria que viveu a língua, a depender dos factores externos – históricos, sociais, geográficos, demográficos – que determinaram a sua difusão e implantação, em cada um desses locais. Assim sendo, a variação social e a variação espacial da língua têm feições típicas em cada um deles. Sobrepondo-se a essa variação, as normas sociais, configuradas a partir de determinado dialecto de prestígio sócio-político e cultural, considerado *standard* ou modelo para a sociedade de cada local, também são diferenciadas.

1.1 Origem e formação do povo e da língua em Portugal

O ponto de partida da sócio-história da língua portuguesa deve ser encontrado, pois, no território onde hoje se localiza Portugal, da perspectiva cronológica, primeira sede da língua portuguesa.

Oficialmente, Portugal surge no ano de 1128, com a fundação do reino independente de Leão e Castela, originado do condado portugalense e do condado galego, doados a Tareja e Urraca por Afonso VI de Leão e Castela como presente de casamento. A separação natural dos dois condados era determinada pelo rio Minho, que hoje delimita Portugal e Galiza (Oliveira Martins, 1882).

A tentativa de unificação da divisão administrativa do noroeste peninsular data do período romano, o que determinou, segundo Mattos e Sil-

va (1988), a configuração linguística da região nos séculos subsequentes à queda do domínio romano, com os chamados espaços linguísticos do hispano-romance, constituídos de variantes do galego-português, do leonês e do asturiano, do castelhano, do navarro e do aragonês, que conviviam com os dialetos moçárabes desde o século VIII. Das variantes hispano-românicas, surgiram as línguas da Península Ibérica: o catalão, no leste; o castelhano, na região central; e o galego-português, no oeste. Essas três línguas tiveram sua origem na região norte da Península Ibérica, mas a reconquista fez com que fossem levadas também para o sul (Teysier, 1982).

Quando Portugal se firma como pátria independente, no século XII, era considerado uma nação de língua ágrafa, já que o latim ainda persistia como forma oficial de comunicação na escrita. Os primeiros documentos em língua portuguesa de que se tem notícia datam do início do século XIII. Os mapas a seguir ilustram as alterações territoriais da região ao longo dos séculos.

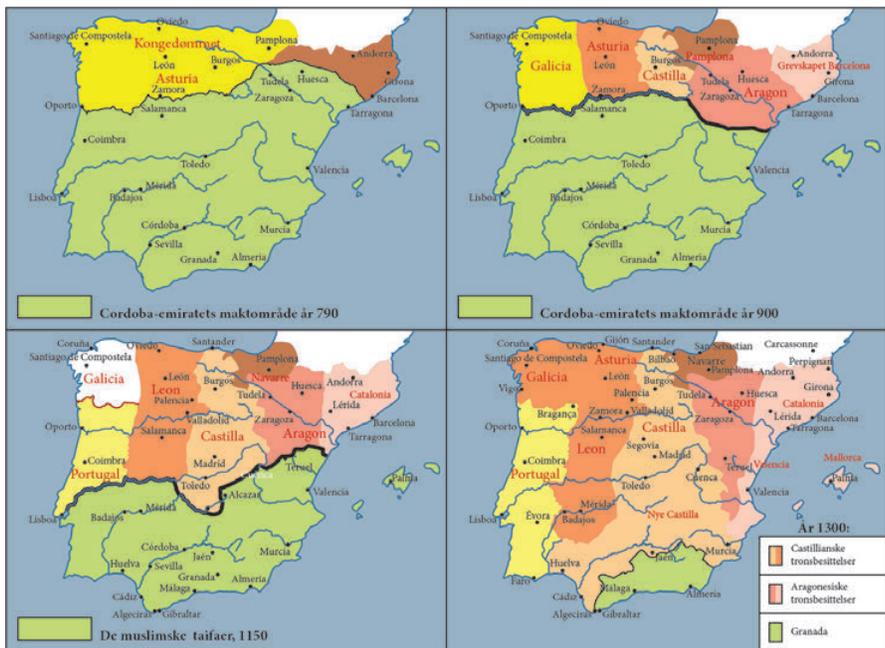


Figura 1.1: Mapa da formação do território português – séculos VIII a XIII¹

¹ Fonte: http://www.escolovar.org/historia_formacao.htm.

Após a definição dos limites territoriais portugueses e a transferência da corte para o sul, no chamado eixo Mondego-Tejo, a região torna-se o centro cultural e político de Portugal. Já no século XIV, com a tradução e a reprodução de documentos literários e não literários, a língua portuguesa escrita vai se consolidando, juntamente com a criação de normas ortográficas.

Nesse mesmo período, há o avanço da língua em direção ao norte, na área moçárabe, o que propiciaria a formação de um “dialeto cosmopolita”, na região de Lisboa (Mattos e Silva, 1988, p.10).

É entre o final do século XIV e o início do século XV, a partir principalmente de Lisboa, que os portugueses iniciam as conhecidas grandes navegações, estendendo seus domínios aos arquipélagos de Madeira e Açores. A região do centro-atlântico, sede do empreendimento marítimo, passa a ocupar posição fundamental ante a nação portuguesa, o que, por consequência, leva o dialeto comum àquela região a ser considerado de prestígio, e a variedade, a ser codificada pelos gramáticos da época como normativa de Portugal.

Assim, Fernão de Oliveira analisa o emprego dos vocábulos na língua falada influenciados pela variação social, regional e etária no território português em 1536:

E, porém, de todas elas, ou são gerais a todos, como *Deus, pão, vinho, céu e terra* ou são particulares e esta particularidade ou se faz entre ofícios e tratos, como os cavaleiros que têm uns vocábulos e os lavradores outros, e os cortesãos outros e os mercadores outros. Ou também se faz em terras esta particularidade, porque os da Beira têm umas falas e os do Alentejo outras e os homens da Estremadura são diferentes dos de Entre Douro e Minho, porque, assim como os tempos, assim também as terras criam diversas condições e conceitos. E o velho, como tem o entender mais firme, com o que mais sabe, também suas falas são de peso, e as do mancebo, mais leves [...] saibamos que a primeira e principal virtude da língua é ser clara e que a possam entender, e para ser bem entendida há de ser a mais acostumada entre os melhores dela e os melhores da língua são os que mais leram e viram e viveram, continuando mais entre primos sisudos e assentados, e não amigos de muita mudança. (Oliveira, 2005 apud Mattos e Silva, 1988, p.11)

É possível notar, ao final da explanação, a defesa da necessidade do que hoje seria entendido pelos gramáticos como norma linguística, o que,

entretanto, não invalida o mais antigo depoimento a respeito da formação dos dialetos em Portugal, que prossegue, descrevendo o preconceito contra determinadas variedades linguísticas não prestigiadas: “Sendo eu moço pequeno, fui criado em S. Domingos de Évora, onde faziam zombaria de mim os da terra, porque o eu assim pronunciava, segundo que o aprendera na Beira” (Oliveira, 2005 apud Mattos e Silva, 1988, p.12), referindo-se à forma como pronunciava a primeira pessoa do presente do verbo *ser* (*são*, *sou* e *so*, esta última, a favorecida pelo autor).

A ascensão comercial de Lisboa, já no final do século XV e início do século XVI, fez com que, além dos mais de 100 mil habitantes locais – 10% do total do país –, a cidade recebesse outros imigrantes, atraídos pelos bons negócios advindos direta ou indiretamente das navegações. Em torno da capital, populações ainda descendentes dos árabes, os chamados saloios, se juntavam a outras minorias, como negros e índios da Índia e do Brasil, que chegaram a ser notados a ponto de se constatar, obviamente de maneira exagerada, o seguinte: “[...] os escravos pululam por toda parte; estou em crer que em Lisboa são mais do que os portugueses de condição livre” (Nicolau Clenardo apud Azevedo, 1978, p.73).

Essas observações a respeito da intensa migração e do convívio de povos de diferentes etnias levam a crer que a realidade de Lisboa era a de uma diversidade tanto de variedades da língua portuguesa quanto de diferentes línguas em contato, por causa da necessidade de comunicação gerada pelas situações comerciais e sociais.

Após se firmar como mecanismo de independência, primeiro em relação ao domínio oriental e, depois da formação do estado português, em relação às nações vizinhas, principalmente aos chamados castelhanos, a língua portuguesa deveria funcionar como ferramenta de auxílio na expansão do Império Marítimo Português. Para tanto, deveria ser normatizada por meio de gramáticas, cartilhas e propostas de regulamentação ortográfica, além, é claro, de figurar como língua oficial da produção e divulgação de textos religiosos e morais.

Para injeção de Portugal sobre os povos conquistados, a “imposição da fé e do império” fez-se necessária, por meio da determinação da política, da cultura, da língua e da religião portuguesas aos povos locais das terras colonizada durante as Grandes Navegações.

De certa forma, a língua portuguesa, como almejava a nação dominante europeia, difundiu-se pelas colônias “recém-descobertas”. Contudo, por variadas circunstâncias a serem discutidas mais adiante, as variedades de língua portuguesa hoje presentes em algumas dessas localidades se diferenciam tanto da variedade normativa que se buscava implementar quanto de qualquer outra encontrada atualmente em Portugal.

A respeito da tentativa de imposição da norma, assim se pronuncia Luís Filipe Lindley Cintra (2010, p.1):

O conhecimento consciente de uma língua (por quem dela queira ser mais que utilizador) implica o reconhecimento dessa dinâmica evolutiva e diversificante que torna qualquer língua resistente à normalização. De fato as variantes normativas são, como as não normativas, eventualmente passageiras, mudando ao longo do tempo o modo como os falantes encaram os mesmos fatos linguísticos.

Como ocorre em outras comunidades linguísticas, cada variedade é revestida de um valor particular que pode se modificar ao longo do tempo. Esse valor varia num contínuo que se estabelece entre prestígio e estigma, podendo estar mais próximo ora de um, ora de outro extremo. Exemplo interessante (e relevante para o presente estudo) da alteração de *status* linguístico na variedade de língua falada em Lisboa é observado por Teyssier (1982), que aponta diferentes avaliações exibidas em publicações portuguesas do século XIX.² Em livro datado de 1845, José Inácio Roquete afirma: “É muito comum entre a gente ordinária de Lisboa mudar o *e* em *a* nalgumas palavras: dizem *panha*, *lanha* por *penha*, *lenha*” (Teyssier, 1982 apud Cintra, 2010, p.1). Algumas décadas depois, em 1883, Gonçalves Viana, em *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise: d’après le dialecte actuel de Lisbonne*, constata ser comum a pronúncia do *a* em lugar do *e* em toda a Lisboa, ficando reservada a pronúncia antiga a “algum caturra velho” (Teyssier, 1982 apud Cintra, 2010, p.1).

2 A considerar que, entre os imigrantes portugueses no Brasil, predominam os de origem do norte (como veremos a seguir), o ganho de prestígio da variedade linguística de Lisboa e das regiões sul e central do território português e a perda de prestígio da variedade linguística nortenha irão influenciar diretamente o *status* linguístico das variedades de português brasileiro falado.

Passado mais de um século, as variantes com *a* na sílaba tônica são as únicas que se encontram registradas no *Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa* (Cintra, 2010, p.2).

A despeito da mudança de *status* de uma variante linguística, Cintra (2010) cita também o caso da consoante africada [tʃ], pronunciada atualmente em algumas regiões do norte de Portugal, em palavras como *chave*, *chapéu* e *chumbo*.

No século XVII, a pronúncia africada era norma prescrita por gramáticos para palavras escrita com “ch”, até mesmo com a consideração de que a não realização da diferenciação seria atribuída à “pronúncia bárbara” dos habitantes do sul, que desconheciam a diferença de grafia e pronúncia entre palavras grafadas com “x” [ʃ] e com “ch” [tʃ].³

Um século depois, em 1746, Verney (apud Cintra, 2010, p.3) defende como normal a pronúncia dos homens cultos de Estremadura, que “pronunciam docemente [ch] como [x]”, referindo-se à perda da distinção de pronúncia dos vocábulos grafados com “ch” e “x”. Ainda segundo o autor, em matéria de pronúncia “sempre se-devem preferir os que sam mais cultos e falam bem na Estremadura”. É possível notar, por meio do comentário, a aquisição do *status* de prestígio e até de “norma” por parte da variedade de língua presente na Estremadura.

No século XIX, em uma total inversão do valor da variante considerada prestigiada no século XVI, Constâncio (1831) e, posteriormente, Leão (1875) (apud Cintra, 2010) atribuirão os rótulos de “vício de pronúnciação” e “pronúncia de certos provincianos” às variantes com o fonema [tʃ] para palavras com “ch”, que passam, dessa forma, de normais a dialetais.

Com base nos apontamentos de Cintra (2010), veja no Quadro 1.1, os fenômenos semelhantes ao ocorrido com a pronúncia do [tʃ].

Conquanto pareça se constituir categórica a transformação de traços considerados normais no passado em traços dialetais do norte e a aquisição do *status* de variante normal por parte dos traços anteriormente típicos do sul, essa não é considerada regra, como já era de prever para fenômenos das línguas naturais. Outras inovações consideradas tipicamente pertencentes aos falantes sulinos não ascenderam à posição de norma, como se verifica, por

3 As formas diferentes de grafia do fonema [ʃ] (*ch* e *x*) no português atual têm sua origem justamente na língua falada, que apresentava, na época, dois fonemas diferentes [ʃ] e [tʃ], reproduzidos na escrita, respectivamente, por “x” e “ch” (Pinto, 1981 apud Cintra 2010, p. 2).

Quadro 1.1: Traços dialetais de variedades portuguesas (baseado em Cintra, 2010)

Traços normais no passado > traços dialetais do Norte no presente	Traços dialetais do Sul no passado > variantes normais no presente
Realização áptico-alveolar das sibilantes (“s assobiado”) [miʒa] – “missa”	Realização predorsodental das sibilantes [ˈmisa] – “missa”
Inexistência da fricativa sonora labio-dental [v] [ˈbela] – para as palavras “vela” e “bela”	Oposição fonológica entre as fricativas bilabial [b] e labiodental sonoras [v] [ˈbela] – para “bela” e [ˈvela] – para “vela”
Pronúncia da africada [tʃ] [ˈtʃabi] – para “chave”	Pronúncia da fricativa [ʃ] [ˈʃavi] – para “chave”
Pronúncia do ditongo [ow] [ˈowru] e [owˈbir] – para “ouro” e “ouvir”	Monotongação do ditongo [ow] em [o] [ˈoru] e [oˈbir] – para “ouro” e “ouvir”

exemplo, em fenômenos como a monotongação do ditongo [ej] em [e], em palavras como [sefar] “ceifar” e [fetu] “feito”, comuns nos dialetos algarveanos e alentejanos. Na sequência, tem-se o mapa da divisão regional portuguesa.⁴

Figura 1.2: Mapa da divisão de Portugal em regiões⁵

4 Entre os séculos XV e XIX, o território de Portugal esteve dividido em seis regiões tradicionais denominadas, até finais do século XVI, “comarcas”. A partir daí, passaram a ser conhecidas por “províncias”.

5 Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Antigas_Provincias_Portugal.png.

A variação e a emergência de formas inovadoras não normativas não se restringem ao âmbito da fonologia. No domínio da morfossintaxe, encontram-se inúmeros exemplos de flexão número-pessoal do gerúndio, o que Cintra (2010, p.12) chama de “elemento dialectal bem estabelecido e plenamente produtivo que a língua padrão ignora”. A seguir, exemplos coletados pelo filólogo:

Não sei se o marido sabe de enxertos. Não sei. Só **falandem** com ele é que sabem. (Lavre, Alto Alentejo)

Estandem juntos os dois, lá pensaram eles a fazer o seguinte. (Castelo de Vide, Alto Alentejo)

(Cintra, 2010, p.4)

Construções com a forma pronominal *ele* como expletivo, funcionando como “sujeito” de um verbo impessoal, são comumente encontradas, a ponto de merecerem menção em algumas gramáticas descritivas portuguesas: “Na linguagem popular ou popularizante em Portugal aparece por vezes um pronome *ele* expletivo, que funciona como sujeito gramatical de um verbo impessoal, à semelhança do francês *il (il y a)*”. (Cunha; Cintra, 1985)

São exemplos desse tipo de construção:

Ele estava a nevar, nevava muito. Eles não puderam ir. (Perafita, Trás-os-Montes)

Mas, **ele** havia muita fome naquele tempo. (Vila Praia de Âncora, Minho)

Mas agora ainda está bom para as batatas, ou não? – Mas é que não as há. – E como **ele** vai haver?! **Ele** não tem chovido nada. (Castro Laboreiro, Minho)

(Cintra, 2010, p.6)

Semelhante ao português brasileiro, o português europeu apresenta considerável gama de fenômenos variáveis, como os apresentados. Alguns deles não são reconhecidos pela tradição gramatical portuguesa e, quando o são, atribui-se a eles o rótulo de fenômenos comuns aos falantes da chamada linguagem popular.

São muitas as classificações e divisões apresentadas em relação às variedades dialetais do português europeu. Já em 1893, José Leite de Vasconce-

los buscou apresentar, em seu *Mapa dialectológico do continente português*, uma classificação das variedades de língua faladas em terras portuguesas (Cintra, 1973, 2010).

Após essa primeira proposta, reconsiderada anos mais tarde pelo próprio autor, outras tentativas de classificação foram elaboradas, em meados do século XX, por Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva e por Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz (Cintra, 2010). O mais recente mapeamento das variedades lusófonas europeias foi apresentado em 1971, por Luís Filipe Lindley Cintra. A “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses”, diferentemente das propostas anteriores, considera o território português como um todo, não isolando a Galiza e as províncias de Salamanca, Cáceres e Badajoz. A única exceção se faz na desconsideração dos territórios do distrito de Bragança, os quais, segundo o autor, pertencem ao domínio linguístico leonês.

Partindo de traços que considera “verdadeiramente relevantes no consenso de um número suficientemente elevado de pessoas (mesmo alheias a estudos filológicos)” (Cintra, 1973, p.89), o filólogo propõe a divisão em três grandes regiões, ocupadas por três grupos dialetais distintos: *os dialetos galegos, os dialetos portugueses setentrionais e os dialetos portugueses centro-meridionais*. Esclarece, ainda, o autor:

Esta divisão está – em forma mais ou menos definida – na consciência de todos os falantes portugueses medianamente cultos e mesmo na de muitos não cultos. Distinguem pelo modo de falar um homem do Norte (tratando-se naturalmente de um daqueles que conservam a maioria, se não a totalidade, dos traços que caracterizam o falar próprio da região onde nasceu), de um homem do Sul. De ambos distinguem ainda perfeitamente um Galego (que compreendem quando fala o seu dialecto, mas em cuja linguagem não vêem normalmente, a não ser que tenha certa cultura histórica ou linguística, uma variedade do português, apenas porque a consciência da separação política os impede de sentir “linguisticamente” da forma que seria a mais normal). (Cintra, 1973, p.90)

Uma observação mais minuciosa das comunidades presentes em cada um dos três grandes grupos permitiu a identificação de traços fonéticos diferenciadores, conforme síntese do quadro a seguir.

Quadro 1.2: Traços fonéticos característicos das variedades portuguesas atuais (Cintra, 1973)

Traços característicos do português do Norte	Traços característicos do português do Sul	Traços característicos do galego
Desaparecimento da oposição fonológica entre [b] e [v]	Monotongação do ditongo [ei] em [e]	Inexistência de oposição entre fricativa palatal surda e sonora, com pronúncia de [ʃ] em lugar de [ç] e de [s] em lugar de [z]
A realização de [s] e [z] como fricativas apico-alveolares, mais ou menos palatalizadas: [ʃ] e [ç]		Menor fechamento e redução das vogais altas
Distinção fonológica entre os grafemas ch [tʃ] e x [ʃ] em posição inicial de sílaba, como em [tʃavi] “chave” e [ʃikara] “xícara”		
Conservação do ditongo [ow], como em [owru] “ouro” e [owvir] “ouvir”		

Com base nos traços identificados e na divisão inicial em três grandes grupos dialetais, Cintra (1973) apresenta a seguinte estratificação de dialetos presente na região de Portugal:

- A) **galego**: galego ocidental e galego oriental, separados por um fenômeno comumente chamado de “geada”, que se caracteriza pela troca do fonema [g] pelo fonema [ʃ] em palavras como [ʃaleʃo] “galego” e [ʃaita] “gaita”. O fenômeno está presente na zona galega ocidental e ausente na galega oriental. Há uma linha de fronteira em sentido norte-sul, o que faz com que os falantes de um lado e de outro sejam facilmente diferenciados.
- B) **português setentrional**: dialetos do Alto-Minho e de Trás-os-Montes, dialetos do Baixo-Minho, do Douro e da Beira-Alta. Os primeiros dialetos possuem um traço fundamental que os diferencia dos demais, com um sistema de quatro sibilantes e ápico-alveolares (que correspondem aos grafemas “s” e “ss”). Nos dialetos de Trás-os-Montes, o sistema de quatro sibilantes se reduz a um sistema de duas, as ápico-alveolares.⁶ Os últimos dialetos do grupo setentrional têm como traço característico principal as vogais tônicas fechadas [e] em [je] e [o] em [wo].

6 Para mais informações sobre o sistema de sibilantes dos dialetos regionais portugueses, consultar Monte (2008, p.2950-2).

- C) **português centro-meridional:** dialetos do centro-litoral (estremenho-beirões), dialetos do centro-interior e sul (ribatejano-baixo-beirão-alentejano-algarvino), estabelecendo distinção entre ambos a partir da fronteira dos dialetos setentrionais com os meridionais, por meio da monotongação do ditongo “ei”, que acompanha quase paralelamente o curso do rio Tejo e caracteriza os dialetos do centro-interior e do sul. Os dialetos centro-meridionais possuem, segundo o autor, o *status* atual de língua-padrão no território português.

1.2 Origem e formação do povo e da língua no Brasil

Segundo Mattos e Silva (2001), as variedades do português brasileiro tomaram as formas hoje conhecidas por causa de uma complexa interação entre a língua do colonizador português, símbolo de poder e prestígio, as inúmeras línguas indígenas brasileiras, as também inúmeras línguas africanas, trazidas pelo tráfico negreiro – oficialmente realizado entre 1549 e 1830 – e, finalmente, as línguas dos imigrantes europeus e asiáticos, presentes principalmente a partir do século XIX.

“A língua brasileira, ou o português no Brasil, não é apenas uma contextualização do português de Portugal; ela é uma historicização singular, efeito da instauração de um espaço-tempo particular diferente do de Portugal.” (Orlandi, E. P., [s.d.], p.1)

Dessa forma, para tratar da origem do português brasileiro, é importante que façamos uma breve retomada do povoamento do território brasileiro, o que, sobremaneira, influenciou a formação de variedades de língua que hoje demonstram ser dessemelhantes às variedades de língua portuguesa faladas na Europa, consoante atesta Mattos e Silva (1988, p.4):

A variante portuguesa e a brasileira apresentam normas linguísticas caracterizadoras que fazem com que de imediato se identifique um português de um brasileiro, mesmo que não se identifique de que lugar ou de que estrato social de Portugal ou do Brasil provêm.

Na época do “descobrimento” e da colonização do Brasil, segundo estimativas esparsas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

baseadas em documentos históricos, havia, em território brasileiro, entre 1 milhão e 5 milhões de índios.⁷ Em Portugal, a pedido de d. João III, rei de Portugal, no ano de 1527, foi realizado o primeiro “numeramento” da população portuguesa, e o resultado apontou que o país possuía, na época, entre um 1,2 milhão e 1,4 milhão de habitantes (Arroteia, 1985, p.10), o que nos permite afirmar que a população indígena (brasileira) equiparava-se ou superava a população de Portugal, e o que revela a importância dos povos já presentes no território brasileiro para a formação da sociedade, da cultura e da língua falada no país. Outra estimativa é a de que os nativos distribuíam-se em mais de 1.400 tribos e que falavam cerca de 1.200 línguas diferentes (Rodrigues, A. D.’I., 1993a, 1993b, 2005).

Castilho (2010, p.174) afirma que o povoamento e a implantação da língua portuguesa se iniciaram a partir de oito focos de irradiação, em sua maioria localizados em zonas litorâneas brasileiras. Quatro focos se constituíram no século XVI: em São Vicente/São Paulo (a partir de 1532 e 1554, respectivamente), em Olinda/Recife (a partir de 1535), em Salvador (a partir de 1549) e no Rio de Janeiro (a partir de 1557). Dos outros quatro focos de povoamento, dois surgiram no século seguinte, em São Luís (1612) e Belém (1616), e os outros dois, no século XVIII, em Florianópolis (1738) e Porto Alegre (1752). A seguir, apresenta-se o quadro-resumo de povoamento e irradiação da língua portuguesa no Brasil.

Quadro 1.3: Focos de irradiação da língua portuguesa no Brasil, segundo Castilho (2010)

Século XVI	Século XVII	Século XVIII
São Vicente/São Paulo 1532/1554	São Luís 1612	Florianópolis 1738
Olinda/Recife 1535		
Salvador 1549	Belém 1616	Porto Alegre 1752
Rio de Janeiro 1557		

Segundo Rodrigues (A. D.’I., 2010), houve, na América do Sul, pelo menos três ocasiões de grande miscigenação entre europeus e indígenas, o que ocasionou a formação de populações mestiças com língua materna indí-

⁷ Fonte: IBGE. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

gena e língua paterna europeia. Essas situações se deram entre os portugueses e os tupis, em São Vicente e no Planalto de Piratininga, a leste do estado de São Paulo, já a partir do século XVI; entre os espanhóis e os guaranis, no Paraguai, nos séculos XVI e XVII; e entre os portugueses e os tupinambás, no norte do Maranhão e do Pará, principalmente no século XVII.

A fundação de São Vicente, por Martim Afonso de Souza, marcou o início da colonização portuguesa, com a predominância esmagadora de homens entre os colonos, situação que influenciou o contato com mulheres indígenas e resultou na origem da população mestiça, com língua materna tupi herdada da mãe e de todos os seus outros parentes, com exceção do pai, falante do português europeu (Rodrigues, A. D.'I., 2010, p.2), como nota, em 1964, Antônio Vieira, (1951, p.355 apud Rodrigues, A. D.'I., 2010, p.2):

[...] é certo que as famílias dos Portugueses e índios de S. Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos Índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola.

Com a expansão da colonização portuguesa e com a escravização dos índios, a língua tupi passou a ser usada como idioma dos mestiços, em situação de bilinguismo com o português. Essa condição, salienta Rodrigues (A. D.'I., 2010), fez com que a língua se distanciasse da cultura indígena e se aproximasse da cultura portuguesa, uma mudança que propiciou alterações em vários aspectos, sendo generalizada entre a população paulista e chamada de *língua geral*, entre os séculos XVII e XVIII.

Os empreendimentos de captura dos índios e de mineração, iniciados pelos bandeirantes, falantes da *língua geral paulista*, fizeram com que esta fosse levada também para os estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Paraná.

No Paraguai, a colonização espanhola, iniciada em meados do século XVI, em uma região que se estende entre os rios Paraguai e Paraná, fez com que grupos indígenas falantes do *guarani*, língua da família *tupi-guarani*, entrassem em contato direto com os espanhóis, nas chamadas *reduções jesuíticas*. Entretanto o processo de miscigenação, aponta Rodrigues (A. D.'I., 2010), foi violentamente interrompido pela ação dos bandeirantes paulistas, que, a partir da segunda metade do século XVII, estenderam seus domínios

até a região. Os guaranis foram mortos em defesa das reduções e de suas famílias, ou escravizados e afugentados, criando-se um vazio demográfico na região além do rio Paraná, que somente voltou a ser ocupada por outros indígenas, os *kaingáng* (família linguística *Jê*), anos mais tarde (Rodrigues, A. D.'I., 1993a, 2010).

Além dessa situação de contato propiciada pelas reduções jesuíticas, houve também, na região próxima dos rios Paraguai e Paraná, uma intensa miscigenação entre os colonos espanhóis e os índios guaranis, que fez surgir uma população mestiça com língua materna guarani na região. Esse guarani transformou-se, aos moldes do que ocorreu em São Paulo, em uma língua geral dos mestiços, chamada hoje de *guarani crioulo*, com variedades presentes na Argentina e no Paraguai (Rodrigues, A. D.'I., 2010).

Já no século XVII, com a expulsão dos franceses de São Luís e de terras vizinhas, iniciou-se o contato, no Maranhão, no Pará e na Amazônia, entre colonos e soldados portugueses e os tupinambás, situação que ocasionou o surgimento de uma população mestiça, de pais europeus e mães indígenas, com o predomínio da língua materna tupinambá. Semelhantemente ao que ocorreu em outras regiões do território sul-americano, a língua empregada na sociedade mestiça ou cabocla foi se diferenciando do tupinambá falado pelos índios e passou a ser chamada também de *língua geral amazônica* (Rodrigues, 1986, p.102).

Com a expansão do domínio português na Amazônia, no início do século XVIII, essa língua se estendeu ao longo do vale do rio Amazonas, chegando até a Venezuela e a Colômbia. Diferentemente da língua geral paulista, a língua geral amazônica, chamada também de *nheengatu* a partir do século XIX (Couto de Magalhães, 1976 apud Rodrigues, A. D.'I., 1993a), ainda hoje é falada em território amazônico.⁸

As línguas gerais foram, nos territórios em que prevaleceram, veículos de contato entre os índios, os mestiços e os europeus. Nos três casos, tiveram origem da intervenção do homem europeu entre as mulheres indígenas que pertenciam aos povos de cultura e de língua tupi-guaranis.

8 *Nheengatu*, em tupi, significa “fala boa”. Segundo Ferreira (2009), é uma língua geral originada da língua do tronco tupi falada no litoral brasileiro por vários povos indígenas até o século XVII. Essa língua se difundiu na região amazônica e, atualmente, é falada por povos indígenas e por populações não indígenas, sobretudo no noroeste amazônico. Os sinônimos são: *língua geral amazônica* e *língua geral do Norte*.

Rodrigues (A. D.'I., 2010, p.3) afirma ainda que não houve línguas gerais em outras regiões, como no Rio de Janeiro ou no Piauí, por causa da maior imigração portuguesa para essas áreas, que contaram até mesmo com o estabelecimento de famílias portuguesas inteiras, não havendo grande processo de miscigenação entre indígenas e europeus, como ocorreu no Norte, no estado de São Paulo e na região entre os rios Paraná e Paraguai. Contrariamente a isso, na região central da colônia, ocorreram grandes ações de aniquilação dos povos tupi-guaranis, como o extermínio dos tamoios e dos tupinambás, no Rio de Janeiro, dos kaetés, na Bahia e em Pernambuco, e dos teminimós, em Ilhéus e em Porto Seguro, sem contar as grandes epidemias (como a de varíola) que se alastraram pela Bahia e por regiões vizinhas durante todo o século XVI e eliminaram grande parte da população indígena que se encontrava em posição pacífica perante os portugueses. A seguir, apresentam-se relatos dos massacres empreendidos pelos governadores da época, entre eles Mém de Sá e Duarte Coelho, respectivamente, das capitanias do Rio de Janeiro e de Pernambuco, além dos relatos das epidemias e pestes que assolaram a população indígena em decorrência do contato com os portugueses:

E logo comecei a fazer guerra em Jaguaripe, que é da outra banda da Bahia, onde se destruíram nascidos, aldeias, cativaram e mataram muitos índios [...] e ante manhã, duas horas, dei na aldeia e a destruí e matei todos os que quiseram resistir, e à vinda vim queimando e destruindo todas as aldeias que ficaram atrás [...] e ante manhã dei na fortaleza e a entramos, matando todos os que quiseram defender, e nos deixaram as casas com todos seus mantimentos e mais fato, que nela tinham, e daí entrei e rodeei todo o Peroaçú [=Paraguaçu], tendo muitas pelejas e lhes destruí cento e trinta e tantas aldeias, e me retornei a embarcar. (Sá, [1570]1906 apud Rodrigues, A. D.'I., 2010, p.8)

Duarte Coelho, o qual deu tanta guerra aos índios com favor de um clérigo que se tinha por nigromântico, que destruiu toda a capitania assim desde o rio S. Francisco até lá não há povoação de índios. (Anchieta, [1584]1988, p.314 apud Rodrigues, A. D.'I., 2010, p.8)

A capitania de Porto Seguro é do Conde de Aveiro. A dos Ilhéus é de Francisco Giraldes. Houve guerra com os índios naturais em ambas; mas com as ajudas que tiveram dos Governadores da Baía se defenderam e estão agora em paz. Verdade é que se foi consumindo o gentio daquelas terras, chamado Tupiniquins, que era muito e mui guerreiro, parte com doenças, parte com maltra-

tamento dos portugueses, como em todas as partes, menos São Vicente, de maneira que ficaram sem gentio. (Anchieta, [1584]1988, p.316 apud Rodrigues, A. D.'I., 2010, p.8)

A gente que de 20 anos a esta parte é gastada nesta Bahia, parece cousa, que se não pode crêr, porque nunca ninguém cuidou, que tanta gente se gastasse nunca, quanto mais em tão pouco tempo, porque nas 14 igrejas, que os Padres tiveram, se juntaram 40.000 almas, estas por conta, e ainda passaram delas com a gente, com que depois se forneceram, das quais se agora as três igrejas que há tiverem 3.500 almas será muita [...]. No mesmo ano de 1562, por justos juízos de Deus, sobreveio uma grande doença aos índios e escravos dos Portugueses, e com isto grande fome, em que morreu muita gente, e dos que ficaram vivos muitos se vendiam e iam se meter por casados portugueses e se fazer escravos, vendendo-se por um prato de farinha, e outros diziam, que lhes pusessem ferretes, que queriam ser escravos; e foi tão grande a morte que deu nêste gentio, que se diziam que entre escravos e índios forros morreriam 30.000 almas no espaço de 1 ou 3 meses. (Anchieta, 1986 apud Rodrigues, A. D.'I., 2010, p.8)

A grande redução da população indígena nas zonas centrais da colônia contribuiu para que a língua portuguesa se firmasse na área costeira central e para que não houvesse o desenvolvimento de nenhuma língua geral. Além disso, levou à importação de escravos africanos, que supririam a deficiência de mão de obra escrava na região.

Atualmente, persistem no Brasil cerca de 180 línguas indígenas, com pequenos grupos de falantes por língua. Vive no território nacional, segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai), uma população de mais de 800 mil índios, o que equivale a quase 0,4% da população brasileira. Embora a população indígena atual seja menor que a contabilizada nas estimativas do século XV, nos últimos dez anos o IBGE registrou um crescimento considerável de 10% no número de pessoas que se autodeclararam indígenas (de 734 mil, em 2000, para 817 mil, em 2010).^{9,10}

9 Fontes: <http://www.funai.gov.br/index.html>, <http://www.ibge.gov.br/home/>.

10 Se considerada apenas a população das áreas indígenas demarcadas, as quais ainda preservam totalmente os costumes e o modo de vida de seus antepassados, pode haver divergência em relação ao número total de indivíduos hoje presentes em território brasileiro. Informações colhidas no próprio site do IBGE (<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/indio/numeros.html>) apresentam um total de 358 mil índios, valor bem menor que os 817 mil registrados no Censo de 2010.

Mais de 60% da população indígena brasileira se encontra na Amazônia, local de mais de 98% das terras indígenas do país, conforme mapa a seguir.

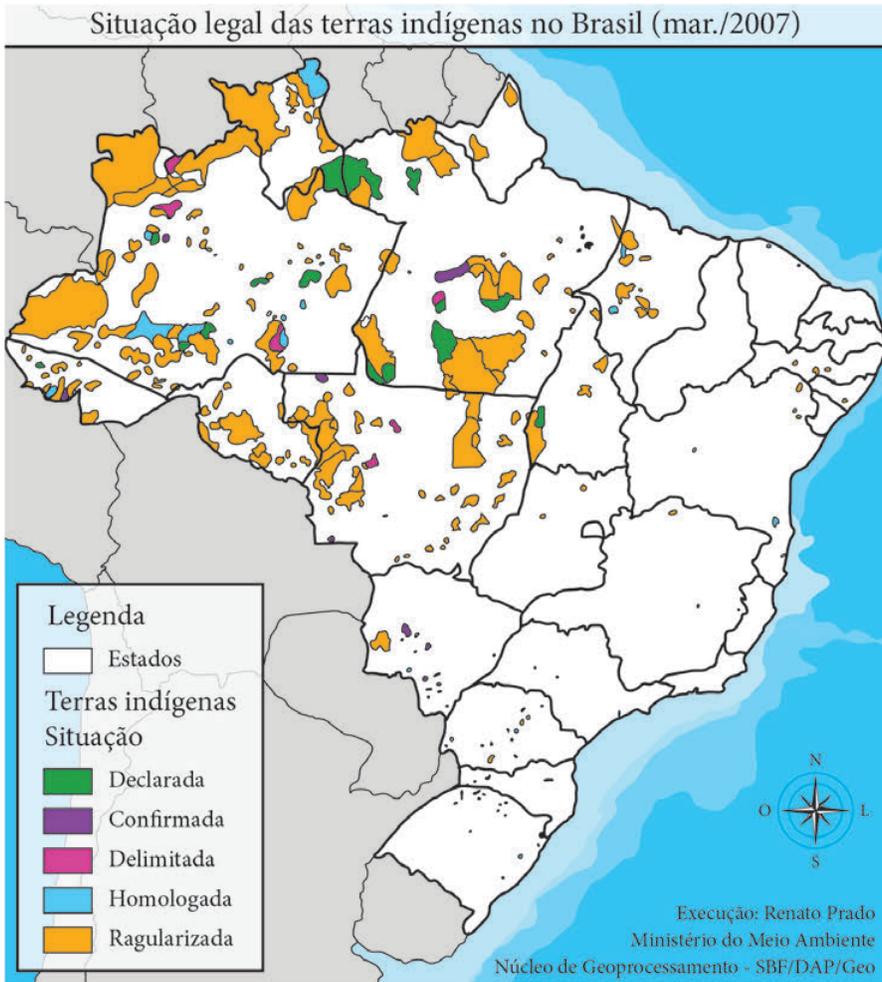


Figura 1.3: Mapa da distribuição da população indígena do território brasileiro¹¹

Além dos índios que já viviam no Brasil, ocorreria, após a chegada dos portugueses, a imigração forçada de africanos para o território brasileiro, entre os séculos XVI e XIX. Conforme aponta Castro (1994), foram trazi-

¹¹ Fonte: <http://pessoas.hsw.uol.com.br/indios3.htm>.

dos para o Brasil cerca de 5 milhões de escravos negros africanos, advindos principalmente de duas regiões subsaarianas: a região *bantu*, situada ao longo da extensão sul da linha do Equador, e a região oeste africana, conhecida também como *sudanesa*, a qual abrange um território que hoje vai do Senegal à Nigéria (ver mapa a seguir). A região *bantu* possuía mais de trezentas línguas, das quais o *quicongo*, o *quimbundo* e o *umbundo* foram as que apresentaram maior número de falantes no Brasil.

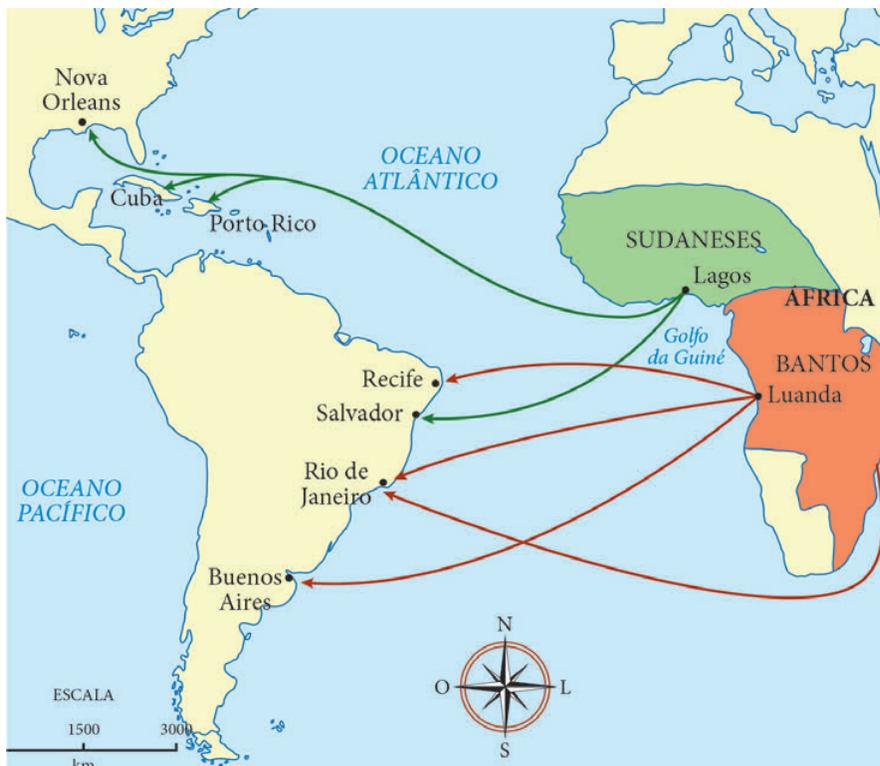


Figura 1.4: Mapa das principais rotas de mercantilismo de escravos africanos para a América do Sul¹²

Em relação às línguas sudanesas, as mais importantes eram as da família *kwa*, com povos *iorubas* e *ewe-fon*.

Apesar da notável diversidade de línguas que vieram para o Brasil, provenientes do continente africano, é importante verificar que todas têm

¹² Fonte: http://historianailhadomiriti.blogspot.com/2011/03/diaspora-africana_23.html.

origem comum na grande família linguística africana *Níger-Congo*, ou seja, são todas aparentadas.

A presença do componente africano, motivada pelo início do tráfico entre Brasil e África, na primeira metade do século XVI, propiciou o contato dessas línguas negro-africanas com o português europeu antigo e a influência delas na determinação das características da língua portuguesa na colônia da América do Sul. Para ter ideia da participação do negro na formação social e linguística do país ao longo de quatro séculos consecutivos, deve-se considerar que os cerca de 5 milhões de africanos transplantados para realizar trabalho escravo no Brasil originaram, já no século XVIII, um contingente de negros e afrodescendentes superior ao número de portugueses e de outros europeus, de acordo com estimativas demográficas do Censo de 1823, com 75% de negros e mestiços no total da população brasileira (Castro, 1994, p.4).

Apesar de toda a influência de imigrantes europeus na formação da língua portuguesa brasileira, não se deve perder de vista que o Brasil somente vem apresentar aumento de sua população branca no início do século XX, com a massificação da vinda de imigrantes europeus ao continente americano.¹³

Dessa forma, a superioridade numérica dos negros e afrodescendentes no território brasileiro permite sugerir que a *língua geral paulista*, utilizada por bandeirantes e catequistas, poderia não ser somente um tupi simplificado, mas uma língua com influências indígenas, africanas e europeias, usada como forma de comunicação entre indivíduos que faziam parte da população da colônia; segundo Câmara Júnior (1954, p.293), essa língua “não deve ser confundida com uma suposta persistência dos falares tupis na sociedade europeia do meio americano”.

Além da contribuição africana para a formação da chamada língua geral, Pereira (D., 1992, p.121) faz referência a variedades dialetais afro-brasileiras que estariam em fase avançada de descrioulização, como no caso da comunidade isolada de Helvécia, no estado da Bahia. Ainda segundo a autora, as Grandes Navegações e a expansão colonial impulsionaram o contato linguístico e a formação de crioulos.

13 Interessantemente, a última edição Censo brasileiro, realizada entre os anos de 2010 e 2011, demonstrou que mais de 50% da população do país declarou-se como não branca. Cabe ressaltar que, desde que começou a ser realizado no país, essa é a primeira vez que a população declaradamente não branca excede a população declaradamente branca.

As situações sociolinguísticas decorrentes dos diferentes tipos de contacto entre a língua portuguesa e outras línguas africanas, asiáticas e americanas estiveram na origem de manifestações linguísticas também diferentes. (Pereira, D., 1992, p.121)

A difusão e a consolidação desses crioulos de base portuguesa se fizeram dependentes da imposição da própria língua portuguesa, utilizada pelos portugueses. No Brasil, fatores como o número elevado de falantes do português e a política de ensino e difusão sistemática da língua portuguesa-padrão (a partir do século XVIII) fizeram com que os falares crioulos se restringissem apenas a comunidades específicas e isoladas. Apesar disso, os dialetos afro-brasileiros se formaram em diferentes locais (senzalas, plantações, quilombos e minas) e em alguns núcleos que permaneceram (e ainda permanecem) vivos durante os séculos subsequentes. São exemplos, as comunidades negras isoladas de Cafundó (estado de São Paulo) e Tabatinga (Minas Gerais) (Queiroz, 1998).

Irão compor o quadro social da colônia portuguesa da América do Sul nos primeiros séculos de colonização, além dos indígenas e dos negros, os imigrantes portugueses, que vieram para o Brasil já nos séculos XVI e XVII. O número aproximado de imigrantes lusitanos nesse período é de 100 mil. A migração se intensificou após o século XVII, com a vinda de mais de 600 mil portugueses, em uma média anual de 10 mil imigrantes. A partir daí, o deslocamento de famílias de origem portuguesa para o Brasil somente aumentou, atingindo seu ápice no século XX.

Na sequência, reproduzimos o quadro estimativo de deslocamento populacional das terras portuguesas para o território brasileiro.

A diversificação econômica do português imigrante é notória, contudo pode-se observar, segundo Venâncio (2000), a vinda, nos primeiros séculos, de uma elite próspera e um aumento crescente do deslocamento de imigrantes pobres para o Brasil, o que iria perdurar até a segunda metade do século XIX e o início do século XX.

Para Arroteia (1983), é possível considerar fases distintas do processo migratório de portugueses ao Brasil. A primeira fase, que compreende os dois primeiros séculos de colonização do Brasil, é denominada pelos historiadores de *imigração restrita*. Esse período foi marcado pela vinda de portugueses mais abastados, que se deslocaram principalmente para os estados

Quadro 1.4: Estimativas de imigração portuguesa no Brasil¹⁴

Estimativas de imigração portuguesa no Brasil				
Período	América Portuguesa	Império Colonial	Média anual América Portuguesa	Média anual Império Colonial
1500-1580	100.000	280.000	500	3.500
1581-1640		300.000		5.000
1641-1700		120.000		2.000
1701-1760	600.000		10.000	
1808-1817	24.000		2.666	
1827-1829	2.004		668	
1837-1841	629		125	
1856-1857	16.108		8.054	
1881-1900	316.204		15.810	
1901-1930	754.147		25.138	
1931-1950	148.699		7.434	
1951-1960	235.635		23.563	
1961-1967	54.767		7.823	
1981-1991	4.605		406	

de Pernambuco e Bahia, para a exploração e a produção de açúcar. No mesmo período, houve a migração de degredados para as regiões centrais da colônia, principalmente para o estado do Maranhão, e também de cristãos-novos e de ciganos, os quais fugiam das perseguições religiosas ocorridas no território português.

Na segunda fase, compreendida entre os anos de 1701 e 1850 e denominada *fase de transição*, houve um aumento extraordinário no fluxo de migrantes da região portuguesa conhecida como Minho (ver Figura 1.5).¹⁵ A vinda dos portugueses dessa região é justificada especialmente pela crise que se verificava em Portugal, sobretudo dos minhotos, indivíduos que possuíam a agricultura como única fonte de renda.

¹⁴ Fonte: IBGE. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

¹⁵ A divisão apresentada no mapa foi criada em 1936, com base nos estudos do geógrafo Amirim Girão, publicados entre 1927 e 1930, que separaram o país em treze “regiões naturais”. Em 1959, houve nova alteração, com a criação dos distritos e com a extinção da divisão em províncias. Uma nova divisão foi proposta pela Constituição portuguesa de 1976, contudo a antiga divisão, visualizada na Figura 1.5, ainda é frequente em mapas escolares e considerada pela maioria dos portugueses (Sobral, 2008).



Figura 1.5: Mapa da divisão regional portuguesa continental¹⁶

É importante destacar os acontecimentos que influenciaram a vinda da população dessa região para o território brasileiro, uma vez que a investigação das características sociais da população imigrante portuguesa permite determinar qual variedade de língua foi trazida para a colônia. Em primeiro lugar, ocorria em Portugal a Revolução Agrícola, que significou a produção de milho em larga escala, a melhoria nas condições de vida e, conseqüentemente, o crescimento populacional desordenado (a população do Minho apresentava na época uma média de 96 habitantes por km², enquanto a média populacional do país era de 33 habitantes por km²). A Figura 1.6 apresenta a densidade populacional no ano de 1878 (Alves, 1993b, p.448).

¹⁶ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Provincias_Portugal_legenda.png.

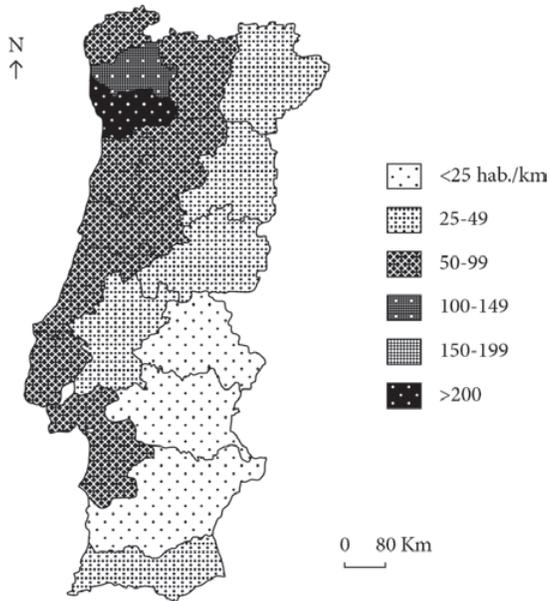


Figura 1.6: Mapa da densidade populacional de Portugal em 1878

É possível observar que a região do Porto, situada no nordeste do país, apresentava densidade populacional acima dos 200 habitantes por km^2 . Essa região e outras circunvizinhas foram as que apresentaram, no mesmo período, os percentuais migratórios mais elevados de todo o país.

Outro forte atrativo para a emigração portuguesa foi a descoberta de ouro na colônia, o que se apresentou como motivo para o processo migratório dos portugueses daquela região. Bastava apenas coragem para cruzar o oceano e fornecer mão de obra à extração de ouro nas regiões das minas.

Se o noroeste português se mostrava em crise, com escassez de trabalho, a colônia, naquele momento, oferecia-se como a opção que propiciaria aos imigrantes a possibilidade de lucro e de ascensão social. Dessa forma, embora todo o território português tenha sido palco de uma maciça saída de indivíduos, essa emigração predominou, sobretudo, nas regiões setentrionais portuguesas, consoante aponta Arroiteia (2001).

Em relação à sua extensão no território, notamos que a importância destas saídas foi bastante acentuada nas regiões densamente povoadas do norte e do centro do país, assim como nas Ilhas Atlânticas dos Açores e da Madeira. Da

mesma forma, este fenómeno afectou as regiões do Minho, de Trás-os-Montes e da Beira-Alta, de onde partiram os maiores contingentes de emigrantes não só em direcção ao Brasil, mas também, já durante a segunda metade do século XX, para os países industrializados da Europa Ocidental: França, Alemanha, Luxemburgo e mais recentemente Suíça. (Arroteia, 2001, p.5)

Os dados estatísticos emigratórios portugueses do século XIX corroboram as afirmações precedentes, conforme se observa na Figura 1.7 (Alves, 1993b, p.449), o qual apresenta o percentual de saída de indivíduos do território português por região.

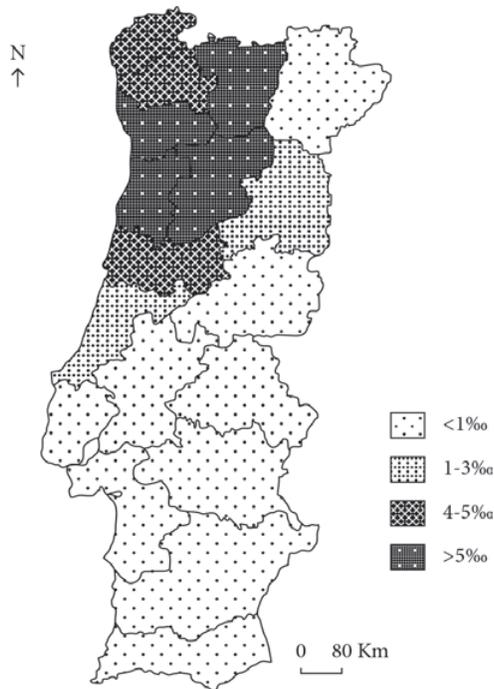


Figura 1.7: Portugal Continental – Taxa de emigração por distritos em 1889

É notória a polarização do território português entre regiões alocadas no norte, apresentando fluxos migratórios acima de cinco pontos percentuais, e regiões localizadas no sul, que apresentavam, à época, fluxos de emigração abaixo de 1% do total populacional, constatação que ratifica a predominância de imigrantes de origem setentrional no Brasil.

A esse respeito há certo consenso entre os estudiosos. Embora variando de acordo à época, desde o século XVI o migrante por excelência, aquele que se submetia aos rigores de uma travessia tão incerta quanto a futura vida no Brasil, provinha da região norte. Já no Quinhentos, quase metade dos portugueses processados pela Inquisição na Bahia e em Pernambuco eram naturais do Minho, cabendo um longínquo segundo lugar (15%) aos naturais de Lisboa. A julgar pelas listagens de habitantes, tal padrão ainda vigia no século XIX, pois, em 1801, 45% dos portugueses do sexo masculino estabelecidos na capitania de São Paulo eram minhotos, 20% provinham dos Açores, cabendo aos lisboetas apenas 16% do total [...] a reiterativa emigração lusitana para o Brasil traduzia-se na sucessiva entrada de pessoas originárias do norte de Portugal. (Florentino; Machado, 2002, p.59)

Castilho (2010, p.174-5), contrariamente aos historiadores e linguistas considerados, afirma ter havido “uma provável predominância de portugueses do Sul” entre os migrantes portugueses, visto serem encontrados fenômenos fonéticos típicos dos falantes sulinos inexistentes entre os falantes do norte de Portugal. Mais adiante, o autor aponta que os fenômenos considerados “meridionalismos” do português europeu, entretanto, já haviam se disseminado por todo o país em período anterior à vinda dos grandes contingentes lusitanos ao território brasileiro.

A bem da verdade, inúmeros documentos históricos comprovam o domínio no Brasil de migrantes portugueses das regiões nortenhas, o que fez com que houvesse, no início do século XVIII, inclusive, por parte do governo do país, a tentativa de barrar o fenômeno de emigração, conforme observamos no texto abaixo reproduzido, de uma lei de 1720.

[...] não tendo sido bastantes as providências que até ao presente tenho dado nos decretos de 25 de Novembro de 1709 e de 19 de Fevereiro de 1711, para se proibir que deste Reino passe para as capitanias do Estado do Brasil a muita gente que todos os anos se ausenta dele, principalmente da província do Minho, que, sendo a mais povoada, se acha hoje em estado, que não há gente necessária para a cultura de terras, nem para o serviço dos Povos [...] (Arroteia, 1983, p.13)

Se as regiões nordeste e norte de Portugal, de onde advinham os emigrantes que aportaram no Brasil, eram predominantemente agrícolas e de-

cadentes, conforme atestam exaustivamente Alves (1992, 1993a, 1993b) e Arroteia (1983, 1984, 2001), por meio de documentos, evidências e de detalhada discussão, a qual abarca todos os aspectos influenciadores do processo emigratório, não é demais salientar que esses emigrantes portugueses que aportaram no Brasil eram, dentre essa população social e economicamente estigmatizada, o contingente ainda menos favorecido. É o que aponta Oliveira Martins (apud Alves, 1993a, p.271): “Desde que a miséria é a causa principal da emigração, necessariamente os emigrantes são os menos instruídos e habilitados para ganhar a vida”.

Em Alves (1993a, p.274), encontramos ainda as instruções do barão de Nova Friburgo aos seus agentes para contratarem apenas “os filhos de lavradores do campo que nunca tiveram outra ocupação, fortes, sadios, de 14 a 18 anos pouco mais ou menos (não se admite sob pretexto algum gente das cidades ou das vilas)”.¹⁷

A taxa de emigrantes analfabetos no Porto no século XIX superava os 40%, chegando a quase 60% em alguns períodos, conforme apontam as estatísticas oficiais de emigração do Porto (Alves, 1993a).

É necessário retomar evidências já apresentadas no item 1.1, “Origem e formação do povo e da língua em Portugal”, e observar a perda gradativa de prestígio dos traços linguísticos próprios da variedade de língua falada no norte de Portugal. Se no século XVI essa variedade encontrava-se em posição de prestígio no país, no início do século XVIII passa a apresentar traços denominados dialetais, com a elevação da variedade do sul à condição de maior prestígio e com seus traços não mais considerados típicos da região, e sim o padrão linguístico do país. Em outros termos, é possível afirmar que a variedade de língua trazida pelos portugueses, provenientes, principalmente, do norte do país, era, já naquele momento, variedade estigmatizada em Portugal. Além disso, era também variedade que muito diferia da variedade normativa do país, a variedade meridional.

A imigração da elite portuguesa se deu apenas no período em que a colônia recebeu d. João VI, rei de Portugal, que em 1808 partiu da Europa, intimidado pelas tropas napoleônicas. Essa migração, porém, ficou restrita a algumas cidades, como Salvador, primeiro ponto de parada do príncipe

17 Extraído de “Instruções para engajamento de colonos em Portugal”. *O Commercio do Porto*, n.243, 23 out. 1861.

regente, e Rio de Janeiro, local escolhido para sediar o governo. No total, entre os anos de 1808 e 1817, estima-se que a chamada imigração de elite não tenha sido superior a 15 mil pessoas (Alves, 1993a).

Na terceira fase da imigração portuguesa no Brasil, que compreende o período entre 1851 e 1960, houve a intensificação da vinda dos portugueses pobres para o Brasil, os pequenos proprietários de terras, também originários do norte de Portugal, sobretudo da região do Minho, o que contribuiu até mesmo para a formação de uma imagem negativa e preconceituosa do imigrante português.¹⁸ Novamente, reforça-se a ideia de que a variedade linguística trazida pela maioria dos portugueses que veio para o Brasil era, já em Portugal, uma variedade totalmente desprestigiada, o que se explica pela posição social e econômica ocupada por seus falantes, em sua maioria agricultores da região norte do país.

A partir da década de 1930, a migração portuguesa inicia seu declínio, por causa do controle de natalidade do estado português, das Guerras Mundiais – que suspenderam as viagens marítimas – e também do processo de industrialização pelo qual Portugal passava.

A vinda de lusitanos para o Brasil vai ganhar força somente na década de 1960, com o chamado “milagre econômico” brasileiro. Contudo, um percentual de quase 90% dos imigrantes portugueses retornou à sua pátria natal após um período de no máximo dez anos de permanência em território brasileiro (Alves, 1992, 1993).

Além das línguas africanas, indígenas e portuguesa, houve ainda a influência de outras línguas no Brasil, em diversos momentos ao longo dos cinco séculos que sucederam o “descobrimento” do território. Durante o Império, por exemplo, embora de forma esparsa, houve a imigração de italianos e alemães, oficialmente trazidos por d. Pedro I e d. Pedro II, a pedido da imperatriz de origem austríaca, d. Leopoldina (Bolognini; Payer, 2005, p.42). É, entretanto, na segunda metade do século XIX que a imigração em massa tem início, principalmente a partir de 1887, pouco antes da implementação da República.

18 Para mais informações sobre a criação da imagem negativa do imigrante português no Brasil, consultar: Triches, R. P. “À sombra das bananeiras d’esta República”: as construções da imagem do português pela imprensa carioca. *Revista Litteris*, v.2, p.1-16, 2009. Disponível em: www.revistaliteris.com.br/arquivo_16.html. Acesso em: 29 jun. 2011.

Conforme apontam Bolognini e Payer (2005, p.42), na Europa e na Ásia, o início da industrialização diminuía o emprego de mão de obra humana e levava a população à pobreza. No Brasil, a oferta de trabalho elevava-se substancialmente, influenciada pelo fim da escravidão negra. Diante desse quadro e da necessidade de fixar fronteiras, por meio do povoamento, iniciou-se uma política de “importação” de grandes contingentes humanos estrangeiros, processo migratório que diminuiu somente após a década de 1930.

Imigrantes, falantes de línguas como alemão, árabe, chinês, coreano, espanhol, holandês, inglês, italiano, japonês, leto e pomerano, vieram para o Brasil e se instalaram em diversas regiões. Houve, por exemplo, a imigração de libaneses para o Rio de Janeiro, em período anterior à República. Já no início do século XX, eles se instalaram também no Espírito Santo e em algumas cidades do estado de São Paulo (Bolognini; Payer, 2005, p.43).

Os espanhóis também estiveram presentes em território brasileiro desde o início da colonização, especialmente durante o período de unificação das coroas portuguesa e espanhola, entre os anos de 1580 e 1640. O imigrante espanhol constituiu-se no terceiro maior grupo de imigrantes em território brasileiro, após portugueses e italianos.

Os holandeses e sua língua se fizeram presentes no país principalmente em dois períodos. O primeiro, no século XVII, com a tentativa de colonização no Nordeste. Há de se destacar, nesse período, o grande incentivo cultural do governo holandês, com a criação de uma biblioteca e da imprensa e por meio da produção de quadros e livros que retratavam o país. O segundo período que merece destaque é o que compreende meados do século XX, com a imigração oficial e com a compra de um grande lote de terras no interior paulista pelos holandeses. Segundo Bolognini e Payer (2005), a estimativa é de que entre 10 mil e 30 mil falantes de holandês tenham vindo para o Brasil.

A língua alemã também foi introduzida no país, principalmente na região Sul, em localidades situadas nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, a partir de 1824. Porém, dos 5 milhões de imigrantes que deixaram a Alemanha, aproximadamente 7% (300 mil, de acordo com registros de entrada) chegaram ao Brasil. Cabe ressaltar o fato de que esses imigrantes, diferentemente de outros povos, possuíam níveis mais elevados de escolarização, o que levou à publicação, no Brasil,

de vasto material bibliográfico, incluindo cartilhas, jornais, manuais de orientação religiosa e familiar, manuais técnicos, livros de história, boletins informativos e até mesmo literatura, inspirada na vida dos imigrantes (Bolognini; Payer, 2005). As duas grandes guerras fizeram com que o fluxo de migração para o Brasil diminuísse, contudo, conforme dados de 1835, a população de origem alemã, incluindo os imigrantes e seus descendentes, compreendia 1,2 milhão de indivíduos.

Os imigrantes italianos formaram o segundo maior contingente de imigrantes no Brasil. Segundo Bergman (1977), mais de 1,4 milhão de italianos entrou em território brasileiro, principalmente no Sul e no Sudeste, em especial nos estados de São Paulo e do Espírito Santo.

A convivência entre os grupos de migrantes fez com que houvesse a manutenção e o uso da língua italiana e nem mesmo as políticas nacionalistas brasileiras de repressão às línguas estrangeiras, intensificadas no período entre e pós-guerras, conseguiram extinguir a língua dos imigrantes italianos, conforme afirmam Bolognini e Payer (2005, p.44).

Contudo, a Campanha de Nacionalização do Ensino não conseguiu apagar totalmente as línguas estrangeiras junto a uma prática de linguagem eminentemente oral. Além disso, no Brasil as variedades do italiano misturaram-se ao português, de modo que em regiões de densa imigração a população fala o português com traços de italiano – presentes na fonologia, no léxico, na morfosintaxe e na prática mesclada das línguas, com fragmentos de discursos, provérbios e expressões em italiano e em português.

O contato linguístico citado pode ser verificado também em outras línguas introduzidas em território brasileiro. O japonês falado nas colônias nipônicas do Brasil, por exemplo, apresenta traços de português e, por esse motivo, é chamado de *koronia-go* (língua da colônia) e caracterizado como “um japonês antigo misturado com língua brasileira”, segundo apontam Bolognini e Payer (2005, p.45). Estima-se que até a Segunda Guerra Mundial 190 mil migrantes japoneses tenham chegado ao Brasil.

Certamente, todos os povos e línguas que, de alguma forma, estiveram presentes no território nacional, contribuíram para a formação das variedades de língua portuguesa que hoje são faladas no Brasil, as quais, como já mencionado, diferem das variedades europeias e africanas.

Em consideração a essa rica e intrincada rede de relações que se formou durante todos esses anos de contato entre diferentes sociedades e línguas, uma ampla discussão foi suscitada e, com base na observação de características e de fenômenos linguísticos evidenciados tanto no português europeu quanto no português brasileiro, foram propostas teses a respeito da origem e da formação do português brasileiro, como se verá a seguir.

1.3 As teses a respeito da origem do português brasileiro

Há muito se discute a origem do português brasileiro. Coelho (1880) já afirmara que “*diversas particularidades características dos dialetos crioulos repetem-se no Brasil*”. Silva Neto (1950) afirmou que as características do português brasileiro advêm de uma aprendizagem “tosca” da língua portuguesa, por parte dos negros e dos índios, por causa de sua precária condição social.

Naro e Scherre (2007), entretanto, questionam a atribuição da influência das línguas africanas e de outras línguas no português brasileiro, por meio da comprovação histórica de que inúmeras características atribuídas somente à variedade brasileira já estavam presentes no português europeu.

Para Baxter e Luchesi (1997) e Galves (2008), é possível ainda considerar outra hipótese a respeito da origem do português brasileiro: a da transmissão irregular do português europeu, como segunda língua, aos povos trazidos da África e aos índios.

A Figura 1.8 apresenta as teses sobre a origem e a formação do português brasileiro e seus principais defensores. Na sequência, será apresentado um detalhamento de cada uma delas.

Entende-se o *crioulo* como uma língua originada por uma situação de contato entre dois povos com línguas diferentes, que, inicialmente, estabelecem como forma de comunicação o *pidgin*, estágio anterior ao *crioulo*. O *pidgin* (alteração fonética da palavra inglesa *business* (Castilho, 2009)) surge da necessidade de contato entre povos por interesses comerciais em situações de urgência, tendo uma estrutura rudimentar. A reiteração do contato comercial entre os povos que usam o *pidgin* como segunda língua pode ocasionar um segundo estágio, com o aumento da complexidade dessa língua e com o surgimento de falantes nativos, que ocasionam a elevação dessa

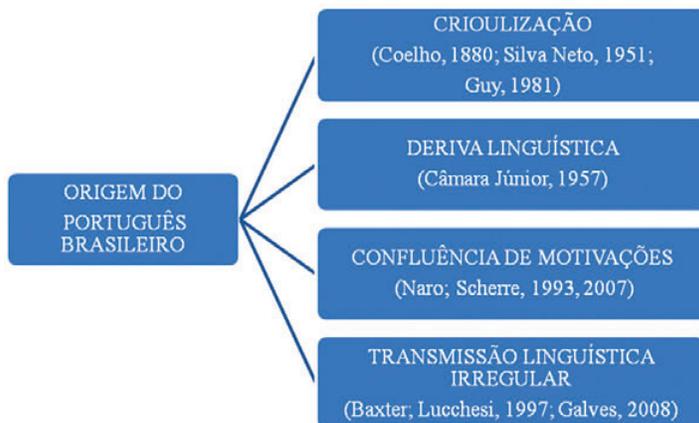


Figura 1.8: As polarizações a respeito da origem do português brasileiro

língua, agora nativa, ao *status* de *crioulo*. Assim, o *crioulo* se diferencia do *pidgin* principalmente por possuir falantes que o adquirem como primeira língua ou língua materna (Pereira, D., 1992).

De acordo com a tese da crioulização, o português brasileiro teria surgido do contato do português europeu, sobretudo com línguas africanas no Brasil, por causa da intensa presença de escravos negros no país a partir do século XVI (conforme já apontado).

Segundo Silva Neto (1977), as diferenças entre o português brasileiro e o português europeu começaram a se acentuar a partir do século XVII, provavelmente influenciadas pelo grande fluxo de escravos advindos da África nesse período.

Guy (1981), consoante Silva Neto, defende a base crioula do português brasileiro, afirmando que a língua tem uma base africana. Além de exibir evidências linguísticas, o autor lança mão de elementos históricos para a defesa da tese da crioulização do português brasileiro.

Para Guy (2005, p.24-6), marcas típicas de aquisição de uma segunda língua, como regularização da flexão, predominância de morfemas-raízes e redução da complexidade derivacional, presentes no português brasileiro, podem explicar a origem crioula. Mudanças espontâneas, como a perda do <-s> e a desnasalização de vogais e ditongos finais, não são atribuídas à influência de uma base crioula. Essas mudanças são comuns à história do português e à de outras línguas românicas.

Guy (2005, p.34) afirma ainda que os traços morfológicos e sintáticos, como a concordância nominal e verbal variável do português brasileiro, fornecem evidências indiretas para a confirmação da tese da criouliização, por, aparentemente, não possuírem precedentes na história do português e de outras línguas românicas.¹⁹ Em um primeiro momento, teria havido a perda da concordância e, em momento posterior, recuperou-se a regra de concordância, sob certas circunstâncias. Além disso, os fenômenos de concordância nominal e verbal variáveis presentes no português brasileiro são encontrados também nas línguas africanas *bantu*, *ioruba* e *ibo*, as quais apresentam a marcação de plural por meio de prefixos ou clíticos, localizados no início da expressão.

O autor afirma que a recuperação dos traços do português europeu, ou descrioulização, deve-se à maciça europeização do país, ocorrida a partir do século XIX, o que vem ocorrendo também nos últimos anos em alguns países africanos. O português popular brasileiro, principalmente em suas vertentes rurais mais isoladas, seria um exemplo do vestígio da fase mais criouliizada do português brasileiro.

Tarallo (1993), ao contestar a tese da criouliização e descrioulização defendida por Guy, destaca que uma possível descrioulização deveria levar o português brasileiro a assemelhar-se novamente ao português europeu, o que decididamente não ocorreu.

Contrária à tese da criouliização do português brasileiro, a tese da deriva, proposta pela primeira vez por Câmara Júnior (1975), busca a explicação para as características evidenciadas no português brasileiro em tendências que já se apresentavam no português arcaico europeu. Para os linguistas que defendem a tese da deriva linguística, as línguas naturais estão em constante mudança e obedecem a linhas de força desenhadas por sua própria estrutura (derivadas).

[...] os escravos negros adaptaram-se ao português sob a forma de um falar crioulo. [...] É claro, entretanto, que não se dariam mudanças fonológicas e gra-

19 No Capítulo 2, será apresentado o fenômeno de variação na concordância verbal, semelhante ao que ocorre no português brasileiro, em dialeto italiano da região de Bérgamo. Deve-se ressaltar, ainda, para a concordância verbal do francês, o trabalho de Blanche-Benveniste (1999), que comprovou, em pesquisa diacrônica, a perda da marcação de plural na língua falada, a partir do século XVI.

maticais profundas sem correspondência com as próprias tendências estruturais da língua portuguesa. (Câmara Júnior, 1975, p.75-7).

Naro e Scherre (2007, p.17) observam que algumas características morfossintáticas e fonológicas do português brasileiro, que hoje são cercadas de preconceito por parte da sociedade, advêm do português arcaico e não de alterações influenciadas pelas línguas africanas que vieram para o Brasil, ou das línguas dos povos indígenas, que já se encontravam em território brasileiro em período anterior à colonização portuguesa. Ainda segundo os autores, essas características também não são resultado de processos de simplificação ou outras modificações espontâneas causadas pelo contato durante o processo de transmissão não tradicional da língua.

Porém, uma questão surge: por que o português brasileiro apresenta hoje explicitamente características que já se anunciavam no português arcaico e o mesmo não ocorreu com o português europeu?

Assim se posicionam os autores a respeito da questão:

O impulso motor do desenvolvimento do português do Brasil veio já embutido na deriva secular da língua de Portugal. Se as sementes trazidas de lá germinaram mais rápido e cresceram mais fortes, é que as condições, aqui, mostraram-se mais propícias devido a uma CONFLUÊNCIA DE MOTIVOS. (Naro; Scherre, 2007, p.48)

Naro (1981a) afirma que se podem encontrar dois caminhos diferentes para a mudança sintática: o primeiro é o de que a inovação parte dos contextos menos salientes e perceptíveis e se espalha para os contextos mais salientes. Nesse caso, haveria uma mudança natural. O segundo caminho possível, contrário ao primeiro, seria o da mudança partindo dos contextos mais salientes e atingindo os menos salientes. A mudança ocorreria de forma “consciente” e por “imitação”. Considerando a mudança sob essa perspectiva, a saliência seria responsável pela difusão da mudança.

Embora atualmente vários linguistas portugueses insistam em contestar a variação na concordância verbal para o português europeu, e ainda que não se tenha plena dimensão da amplitude de ocorrência dessa variação, pode-se considerar que o fenômeno é suficientemente notável, a ponto de pesquisadores da dialetologia portuguesa, desde o início da década de 1950, apontarem como “frequente” o uso da variável não padrão (Silva Pereira,

1951; Mira, 1954; Moura, 1960; Coelho, F. A. 1967; Baptista, 1967; Peixoto, 1968; Cruz, 1991; Alves, 1993; apud Naro; Scherre, 2007). São exemplos dessas observações:

LISBOA – sudoeste de Portugal: dados colhidos da fala de pessoas simples e analfabetas de bairros pobres de Lisboa (Curraleira, perto do Alto de São João, Alfama, Castelo, Bairro Alto, Casal Ventoso, doca do Cais do Sodré e outros). (Mira, 1954, p.117, 149-50 apud Naro; Scherre, 2007, p.108-9).

III – VERBOS

2 – Casos gerais [...]

b) – as formas verbais de terceira pessoa do plural (sobretudo dos verbos da 3ª conjugação) terminadas em vogal nasal “e” desnasalizam-se:

“eles oube (m)” [...]

“eles sacode (m)” [...] (Mira, 1954, p.117 apud Naro; Scherre, 2007, p.108-9)

III – CONCORDÂNCIA

São frequentes na LP (língua popular), as faltas de concordância, consideradas erros do ponto de vista gramatical [...]

“os nossos agasalhos **é** estes” [...]

“só tem as raízes **enterrado** na carne” [...] (Mira, 1954, p.149-50 apud Naro; Scherre, 2007, p.109).

Mussa (1991) aponta grandes semelhanças entre o português falado na África no século XVII e o português falado pelos índios na América na mesma época. Porém, uma influência direta dos africanos sobre os índios seria impossível, pois o contato entre esses povos ainda não havia ocorrido de forma mais ampla. Naro e Scherre (2007) defendem ter havido uma transferência direta do *pidgin* da Europa, usado pelos portugueses no contato com outros povos, para o Brasil.

A variação na concordância verbal por perda da nasalização (*comem* por *come*) é considerada característica do português brasileiro, a exemplo da desnasalização de formas não verbais, como em *garage(m)*, *bagage(m)*, *home(m)*. Outros fenômenos de variação na concordância verbal, porém de ordem morfológica, ocorrem no português brasileiro, como a substituição de uma desinência <-eram> (como em *comeram*) por outra <-eu> (como em

comeu). Tendo-se em conta evidências empíricas (Naro, 1981a) que sugerem que a fase morfológica é desenvolvimento tardio e consequência da redução fonológica, e considerando que o fenômeno da redução fonológica ocorre, segundo Leite de Vasconcelos (1987 apud Naro; Scherre, 2007), também na fala popular de Portugal, tem-se que a origem da redução na concordância é europeia. Essa constatação é reforçada por Grandgent (1962) e Sturjevant (1940) (apud Naro; Scherre, 2007), que afirmam que a omissão da nasal final é frequente nos textos medievais e em inscrições pré-clássicas portuguesas.

A perda da concordância no português popular brasileiro seria, assim, um caso de mudança natural, tendo surgido em formas do tipo *come/co-mem*, irradiando-se para casos como *é/são*.

Baxter e Lucchesi (1997) retomam a hipótese da crioulização sob uma perspectiva que considera que as línguas africanas influenciaram a estrutura atual do português brasileiro. Há também uma nova definição de *crioulo*, embasada na consideração de que a aquisição de uma primeira língua teve como base um modelo defectivo de segunda língua. Assim, os autores definem o crioulo da seguinte forma:

[...] um processo de transmissão irregular de L2 para L1 em que a L2 foi alterada devido a problemas de acesso à língua alvo (isto é, a língua do grupo dominante) e, possivelmente, à influência das línguas maternas dos falantes desta L2. Nessas circunstâncias, no desenvolvimento, na aquisição / criação da nova L1 (a língua crioula em potencial), acontecem inovações orientadas por universais e pelas outras línguas maternas presentes. As inovações preenchem as lacunas ou opacidades causadas pela diluição do modelo para aquisição. Tal processo é variável. (Baxter; Lucchesi, 1999, p.70)

Galves (2008) indica grandes semelhanças morfossintáticas do português africano com o português brasileiro, que, na visão da autora, não apontam para uma deriva natural do português, mas sim para uma influência das línguas africanas tanto no português africano quanto no português brasileiro. A seguir, listam-se algumas das semelhanças citadas pela autora:

- concordância nominal e verbal em número variável;
- confusão nas formas de 2ª e 3ª pessoas (*seu/teu, te/você*);
- uso do pronome tônico em posição de objeto;
- colocação pré-verbal dos pronomes clíticos, inclusive em primeira posição absoluta;

- uso da preposição “em” em lugar de “a” para o lugar para onde se vai;
- mudança de regência de certos verbos (em particular, perda das preposições);
- uso de “dele” em lugar de “seu”;
- posição pós-nominal do possessivo (sem efeito de focalização);
- ausência de concordância de gênero;
- forma invariável do verbo, inclusive na primeira pessoa;
- ausência de artigo definido;
- construções de duplo objeto (como em “ela deu o irmão o retrato” em lugar de “ela deu o retrato ao irmão”; “perguntei o Pedro”, em lugar de “perguntei ao Pedro”);
- ausência da conjunção “que” nas orações subordinadas.

(Galves, 2008, p.150-1)

A situação linguística evidenciada em alguns países africanos atualmente, segundo a autora, pode se assemelhar à situação da língua portuguesa no Brasil há alguns séculos. Segundo apontamentos de Gonçalves (P. 2004), em Moçambique, apenas 3% da população tem o português como língua materna e 40%, como segunda língua. Em Angola, segundo Inverno (2005), 20% da população fala o português como língua materna. Dessa forma, nesses países, instala-se uma situação de bilinguismo, na qual a língua portuguesa é considerada segunda língua para a maioria dos falantes.

A questão que se coloca é se os fenômenos do português africano e do português brasileiro listados acima são resultado da interferência das línguas africanas maternas dos falantes no processo de aquisição. Se a resposta for positiva para os falantes moçambicanos e angolanos, teremos razões fortes para propor que o seja também para os falantes brasileiros. (Galves, 2008, p.155)

Gonçalves (P. 2004) e Gonçalves e Chimbutane (2004) (apud Galves, 2008), baseados no modelo de Princípios e Parâmetros da Teoria da Gramática Gerativa, propõem uma explicação para a interferência das línguas africanas na aquisição do português como segunda língua. Para os autores, há ambiguidade dos dados da segunda língua em função da língua materna.

Certas estruturas geradas pela gramática de uma dada língua podem ser ambíguas apenas para os aprendentes dessa língua como L2, devido à influência do conhecimento que já têm da gramática da sua L1, i.e, a ambiguidade da L2 resulta da possibilidade de as evidências geradas pela sua gramática poderem

ser analisadas na base de propriedades gramaticais das L1s dos aprendentes. (Gonçalves; Chimbutane, 2004 apud Galves, 2008, p.149)

É o que acontece, segundo os autores, na aprendizagem da expressão do locativo em português, em relação à qual as línguas *bantu* diferem em dois aspectos: primeiro, elas têm um sufixo locativo que, apesar de poder ser traduzido pela preposição “em”, não é uma preposição, o que faz com que a presença dessa partícula não impeça que o nome a que está afixada continue desempenhando funções típicas de sintagmas nominais, como sujeito. A segunda diferença é que as línguas *bantu* são distintas do português

[...] no que se refere à codificação de percurso-direção: nas línguas *bantu* os verbos incorporam esse elemento semântico, ao contrário do que acontece no português europeu, no qual é expresso através de preposições direcionais. (Gonçalves; Chimbutane, 2004 apud Galves, 2008, p.149)

Ao aprender o português, a preposição “em” é reanalisada pelos falantes de línguas *bantu* como marca de locativo, e os verbos são interpretados como tendo direcionalidade inerente. Segundo os autores, isso explica enunciados como os seguintes, encontrados em textos de jovens moçambicanos falantes de português como segunda língua:

- em casa dele é aqui em frente (= a casa dele é...)
- conheci em casa dele (= ... a casa dele)
- voltou em casa (= para a casa)
- vinham carros lá na escola (= lá à escola)
- está a sair no estúdio (= ... do estúdio)
- eu saí lá no Xiquelene (= ... (de) lá do Xiquelene)

Para Galves (2008), os exemplos não exibem uma aprendizagem “erônea” das preposições em português, mas uma substituição categórica de “de”, “a” e “para” por “em”, isto é, um processo de simplificação, que aponta para uma interferência da língua materna africana no processo de aprendizagem. Os fenômenos, aparentemente “desconectados”, são, na verdade, consequência da interferência da gramática das línguas *bantu*.

A proposta de Gonçalves (P., 2004) permite a união de duas ideias que, a princípio, apresentavam-se como contraditórias: a da transmissão imperfeita, com o processo de simplificação, e a da interferência da primeira

língua no processo de aprendizagem. De acordo com a autora, quando a primeira língua fixa um valor não marcado para um parâmetro, e a segunda língua fixa um valor marcado, a falta de dados de “input” faz com que o falante fixe o valor não marcado da sua primeira língua, levando ao que se parece com uma simplificação.

Ao retornarmos ao português brasileiro, é possível observar que boa parte dos fenômenos presentes nele está presente também no português africano. Se for possível provar que os fenômenos daqui também estão presentes nas línguas africanas, é possível afirmar que também são consequência de uma aprendizagem irregular, como lá (Galves, 2008).

Alguns exemplos são encontrados nos trabalhos de Scher (2000) e Baxter e Lucchesi (1997, 1999) sobre variedades faladas do português brasileiro, respectivamente, na Zona da Mata e em Helvécia (BA).²⁰

Alkmim (2002), ao pesquisar charges com sátiras a negros e escravos em jornais do século XIX, observou alguns traços linguísticos semelhantes aos traços citados como característicos do português africano, para africanos que possuem o português como segunda língua. Esses traços são exibidos a seguir:

- concordância de gêneros incorreta;
- flexão verbal de número e pessoa incorreta;
- ausência de artigo;
- quantificador “tudo” em lugar de “todo” e “todas”
- ausência da marca redundante de número;
- ausência de concordância sujeito-verbo;
- presente do indicativo em lugar do presente do subjuntivo.

(Alkmim, 2002, p.390 apud Galves, 2008, p.155)

Diante das evidências apresentadas, Galves (2008, p.160; 164) conclui sua argumentação advogando em favor da tese da transmissão irregular e contrariamente tanto à tese da crioulização como à tese da deriva linguística, conforme se reproduz a seguir:

20 A respeito da diferença entre o português africano e o português brasileiro, Petter (no prelo) acredita em um *continuum* afro-brasileiro, com o português brasileiro apresentando maior estabilidade, ocasionada por um período de variação mais antigo, que se teria resolvido em mudança.

A convergência dos fenômenos encontrados nesse conjunto de textos com os que caracterizam o português africano moderno reforça a hipótese de que essas são devidas a uma transmissão irregular em contextos de aquisição de segunda língua, bem distinta de um processo de crioulização.

A comparação das vertentes africanas e brasileiras do português, bem como a comparação de ambas com as línguas africanas com que estiveram em contato na sua história, vem mudar substancialmente a discussão ao trazer uma base empírica para o velho debate. Procurei mostrar que, na balança empírica, esses dados são mais pesados e consistentes do que os dos defensores da deriva.

No Capítulo 4, de posse dos resultados para os fenômenos variáveis de alternância pronominal e de concordância verbal nas variedades do português europeu e do português brasileiro, será retomada a discussão a respeito das origens do português brasileiro.

1.4 As variedades do português brasileiro atual

Mattos e Silva ([s.d.]) afirma que alguns aspectos distinguem de forma geral as variedades de língua faladas em Portugal das variedades faladas no Brasil. Em relação às diferenças fonéticas, a autora aponta a oposição feita em Portugal entre a vogal central recuada e a não recuada em posição acentuada, conforme se vê a seguir.

[...] como exemplo muito evidente a oposição que fazem os portugueses entre a primeira pessoa do plural dos verbos da primeira conjugação: *trabalh/a/mos* para o presente e *trabalh/a/mos* para o pretérito perfeito ou, para dar outro exemplo sem repercussão na morfologia: sempre *p/a/ra*, quer seja verbo quer preposição, no Português Brasileiro e *p/a/ra*, verbo, opondo-se a *p/a/ra* preposição, no Europeu. (Mattos e Silva, [s.d.], sem paginação)²¹

Ainda em relação ao sistema vocálico não acentuado, é possível notar a pronúncia perceptível das pretônicas e postônicas por parte dos brasileiros

21 O referido texto, “O português brasileiro”, de autoria de Rosa Virgínia Mattos e Silva, sem paginação e datação, encontra-se disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/hlp-brasil/index.html>. Acesso em: 20 set. 2011.

(/i e ε a o u/) e, em Portugal, a centralização das não acentuadas, fazendo com que sejam quase inaudíveis para o estrangeiro (incluindo-se aí o brasileiro).

Em posição final não acentuada, no Brasil, há as vogais /i a u/, enquanto em Portugal há /ə α u/.

Acrescenta Mattos e Silva ([s.d.]) que o português brasileiro e o português europeu apresentam “sistemas vocálicos, em termos descritivos e estruturais, profundamente diferentes, que trazem efeitos prosódicos diferenciadores marcantes”. No português europeu, nota-se, ainda, a chamada crase histórica, com a oposição entre vogal aberta e fechada, como em *pr/ε/gar*, “fazer uma pregação”, que se opõe a *pr/ə/gar*, “usar um prego”. No Brasil, a diferença somente se evidencia, em termos regionais, entre as formas *pr/ε/gar* / *pr/e/gar*; *c/o/rar* / *c/ə/rar*; *m/o/rar* / *m/ə/rar*, que, apesar de variantes, possuem a mesma significação.

Ainda no nível fonético-fonológico, destaca Mattos e Silva ([s.d.]), que é possível notar, no português brasileiro, a vocalização do <-l> final em /w/, ou, em comunidades com menor escolarização ou áreas rurais, a eliminação do <-l>, como em *anim/a/*. Além disso, o <-r> final, no Brasil, pode ser aspirado ou reduzido a zero, como em *canta/h/*, *cant/a/*, não obstante a forma vibrante do /r/, característica do português europeu, possa ser encontrada em algumas regiões.

As palatalizações de consoantes dentais com semivogal ou vogal anterior (/tʃ/ *ia*, /dʒ/ *ia*, *den* /tʃ/ *e*, *on* /dʒ/ *e*) podem ocorrer em algumas regiões brasileiras, mas não ocorrem em Portugal (Mattos e Silva, [s.d.]).

Para além do nível fonético-fonológico, afirma a autora que se podem ainda observar diferenças no sistema pronominal, que no Brasil contou com a expansão das formas *você* e *a gente*, as quais se tornaram formas pronominais e contribuíram para a redução do uso do *tu* e do *vós*, e que proporcionaram a generalização da terceira pessoa verbal e a redução do paradigma verbal para quatro, três ou duas posições (esta última, estigmatizada e vigente entre os menos escolarizados). Ainda em relação ao uso do *tu*, é mais comum, no Brasil, o emprego de verbos flexionados em terceira pessoa (*tu faz*) do que o uso da forma-padrão, verbos em segunda pessoa do singular (*tu fazes*).

Ressalta-se ainda, como característica do português brasileiro, de forma geral, a eliminação gradativa dos pronomes complementos clíticos, princi-

palmente os de terceira pessoa (*o, a, os, as*), predominando, em lugar deles, a reiteração do próprio sintagma nominal pleno, o pronome sujeito correspondente ou, simplesmente, a ausência de complemento. O pronome *lhe* (objeto indireto) é utilizado com a forma pronominal *voce* e pode variar com o pronome *te* (Mattos e Silva, [s.d.]).

Os clíticos ocorrem e são aceitos normalmente no início da sentença, ao contrário do que se verifica no português europeu, como em “Me passe o sal, por favor” (Mattos e Silva, [s.d.]).

As diferenças entre o português brasileiro e o português europeu, de forma alguma, restringem-se às aqui apresentadas, contudo, optamos pelo elenco apenas das características, listadas por Mattos e Silva ([s.d.]), que se encontram mais difundidas e notáveis em todo o território nacional e que se apresentam como marcantes na caracterização das variedades brasileiras em oposição às variedades europeias.

Não obstante o cenário nacional esteja repleto de trabalhos linguísticos e sociolinguísticos que se dediquem a descrever o português brasileiro, no estado de São Paulo poucos são os estudos que se propõem a apresentar as características da língua portuguesa falada no interior e na capital.

O mais antigo trabalho de descrição do português do interior paulista de que se tem notícia é o de Amadeu Amaral, que descreveu os traços gerais do dialeto caipira, nas primeiras décadas do século XX. Em descrição minuciosa publicada no ano de 1920, o poeta, folclorista e filólogo apresentou características fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais de uma variedade de língua que se distinguia das variedades da capital paulista e da variedade carioca, e que, à época, segundo menção do próprio autor, sofria grande estigma e preconceito social.

Contudo, é somente na década de 1980 que a língua falada no estado de São Paulo vai ser considerada sob a perspectiva da sociolinguística variacionista, mais precisamente por Rodrigues (A. C. de S. 1987), que pesquisou a concordância verbal (CV) variável de primeira e de terceira pessoas do plural (1PP e 3PP) na fala de moradores de favelas da capital paulista.

Merecem destaque também os trabalhos de cunho etnográfico de Rodrigues (A. N. 1974), sobre o dialeto caipira de Piracicaba, e de Careno (1997), sobre a fala das comunidades negras do Vale do Ribeira.

Somente a partir do início deste século é que as pesquisas linguísticas e sociolinguísticas sobre a fala paulista têm se avolumado no estado de São

Paulo. A criação de bancos de dados individuais e de projetos coletivos tem contribuído substancialmente para que se proponha, em futuro breve, um retrato sociolinguístico da(s) comunidade(s) do interior paulista.

A seguir, serão apresentadas algumas das características evidenciadas em estudos realizados com a utilização do Banco de Dados Iboruna, que conta com falantes da região noroeste do estado de São Paulo (Gonçalves, 2010).

No plano fonológico, envolvendo alçamento e redução de fonemas, três trabalhos apresentam fenômenos que caracterizam a variedade do noroeste paulista. Silveira (2008) constatou fenômeno variável de alçamento de vogais pretônicas mediais (como nos itens lexicais *m/e/nino / m/i/nino, c/o/lher / c/u/lher*) e observou fatores linguísticos e sociais que condicionam essa variação.

Ramos (2009) observou que a ocorrência de síncope e alçamento de vogais postônicas mediais, como se verifica em *ár./vo/.re / ár./vu/.re* e em *ár./vo/.re / ar./vre/*, respectivamente, embora possível, é pouco frequente em comparação à frequência evidenciada em outros dialetos brasileiros.

Ainda no plano fonético-fonológico, também sendo um traço apontado por Amaral ([1920] 1976), a redução da sequência [-ndo]~[-no] – cuja regra variável, na fala do interior paulista, aplica-se somente a contextos de gerúndio e é barrada nos demais contextos – foi constatada como altamente frequente na variedade do noroeste paulista (redução com frequência superior a 70%) (Ferreira, 2010). São exemplos: *manda[ndo]~manda[no]*, *ve[ndo]~ve[no]* (verbo *ver*), *parti[ndo]~part[ino]*.

Alguns estudos sociolinguísticos realizados no plano morfossintático já comprovaram também fenômenos de variação na pluralidade em estruturas predicativas, na pluralidade do SN e na CV (concordância verbal) de 3PP (terceira pessoa do plural), na língua do interior paulista (Salomão, 2010; Fiamengui, 2011; Rubio, 2008, respectivamente).

Outros fenômenos variáveis de nível morfossintático, como a alternância entre futuro sintético e futuro analítico (Fonseca, 2010), o uso das formas de expressão de aspecto cursivo (Fernandes, F. O., 2010), a redução de cópula em orações matrizes predicativas (Fortilli, 2009), o uso alternante das formas pronominais *nós* e *a gente* e a CV (concordância verbal) na 1PP (primeira pessoa do discurso no plural) (Gonçalves; Rubio, 2010, 2011; Rubio; Gonçalves, 2010), também já foram observados e vêm sendo des-

critos com base em amostras de falantes do noroeste do estado de São Paulo (Banco de Dados Iboruna).

O objetivo final das pesquisas realizadas com base no Banco de Dados Iboruna, para o qual este estudo também pretende contribuir, é a elaboração de um panorama mais amplo das principais características da língua falada na região noroeste do estado de São Paulo, que, por sua vez, servirá substancialmente como subsídio para um trabalho de caracterização das variedades do português paulista e brasileiro.

2

OS FENÔMENOS DE CONCORDÂNCIA VERBAL E DE ALTERNÂNCIA PRONOMINAL À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

No capítulo inicial, foram apresentados alguns fatores sócio-históricos que levaram a constituição das variedades linguísticas do português a possuir as características evidenciadas atualmente. Neste capítulo, serão construídas as bases teóricas deste trabalho, por meio da revisão bibliográfica de estudos considerados clássicos e, por isso, importantes na literatura linguística contemporânea e na Sociolinguística Variacionista. Oferece-se um panorama de fenômenos variáveis relacionados à primeira e à segunda pessoas do discurso e à terceira pessoa em variedades da língua portuguesa brasileira e da europeia. Paralelamente, são expostos os subsídios teóricos que servem de amparo aos fenômenos investigados com mais profundidade neste trabalho, quais sejam: a concordância verbal de primeira e terceira pessoas e a alternância pronominal *nós* e *a gente*. Esses subsídios, além de auxiliar na construção do conjunto de contextos linguísticos e sociais que devem ser considerados numa abordagem variacionista, dão suporte para a proposição de um quadro comparativo desses fenômenos para as variedades do português brasileiro e do português europeu.

2.1 Pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista

2.1.1 A teoria da variação linguística: premissas básicas

William Labov, em 1963, dá início a um modelo de pesquisa que concebe a língua em constante relação com a sociedade, influenciando-a e por ela

sendo influenciada. Nesse instante, inicia-se uma nova vertente dos estudos linguísticos, a qual tem como foco os traços variáveis da língua, instanciados por um conjunto de fatores linguísticos e sociais. Os sociolinguistas privilegiam a linguagem inserida no contexto social, cuja *performance* depende de um falante/ouvinte real. A heterogeneidade linguística é característica inerente do indivíduo, que se manifesta também na comunidade de fala da qual ele faz parte. A tarefa da Sociolinguística é, portanto, demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social e até mesmo demonstrar uma relação casual em uma ou outra direção (Fischer, 1958).

A língua é concebida como um *continuum* heterogêneo, que sofre a ação constante de fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem uma ou outra variante linguística. Por exemplo, na alternância de formas encontradas na concordância verbal (CV), os fatores extralinguísticos e linguísticos podem favorecer ou desfavorecer a pluralização explícita dos verbos.

Para Labov (1972), a variação não deve ser tratada apenas como um acidente, mas, sim, como uma característica das línguas naturais. A variação implica o uso alternante de formas distintas para se transmitir um mesmo conteúdo informativo. O conjunto desses usos constitui, por sua vez, a *variável linguística*. Cada uma dessas formas alternantes que expressa o mesmo valor de verdade em um mesmo contexto é denominada *variante linguística*. Por exemplo, para o fenômeno da CV, duas variantes, ausência de marcas de plural nos verbos *vs.* presença de marcas de plural nos verbos, constituem a variável linguística. Para o fenômeno variável de alternância pronominal (AP), as variantes são o uso do pronome *nós* ou de formas verbais associadas a ele e o uso do pronome *a gente* ou de formas verbais a ele associadas.

Há uma relação de concorrência entre as variantes em uma comunidade de fala. Conferem-se valores sociais diferentes a cada variante e, assim, essas variantes normalmente são ou não selecionadas, ainda que inconscientemente, pelos falantes da comunidade de fala, considerando, por vezes, as consequências sociais que decorrerão do uso de cada uma delas.

Uma variante pode ser considerada *de prestígio*, se estiver associada a falantes ou grupos sociais de *status* tido como superior. Tal consideração pode ocasionar a reprodução dessa variante, inclusive por outros grupos sociais, com o intuito de evitar o preconceito linguístico.

Por outro lado, considera-se *estigmatizada* a variante utilizada por falantes desprestigiados socialmente na comunidade, seja por pertencerem a

estratos econômicos ou culturais menos prestigiados, seja por possuírem baixo nível de escolaridade, ou ainda por razões étnicas e de espaço geográfico. Na verdade, o estigma se faz pela oposição da variante estigmatizada à forma considerada prestigiada na comunidade. Em qualquer caso, o critério de definição não tem relação direta com padrões linguísticos; é pautado pela avaliação social atribuída ao usuário da língua. Como consequência dos valores sociais que entram em questão, qualquer fuga dos padrões de prestígio será alvo de preconceito linguístico por parte dos falantes da comunidade de fala, também outra forma de preconceito social, ainda pouco reconhecido. A esse respeito, Gnerre (1987, p.4) afirma que:

Uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. Esta afirmação é válida, evidentemente, em termos “internos” quando confrontamos variedades de uma mesma língua, e em termos “externos” pelo prestígio das línguas no plano internacional.

Aos moldes da relação entre *variante de prestígio* e *variante estigmatizada*, há a oposição entre a *variante inovadora* e a *variante conservadora*. A forma mais antiga, em um processo de variação e possível mudança, geralmente empregada por falantes mais idosos, é considerada *conservadora*, ao passo que a forma mais recente e passível de implementação, mais provável de ser encontrada na fala da geração mais nova, é considerada *inovadora*.

Em meio a essas postulações tem-se, ainda, a variante *padrão*, normalmente, eleita como a *variante de prestígio* dentro de uma comunidade de fala, por ser a variante prescrita pelos manuais e pelas gramáticas normativas. Do outro lado do embate entre as formas variantes, em oposição à variante *padrão*, encontram-se as variantes *não padrão*, também identificadas como *variantes populares*, que refletem tipicamente a fala das classes que não possuem prestígio social dentro da comunidade de fala.

Embora se costume considerar como sinônimas, de um lado, variantes *de prestígio*, *conservadora*, *padrão* e *culta*, e, de outro, variantes *estigmatizada*, *inovadora*, *não padrão* e *popular*, é preciso ter claro que esses conceitos nem sempre se sobrepõem.

A implementação de uma variante inovadora dependerá de diversos fatores internos ou externos ao sistema linguístico; dentre os externos, pode-se citar o prestígio que esta adquirirá na comunidade. A manutenção de

uma forma conservadora, por outro lado, também dependerá, entre outros fatores, de seu prestígio na comunidade. A associação da variante *de prestígio* à variante *padrão* nem sempre é observada, visto, em certas circunstâncias, ocorrer a implementação na comunidade de fala de formas inovadoras que não pertencem ao padrão, mas que não são desprestigiadas na comunidade de fala, dado o nível de consciência da comunidade acerca de uma avaliação positiva ou negativa da forma alternante.

Em relação à CV e à AP, por exemplo, fatores de ordem social poderão influenciar as escolhas linguísticas dos falantes, em razão das “pressões” sociais que regularão a escolha de uma ou outra variante, ou seja, a inserção do indivíduo em um grupo social influenciará o seu comportamento linguístico, se não for o caso de realmente determiná-lo.

Fatores sociais como *gênero*, *escolaridade*, *profissão*, *classe social*, *religião*, *origem geográfica* e *contexto de fala* são importantes na caracterização do comportamento linguístico dos indivíduos.

Segundo Naro (2003), mesmo que as organizações sociais de cada comunidade linguística possuam certas peculiaridades não previstas, há um comportamento considerado esperado. Por exemplo, falantes mais velhos costumam preservar mais as formas tidas como conservadoras, o que pode ocorrer também com pessoas mais escolarizadas, com camadas da população que gozam de maior prestígio social, com grupos sociais que sofrem pressão normatizadora, a exemplo de falantes do gênero feminino em geral, ou com pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação pública.

Para o fenômeno variável da CV, Rodrigues (A. C. de S., 1987) afirma que, especificamente, para a primeira pessoa do plural (1PP), a ausência de marcas de plural nos verbos é considerada *estereótipo* presente na fala de indivíduos do interior do estado ou mesmo da zona rural, fato constatado posteriormente por Rubio (2007), que, em estudo preliminar sobre a variedade falada no interior paulista, confirmou que há a atribuição de estigma social no apagamento das marcas de plural nos verbos e que o preconceito pode atuar em níveis diferentes para a 1PP e a terceira pessoa do plural (3PP), sendo mais veemente para a primeira do que para a última.

Embora não tenhamos realizado o controle do grau de preconceito para os fenômenos de variação na CV nas comunidades pesquisadas, é possível observar que o apagamento de marcas de plural é bastante estigmatizado pela sociedade, sobretudo pelos falantes da chamada modalidade culta.

Recentemente, um livro didático multidisciplinar distribuído pelo Ministério da Educação (MEC) foi alvo de inúmeras críticas por trazer em suas páginas, além da prescrição normativa de concordância verbal e nominal, uma abordagem de cunho sociolinguístico que reconhecia como recorrente o fenômeno da variação na concordância nominal e verbal no português brasileiro popular. O livro didático multidisciplinar do segundo segmento do ensino fundamental, da coleção “Viver, Aprender”, intitulado “Por uma vida melhor” – distribuído gratuitamente pelo MEC às turmas de educação de jovens e adultos (EJA) de todo o Brasil –, foi alvo de pesadas críticas, principalmente por parte da mídia e de alguns renomados jornalistas, por causa da menção, no capítulo intitulado “Escrever é diferente de falar”, de registros de fenômenos comuns à língua falada, em especial a variedades do português popular brasileiro, como o apagamento de marcas de concordância nominal e verbal. A seguir, tem-se a transcrição das páginas 15 e 16, de onde foram extraídos trechos que figuraram como alvos principais da polêmica:

Alguns insetos provocam doenças, às vezes, fatais à população ribeirinha.

insetos (masculino, plural) > alguns (masculino, plural)

doenças (feminino, plural) > fatais (feminino, plural)

população (feminino, singular) > ribeirinha (feminino, singular)

As palavras centrais (insetos, doenças, população) são acompanhadas por outras que esclarecem algo sobre elas. As palavras acompanhantes são escritas no mesmo gênero (masculino/feminino) e no mesmo número (singular/plural) que as palavras centrais.

Essa relação ocorre na norma culta. Muitas vezes, na norma popular, a concordância acontece de maneira diferente. Veja:

Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado.

livro (masculino, singular) > os (masculino, plural)

ilustrado (masculino, singular)

interessante (masculino, singular)

emprestado (masculino, singular)

Você acha que o autor dessa frase se refere a um livro ou a mais de um livro?
Vejam os:

O fato de haver a palavra os (plural) indica que se trata de mais de um livro. Na variedade popular, basta que esse primeiro termo esteja no plural para indicar mais de um referente. Reescrevendo a frase no padrão da norma culta, teremos:

Os livros ilustrados mais interessantes estão emprestados.

Você pode estar se perguntando: “Mas eu posso falar ‘os livro?’”

Claro que pode. Mas fique atento porque, dependendo da situação, você corre o risco de ser vítima de preconceito linguístico. Muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas. O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião.

Existe outro tipo de concordância: a que envolve o verbo. Observe seu funcionamento:

O menino pegou o peixe.

menino > singular

pegou > singular

Os meninos pegaram o peixe.

meninos > plural

pegaram > plural

O menino pegou o peixe.

menino > 3ª pessoa

pegou > 3ª pessoa

Eu peguei o peixe.

eu > 1ª pessoa

peguei > 1ª pessoa

Na norma culta, o verbo concorda, ao mesmo tempo, em número (singular/plural) e em pessoa (1^a/2^a/3^a) com o ser envolvido na ação que ele indica.

Na variedade popular, contudo, é comum a concordância funcionar de outra forma. Há ocorrências como:

Nós pega o peixe.

nós > 1^a pessoa, plural

pega > 3^a pessoa, singular

Os menino pega o peixe.

menino > 3^a pessoa, ideia de plural (por causa do “os”)

pega > 3^a pessoa, singular

Nos dois exemplos, apesar de o verbo estar no singular, quem ouve a frase sabe que há mais de uma pessoa envolvida na ação de pegar o peixe. Mais uma vez, é importante que o falante de português domine as duas variedades e escolha a que julgar adequada à sua situação de fala.

(Aguiar et al., 2011, p.15-6)

Como se vê, os autores do livro didático tratam o tema (concordância verbal e nominal) de forma plenamente adequada, propondo até mesmo uma reflexão a respeito das regras normativas e das regras empregadas pelos falantes da variedade popular. Ademais, há uma rica discussão (para um livro didático do ensino fundamental) em torno da adequação linguística do falante às diferentes situações de fala, que, além de permitir reflexão a respeito do *status* das variedades linguísticas, tem também como meta a diminuição do preconceito linguístico, que, como toda forma de preconceito, deve ser combatido em quaisquer momentos que se demonstrem oportunos, como as aulas de língua portuguesa e de outras disciplinas curriculares.

O centro de toda a polêmica é também um dos pontos de destaque deste livro, o apagamento variável das marcas de CV de 1PP e de 3PP, o que é ao mesmo tempo lisonjeiro, pela atenção dada ao tema por parte da sociedade, e também decepcionante, considerando tamanha intolerância, negação e tamanho preconceito em relação a fenômenos tão comuns ao português brasileiro, conforme se verá mais adiante.

O propósito desta obra é apresentar algumas opiniões de falantes de variedades do português brasileiro a respeito do conteúdo veiculado no livro didático, qual seja, a variação na CV e nominal, o que fornecerá a este estudo subsídios para a determinação do preconceito empreendido contra o fenômeno de variação na CV de 1PP e 3PP e, por conseguinte, contra as pessoas que apresentam com maior frequência a variante estigmatizada (ausência de marcas de concordância nos verbos) em sua fala.¹

Diante disso, é preciso ater-se às discussões empreendidas pelos não especialistas da língua portuguesa, os jornalistas, os articulistas, os políticos e os demais usuários da língua, a fim de detectar a visão desses indivíduos a respeito do fenômeno variável abarcado no livro didático.

Na sequência, apresentam-se algumas reportagens e também opiniões de leitores, veiculadas em sites de jornais, revistas e *blogs* (foram coletados aproximadamente, 1,2 mil comentários de leitores a respeito da polêmica, alguns deles com conteúdo bastante ofensivo dirigido ao MEC, às autoridades educacionais, aos autores do material didático e ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva).

Livro didático do MEC tem erro de português

12 de maio de 2011 | **Estadão** – Categoria: Educação

“Nós pega o peixe” ou “os menino pega o peixe”. **Os erros gramaticais são apenas alguns encontrados no livro de língua portuguesa Por uma Vida Melhor, da Coleção Viver, Aprender** – adotado pelo Ministério da Educação (MEC) e distribuído pelo Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD-EJA) a 484.195 alunos de 4.236 escolas.

.....

1 Como se verá na análise do *corpus* do português brasileiro e como já fora fartamente documentado em outros estudos, os fenômenos de variação na CV de 1PP e na CV de 3PP (principalmente este último) são, comprovadamente, característicos de inúmeras variedades do português brasileiro (ou talvez de todas), estendendo-se, com menor ou maior frequência, até mesmo aos estratos sociais de maior escolarização (falantes da variedade culta). Essa comprovação científica, por si só, justifica plenamente o tratamento do fenômeno por parte dos autores do livro didático em questão e torna, por consequência, qualquer visão preconceituosa, mesmo dos falantes da variedade culta, totalmente equivocada.

Publicado pela Editora Global, o **livro apresenta frases erradas e explicações para cada uma delas**, como forma de ensinar a maneira correta de falar e escrever. “Você pode estar se perguntando: ‘Mas eu posso falar ‘os livro?’’ Claro que pode.

.....
 Fonte: <http://blogs.estadao.com.br/jt-cidades/livro-didatico-do-mec-defende-erros-de-portugues/>. Acesso em: 14 nov. 2011.

Processo contra livro do MEC com erros de concordância é arquivado – Polêmica sobre “nós pega o peixe” levou ministro a prestar esclarecimentos

O Globo

O Ministério Público Federal (MPF) da Procuradoria da República do Distrito Federal arquivou o inquérito civil instalado contra o Ministério da Educação por causa do livro “Por uma Vida Melhor”, que **contém erros de concordância**. Na obra, os autores afirmam que **o uso da língua popular – ainda que com seus erros gramaticais – é válido, permitindo frases como “nós pega o peixe” ou “os menino pega o peixe”**.

.....
 No documento publicado no último dia 22, que determinou o arquivamento do processo, o **procurador Peterson de Paula Pereira afirma: “Transmitiu-se a ideia de que o indigitado livro pudesse ensinar a língua portuguesa de modo errado aos estudantes, quando, na verdade, o Ministério da Educação propôs à sociedade a introdução e reflexão acerca da linguística, que, conforme ensina o dicionário Houaiss da língua portuguesa, consiste em ciência que tem por objeto a análise da linguagem humana em seus aspectos fonético, morfológico, sintático, semântico, social e até mesmo psicológico; e a análise da origem, do desenvolvimento e da evolução das línguas”**.

.....
A Academia Brasileira de Letras (ABL) discorda do teor da obra. Em nota, a ABL afirmou que “todas as feições sociais do nosso idioma constituem objeto de disciplinas científicas, mas bem diferente é a **tarefa do professor de língua portuguesa, que espera encontrar no livro didático o respaldo dos usos da língua padrão que ministra a seus discípulos, variedade que eles**

deverão conhecer e praticar no exercício da efetiva ascensão social que a escola lhes proporciona.”

Os autores da *Coleção Viver, Aprender* da Editora Global, afirmaram em nota publicada no site da editora que o capítulo “Escrever é diferente de falar”, chama a atenção para algumas características da linguagem escrita e para a norma culta, também conhecida como **norma de prestígio**. “Pretende defender que cabe à escola ensinar as convenções ortográficas e as características da variedade linguística de prestígio justamente porque isso é valorizado no mundo do trabalho, da produção científica e da produção cultural. E ainda que o domínio da norma de prestígio não se dá de um dia para o outro, mas de modo gradual, constante e pela intensa prática e reflexão sobre seus usos.”

.....
 Fonte: <http://g1.globo.com/vestibular-e-educacao/noticia/2011/07/processo-contra-livro-do-mec-com-erros-de-concordancia-e-arquivado.html>. Acesso em: 14 nov. 2011.

Livro didático faz a apologia do erro: exponho a essência da picaretagem teórica e da malvadeza dessa gente

Por Reinaldo Azevedo – **Veja** – blogs

Escrevi, posts abaixo, um primeiro texto sobre um livro de língua portuguesa chamado “Por Uma Vida Melhor”, que **faz a apologia do erro**, embora uma das autoras tente negar o óbvio. Demonstrarei a **fraude intelectual e técnica em que se sustenta a tese** daqui a pouco. Começo este texto pelo óbvio: o nome é péssimo. “Por Uma Vida Melhor” pode ser título de livro de medicina, de religião e de auto-ajuda, mas não de língua.

.....
 Terá certamente uma vida melhor o aluno que dominar o instrumental da norma culta da língua, contra o qual o livro se posiciona abertamente. Assim, esse “**instrumento didático**” que conta com o endosso do MEC, se algum efeito tiver, será no sentido de piorar a vida do estudante; na melhor das hipóteses, contribui para mantê-lo na ignorância.

.....
Leiam. Raramente vi uma vigarice intelectual em estado tão puro.

O que vai acima é só uma conversa mole descrevendo por que, para usar a linguagem técnica, o “emissor” conseguiu transmitir uma “mensagem” efi-

ciente. Ocorre que o fenômeno da comunicação e, por conseqüência, da cultura vai, e tem de ir, muito além da simples eficiência.

.....

Uma coisa é explicar por que uma mensagem fora do padrão formal da língua funciona; outra, diferente, é atestar a sua validade como uma variante da língua. Não dá! Português não é inglês, por exemplo. Na nossa língua, os adjetivos têm flexão de gênero e número, e os verbos, de número.

.....

O neoesquerdismo do miolo mole, na sua fase de apologia do pobrismo, desistiu dessa bobagem. Esses vigaristas intelectuais estão certos de que o povo desenvolveu valores que lhe são próprios, que o distinguem da chamada “cultura da elite”. E deve ser respeitado por isso. A chegada do Apedeuta ao poder, com a sua compulsão de fazer a apologia da ignorância, parece dar razão prática a essa estupidez. Até parece que a complexa equação econômica em que se meteu o petismo, tendo de conservar os fundamentos do governo anterior, foi comandada por prosélitos do analfabetismo. Não foi! Ao contrário! Quem cuidou da operação foram pessoas com sólida formação intelectual.

Dona Heloísa, uma deslumbrada com o “povo”, não sabe quão reacionária está sendo; não tem idéia do autoritarismo que está na base de sua teoria. Não quero usar o exemplo pessoal.

Ouvido, o MEC defendeu a adoção da obra como um dos livros de referência. Alguém aí se surpreendeu? Para encerrar: tentamos saber por que a nossa escola é tão ruim. A vertente esquerdopata-sindical vai acusar a falta de recursos e os baixos salários dos professores. Não ganham bem, mas, dada a realidade brasileira, também não ganham tão pouco. Não importa! Dêem um salário milionário à categoria, e não sairemos do pântano enquanto valores como o que orientam a estupidez acima forem influentes. Um dos fatores que conduziram o ensino brasileiro ao desastre que aí está foi a substituição do conteúdo pelo proselitismo, trabalho conduzido pelas esquerdas “sindicalentas” da educação.

.....

Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/>. Acesso em: 14 nov. 2011.

A propósito, Reinaldo, a sua matéria é excelente. É isso mesmo o que se depreende do que foi divulgado. Em minha opinião, **dizer ao aluno que “nós é’ não é errado”, é um absurdo. Se fosse outro erro, ex.: dizer “a gente**

tá indo na festa do João”, seria mais compreensível, mas aceitar erro de concordância e tratá-lo como apenas como variação linguística...

Krystal – 21/5/2011 às 16:45

.....
Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/>. Acesso em: 14 nov. 2011.

Quando meu filho fala errado, sempre o corrijo e e pergunto : foi isto que aprendeu na escola? logicamente ele responde que não. **Quando ele falar “nós pega o peixe” como vou corrigi-lo ?** Em casa é uma peleja para ensiná-los, o hábito de falar certo, e agora vem essa turma de “sabidos” desmanchando o esforço de muitos professores e pais? quando meu filho disser : **nós fez um trabalho de arte na escola, hoje. mas que arte srá essa ?** so poderá ser a arte de “errar ´´ para apresentá-la ao vestibular lá na frente, e representar a educação das escolasbrasileiras (porque essa infelizconcordância política , em breve vai correr o mundo)...

Livy – 23/5/2011 às 13:12

.....
Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/>. Acesso em: 14 nov. 2011.

Esses erros que ela está aceitando como corretos, são fruto de falta de estudo, falta de conhecimento, falta de dinheiro e falta de entendimento. Não são uma transformação da língua e sim uma diminuição.

Se fossem transformações por excesso de cultura, por excesso de mistura, por excesso de trocas culturais seria lindo, mas não são.

Daqui a pouco vão querer diminuir o número de leis da física para facilitar o entendimento.

Ale Straub - 16/5/2011 às 0:37

.....
Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/>. Acesso em: 14 nov. 2011.

Os excertos apresentados são apenas exemplos do modo como o tema foi tratado nos principais meios de comunicação brasileiros. A visão de grande

parte da sociedade, incluindo nela os formadores de opinião do país, em relação aos fenômenos variáveis do português brasileiro ainda gira em torno da noção de que a variedade popular é uma deturpação da língua portuguesa prescrita pelas gramáticas normativas, deturpação essa que se torna mais visível (ou audível) para os fenômenos de natureza morfossintática, principalmente a CV, ponto fundamental de toda a discussão.

Não há a intenção, neste momento, de elaborar ampla discussão com base nos excertos apresentados, já que o objetivo aqui era demonstrar o nível de preconceito em torno da variante estigmatizada que, no fenômeno variável da CV, é a ausência de marcas de plural nos verbos. Contudo, um dos comentários é particularmente interessante, por sugerir que, entre outras variantes não padrão de fenômenos variáveis do português (como o emprego do pronome *a gente*, o uso da forma verbal reduzida *tá* e o emprego da preposição *em*, na oração *a gente tá indo na festa do João*), a ausência de marcas de 1PP (*nós é*) é considerada a mais absurda e “errada”.

Em minha opinião, dizer ao aluno que “*nós é* não é errado”, é um absurdo. Se fosse outro erro, ex.: dizer “*a gente tá indo na festa do João*”, seria mais compreensível, mas aceitar erro de concordância e tratá-lo como apenas como variação linguística...

Krystal - 21/5/2011 às 16:45

.....
 Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/>. Acesso em: 14 nov. 2011.

2.1.2 A teoria da mudança

A análise sociolinguística orienta-se para a busca de variações sistemáticas, inerentes tanto ao objeto de estudo quanto à comunidade de fala, ou seja, a variação não é caótica e pode ser analisada e sistematizada (Tarallo, 1991).

Na proposta de Weinreich, Labov e Herzog (2006), é clara a concepção de língua como sistema heterogêneo e ordenado, condição *sine qua non* para o estudo da mudança linguística. Atribui-se à variação um caráter sistêmico e controlado, e cabe ao pesquisador entender, descrever e expli-

car essa sistematicidade, depreendendo os padrões que a governam. A ideia da variação como caótica, aleatória e desprovida de qualquer regularidade significativa e interessante decorre, geralmente, do desconhecimento das “regras da língua”; não as impostas pela norma gramatical, mas as que regem o uso real desse instrumento de comunicação empregado em situações concretas (Paiva; Duarte, 2006, p.133-4).

Conquanto o reconhecimento da mudança linguística preceda o advento da sociolinguística, é somente após o seu surgimento que se inicia a compreensão dos estágios intermediários entre o momento anterior e posterior a essa mudança e a captação de sua instalação gradativa e contínua, ou mesmo a concorrência e co-ocorrência das variantes num mesmo recorte do tempo, as quais passam a ser sistematicamente observadas.

A mudança, para Weinreich, Labov e Herzog (2006), é apenas uma fase sincrônica da variação e, assim, apenas com a ligação entre os eixos sincrônico e diacrônico é possível compreender os processos intermediários de variação. O exame da gradualidade de mudanças em curso de implementação e a contextualização social e estrutural poderão fornecer hipóteses que expliquem os estágios intermediários (Paiva; Duarte, 2006, p.139).

A utilização de uma análise pautada na regra variável permite ao analista extrair as regularidades e tendências dos dados e, por meio delas, determinar como a seleção de certas estruturas linguísticas é influenciada pelas configurações específicas de fatores que caracterizam o contexto em que elas ocorrem.

A compreensão dos processos de mudança não é simples, porque a instalação de uma nova variante envolve questões cruciais, como: os fatores condicionantes, a transição, o encaixamento, a implementação e a avaliação, questões inter-relacionadas que irão fornecer uma visão integrada da mudança (Paiva; Duarte, 2006, p.140).

2.1.2.1 Princípios empíricos para a teoria da mudança linguística

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.121-6) organizam uma discussão na qual trazem à luz alguns problemas que deverão ser resolvidos para a realização de uma pesquisa que se proponha dentro de uma teoria de mudança. Na medida do possível, serão feitas breves discussões sobre os fenômenos variáveis abarcados nesta pesquisa, relacionando-os aos problemas propostos pela teoria da mudança linguística.

2.1.2.1.1 O problema dos fatores condicionantes

É preciso, para uma teoria da mudança, determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança. Nota-se que nem sempre todos os fatores linguísticos e sociais são observados em um estudo. É necessário ao pesquisador procurar abarcar todos os condicionantes possíveis para as mudanças no sistema (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p.121).

Relativamente a esse problema, no tocante à CV e à AP, devem ser elencados tanto fatores sociais quanto linguísticos, que possam favorecer ou desfavorecer dada variante no processo de variação e mudança. Embora alguns fatores já tenham sido atestados como relevantes para determinação do fenômeno em trabalhos anteriores, é necessária a confirmação de sua influência para as comunidades-alvo desta pesquisa. Outros fatores, ainda que não sejam comumente pesquisados, devem ser considerados com o intuito de verificar se exercem ou não influência sobre os fenômenos. É importante ter em vista que as comunidades são socialmente diferenciadas e, assim, podem passar por variações marcantes de comportamento, bem como reagir de modo diferente diante de um mesmo contexto variável. Por meio da investigação dos contextos variáveis que influenciam a CV e a AP nas variedades em questão, é possível estabelecer contrastes e confrontos entre essas variedades (objetivo principal desta pesquisa) e, ainda, delas com outras variedades.

2.1.2.1.2 O problema da transição

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.122), a teoria da mudança linguística pode aprender mais com os dialetos chamados *transicionais* do que com os dialetos nucleares. Deve-se considerar todo dialeto como transicional; não há como distinguir uma mudança intradialetal e uma mistura de dialetos. Ao considerarem subsistemas como arcaico/inovador, uma teoria de língua pode observar a mudança linguística enquanto ela ocorre, apreendendo mudanças que estavam perdidas no passado. A mudança se dá: (i) à medida que um falante assimila uma forma alternativa; (ii) durante o tempo em que as duas formas coexistem na competência de um falante; e (iii) quando uma das formas se torna obsoleta. Em verdade, cabe ao pesquisador detectar os momentos intervenientes entre dois estágios distintos da língua, para verificar em que pontos as variações estão ocorrendo.

Para a CV e para a AP, a estratificação dos informantes de acordo com suas características sociais propicia meios para a verificação de perfis que possam ser precursores das mudanças linguísticas em cada comunidade, ou mesmo se se trata apenas de uma variação estável. Ao considerar, por exemplo, o fator *escolaridade*, sabe-se de antemão que, à medida que o falante trava maior contato com o ambiente escolar, adquire também um contato maior com a variante *padrão*, que, para o fenômeno variável da CV, seria a aplicação de marcas de plural nos verbos e, para o fenômeno da AP aqui considerado, seria o uso do pronome *nós*, ou seja, no caso da atuação da variável social *grau de escolarização*, seria esperado que falantes com níveis de escolaridade mais altos tendessem a aplicar com maior frequência a pluralização nos verbos e usassem mais frequentemente a forma pronominal *nós*, por serem essas as variantes prescritas dentro do ambiente escolar, ficando, naturalmente, a cargo de falantes com baixa ou nula escolarização o uso da variante *ausência de marcas de plural nos verbos* e da forma pronominal *a gente*. O fato de uma variante ser a eleita como forma de prestígio pela comunidade de fala e também o fato de ser a mesma variante prescrita no ambiente escolar não acarretam a consequência de que essa variante se sobreponha a outra variante, encerrando o processo de variação. Não é somente a prescrição que irá determinar a implementação de uma variante, mas também a avaliação, por parte da sociedade, dos valores sociais dessa variante.

2.1.2.1.3 O problema do encaixamento

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.122), a mudança linguística necessariamente deve ser concebida como encaixada no sistema linguístico e na matriz social, sem que isso implique, no entanto, concebê-la como um movimento de um sistema inteiro para outro completamente diferente. Ou seja, o que ocorre, em um processo de mudança, é a alteração gradual de um conjunto limitado de variáveis em um sistema. O controle dessa variação pode ser apreendido a partir da competência linguística dos membros da comunidade de fala. Da mesma forma, no desenvolvimento da mudança linguística, a estrutura social pode pesar de forma diferente sobre o sistema linguístico abstrato. A questão do encaixamento, portanto, lidará com o entrelaçamento das mudanças com outras que poderão afetar tanto a estrutura linguística quanto a estrutura social.

No fenômeno variável da CV, especificamente, a redução no paradigma da conjugação verbal acarreta alterações em outro subsistema da língua, como na estrutura oracional, levando a um maior preenchimento da posição de sujeito, nos casos em que há o emprego do verbo no singular, semelhantemente ao que ocorre em outras línguas, como veremos mais adiante. Contribui também para a redução desse paradigma verbal a implementação da forma pronominal *a gente*, que com maior frequência se vincula às formas verbais de terceira pessoa do singular.

O encaixamento na matriz social pode ser verificado a partir do momento em que a variação se estende para diferentes segmentos sociais, fazendo com que a mudança seja instaurada de forma gradativa. De modo geral, a variação se inicia nas gerações de falantes mais jovens, as quais progressivamente vão sucedendo as de maior idade. É evidente que deverá haver um conjunto de fatores favoráveis à variante inovadora para que ela se implemente na comunidade, principalmente a não recusa dessa variante por parte de determinados estratos sociais, como os mais escolarizados.

Entre os fenômenos investigados, a AP de 1PP talvez seja o que mais apresente sinais de encaixamento na matriz social, visto ter se mostrado em outras comunidades como fenômeno presente em todos os segmentos sociais, o que significa um grande passo para o processo de implementação ou aceitação. Cabe aos estudiosos investigar se, para as variedades consideradas, esse fenômeno ou os fenômenos variáveis de CV se encontram inseridos nos diversos segmentos sociais, indiciando processo de mudança.

2.1.2.1.4 O problema da avaliação

É necessário que a teoria da mudança linguística estabeleça empiricamente o nível de consciência social dos falantes em relação às variáveis linguísticas. A imposição do processo contínuo de mudança vai depender diretamente dos correlatos subjetivos e das avaliações dos falantes. A mudança, provavelmente, irá gerar efeitos sobre a estrutura e o uso da língua. Estratos sociais diferentes reagem de forma diferente às mudanças ocorridas no sistema (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p.124).

Relativamente a esse problema, em Rubio (2007), confirmamos, para falantes do interior paulista, que informantes do sexo/gênero feminino, assim como os informantes de grau de escolaridade mais elevado, atribuem

status diferentes para a CV de 1PP e de 3PP, pois apresentam índices maiores de concordância para primeira pessoa do que para terceira pessoa. Isso demonstra que, na comunidade pesquisada, a não aplicação da regra para a 1PP é mais estigmatizada socialmente do que a não aplicação da regra para a 3PP, o que faz com que falantes mais sensíveis ao significado social da fala (mulheres e indivíduos com maior grau de escolaridade) busquem se adequar mais à norma. Concernente à AP, a frequência de uso de uma ou outra forma e a observação do comportamento de falantes de diferentes gêneros, escolaridades e idades, em relação a essa frequência, revelarão a avaliação que os diversos estratos sociais das comunidades investigadas fazem das formas variantes e, diante disso, a possibilidade de preponderância de uma dessas variantes em momento futuro. Para esses fenômenos variáveis, pode-se considerar, de maneira geral, haver maior estigma em torno dos casos de concordância (verbal e nominal) do que dos de AP, como se tentou mostrar anteriormente por meio da opinião de usuários da língua portuguesa sobre a polêmica do livro didático, uma das quais é reproduzida novamente a seguir.

Em minha opinião, dizer ao aluno que “nós é’ não é errado”, é um absurdo. Se fosse outro erro, ex.: dizer “a gente tá indo na festa do João”, seria mais compreensível, mas aceitar erro de concordância e tratá-lo como apenas como variação linguística...

Krystal - 21/05/2011 às 16:45

[grifos nossos]

.....
 Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/livro-didatico-faz-a-apologia-do-erro-exponho-a-essencia-da-picaretagem-teorica-e-da-malvadeza-dessa-gente/>. Acesso em: 14 nov. 2011.

Embora, na composição do *corpus*, não tenha sido feito controle para a medição da avaliação social do falante em relação à sua fala e à fala dos demais membros da comunidade, recorreu-se às características sociais normalmente associadas às formas de prestígio e, do mesmo modo, às características mais associadas às variantes desprestigiadas na comunidade, conforme aponta a literatura sociolinguística, como maneira de apreender o *status* social das formas variantes.

2.1.2.1.5 O problema da implementação

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.124), o processo de mudança envolve estímulos e restrições tanto da estrutura social quanto da estrutura da língua. O início de uma mudança linguística se dá quando traços característicos da variação na fala se difundem em um subgrupo específico da comunidade de fala. Esses traços linguísticos assumem uma significação social, ou seja, assumem os valores sociais agregados àquele grupo. Com a inserção de novos membros ao grupo, as mudanças secundárias tornam-se primárias. A etapa subsequente é a elevação no nível de consciência social daquela mudança e o estabelecimento de um estereótipo. A última etapa é a perda da significação das alternâncias envolvidas e da seleção de uma das alternativas como uma constante. O que o pesquisador buscará saber são as razões possíveis para as mudanças ocorrerem em certa língua em uma dada época. Há uma forte relação entre a avaliação que os falantes fazem da variação ocorrida e a implementação dessa mudança.

No caso da CV, alguns fatores avaliativos atuam no desfavorecimento da implementação da forma não padrão na comunidade. Esses fatores estão associados à imposição da norma, por parte de alguns estratos sociais. Por outro lado, há uma “forte pressão” dos segmentos sociais que não têm acesso à norma para a implementação da forma desprestigiada, que é considerada, do ponto de vista linguístico, mais “enxuta”, mais econômica, justamente por sugerir uma redução no paradigma verbal de quatro para duas possibilidades.² Além disso, a depender do contexto linguístico variável, há possibilidade de a mudança atingir um caso de CV como contextos de passiva sintética (Scherre, 2005) e de posposição do sujeito em relação ao verbo, porque é menos perceptível e menos estigmatizado socialmente, deixando de fazê-lo em outros. A tendência pode ser também de que haja, nas comunidades, uma variação estável, em que as variantes permaneçam em concorrência devido aos fatores citados.

Há a possibilidade, em se tratando de comunidades distintas, com diferentes avaliações para os fenômenos investigados, de que a implementação de uma das variantes ocorra numa das comunidades e noutra não, porque

² Confronte, a esse respeito, o paradigma flexional dos verbos, para o português brasileiro padrão (*eu vou, você/a gente/ele vai, nós vamos, vocês/eles vão*) e para o português brasileiro popular (*eu vou, você/a gente/ele/nós/vocês/eles vai*).

diferentes são as avaliações a respeito dessas variantes e a formação sócio-histórica dessas comunidades.

Essas diferentes avaliações das comunidades para cada um dos fenômenos investigados podem também levar à implementação de uma variante não padrão, referente a um fenômeno, em uma das comunidades, e à implementação de outra variante não padrão, relativa a outro fenômeno, em uma segunda comunidade. Em outras palavras, há possibilidade de que haja a implementação da variante *ausência de desinência de plural em 3PP* para a comunidade do interior paulista e de que haja a implementação da variante *presença da marca de 1PP* junto à forma pronominal *a gente* no português europeu, a depender, obviamente, da avaliação dessas comunidades em relação a essas variantes não padrão.

2.1.2.2 Alguns princípios gerais para o estudo da mudança linguística

Conforme salientam Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.126), algumas considerações devem ser feitas para o estudo das mudanças linguísticas. É preciso ter claro que a mudança linguística não deve ser considerada como uma deriva aleatória, mas, sim, como a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala, que irá assumir o caráter de uma diferenciação ordenada. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos por meio das regras que governam a variação na comunidade de fala.

Ainda que haja constante variação numa língua, nem toda variabilidade e nem toda heterogeneidade implicam mudança, porém toda mudança implica necessariamente variação e heterogeneidade. Em caso de mudança linguística, não há uma generalização imediata, mas um processo de variação temporal e espacial.

Considere o que afirma Teissier (1982, p.79) a respeito da variação linguística em comunidades brasileiras de fala:

A realidade, porém, é que as divisões dialetais no “Brasil” são menos geográficas que sócio-culturais. As diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra.

Não há mudança linguística confinada a etapas discretas dentro de uma única família, pois ela é transmitida por toda a comunidade.

Não se devem desprezar nem fatores linguísticos nem fatores sociais, pois eles estão totalmente inter-relacionados no âmbito de uma mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importam quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

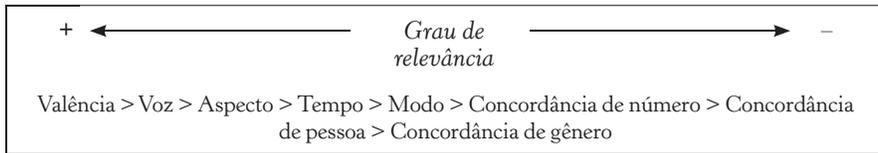
2.2 A concordância verbal e o princípio da relevância: observações translinguísticas

Bybee (1985) aponta que a contribuição de um elemento significativo na modificação do conteúdo significativo de outro elemento pode variar de acordo com o conteúdo semântico do primeiro em relação ao segundo. Assim, podem-se atribuir diferentes graus de relevância para categorias que afetam uma base lexical. Por exemplo, na modificação do radical de um verbo, a categoria *aspecto* é muito mais relevante do que a de concordância número-pessoal, já que a primeira descreve a temporalidade interna do estado de coisas codificado pelo próprio verbo, enquanto a segunda apenas se refere ao(s) argumento(s) verbal(is). Em outras palavras, categorias de concordância não se referem à situação descrita pelo verbo em si, mas, sim, aos participantes envolvidos na situação.

Relativamente às categorias que podem afetar uma base verbal (valência, voz, aspecto, tempo, modo e concordância), os estudos tipológicos de Bybee (1985), envolvendo cinquenta línguas, demonstram que a grande maioria delas (72%) traz expressa na base verbal a categoria *aspecto*, ao passo que a CV de número e pessoa ocorre em menor número de línguas (56%). Diante desses resultados, é possível chegar a uma escala, em que as categorias modificadoras da base verbal são dispostas de acordo com o seu grau de relevância, como mostrado no Quadro 2.1.

De acordo com essa escala hierárquica, iconicamente, categorias que ocupam a posição mais à esquerda contribuem mais significativamente para a modificação do conteúdo da base verbal do que as categorias posicionadas mais à direita. É de interesse apontar que, nessa escala, categorias de concordância (número, pessoa e gênero) são as de menor relevância para

Quadro 2.1: Grau de relevância das categorias modificadoras da base verbal



o significado codificado na base verbal. Talvez por figurar, nessa escala hierárquica, como a segunda categoria de menor relevância é que a CV pode constituir-se fenômeno variável, apontando, portanto, para o atendimento a um princípio que é de ordem mais funcional do que formal.

Consoante a escala hierárquica dada, ao considerar as possibilidades de apagamento de marcas categoriais de verbos em português brasileiro, observa-se que a escala se implementa de modo completo, pois a ordem das marcas flexionais – marca de modo-tempo e, em seguida, de número-pessoa (como em *canta+_va+_m*) – revela que é a categoria mais distante do radical que experimenta os efeitos da variação, porque menos significativa na modificação do conteúdo do radical. Embora essa mesma escala não se aplique aos nomes/adjetivos, regra semelhante se aplica à concordância nominal, em que é a marca de número, a mais distante do radical, que pode ou não ser apagada (como em *menin+_a+_s*, *bonit+_a+_s*), e nunca a de gênero.

Ao lado desse princípio de relevância para os morfemas modificadores de base verbal, a redundância no emprego das regras de concordância em contextos oracionais é outro ponto destacado por Bybee (1985). Em algumas línguas, a CV é exigida, ainda que o número seja expresso pelo SN-sujeito. Entretanto, há línguas, como o kwakuitl (Boas apud Bybee, 1985), que dispensam a marcação de plural no verbo se o SN ou outro quantificador evidenciar a marcação de número plural do sujeito. Para Boas, a redundância seria um dos fatores determinantes da não marcação de plural nas formas verbais, evidência que se estende para línguas que não a fazem, mesmo tendo como regra a CV determinada pela forma plural do sujeito.

A exemplo dessa regra operante no kwakuitl, algumas outras línguas, mesmo em sua variedade considerada padrão, apresentam características de eliminação das marcas de concordância de número com a pessoa gramatical do sujeito, em contextos específicos. No francês, por exemplo, embora na escrita os verbos recebam a marca de concordância de 3PP, oralmente, na

linguagem padrão, não há distinção entre a forma singular e a forma plural, já que a pronúncia das duas formas é exatamente a mesma para grande parte dos verbos.³ Esse apagamento da marcação de plural se estende também à concordância nominal de número, em que, na linguagem oral, o morfema <-s> característico do plural é apagado em inúmeros contextos. Conforme já discutido, como reflexo do encaixamento de uma mudança no sistema linguístico e na matriz social (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p.122), esse aspecto típico da oralidade mostra seus efeitos na estrutura frasal da língua francesa, hoje caracterizada pelo preenchimento obrigatório da posição do sujeito. Fato semelhante ocorre na maioria das línguas de preenchimento obrigatório da posição de sujeito, como é o caso do inglês, cujas formas de passado e de futuro dos verbos não apresentam mais nenhuma distinção em relação à marcação de pessoa e número gramatical do sujeito, em decorrência de um “enfraquecimento” da morfologia de concordância.

Para o italiano, ainda que não haja registros de variação no dialeto-padrão (*standard*), e que o fenômeno de variação na concordância seja veementemente negado até mesmo por falantes nativos, há dialetos da Itália, como o bergamasco, nos quais o fenômeno da CV muito se assemelha ao que ocorre no português brasileiro popular, como mostrado no Quadro 2.2, adaptado de Zanetti (2004).⁴

3 De acordo com Blanche-Benveniste (1999), até o século XV, o <-s> do plural em francês era pronunciado. Atualmente, na língua falada, somente se diferenciam as formas singular e plural pelos determinantes nominais e pelos casos de ligação. Em comunicação pessoal, Maria Angélica Deangeli (professora de língua francesa do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista) relata que, ao manter contato com crianças francesas em processo de aquisição de escrita durante quatro anos, observou a concepção das crianças de que na escrita, assim como na oralidade, não há distinção entre a 3PS e a 3PP, ou seja, em textos escritos pode ocorrer a não marcação do plural, regra que é abandonada somente com o ensino explícito das normas gramaticais da língua escrita.

4 Em consulta feita a falante nativo do italiano (professor de língua italiana também no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista), foi-nos informado que não há, em qualquer parte do país, variação na CV. Quaisquer casos de não marcação de plural seriam considerados “erros”, reservados apenas a estrangeiros, desconhecidos da língua italiana (Babini, 2007, comunicação pessoal). Porém Renzi e Salvi (1991) registram que, em alguns dialetos italianos, a marcação de plural nos verbos pode não possuir as mesmas características do italiano *standard* (padrão), sendo possível a não marcação de plural, fato confirmado por outros consulentes especialistas da língua (Ortale, 2007, comunicação pessoal).

Quadro 2.2: Paradigma de conjugação verbal do bergamasco (província de Bérghamo)

Verbo regular <i>maià</i> (mangiare)				
	PRESENTE	PASSATO	FUTURO	CONDICIONAL
<i>me</i>	Màe	Maiàe	Maierò	Maierès
<i>te</i>	to màe	to maiàet	to maierèt	to maierèset
<i>lu</i> <i>lé</i>	al màia la màia	al maiàa la maiàa	al maierà la maierà	al maierès la maierès
<i>nóter</i>	an màia	an maiàa	an maierà	an maierès
<i>óter</i>	maif	maiàef	Maierif	Maierèsef
<i>lur</i>	i màia	i maiàa	i maierà	i maierès

O paradigma verbal no italiano *standard*, como no português-padrão, possui seis posições, com formas verbais diferentes para cada pessoa. Para o dialeto bergamasco, entretanto, semelhantemente a algumas variedades do português não padrão, há uma redução no número de formas verbais. Em bergamasco, há uma forma para a primeira pessoa do singular (1PS) e segunda pessoa do singular (2PS) (*mè màe* / *te to màe*), uma forma para a segunda pessoa do plural (2PP) (*óter maif*) e uma terceira forma que serve tanto para a terceira pessoa do singular (3PS) quanto para a 1PP e 3PP (*lu al màia* / *lé la màia* / *nóter an màia* / *lur i màia*); no português popular, há uma forma para a 1PS (*eu como*) e outra forma para as demais pessoas (*ocê, ele, ela, a gente, nós, vocês, eles come*).

Pelo Quadro 2.2, observa-se então que não há marca distintiva na forma verbal de 3PS e de 3PP, em qualquer tempo e modo. A distinção é feita somente por recurso ao próprio pronome pessoal (*lu/lé* e *lur*), acompanhado de marca de clítico de sujeito, *al* e *la* para 3PS, e *i* para 3PP. No italiano *standard*, como no português-padrão, pode haver o apagamento do sujeito, o que justifica o uso do clítico antes do verbo (no caso do bergamasco), com o fim de evitar ambiguidade entre as pessoas verbais, em casos de sujeito nulo. É interessante destacar que a colocação do clítico antes do verbo somente é feita nos casos em que formas verbais de diferentes pessoas convergem para uma única.

Essas observações translinguísticas têm levado inúmeros linguistas brasileiros a apontar uma mudança paramétrica em curso no português brasileiro, qual seja, de língua *não drop* para língua *pro-drop*, caracterizando-se como uma língua de preenchimento obrigatório da posição de sujeito. Essa

mudança se deve, sobretudo, às alterações no paradigma pronominal e ao enfraquecimento da morfologia de concordância de número e/ou de pessoa (Duarte, 1993; Galves, 1993).⁵

Segundo Mattos e Silva (2006), a expansão de *ocê* e de *a gente* como pronomes pessoais e a redução do uso de *tu* e de *vós* fazem com que a marca de 3PS se generalize, reduzindo o paradigma de conjugação verbal para quatro ou três posições, mesmo na variedade culta, ou para duas posições, na variedade coloquial, o que leva o sujeito pronominal a se tornar necessário.⁶ Essa necessidade tornaria o português brasileiro uma língua *não drop*, semelhante às línguas inglesa e francesa, diferentemente do português europeu, em que as reduções não ocorrem e, dessa forma, é mantido o padrão *pro-drop*.

No âmbito da Sociolinguística, já está mais do que provado que, mesmo fora dos contextos variáveis admitidos pela tradição gramatical, a CV constitui um caso de variação do português brasileiro falado, que também atinge, em certa medida, a modalidade escrita da língua (Scherre, 2005).

Um entendimento da CV variável e da AP, quer para modalidade escrita quer para a falada, só se completa com o detalhamento dos fenômenos em variação e dos fatores correlacionados à sua aplicação, que é o que passamos a apresentar a seguir, no item 2.3.

Não obstante a atenção maior recaia sobre os fenômenos variáveis de CV e AP presentes na língua falada no interior paulista e em Portugal, será elaborada uma breve apresentação dos principais fenômenos relacionados à CV e ao uso de pronomes pessoais em função de sujeito evidenciados também em outras variedades do português brasileiro, com o intuito de proporcionar, ao final da explanação, um panorama da variação de CV e de AP no Brasil e em Portugal.

5 No âmbito do Modelo de Princípios e Parâmetros da Teoria de Regência e Ligação (Government and Binding Theory), conhecida como GB (Chomsky, 1981), ao Princípio da Projeção Estendida (preenchimento facultativo da posição de sujeito), associa-se o parâmetro *pro-drop*, propriedade particular das línguas, que se distribuem em [+ *drop*] e [- *pro-drop*].

6 Cf.: eu *falo*, ele/você/a gente *fala*, nós *falamos*, eles/vocês *falam* (quatro posições); eu *falo*, ele/você/a gente *fala*, eles *falam* (três posições) e eu *falo*, ele/você/a gente/eles *fala* (duas posições).

2.3 Fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu

Nas próximas páginas, serão apresentados alguns fenômenos variáveis relacionados às formas pronominais, em especial os que se referem aos pronomes pessoais em posição de sujeito e às formas verbais que os acompanham. Não é intento desta breve exposição dar a conhecer todo o quadro variacionista relacionado à CV e ao emprego de pronomes na língua portuguesa, o que por certo só seria possível se consideradas e investigadas todas as variedades do português europeu e do português brasileiro. Distante desse objetivo deveras pretendo, a proposta deste item é apenas demonstrar que, além da variação na CV de 1PP e 3PP e da AP entre *nós* e *a gente* em posição de sujeito oracional, focos principais desta pesquisa, outros fenômenos variáveis são recorrentes no português brasileiro e no português europeu, embora a eles não se tenha dado a devida atenção nos estudos de natureza sociolinguística até o momento.

2.3.1 Variação na concordância verbal com primeira pessoa do singular

A concordância verbal variável junto a sujeitos de 1PS do discurso é fenômeno pouco observado no português europeu e no português brasileiro, porém, a seguir são apresentados alguns registros de pesquisadores que já observaram essa variação.

Para o português europeu, Naro e Scherre (2007, p.91-5) confirmaram registros de neutralização entre 1PS e 3PS em sete obras que abarcam a dialetologia do português europeu, conforme reproduzido a seguir:

ERICEIRA – sudoeste de Portugal: comunidade de pescadores, a 42 km de Lisboa, a 11 de Mafra e a 22 de Sintra

[...] *A 3ª pessoa do singular é empregue, por vezes, pela 1ª pessoa: <<Eu onte foi a Malhada; <<Eu na quinta-feira apanhou 2 kilos de pólvres>>*

(Alves, 1993, p.190 apud Naro; Scherre, 2007, p.91)

AZOIA – sudoeste de Portugal: povoação próxima do Cabo da Roca, integrada na freguesia de Colares, concelho de Sintra, distrito de Lisboa e província de Estremadura.

[...] *Tendência para o uso da terceira pessoa, mesmo referindo a ação ao sujeito falante: ê [eu] esquece-me, passa-me, ê [eu] agora na me recorda, na me lembra*
(Marques, 1968, p.57 apud Naro; Scherre, 2007, p.91)

ODELEITE – sudoeste de Portugal, quase fronteira com a Espanha: aldeia a 14 km do concelho de Castro Marim, pertencente à freguesia de Odeleite, ao concelho de Castro Marim, à comarca de Vila Real de Santo António e ao distrito de Faro.

[...] *Os verbos esquecer-se e lembrar-se quando com sujeito da 1ª pessoa do singular empregam-se por vezes na 3ª pessoa: << ê [eu] também já não me lembra...>> Do bendito Lôvado nã m' há-de esquecer>> [...]*
(Cruz, 1991, p.170 apud Naro; Scherre, 2007, p.91)

GERMIL – norte de Portugal: aldeia do distrito de Viana de Castelo e diocese de Braga, depois de Porto, perto de Viana do Castelo.

1ª e 3ª pessoas do singular.

[...] *No Pretérito Perfeito do Indicativo é frequente o emprego da 3ª pela 1ª pessoa do singular, em verbos como: ser, ter, fazer, pôr*

eu foi – por eu fui

eu esteve – por eu estive

eu fez – por eu fîz

eu pôs – por eu pus

O fenómeno inverso é mais raro, mas ainda se registra com certa regularidade no verbo ser

Ele fui – por ele foi [...]

(Peixoto, 1968, p.133 apud Naro; Scherre, 2007, p.92)

FAFE – norte de Portugal: comunidade de lavradores, habitantes do norte do concelho (Várzea Cova, Moreira do Rei, Ribeiros e Estorãos), perto de Braga.

[...] *A primeira pessoa do singular do pretérito dos verbos ser, estar, ter, fazer, pôr e comer é igual à terceira pessoa do mesmo tempo e número: foi, istêbe, têbe, fez, pôs, comeu.*

Em Ribeiros: eu istêbe, ele istibe, eu foi, ele fui, eu fez, ele fîz.

(Silva Pereira, 1951, p.153 apud Naro; Scherre, 2007, p.92)

FAIA – centro-norte de Portugal: povoado do concelho de Sernacelhe, distrito de Viseu, diocese de Lamego.

[...] a 1ª e 3ª pessoa do singular dos verbos *ser* e *ir*, confundem-se frequentemente: *eu foi, ele fui*

(Moura, 1960, p.147 apud Naro; Scherre, 2007, p.92)

LISBOA – sudoeste de Portugal: dados colhidos da fala de pessoas simples e analfabetas de bairros pobres de Lisboa (Currealeira, perto do Alto de São João, Alfama, Castelo, bairro Alto, Casal Ventoso, doca do Cais do Sodré e outros.

III – Verbos [...]

a) – Formas de primeira pessoa do singular do pret. perf. Simples em que se não deu metafonía:

Eu foi [...]

Eu pôs [...]

Eu pôde [...]

Eu fez [...]

Eu teve

(Mira, 1954, p.114 apud Naro; Scherre, 2007, p.93)

Estudos recentes registram também a variação de CV junto à 1PS do discurso no português brasileiro, embora seja fenômeno pouco comum e restrito somente a determinadas comunidades.

Na comunidade afro-brasileira de Helvécia, no estado da Bahia, Lucchesi, Baxter e Silva (2009) observaram uso considerável de formas verbais de 3PS (*eu fala / eu falou*) junto de sujeitos em 1PS (frequência de 18%), em oposição à aplicação de verbos em 1PS (*eu falo / eu falei*) (frequência de 82%).

Lopes e Naro (2011), em estudo preliminar, observaram que falantes de Cuiabá, no estado do Mato Grosso, também podem apresentar junto da forma pronominal de 1PS (*eu*) formas verbais de 3PS, em variação com formas verbais de 1PS, aos moldes da que ocorre no estado da Bahia e no português europeu.⁷

7 O mencionado estudo foi apresentado oralmente no 15º Congresso Nacional de Linguística e Filologia, do Círculo de Estudos Linguísticos e Filológicos do Rio de Janeiro, realizado em agosto de 2011. Até o momento, tivemos contato somente com o resumo expandido. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/resumos/cvconcordancia_variavel_de_primeira_QUEZIA_ANTHONY.pdf. Acesso em: 22 de nov. de 2011.

2.3.2 Fenômenos variáveis relacionados à segunda pessoa do singular

A variação na concordância verbal de 2PS do discurso, diferentemente da CV de 1PS, é um fenômeno com maior dimensão, observado em diversas variedades do português brasileiro, como apresentado resumidamente a seguir.

É possível observar variedades que apresentam o uso do *tu* como pronome pessoal sujeito e variedades que apresentam a forma *você* como opção de sujeito pronominal de 2PS, o que faz com que haja o uso alternante em algumas comunidades linguísticas do português europeu e do português brasileiro.

Loregian (1996), em estudo realizado na região Sul, observou diferentes comportamentos em relação à CV de 2PS para falantes de Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha. A pesquisadora verificou, na alternância entre formas verbais de 2PS e de 3PS com o pronome *tu*, que falantes porto-alegrenses apresentam grande tendência ao uso das formas de terceira pessoa (96%), enquanto as outras comunidades tiveram certo equilíbrio em relação à variação, mesmo que apresentassem resultados relativamente diferentes (Ribeirão da Ilha, 43% de uso de 3PS, e Florianópolis, 60% de uso de 3PS).

Paredes Silva (1996), em pesquisa empreendida sobre o uso alternante das formas pronominais de 2PS no Rio de Janeiro, observou um percentual de 64% de frequência de uso do *tu*, em oposição à forma concorrente *você*, que apresentou frequência de uso de 36%. Segundo a autora, é possível notar a volta do pronome *tu* no dialeto carioca, que ocorre categoricamente com verbos em 3PS.

Resultados de pesquisa realizada em Lages, Blumenau e Chapecó, localidades do estado de Santa Catarina, revelaram nas amostras a predominância do pronome de 2PS *você* sobre o pronome *tu*, com frequência de uso de 74% para aquele e 26% para este (Hausen, 2000). Considerando separadamente cada uma das cidades pesquisadas, é possível notar que em Chapecó, município que se localiza a oeste do estado, há um equilíbrio no uso de um e outro pronomes, o que não ocorre nas cidades a leste do estado (Lages e Blumenau), as quais ratificam a tendência ao uso do pronome *você* em lugar de *tu*, evidenciada também na amostra conjunta.

Orlandi (P. S., 2004), ao investigar a fala da cidade de Tubarão, no estado de Santa Catarina, comprovou a predominância da forma *tu* sobre a forma *você*, com um percentual de uso de 73%. Desse total, apenas 7% das ocorrências apresentavam formas verbais com morfema de 2PS.

Em estudo realizado na variedade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, Amaral (2003) verificou que a utilização do pronome *você* é quase nula (apenas duas ocorrências, num total de mais de 2.100), prevalecendo o uso do pronome *tu* com formas verbais de 3PS (93% das ocorrências). Amaral observou também que o percentual de uso de marcas de 2PS aumenta à medida que o falante apresenta maior nível de escolaridade, o que reforça a influência do ambiente escolar na implementação da variante padrão. A elevação do percentual de uso do morfema de 2PS foi observada também nas amostras do gênero feminino, fato já atestado em outros estudos linguísticos e justificado pela consideração de que as mulheres, juntamente com falantes de níveis de escolaridade elevados, apresentam maior sensibilidade ao *status* social das variantes linguísticas.

Modesto (2006, p.114-5), em estudo da alternância *tu* e *você* na cidade de Santos, estado de São Paulo, confirmou que, dentre outros fatores, o grau de monitoramento pode influenciar o emprego dos pronomes pessoais de 2PS. Para contexto de menor monitoramento, houve a preferência do emprego do pronome *tu* e, para situações de maior monitoramento, houve predominância do *você*. A observação do fator social *escolaridade* confirmou também o aumento de frequência de emprego da forma *você* diretamente proporcional ao aumento da escolaridade.

Dias (2007) ressalta que a diferença entre os pronomes *tu* e *você* no português europeu e no português brasileiro não se dá somente em termos percentuais, pois, enquanto no Brasil houve uma generalização no uso da forma *você*, o uso do pronome em Portugal é mais restrito, podendo, em algumas regiões, possuir sentido pejorativo. Os resultados exibidos pela pesquisadora para a língua falada em Brasília, no Distrito Federal, demonstram que a forma *tu*, naquela comunidade, vem gradativamente ganhando espaço (sempre empregado com verbos em 3PS), pois quase 50% dos falantes apresentaram seu emprego, além de haver maior uso entre os falantes mais jovens.

2.3.3 Variação na concordância verbal com terceira pessoa do singular

Considerando a 3PS, é possível verificar a ocorrência de variação entre o uso de formas verbais de 3PS e de 3PP nos chamados casos de concordância semântica, nos quais o núcleo do sujeito tem significado coletivo (*povo, multidão, pessoal, grupo, turma*, por exemplo).

As gramáticas normativas aludem ao fenômeno variável como uma “concordância ideológica”. Em Cunha e Cintra (1997, p.602) temos que a *silepse*, figura de sintaxe de efeito expressivo, apresenta coesão significativa, ocasionada pelo contexto geral e pela situação. A concordância, nesse caso, faz-se com o sentido, e não com a forma gramatical das palavras. No caso da *silepse de número*, um substantivo que se encontra no singular pode ser semanticamente considerado como plural, por ser coletivo (*o povo votaram...*).

Mattos (2003), com base nos resultados da pesquisa empreendida em amostras de língua falada em Fortaleza e no Rio de Janeiro, afirma que a variação na CV com sujeitos coletivos se dá, principalmente, em razão de fatores linguísticos como *saliência fônica e tipo de sujeito*, o que minimiza ou elimina o conceito de hipercorreção, comumente apontado pelas gramáticas. Segundo a autora, contextos de maior saliência entre a forma verbal no singular e sua correspondente no plural levariam ao maior emprego da forma plural, como no exemplo a seguir:

que agora tá com dez dia hoje, a minha família ainda não me ESCREVERAM mandando me dizer, escrevi pra ela mandando dizer que tinham encontrado ele morto dentro de uma rede (LFF, p.133, l. 352) (Mattos, 2003, p.58)

Segundo Scherre e Naro (1998b, p.49), a variação ocorre também nas estruturas complexas que se apresentam normalmente com construções em que o núcleo do sujeito é singular (seja ele de natureza quantitativa ou não) seguido de um SPrep de núcleo plural, que ocasiona uma leitura quantitativa, coletiva ou partitiva. De acordo com os pesquisadores, a língua escrita moderna pode apresentar também a variação entre formas verbais de 3PS e de 3PP, em casos em que o núcleo do sujeito não possui sentido quantitativo, estando ele no singular ou no plural. Nesse último caso, o elemento

plural inserido no SPrep contribui para que a forma verbal receba desinência de 3PP, como se vê nos exemplos a seguir:

A programação das grandes emissoras REFLETE sua linha de pensamento.

A apresentação das cores em duetos OBEDECEM a uma harmonia que atende a todos os estilos de maquilagem.

Um grupo de artistas ESTAVA sábado à noite no Cine Ricamar.

Um grupo de turistas CHEGAM a uma aldeia de canibais e vão a um restaurante.

(Scherre; Naro, 1998b, p.49)

2.3.4 Fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do plural

No português brasileiro, já está mais do que provado que a CV de 1PP e a de 3PP constituem-se fenômenos variáveis. Normalmente as pesquisas sobre o tema se concentram mais na investigação da 3PP do que na da 1PP.

Grande parte dos trabalhos sobre 1PP se concentra na variação de CV entre o pronome *nós* e a forma verbal a ele relacionada, como encontramos em Bortoni-Ricardo (1985), que trata da fala de migrantes da zona rural na cidade-satélite de Brazlândia (DF); em Assis (1988), que descreve brevemente o sistema de CV do dialeto da Ilha do Desterro (SC); em Rodrigues (A. C. de S., 1987), que estuda o português popular da periferia de São Paulo, incluindo também a 3PP; em Camacho (1993), que investiga aspectos funcionais e estruturais da CV no português culto registrado nas amostras do Projeto Norma Urbana Culta (Nurc) de São Paulo; em Zilles, Maya e Silva (2000), que abordam a CV em Panambi e Porto Alegre (RS); e em Lucchesi, Baxter e Silva (2009), que pesquisam amostras do dialeto de Helvécia (BA).⁸

A alternância entre *nós* e *a gente* também já foi atestada no português brasileiro por diversos autores, entre os quais destacamos Omena (1986, 1996, 2003), para o dialeto carioca; Lopes (1998, 1999), para a fala culta do Rio de Janeiro, de Porto Alegre e Salvador; e Zilles (2004, 2005, 2007), que

⁸ No Capítulo 4, de análise dos resultados, será apresentado um quadro de resultados gerais dos estudos de outros autores e variedades para os fenômenos investigados neste trabalho.

tratou da gramaticalização e da avaliação social da forma *a gente* na fala e na escrita de diferentes variedades do território brasileiro.

A concordância com a forma pronominal *a gente*, apesar de pouco investigada, já se revela fenômeno variável, segundo estudo qualitativo de Costa, Moura e Pereira (2001), na comparação entre português brasileiro e europeu, e de Pereira (S. M. de B., 2003), sobre concordância nominal entre predicativos e *a gente* em posição de sujeito.

A análise conjunta da variação na concordância de 1PP e da alternância entre as formas *nós* e *a gente* foi proposta nos trabalhos de Naro, Görski e Fernandes (1999), de Vianna (2006), ambos em amostras de fala do Rio de Janeiro, e de Coelho (R. F., 2006), para a língua falada na periferia paulistana. O primeiro estudo tratou do uso variável da flexão verbal de 1PP e de 3PS junto às formas *nós* e *a gente*, em quatro gerações de falantes. O segundo teve como objetivo principal a análise de estruturas predicativas que complementam o sujeito de 1PP em dados de fala e escrita. Coelho (R. F., 2006) apresentou resultados que evidenciam relação direta entre o fenômeno da CV e da AP entre *nós* e *a gente*, além de atestar que a aplicação de desinência verbal de 1PP junto à última forma é pouco frequente.

Em relação à 1PP, o primeiro ponto a ser discutido relaciona-se à distinção entre pessoa do discurso e pessoa gramatical. Como já apontado por Benveniste (1995), a noção de pessoa do discurso é própria somente de *eu/tu* e suas formas correlatas, porque são essas as únicas que “se prendem ao próprio processo de enunciação” (p.278). Ao contrário das formas de expressão de pessoa, “há enunciados de discurso, que [...] escapam à condição de pessoa, isto é, remetem não a eles mesmos, mas a uma situação ‘objetiva’. É o domínio daquilo a que chamamos a ‘terceira pessoa’” (p.282).

No português padrão, há correspondência exata entre pessoa do discurso e pessoa gramatical. Para a primeira pessoa, o falante, existe um pronome de primeira pessoa gramatical, *eu*, com flexão verbal própria. Para as demais pessoas, tanto no singular quanto no plural, a mesma univocidade se verifica. Porém, nas variedades do português brasileiro e do português europeu, a inclusão de novas formas de menção à segunda pessoa (singular/plural) e à 1PP reelaborou o quadro pronominal e de CV, levando à falta de total correspondência entre mesmas pessoas e flexão verbal. É o caso das formas inovadoras *ocê*, *vocês* e *a gente*, que, ao assumirem valores discursivos de segunda pessoa (singular/plural) e de 1PP, respectivamente,

retêm flexão verbal de terceira pessoa (Omena; Braga, 1996; Menon, 1996; Lopes, 1999, 2003; Zilles, 2005).

João de Barros, em sua conhecida *Grammatica da lingua portuguesa*, publicada em 1540, assim define o emprego dos pronomes em português:

As pessoas são três: *eu*, primeira, que fala de si mesmo, *tu*, a segunda, a qual fala à primeira, *ele*, da qual a primeira fala [...] dois números tem o pronome, singular e plural. Singular, como quando digo, *Eu confesso a Cristo*, e por plural, *e nós que o confessamos guardamos mal sua doutrina por nossas culpas*. (Barros, 1540, p.35)

Como se pode observar, a forma *nós* é proposta como plural do pronome de 1PS, *eu*, embora não represente, como ocorre com segunda e terceira pessoas, um conjunto formado por vários “eus”, mas, sim, a indicação de *eu* mais outras pessoas, conforme ressalta Bechara (2002), ou de um “eu-ampliado”, segundo Benveniste (1988).

Não é recente, todavia, o reconhecimento da variação entre as formas *nós* e *a gente*. A menção ao uso de *a gente* como forma “popularesca” de valor pronominal é evidenciada já em gramáticas do início do século XX, como se verifica em Nunes (1919 apud Pereira, S. M. de B., 2003, p.13).

A parte de *pessoa*, ocorre frequentemente, sobretudo na fala popular, o nome *gente*, que, como *aquele*, costuma neste caso tomar o gênero, pedido pelo sexo da pessoa a que se refere. No povo o vocábulo *gente* tem valor colectivo, valendo pelos pronomes *eu* e *tu* ou *ele*, nos casos em que a língua culta usa *nós*.

Duas observações importantes podem ser feitas a partir da citação acima. A primeira está relacionada à distinção proposta pelo autor entre uma forma utilizada em lugar de *aquele*, referindo-se a determinada pessoa, que assume, nesse caso, o gênero dessa, e outra forma, ainda mais popular, com valor coletivo, usada em lugar de *nós*. A segunda observação diz respeito à configuração estrutural do item na citação. Nunes alude ao “nome *gente*”, e não à construção atual, formada por dois elementos, *a gente*.

As gramáticas normativas mais modernas aludem à substituição de *nós* por *a gente* no português brasileiro, fenômeno facilmente verificado na

língua falada, evidenciado em canções populares e até mesmo na língua escrita:

Na linguagem coloquial, *nós* é frequentemente substituído por *a gente*, também uma característica do português do Brasil.

“Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu.
A gente estacou de repente
Ou foi o mundo, então, que cresceu.” (Chico Buarque)

(Mesquita, 2007, p.262)

Todavia, mesmo entre linguistas e filólogos contemporâneos da língua portuguesa, não é tão consensual a classificação estrutural da forma *a gente*. Perini (2010, p.115), em sua *Gramática do português brasileiro*, destaca que:

[...] itens comumente analisados como pronomes pessoais [...] se comportam como nominais comuns, e não precisam ser estudados separadamente: *o senhor, a senhora, a gente*. Seriam “pronomes pessoais” no sentido de que se referem ao locutor; mas gramaticalmente não diferem dos outros SNs.

Para o autor, há uma distinção entre o item *a gente* e os pronomes pessoais, o que faz com que ele esteja mais próximo dos “outros SNs”. Para Neves (2000, p.470), contudo, *a gente* pode ocorrer como pronome pessoal para referência à 1PP ou para referência genérica a todas as pessoas do discurso, funcionando como forma de indeterminação do sujeito. Embora outros sintagmas nominais (*o pessoal, o cara, o cidadão*) sejam empregados com mesma função na linguagem coloquial, “seu estatuto não tem identificação com a classe dos pronomes pessoais como o sintagma A GENTE tem”.

Hopper (1991), pelo *princípio da estratificação*, afirma que novas “camadas” emergem em um domínio funcional, sem que formas antigas sejam substituídas imediatamente, proporcionando coexistência de camadas novas e antigas no mesmo domínio, as quais codificam funções semelhantes ou idênticas e compõem diferentes variantes. É o que mostram Omena e

Braga (1996) sobre a gramaticalização da forma *a gente*, que passa a coexistir com *nós*, deixando, gramaticalmente, de ser forma substantiva para integrar o sistema de pronomes pessoais, constituindo, assim, claro caso de gramaticalização, captado pela estratificação, como postula Hopper (1991).

Segundo a tradição gramatical, a flexão verbal de 1PP é requerida nos casos em que figuram como sujeito da oração: (i) pronome de 1PP; (ii) formas compostas que possam representar a pessoa do falante em conjunto com outros seres (eu + SN ou pronome); e (iii) uma categoria vazia com referência anafórica ao sujeito.

Embora a CV de 1PP constitua fenômeno atestadamente variável do português brasileiro desde o início da década de 1980, algumas gramáticas descritivas publicadas recentemente não apresentam qualquer menção à ocorrência desse tipo de variação. Perini (2010, p.277-8) aponta, como características do português brasileiro, o emprego variável da 2PS e 3PS com o pronome *tu*; a variação, em sujeitos de 3PP, no uso de verbos em 3PS e em 3PP; além da AP *nós* e *a gente* em posição de sujeito, mas não faz qualquer alusão ao emprego variável de verbos em 3PS e em 1PP junto de sujeito de 1PP. As evidências são apresentadas apenas em estudos de cunho variacionista, conforme será apresentado a seguir.

Rodrigues (A. C. de S., 1987), em estudo da CV variável com o pronome *nós*, na fala de favelados de São Paulo, obteve percentual de 53% de aplicação de flexão de 1PP contra 47% de 3PS. Zilles, Maya e Silva (2000), ao analisar falantes com escolaridade fundamental e média de Panambi e de Porto Alegre (RS), obtiveram frequência geral de 87% de aplicação de desinência de 1PP. No estudo de Lucchesi, Baxter e Silva (2009) sobre a fala da comunidade afro-brasileira de Helvécia, houve, por outro lado, 18% de frequência de pluralização verbal em contextos de 1PP (ou seja, frequência de 82% de flexão de 3PS).

No tocante à CV com a forma *a gente*, Teyssier (1989, p.243) menciona o uso muito comum da forma na linguagem familiar, normalmente com flexão de 3PS. Contudo, a forma pode ocorrer com verbos em 1PP, segundo o autor, uso percebido como incorreto pelos falantes. Além das flexões de 3PS e de 1PP, Vianna (2006) observou, em amostras do português brasileiro do estado do Rio de Janeiro, também a combinação de *a gente* com flexão verbal de 3PP (*a gente estão*), padrão menos comum no português brasileiro em relação às outras duas alternantes.

Alguns trabalhos sobre o português europeu dão conta não somente da co-ocorrência verificada entre os pronomes pessoais *nós* e *a gente*, mas também da relação do pronome *a gente* com o verbo que lhe segue (Nascimento, 1989; Lopes, 1999; Costa, 2000; Pereira, S. M. de B., 1970, 2003; entre outros).

Em relação à CV com a forma pronominal *a gente* na fala de Sãojo, Pereira (S. M. de B., 1970, p.167) verifica que “o verbo tanto fica na terceira pessoa do singular, como na primeira, ou terceira pessoas do plural”.

Naro, Görski e Fernandes (1999, p.201 [tradução nossa]) resumem os fenômenos de AP e de variação na CV de 1PP no português brasileiro da seguinte forma:

Em português padrão o sujeito de primeira pessoa do plural é *nós* e sua forma verbal correspondente é feita com a flexão gramatical *-mos*. Um exemplo típico é *nós falamos*. Entretanto, há uma alternativa para o sujeito pronominal de primeira pessoa do plural: *a gente*, que deriva de um sintagma nominal com a mesma forma e significa *as pessoas*. Na linguagem padrão o verbo usado com *a gente* recebe desinência de terceira pessoa do singular, com terminação zero. Um típico exemplo é *a gente fala*. Conquanto, o uso do pronome sujeito, com certa frequência, não é obrigatório, e, na linguagem informal, a desinência *-mos* é omitida com *nós* e usada com *a gente*, a despeito do papel categorial e ao contrário do padrão. As formas *nós falamos* e *a gente fala* são padrão; *nós fala* e *a gente falamos* são não padrão.

2.3.5 Variação na concordância verbal com segunda pessoa do plural

A forma pronominal *vocês* (e suas variantes, *ocês*, *cês*, *cêis*), no português brasileiro, é utilizada categoricamente para a representação da 2PP do discurso, em lugar da forma-padrão, *vós*. Segundo Perini (2010, p.115), alguns itens tradicionalmente analisados como pronomes pessoais não ocorrem no português brasileiro, como a forma *vós*, que é somente usada na língua escrita em determinados contextos religiosos.

Ao contrário dos estudos variacionistas de CV de 3PP, encontrados em grande número, ao menos para as variedades do português brasileiro, são ainda escassos os estudos de CV relacionados à 2PP, o que pode ser ex-

plicado também pela inaptidão da maioria dos *corpora* constituídos para investigação linguística. Conforme se demonstrará em capítulo posterior, com base na análise do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo, concernente à 2PP do discurso, pode-se verificar ainda, no português europeu (PE), a alternância entre as formas pronominais *vocês* e *vós*.^{9,10}

2.3.6 Variação na concordância verbal com terceira pessoa do plural

No âmbito da sociolinguística, há farta bibliografia que comprova que a CV de 3PP constitui um caso de variação no PB (português brasileiro) falado, e que esta atinge também, em certa medida, a modalidade escrita da língua (ver Scherre, 2005; Scherre; Naro, 2007b).

Sob a vertente variacionista, entre os estudos já realizados, podem ser citados o trabalho pioneiro de Lemle e Naro (1977), para a variedade carioca; o de Nina (1980), para a variedade falada na microrregião de Bragantina; o de Nicolau (1984), para a língua falada em Minas Gerais; o de Rodrigues (A. C. de S., 1987), para o português popular de São Paulo; o de Graciosa (1991), para a variedade culta carioca; o de Rodrigues (A. C. de S. 1997), para a variedade falada em Rio Branco; o de Anjos (1999), para a variedade pessoense; o de Monguilhott e Coelho (2002), para as variedades da região Sul; o de Silva e Lucchesi (2006), para a língua falada pela comunidade afro-brasileira isolada da Bahia; o de Varejão (2006), para o português popular europeu falado; os estudos de Gameiro (2005) e de Monte (A., 2007), para variedades da região central do estado de São Paulo (São Carlos, Araraquara e Itirapina); os trabalhos de Rubio (2007, 2008, 2009, 2010, 2011), para a fala da região noroeste do estado de São Paulo; além das inúmeras contribuições de Naro e Scherre (1999, 2000a, 2000b, 2003 e 2007) e Scherre e Naro (1993, 1997, 1998, 1999, 2001 e 2006).

Em Portugal, a resistência em reconhecer a variação na CV pode explicar o fato de a esse fenômeno não ter sido dispensada a atenção que lhe é devida e de, por consequência, não se ter dimensão da amplitude de ocor-

9 É interessante atentar para a carência de estudos sociolinguísticos relacionados aos fenômenos de variação de 2PP do discurso no português europeu.

10 No Capítulo 4, será retomada a discussão dos fenômenos variáveis relacionados às pessoas verbais, incluindo a 2PP.

rência dessa variação. Porém, pode-se considerar que o fenômeno é suficientemente notável, a ponto de pesquisadores da dialetologia portuguesa, desde o início da década de 1950, apontarem como “frequente” o uso da variável não padrão (Silva Pereira, 1951; Mira, 1954; Moura, 1960; Coelho, 1967; Baptista, 1967; Peixoto, 1968; Cruz, 1991; e Alves, 1993 apud Naro e Scherre (2007)). São exemplos os registros “garimpados” por Naro e Scherre (2007), retomados a seguir, que apontam o fenômeno da variação na CV de 3PP no PE falado:

LISBOA – sudoeste de Portugal: dados colhidos da fala de pessoas simples e analfabetas de bairros pobres de Lisboa (Currealeira, perto do Alto de São João, Alfama, Castelo, Bairro Alto, Casal Ventoso, doca do Cais do Sodré e outros) (Mira, 1954, p.117, 149-50).

III – VERBOS

[...]

“2 – **Casos gerais** [...]

b) – as formas verbais de terceira pessoa do plural (sobretudo dos verbos da 3ª conjugação) terminadas em vogal nasal “e” desnasalizam-se:

eles oube (m) [...]

eles sacode (m) [...]

(Mira, 1954, p.117 apud Naro; Scherre, 2007, p.108-9)

III – CONCORDÂNCIA

[...]

“**São frequentes** na LP (língua popular), as faltas de concordância, consideradas erros do ponto de vista gramatical [...]

“os nossos agasalhos **é** estes” [...]

“só tem as raízes **enterrado** na carne” [...]

(Mira, 1954, p.149-50 apud Naro; Scherre, 2007, p.109)

A observação sociolinguística da variação na CV do PE é recente, e poucos são os estudos que se dedicaram a verificar a possibilidade do uso de formas verbais de 3PS e de 3PP junto de sujeitos de 3PP.

Varejão (2006), recorrendo a amostras do *Corpus* Dialectal para o Estudo da Sintaxe (CORDIAL-SIN), constituídas por falantes do PE de baixa escolaridade, verificou variação em relação à CV de 3PP também nessa

variedade europeia. No entanto, as frequências de pluralização dos verbos mostraram-se superiores às frequências de pluralização apresentadas nos estudos do PB, com 92,2% de emprego de verbos em 3PP junto de sujeitos em 3PP.

Monguilhott (2009), em análise comparativa sincrônica e diacrônica da CV de 3PP em amostras do PE e do PB, constatou haver variação em ambas as variedades, com atuação, principalmente, de fatores linguísticos no fenômeno e com o PE mostrando-se mais conservador que o PB (91% de emprego de verbos em 3PP com sujeitos de 3PP para aquele e 79%, para este) em relação ao apagamento de marcas de plural nos verbos.

Bazenga (2010), em estudo sociolinguístico preliminar que considerou a comunidade de Funchal, observando falantes de diversas escolaridades, idades e dos gêneros feminino e masculino, comprovou que em 16% das amostras não houve a aplicação da desinência de 3PP (ou seja, houve 84% de uso de verbos em 3PP com sujeitos em 3PP). Variáveis linguísticas e extralinguísticas comprovadamente atuantes no português brasileiro, como *saliência fônica, posição do sujeito e escolaridade*, mostraram-se também relevantes para a amostra do PE.¹¹

2.4 Variáveis sociais relevantes para a investigação dos fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal

Entre os fatores externos ao sistema linguístico, alguns são inerentes ao próprio indivíduo e outros, às circunstâncias que envolvem o falante ou o evento de fala. Fatores sociais inerentes aos falantes são, por exemplo, *faixa etária, escolarização, sexo/gênero*, os quais influenciam conjuntamente a sua produção linguística. Ligado ao evento de fala, o contexto é também uma variável externa capaz de influenciar a produção linguística do falante,

11 Até o presente momento, tivemos contato apenas com o trabalho preliminar da autora, por meio do acesso *on-line* à apresentação em evento científico: BAZENGA, A. *Realização variável da concordância verbal no português falado no Funchal*. Disponível em: http://uma-pt.academia.edu/AlineBazenga/Talks/30134/Realizacao_variavel_da_concordancia_verbal_no_portugues_falado_no_Funchal. Acesso em: 22 jul. 2011.

já que cada indivíduo possui um repertório linguístico que varia dependendo de onde se encontra e da pessoa com quem fala.¹²

Os fatores extralinguísticos podem ser diatópicos ou diastráticos. A variação diatópica relaciona-se às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores ligados à identidade dos falantes e também à organização sociocultural da comunidade de fala. Entre os fatores sociais, Naro (2003) julga relevante para qualquer estudo variacionista a investigação de fatores como *idade*, *sexo*, *nível socioeconômico* e *formação escolar*.

O fator *idade* permite inferências acerca do desenvolvimento diacrônico da língua a partir de análises sincrônicas. Pelo chamado *tempo aparente*, é possível fazer uma projeção do comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes em um determinado momento. A hipótese é de que a fala de pessoas com maior idade reflita a fala de alguns anos atrás, ao passo que a fala de pessoas de menor idade reflete a fala atual. As discrepâncias entre as duas falas são atribuídas ao progresso da inovação linguística nos anos que separam os dois grupos.

A combinação desse fator e dos demais fatores sociais está relacionada também com a noção de prestígio, ou seja, falantes de certas classes sociais, de certas faixas de escolaridade, e ainda de sexos/gêneros diferentes tendem a apresentar comportamento distinto com relação à variação e à mudança linguística.

Para esse conjunto de variáveis sociais, as hipóteses subjacentes à investigação de qualquer fenômeno variável são as seguintes: (i) falantes de faixa etária mais elevada tendem ao uso da variante conservadora, porque são mais resistentes à mudança do que falantes de faixa etária mais jovem, o que pode evidenciar uma mudança linguística em progresso ou uma variação dependente de gradação etária (Labov, 1994); (ii) falantes do sexo/gênero feminino tendem ao uso da variante padrão, porque reconhecem nela um fator de prestígio e de ascensão social, enquanto falantes do sexo/gênero masculino tendem ao uso de uma forma que os leve mais a se identificar com o grupo social de que fazem parte do que com o prestígio que o uso de tal forma possa lhes conferir socialmente; (iii) falantes de nível socioeconô-

12 O efeito da variável contexto não será medido por causa das características dos *corpora* considerados, os quais não apresentam amostras em diferentes contextos.

mico mais elevado tendem ao uso da forma considerada padrão, por conta do prestígio social conferido a tal forma; (iv) falantes de nível de escolaridade mais elevado também tendem ao uso da variedade padrão, porque mais contato tiveram com os padrões normativos da língua.

Há de se advertir, entretanto, que nesse quadro geral existem variáveis sociais que se codeterminam e se cruzam na implementação da regra variável. Por exemplo, pode haver uma forte correlação entre as variáveis *nível socioeconômico* e *nível de escolaridade*, pois espera-se que, quanto mais alto o nível socioeconômico, maior será o nível de escolaridade e, portanto, uma propensão maior na aplicação dos padrões normativos da língua.

Especificamente em relação ao sexo/gênero dos informantes, desde o trabalho precursor de Fischer (1958), que estudou a influência de grupos de fatores sociais na fala de crianças de uma comunidade rural da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, sabe-se que a escolha das variantes linguísticas é fortemente influenciada por esse fator.¹³ Fischer comprovou que falantes do sexo feminino usam mais a forma de prestígio <-ing> que os falantes do sexo masculino, que optam com maior frequência pela forma <-in>. Do mesmo modo, Labov (1966) constata que as mulheres empregam mais a forma-padrão nova-iorquina do /r/ pós-vocálico do que os homens.

Em Wolfram (1969), Trudgill (1974), Laberge (1977), Sankoff e Thibault (1977) e Guy (1981), é consenso que representantes do sexo feminino apresentam maior tendência a acompanhar as formas linguísticas consideradas prestigiadas em uma comunidade, ou seja, as mulheres se mostram mais preocupadas com a norma imposta pela comunidade da qual fazem parte.

Labov (1990, p.210, 213, 215) sumariza os resultados sobre a influência da variável *sexo/gênero* por meio dos seguintes princípios:

Princípio I: Em fenômenos variáveis estáveis, ao se estabelecer uma estratificação sociolinguística, homens fazem uso, com maior frequência, de formas linguísticas não padrão do que as mulheres.

13 Segundo Cheshire (2001), o termo *sexo* costuma ser usado para referir-se à distinção fisiológica entre homens e mulheres; já o termo *gênero* refere-se, normalmente, às distinções sociais e culturais geradas pela diferença entre o sexo, ou seja, as restrições ou os papéis sociais, as oportunidades e expectativas de comportamento dos indivíduos. Acrescenta a autora que o termo *gênero* é, portanto, mais apropriado para o tratamento de fenômenos sociais. Em citações extraídas de outros autores, serão mantidas as designações originais, contudo, neste trabalho, será usado o termo *gênero*.

Princípio Ia: Em fenômenos variáveis, as mulheres são mais receptivas às formas tidas como padrão na comunidade do que os homens.

Princípio II: Nas mudanças linguísticas que privilegiam formas prestigiadas na comunidade, as mulheres são mais inovadoras.

Para Chambers (2001, p.427), pode-se questionar a generalização elaborada por Labov a respeito da comunidade de fala, pois o comportamento de uma comunidade depende da estratificação de suas classes sociais. Nas classes de trabalhadores, por exemplo, o uso das formas linguísticas não padrão por representantes do gênero masculino está relacionado à orientação das normas dessa comunidade, que associa esse comportamento linguístico à masculinidade.

Romaine (1999) afirma que as mulheres possuem mais consciência da pressão exercida pelas normas locais e também do *status* inserido na estrutura social.

O estudo de Callou (1980) comprova que as mulheres podem ser mais inovadoras que os representantes do sexo masculino em fenômenos de mudança para uma forma que não seja desprestigiada na comunidade linguística.

Rodrigues (A. C. de S., 1987), de acordo com os princípios preconizados por Labov (1990), afirma que as mulheres são mais conscientes e mais sensíveis ao significado social das variáveis linguísticas, o que faz com que sejam mais conservadoras quando as mudanças linguísticas estão operando em direção oposta à da variedade de prestígio. Quando a mudança caminha em direção a uma forma prestigiada, não obstante não obedeça à forma-padrão da comunidade, as mulheres tendem a ser mais inovadoras.

Os resultados apresentados pela autora sobre a influência da variável *sexo/gênero* na aplicação da CV na periferia de São Paulo, contudo, demonstram que os homens aplicam mais a CV para a 1PP do que as mulheres, fato atribuído, segundo Rodrigues, à falta de acesso das mulheres, principalmente, ao mercado de trabalho. Para a 3PP, os resultados apresentados demonstraram que essa mesma variável resultou inoperante, já que os números para ambos os sexos foram praticamente os mesmos. Ao elaborar uma comparação entre a concordância de 1PP e 3PP, a autora constatou que os índices de não aplicação de CV para a 3PP superaram em muito os índices de não aplicação para a 1PP, pois a noção de “erro” é

mais saliente para a 1PP, sob o ponto de vista social, sobretudo nos grandes centros urbanos. Essas formas são associadas a falantes do interior ou da zona rural. De acordo com a autora, a noção de “erro” associada a formas em 3PP sem a variante explícita de plural não tem o mesmo peso social das formas em 1PP.

Uma explicação plausível, segundo Chambers (2001, p.354), para possíveis divergências nos resultados apresentados em algumas pesquisas em relação aos princípios pré-apresentados, seria a divisão sociocultural do trabalho entre homens e mulheres. Em comunidades em que a mulher possui maior mobilidade social e se insere no mercado de trabalho, a discrepância entre a fala masculina e a feminina é maior do que em comunidades onde a mulher não goza das mesmas condições de participação social que os homens. Nessas condições, o comportamento linguístico tende a possuir características mais semelhantes.

Sobre essas determinações, os resultados de Scherre (1996) para a regra de concordância nominal no dialeto carioca mostram que, sob a atuação da variável *sexo/gênero*, os anos de escolarização colaboram para que as mulheres apliquem mais a concordância, ao passo que, para os homens, interferem na aplicação das marcas de plural tanto a escolarização quanto o mercado ocupacional. O fator *idade*, nesse mesmo estudo de Scherre, é de pouca influência, tanto para informantes do sexo feminino quanto para os de sexo masculino, apenas “indicando haver aumento da concordância na faixa etária de 15 a 25 anos para os homens, e na de 26 a 49 anos para as mulheres” (p.263).

De posse das informações a respeito da relevância das variáveis sociais na pesquisa linguística, passa-se a tratar, no Capítulo 3, dos procedimentos metodológicos considerados neste trabalho, incluindo, ao final do capítulo, a descrição dos contextos linguísticos e extralinguísticos que serão considerados nos fenômenos variáveis analisados.

3

CARACTERIZAÇÃO DAS COMUNIDADES E DOS CONTEXTOS DE INVESTIGAÇÃO

No Capítulo 2, apresentou-se a fundamentação teórica que ampara o estudo proposto nesta obra. Foram expostos os fenômenos que são focos primários desta pesquisa, bem como as variáveis que motivam/explicam a implementação de uma ou outra variante nos processos de variação em outros estudos. Neste capítulo, algumas opções e procedimentos metodológicos seguidos na execução da investigação empírica da pesquisa serão apresentados e discutidos. É primordial, em um estudo que se proponha “sociolinguístico”, conhecer as características sociais dos indivíduos da(s) comunidade(s) investigada(s). Não se trata meramente de travar contato com as variedades de língua dessas comunidades. É importante conhecer o meio em que os indivíduos vivem. Informações sobre economia, política, educação e até mesmo sobre religião podem fornecer explicações para certos fenômenos e características linguísticas evidenciados em determinado espaço geográfico ou estrato social. Adicionalmente será apresentado, neste capítulo, um conjunto de informações que, além de caracterizar as regiões investigadas – o que, por si só, justificaria essa tarefa –, poderá proporcionar subsídios que, certamente, auxiliarão na interpretação dos resultados estatísticos dos fenômenos que este trabalho ora se propõe a investigar. Assim, serão apresentadas informações sobre as comunidades de fala do português europeu e do português brasileiro, como dados populacionais gerais, índices de desenvolvimento, taxas de alfabetização, dimensões territoriais etc. Essas informações geográficas, econômicas e sociais, juntamente com a pesquisa histórica sobre a origem e a transformação do português europeu e do português brasileiro, apresentada no Capítulo 2, permitirão, em primeiro lugar, que o leitor tenha conhecimento de algumas causas da diversidade de características linguísticas facilmente evidenciada nas comunidades investigadas. Em segundo lugar, esses dados têm por finalidade justificar a

comparação de comunidades de fala que, em uma observação menos cuidadosa, podem parecer incompatíveis e não suscetíveis de equiparação. Também compõem este capítulo as características das amostras que serão consideradas na pesquisa e os bancos de dados dos quais elas fazem parte. De forma breve, será descrita a metodologia empregada na coleta de dados do português brasileiro. Com base na fundamentação teórica, serão exibidos os contextos linguísticos e sociais considerados na análise quantitativa. De início, evidenciamos os critérios de seleção das ocorrências consideradas e, posteriormente, os critérios para descarte de ocorrências que não pertencem aos contextos variáveis. A etapa posterior empreendida neste capítulo se refere aos procedimentos adotados na consideração de cada fenômeno variável deste trabalho, quatro no total – três relacionados à primeira pessoa do plural do discurso e um relacionado à terceira pessoa do plural. Nesse momento, será exibida também uma breve discussão a respeito do modo como as ocorrências dos *corpora* foram analisadas em relação a cada uma das variáveis linguísticas consideradas para cada fenômeno. No encerramento do capítulo, serão apresentadas as proposições deste trabalho sobre a metodologia aplicada na análise dos resultados fornecidos pelo programa computacional *GOLDVARB*, empregado na extração de resultados estatísticos relacionados à ocorrência dos fenômenos variáveis que são alvo da presente pesquisa.

3.1 Caracterização do estado de São Paulo, do interior paulista e da mesorregião de São José do Rio Preto (noroeste do estado)

O estado de São Paulo possui atualmente uma população de 41,2 milhões de habitantes, dos quais aproximadamente 18 milhões encontram-se no interior do estado (quase 10% da população brasileira, atualmente mais de 190 milhões de pessoas) e quase 1,5 milhão, na mesorregião administrativa de São José do Rio Preto. A área total do estado é de 248.209 km² (Figura 3.1). Descontada a área metropolitana da cidade de São Paulo, restam mais de 240 mil km², dos quais a mesorregião de São José do Rio Preto ocupa 25.431 km² (Figura 3.2).¹

1 Fontes: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep)/Ministério da Educação e Portal das Cidades Paulistas. Disponíveis, respectivamente, em: http://www.riopreto.sp.gov.br/PortalGOV/do/subportais_Show?c=5050 e www.seade.gov.br; www.ibge.gov.br; www.inep.gov.br; www.cidadespaulistas.com.br. Acessos em: 15 set. 2011.

A densidade populacional do estado de São Paulo é de 166,2 habitantes por km² e somente diminui no interior do estado, com 68 habitantes por km². Considerando-se o noroeste do estado, o índice cai para 57,09 habitantes por km², conforme se vê no Gráfico 3.1.

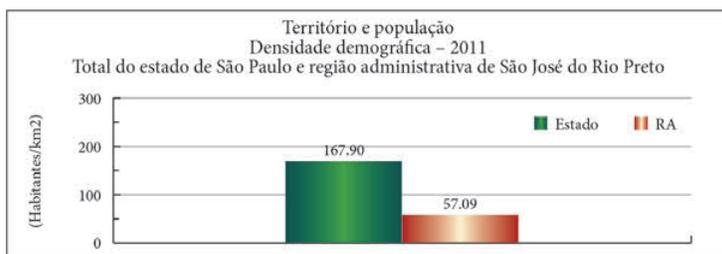


Gráfico 3.1: Densidade demográfica do estado de São Paulo e da região de São José do Rio Preto²

Há 645 municípios em todo o estado e, subtraídos os 39 que se unem à capital (zona metropolitana paulista), são 606 cidades no interior. Somente na região noroeste do estado existem 109 municípios, dentre os quais a cidade de São José do Rio Preto, atualmente com 408 mil habitantes, segundo o Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado de São Paulo é de 0,833, equivalente ao apurado na mesorregião de São José do Rio Preto (0,834).^{3,4} Em relação à alfabetização, a taxa média atual é de 95,3% em todo o estado e de 94,7% na região noroeste.

Nove, dos 645 municípios do estado, superam os 500 mil habitantes, estando quatro deles no interior e cinco na zona metropolitana da capital. Mais de vinte cidades ultrapassam os 300 mil habitantes. Do total de habitantes de todo o estado, 95,88% vivem na zona urbana. Para a região de

2 Fontes: Seade e IBGE. Disponíveis, respectivamente, em: www.seade.gov.br e www.ibge.gov.br. Acessos em: 15 set. 2011.

3 Vale lembrar que o IDH é a medida que permite avaliar as condições de vida em um país, com base na expectativa de vida, na educação, no Produto Interno Bruto (PIB), na renda *per capita* etc.

4 O IDH brasileiro, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade), é de 0,699, valor que coloca o Brasil em 73º lugar no ranking mundial.

São José do Rio Preto, o grau de urbanização mantém-se acima dos 91% (Gráfico 3.2). No Brasil, o índice é pouco menor, com 84% da população vivendo em áreas urbanas, segundo apontam os resultados do último Censo do IBGE.

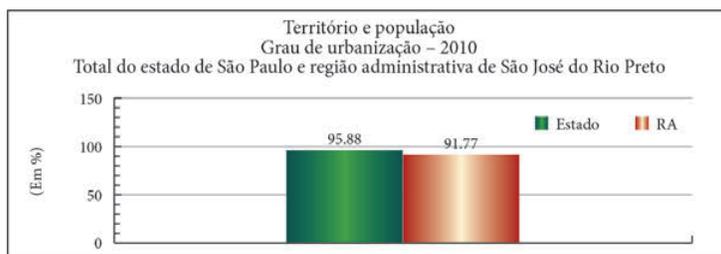


Gráfico 3.2: Grau de urbanização do estado de São Paulo e da região de São José do Rio Preto (RA)⁵

Em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), São Paulo apresenta números astronômicos, que superam os da maioria dos países do continente americano e de outros continentes. De acordo com dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), o valor ultrapassa 1 trilhão de reais, e somente o interior do estado é responsável por 310 bilhões de reais (194 bilhões de dólares, aproximadamente),⁶ valor quase 40% maior que o do PIB chileno (121 bilhões de dólares).⁷ A região noroeste apresenta contribuição modesta para esse total (considerando a sua dimensão), com números que se aproximam da casa dos 22 bilhões.⁸

Os índices de mortalidade infantil do estado e da região ainda são altos (12,48 e 11,04, respectivamente, por mil nascidos vivos – Gráfico 3.3) em comparação aos índices de países desenvolvidos, como Japão, que apresenta taxa de 3,3 mortes por mil nascidos vivos, e de alguns países latinos (Chile: 8,5; Cuba: 5,8).

5 Fontes: Seade e IBGE. Disponíveis, respectivamente, em: www.seade.gov.br e www.ibge.gov.br. Acessos em: 15 set. 2011.

6 Dólar cotado a 1,59 real, em 8 de agosto de 2011. Disponível em: www.bcb.gov.br. Acesso em: 8 ago. 2011.

7 Fonte: Seade. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/pib/>. Acesso em: 16 jul. 2011.

8 Grande parte do PIB do estado concentra-se na capital, São Paulo, e na zona metropolitana, que constituem áreas fortemente industriais. Cerca de um quarto do PIB do interior paulista concentra-se na zona metropolitana de Campinas.

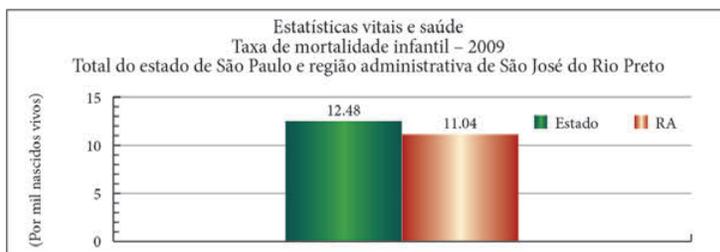


Gráfico 3.3: Taxa de mortalidade infantil no estado de São Paulo e na região de São José do Rio Preto⁹

Atinente à religião, 70% da população do estado se declara católica apostólica romana, aproximadamente 23% possuem outra religião, com predomínio de religiões evangélicas, e 7% declaram não possuir religião.¹⁰

A educação obrigatória no estado de São Paulo e em todo o Brasil compreende apenas o ensino fundamental da educação básica, que vai do primeiro ao nono anos, com início aos 6 anos de idade e finalização aos 14 anos (idade ideal). Há, portanto, nove anos de escolarização de caráter obrigatório no país, fixados apenas recentemente, com a implementação gradativa de mais um ano no ensino fundamental. O ensino médio, segunda etapa do ensino básico, de caráter não obrigatório, compreende primeiro, segundo e terceiro anos.¹¹

Atualmente, são 6.057.884 de alunos matriculados nas etapas obrigatórias do ensino básico em todo o estado de São Paulo e 1.736.908 de alunos matriculados no ensino médio, que, conforme já relatado, ainda não se constitui etapa obrigatória de educação no estado e no país. Somando-se a esses números os totais de matriculados na educação infantil, na educação profissional e na educação especial, perfaz-se um total de 10.637.167 de alunos matriculados em instituições do estado de São Paulo.¹²

Em seguida, encontra-se o Gráfico 3.4, que aponta a taxa de analfabetismo da população paulista e da região de São José do Rio Preto, segundo levantamento do IBGE.

⁹ Fontes: Seade e IBGE. Disponíveis, respectivamente, em: www.seade.gov.br e www.ibge.gov.br. Acessos em: 16 jul. 2011.

¹⁰ Fontes: IBGE e Seade. Disponíveis, respectivamente, em: www.ibge.gov.br e http://www.seade.gov.br/produtos/perfil_regional/index.php. Acessos em: 16 jul. 2011.

¹¹ Até o ano de 2016, conforme prevê a Emenda Constitucional n.59, haverá a implantação do ensino obrigatório dos 4 aos 17 anos, com a criação de escolas de Educação Infantil em todo o país e com a obrigatoriedade do ensino médio, o que gerará a inclusão de mais de 4 milhões de crianças e jovens em instituições de ensino.

¹² Fontes: Ministério da Educação e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep). Disponíveis, respectivamente, em: <http://www.mec.gov.br> e <http://www.inep.gov.br>. Acessos em: 16 jul. 2011.

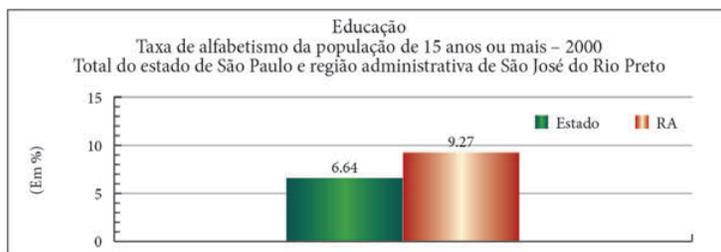


Gráfico 3.4: Taxa de analfabetismo da população de 15 anos e mais, no ano de 2000, no estado de São Paulo e na região de São José do Rio Preto (RA)¹³

Conforme mostra o gráfico, a taxa média de analfabetismo da população com mais de 15 anos do estado de São Paulo, no ano de 2000 (data pouco anterior à constituição do Banco de Dados Iboruna), era de 6,64%, e a taxa da região administrativa de São José do Rio Preto, de 9,27%. Ainda segundo dados do Seade, a média de anos de estudo da população de 15 a 64 anos, no mesmo período foi de aproximadamente 7,5 anos, tanto para o estado quanto para a região de São José do Rio Preto. Se considerada a população de 18 a 24 anos do estado, um percentual de 42% possui o ensino médio completo. Na região, 46,8% da população dessa faixa etária concluiu a educação básica. Entre a população com mais de 25 anos residente na região de São José do Rio Preto, 63,3% possuem mais de oito anos de escolaridade. No estado, o percentual é menor, 55,5%. A seguir, os dados referentes a Portugal.

3.2 Caracterização de Portugal

A República Portuguesa, localizada no sudoeste do continente europeu, delimitada a norte e a leste pela Espanha e a sul e a oeste pelo Oceano Atlântico, possui uma área de 92.389 km² (figuras 3.3 e 3.4) e uma população de 10,5 milhões de habitantes, com uma densidade populacional de 115 habitantes por km² (a Figura 3.5 apresenta as áreas com maiores densidades populacionais). O PIB atual do país é de aproximadamente 229 bilhões de dólares (em torno de 364,1 bilhões de reais),¹⁴ segundo dados do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Portugal é a 36ª maior economia do mundo, conforme *ranking* do Banco Mundial, e o 43º país em competitividade no Fórum Econômico Mundial.

¹³ Fontes: Seade e IBGE. Disponíveis, respectivamente, em: www.seade.gov.br e www.ibge.gov.br.

¹⁴ Dólar cotado a 1,59 real, em 8 de agosto de 2011. Disponível em: www.bcb.gov.br. Acesso em: 8 ago. 2011.

A taxa de desemprego do país é de aproximadamente 12,3%.¹⁵ A expectativa de vida média da população é de 78,1 anos, o que coloca o país em 39^a lugar dentre as nações com melhores expectativas de vida do mundo. A mortalidade infantil média registrada no país é de 3,7 para cada mil nascidos vivos, e o índice de alfabetização atual da população é de aproximadamente 94%.¹⁶



Figura 3.3: Mapa da Europa (destaque para Portugal)¹⁷



Figura 3.4: Mapa político de Portugal¹⁸

15 Dado referente ao primeiro trimestre de 2011, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística de Portugal.

16 Fontes: Instituto Nacional de Estatística de Portugal; Ministério dos Negócios Estrangeiros; Instituto Camões em Brasília; página oficial do governo português; Embaixada do Brasil em Lisboa; Consulado-Geral do Brasil em Lisboa. Disponíveis, respectivamente, em: www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_mapa_portal; www.min-nestrangeiros.pt; www.abordo.com.br/icamoes; www.portugal.gov.pt; www.emb-brasil.pt; www.consulado-brasil.pt. Acessos em: 16 jul. 2011.

17 Fonte: União Europeia. Disponível em: www.europa.eu/abc/maps/members/port_pt.htm. Acesso em: 16 jul. 2011.

18 Fonte: União Europeia. Disponível em: www.europa.eu/abc/maps/members/port_pt.htm. Acesso em: 16 jul. 2011.

O IDH de Portugal (0,795) é classificado como *muito alto* pelas Nações Unidas, contudo fica aquém das expectativas em comparação aos índices de vizinhos e países próximos do continente europeu, como Itália (0,854), França (0,872) e Espanha (0,863).¹⁹

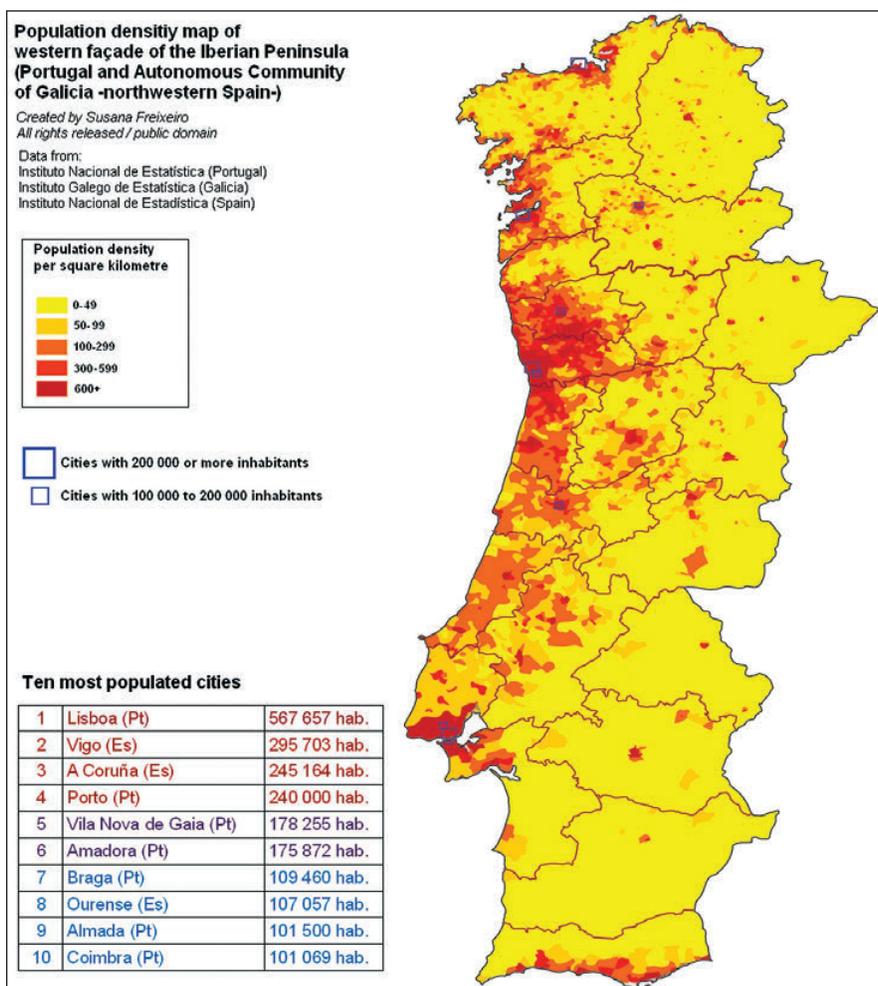


Figura 3.5: Mapa da densidade populacional de Portugal²⁰

19 Fonte: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=3600&lay=pde.

20 Fonte: Wikipédia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Population_density_of_western_Iberian_Peninsula.PNG.

Em relação à população total por município, a capital do país, Lisboa, é a cidade mais populosa e a única a superar os 500 mil habitantes (aproximadamente, 570 mil habitantes, segundo o Censo de 2011). Seguem-se a Lisboa as cidades de Porto, Vila Nova de Gaia, Amadora e Braga, com, respectivamente, 240 mil, 179 mil, 175 mil e 109 mil habitantes. Apenas dez, do total de 308 cidades do território português, superam os 100 mil habitantes. Cento e dez municípios desse total possuem menos de 10 mil habitantes e 53 deles, 5 mil habitantes ou menos. Se considerada a região de Lisboa, com cidades circunvizinhas, a população atinge 2,8 milhões de pessoas. Na região norte, onde está localizada a cidade do Porto, estima-se que vivem cerca de 3,7 milhões de habitantes, conforme se visualiza no Quadro 3.1, retirado do último censo populacional, concluído em março de 2011.

Quadro 3.1: População residente e presente, famílias, alojamentos e edifícios²¹

	Censos 2011 (Dados preliminares)						
	População				Famílias	Alojamentos	Edifícios
	Residente		Presente				
	HM	H	HM	H			
Portugal	10555853	5052240	10476291	4980003	4079577	5879845	3550823
Norte	3689713	1769482	3641412	1728877	1341445	1849181	1210720
Centro	2327026	1112257	2301447	1090373	914716	1450268	1113420
Lisboa	2815851	1334637	2783318	1312975	1154904	1486927	450574
Alentejo	758739	367720	749766	361931	306207	472831	384791
Algarve	450484	220183	475220	232885	186456	381026	200481
Açores	246102	121299	245629	121184	82703	110038	98850
Madeira	267.938	126662	279499	131778	93146	129574	91987

Aproximadamente 60% da população portuguesa reside nas zonas urbanas, o que supõe que um percentual considerado alto (40%) ainda se encontra em zonas rurais do país.

A religião católica é fortemente predominante no país, com 90,3% da população se declarando como praticante do catolicismo apostólico romano. Há um percentual de 6,9% de ateus ou de indivíduos que se declaram sem religião, o que permite afirmar que apenas 2,8% da população possui outras crenças religiosas.

21 Fonte: Instituto Nacional de Estatística de Portugal. Disponível em: <http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine mapa portal>. Acesso em: 16 jul. 2011.

A educação em Portugal se inicia aos 6 anos de idade, com a divisão do ensino básico em ciclos: 1^a ciclo, do 1^a ao 4^a anos; 2^a ciclo, 5^a e 6^a anos, e 3^a ciclo, do 7^a ao 9^a anos. A escolaridade obrigatória no país é de doze anos; portanto, além do ensino básico, é necessário cursar também o ensino secundário, que abrange o 10^a, 11^a e 12^a anos de escolarização e possui um sistema de organização diferente dos demais ciclos do ensino básico.²² Nessa etapa, o aluno tem direito a escolher uma das áreas de ensino, para a qual deseja se inscrever, sem a formalidade de cursar conteúdos das outras áreas.

É comum, no país, haver a divisão dos ciclos em diferentes unidades escolares, com unidades menores para os alunos do 1^a ciclo (média de 200 alunos) e unidades de grande porte, com até 2 mil alunos, para o 2^a e 3^a ciclos e para o ensino secundário.

Segundo dados oficiais do Ministério da Educação de Portugal, atualmente 1.952.114 alunos estão matriculados em uma das etapas obrigatórias de escolarização no país e, desse total, 1.215.380 encontram-se em ciclos do ensino básico. São 12.034 estabelecimentos de ensino de natureza pública e privada, com predominância dos primeiros (9.226) sobre os últimos (2.808).

3.3 Comparativo de Portugal, do estado de São Paulo, do interior do estado de São Paulo e da região de São José do Rio Preto

Retomam-se, no Quadro 3.2, os principais dados geográficos, populacionais e estatísticos de Portugal, do estado de São Paulo e da região noroeste do estado de São Paulo (mesorregião administrativa de São José do Rio Preto), com o intuito de legitimar o estudo comparativo que ora se propõe.

Considerando apenas os aspectos político-administrativos dessas regiões, qualquer comparação entre elas poderia parecer sem justificativa, dado o maior grau de importância que assume um país em relação a apenas uma região de outro. Entretanto, quando se observam todas as características sociais, geográficas e econômicas das duas comunidades de fala aqui consideradas, é possível notar semelhanças que permitem a proposição de um estudo de caráter comparativo entre elas, como se vê no Quadro 3.2.

22 Fonte: Ministério da Educação de Portugal. Disponível em: www.min-edu.pt. Acesso em: 21 jul. 2011.

Quadro 3.2: Comparativo geral entre Portugal, estado de São Paulo, interior do estado de São Paulo e mesorregião de São José do Rio Preto

INDICADORES	PORTUGAL	ESTADO DE SÃO PAULO	INTERIOR DE SÃO PAULO	REGIÃO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
População em milhões de hab.	10,5	41,2	18	1,5
PIB em reais	364,1 bilhões (229 bilhões de dólares)	1,003 trilhão	310 bilhões	22 bilhões
Área	92.389 km ²	248.209 km ²	240.167 km ²	25.431 km ²
Dens. demográfica	115 hab./km ²	166,2 hab./km ²	68 hab./km ²	57,09 hab./km ²
IDH	0,795	0,833	0,833	0,834
Alfabetização ²³	92%	93,3%	91,5%	90,7%
Municípios	308	645	606	109
Expectativa de vida em anos	78,1	73	73	76
Mortalidade infantil (mortes por mil nascidos)	3,7	12,48	12,1	11,4
Cidade mais populosa	Lisboa (570 mil habitantes)	São Paulo (11,3 milhões de habitantes)	Campinas (1,09 milhão de habitantes)	São José do Rio Preto (408 mil habitantes)
Municípios com mais de 100 mil habitantes	10	75	56	3
População urbana	60%	95,88%	93,4%	91,77%

A população portuguesa equivale a, aproximadamente, 25% da população do estado de São Paulo e a 60% dos habitantes do interior do estado. O PIB português é 600 bilhões de reais menor que o PIB de São Paulo e pouco maior que o PIB do interior paulista.²⁴

O estado de São Paulo e também o interior paulista possuem área territorial 2,5 vezes maior que a do território de Portugal. Somente a região de São José do Rio Preto equivale a quase 30% da área territorial portuguesa.

23 Os índices de alfabetização apresentados são os verificados no ano de 2000. A taxa de alfabetização portuguesa nos anos 1980 e 1990 era de 80% e 90%, respectivamente. A explicação da consideração desses índices encontra-se na caracterização das amostras, visto que as amostras do PB foram gravadas na década de 2000 e as amostras do PE, nas décadas de 1980 e 1990. Fonte: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Disponível em: www.unesco.org/new/en/education/. Acesso em: 21 jun. 2011.

24 Compreende o interior paulista todo o território do estado de São Paulo, excetuados os municípios da zona litorânea e da região metropolitana de São Paulo.

O mesmo ocorre no que se refere ao número de municípios das áreas consideradas. Portugal tem menos da metade dos municípios paulistas e pouco mais da metade dos municípios do interior paulista. A região noroeste abriga o equivalente a mais de um terço dos municípios portugueses.

A cidade de São Paulo possui mais habitantes do que todo o território português, sem a consideração das cidades da zona metropolitana paulista. A capital portuguesa, Lisboa, se considerado como critério o número de habitantes, equipara-se mais adequadamente à cidade de São José do Rio Preto do que à capital do estado.

Alguns dados qualitativos, diferentemente dos quantitativos, aproximam todas as áreas consideradas. Os índices de alfabetização, por exemplo, assemelham-se (acima dos 90%), assim como os IDHs (próximos a 0,8) e as expectativa de vida das populações (acima dos 73 anos).

Todavia, outros índices discrepam substancialmente, como a taxa de mortalidade infantil, que no estado de São Paulo se encontra em patamares que superam a casa das 11 mortes para cada mil nascimentos, enquanto em Portugal é de apenas 3,7 mortes para cada mil nascidos. No estado e no interior há uma taxa elevada de urbanização, acima dos 90% e, em Portugal, encontra-se próxima dos 60%, apenas.

Vale ressaltar que a divisão do interior do estado de São Paulo em regiões administrativas é proposta em relação aos centros populacionais (cidades de maior porte) e não em relação às diferenças sociais e culturais das zonas territoriais.

3.4 Caracterização da amostra de fala do interior paulista (variedade do português brasileiro)

O Banco de Dados Iboruna foi composto pelo Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (Alip), no período de março de 2004 até setembro de 2007.²⁵ Trata-se de iniciativa inédita, por constituir o primeiro banco de

25 O nome Iboruna (= Rio Preto) tem motivação histórica; é um topônimo de origem tupi-guarani que se pretendeu atribuir a cidade de São José do Rio Preto por ocasião da comemoração do seu cinquentenário. A contundente intervenção do episcopado rio-pretano não só impediu a mudança como conquistou de maneira definitiva a denominação primitiva, São José do Rio Preto, reduzida a Rio Preto de 1906 a 1944 (Gonçalves, S. C. L., 2007).

dados de amostras de fala do interior do estado de São Paulo, com rigorosa coleta de dados e controle de variáveis sociais, abrangendo sete municípios da região noroeste, quais sejam: Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto.

Os informantes, de perfis sociais predefinidos pelo entrecruzamento das variantes de *sexo/gênero*, *faixa etária*, *nível de escolaridade* e *renda familiar*, contribuíram com cinco tipos de textos orais diferentes: *narrativa de experiência pessoal*, *narrativa recontada*, *relato de descrição*, *relato de procedimento* e *relato de opinião*. Além de residir nos municípios abrangidos pelo projeto, era necessário que o informante houvesse nascido na cidade ou nela estivesse desde pelo menos os seus 5 anos de idade.

Do cruzamento das variantes dos quatro grupos de fatores sociais constituíram-se os perfis da Amostra Censo ou Amostra Comunidade (AC), composta de 160 células, que definiram os informantes contatados. Excluídas oito células impossíveis de serem preenchidas (faixa etária de 7 a 15 anos *vs.* escolaridade ensino superior), obtém-se o total de 152 informantes, de acordo com a distribuição apresentada no Quadro 3.3.

Quadro 3.3: Distribuição e identificação dos informantes da Amostra Censo por variáveis sociais

Renda/gênero Faixa etária /escolaridade		+ 25 SM		11 a 24 SM		6 a 10 SM		Até 5 SM		Subtotal de inf.	Total de inf.
		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.		
7 a 15 anos	1 ^a ciclo EF	001	002	003	004	005	006	007	008	8	24
	2 ^a ciclo EF	009	010	011	012	013	014	015	016	8	
	Ens. médio	017	018	019	020	021	022	023	024	8	
16 a 25 anos	1 ^a ciclo EF	025	026	027	028	029	030	031	032	8	32
	2 ^a ciclo EF	033	034	035	036	037	038	039	040	8	
	Ens. Médio	041	042	043	044	045	046	047	048	8	
	Superior	049	050	051	052	053	054	055	056	8	
26 a 35 anos	1 ^a ciclo EF	057	058	059	060	061	062	063	064	8	32
	2 ^a ciclo EF	065	066	067	068	069	070	071	072	8	
	Ens. médio	073	074	075	076	077	078	079	080	8	
	Superior	081	082	083	084	085	086	087	088	8	

Continua

Quadro 3.3: *Continuação*

Renda/gênero		+ 25 SM		11 a 24 SM		6 a 10 SM		Até 5 SM		Subtotal de inf.	Total de inf.
		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.		
36 a 55 anos	1ª ciclo EF	089	090	091	092	093	094	095	096	8	32
	2ª ciclo EF	097	098	099	100	101	102	103	104	8	
	Ens. médio	105	106	107	108	109	110	111	112	8	
	Superior	113	114	115	116	117	118	119	120	8	
+ 55 anos	1ª ciclo EF	121	122	123	124	125	126	127	128	8	32
	2ª ciclo EF	129	130	131	132	133	134	135	136	8	
	Ens. médio	137	138	139	140	141	142	143	144	8	
	Superior	145	146	147	148	149	150	151	152	8	
Subtotal de inf.	1ª ciclo EF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	152
	2ª ciclo EF	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	Ens. médio	5	5	5	5	5	5	5	5	40	
	Superior	4	4	4	4	4	4	4	4	32	
Total de informantes		19	19	19	19	19	19	19	19		
		38		38		38		38			
		76				76					

*O número em cada uma das células identifica o perfil social de um informante, resultante do cruzamento das variantes sociais.

** SM: salários mínimos.

A definição da AC pautou-se pelos seguintes critérios: (i) preenchimento de um informante por célula; (ii) aplicação do método aleatório simples (Silva, 2003), para a distribuição proporcional dos 152 informantes ao número de habitantes das áreas geográficas consideradas, conforme o Quadro 3.4, baseado nos dados populacionais do ano de 2000, época de propositura do projeto.²⁶

O método aleatório simples de distribuição dos perfis sociais no espaço geográfico em que se realiza o censo linguístico consistiu dos seguintes passos: (i) distribuiu-se o total de informantes proporcionalmente ao número

26 Informações adicionais sobre o Banco de Dados Iboruna e o Projeto Alip podem ser acessadas pelo site: www.iboruna.ibilce.unesp.br. Para informações sobre a composição do banco de dados, consultar Gonçalves (S. C. L., 2006, 2007).

Quadro 3.4: Distribuição da população da região de São José do Rio Preto em 2000

Cidades da região de São José do Rio Preto	Distância de SJRP	População
1. Bady Bassitt	12 km, ao sul	11.475
2. Cedral	14 km, ao sul	6.690
3. Guapiaçu	16 km, a leste	14.049
4. Ipirigatã	18 km, ao norte	3.461
5. Mirassol	14 km, a oeste	48.233
6. Onda Verde	25 km, ao norte	5.407
7. São José do Rio Preto	–	357.705
Total da população representada	447.020	

Fonte: IBGE (Censo 2000)

de habitantes de cada área; (ii) em uma urna (1), com a identificação dos perfis sociais, e, em uma urna (2), com a identificação das cidades, escolheram-se simultaneamente um perfil social e uma cidade, definindo-se a origem geográfica do informante; (iii) repôs-se na urna (2) a cidade escolhida, até que o total de seus informantes estivesse definido, de modo a garantir que todos os perfis sociais tivessem igual probabilidade de pertencer a qualquer uma das cidades; (iv) repetiram-se os procedimentos até que todos os perfis sociais estivessem distribuídos.

Como já mencionado, as cidades selecionadas possuíam (e possuem) número diferente de habitantes umas das outras, o que fez com que a quantidade de informantes requerida fosse proporcional a esse número. Assim, nos gráficos 3.1 e 3.2, há, respectivamente, a distribuição da população da região de São José do Rio Preto, em percentuais, e o número de informantes da Amostra Censo por cidade da região.

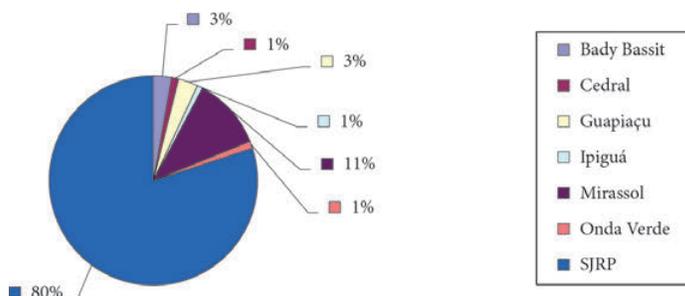


Gráfico 3.1: Distribuição da população da região de SJRP

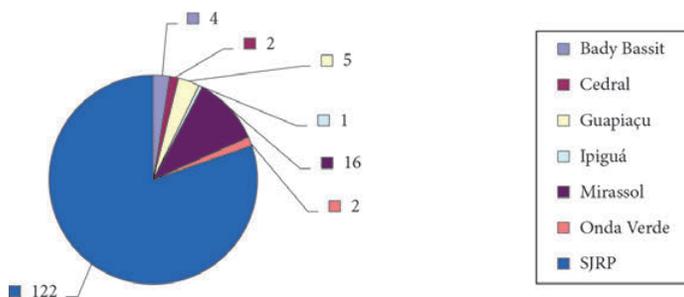


Gráfico 3.2: Número de informantes da Amostra Censo por cidade

Deve-se ressaltar, mais uma vez, que os números apresentados aqui se referem ao Censo do ano de 2000. Esses cálculos serviram de base para a constituição do Banco de Dados Iboruna, iniciado em 2003. Os números atuais, referentes ao Censo do ano de 2010, podem divergir dos aqui apresentados.

A manutenção do número de 152 informantes não compromete a representatividade da amostra, como já bem demonstraram outros projetos e o próprio Labov (1972, p.204), ao considerar que a variação é bastante padronizada e, mesmo não havendo um imenso número de falantes para sua comprovação, a regularidade linguística emerge, o que autoriza generalizações acerca da língua usada na comunidade como um todo. Como adverte Paiva (1999, p.7), essas implicações, “embora não possam ser ignoradas, não chegam a comprometer o estudo sociolinguístico” desde que se atente para duas questões importantes: a necessidade de usar técnicas estatisticamente válidas de amostragem e o conhecimento prévio das dimensões relevantes da estratificação, de forma a poder planejar corretamente a amostragem.²⁷

²⁷ Uma pequena crítica a ser feita à composição do Banco de Dados Iboruna é a de que não foram considerados os percentuais de distribuição da população em estratos sociais, ou seja, ainda que a porcentagem de indivíduos de média escolarização (2º ciclo do ensino fundamental e ensino médio) seja extremamente superior ao percentual de indivíduos com nível superior, foi entrevistado o mesmo número de informantes de todos os níveis de escolaridade, o que ocorreu também para os demais contextos sociais. A desconsideração dessas peculiaridades resultou na dificuldade de localização de alguns perfis sociais, como informantes de faixas etárias intermediárias (26 a 35 anos e 36 a 55 anos) com baixo nível de escolaridade (1º ciclo do ensino fundamental), por exemplo. Outra observação a ser feita é a desconsideração do grau de escolaridade nulo, que contempla os analfabetos, aproximadamente 5% da população da região.

3.4.1 Composição da subamostra do português brasileiro

Para análise da CV e da AP na região de São José do Rio Preto, optou-se por trabalhar com uma subamostra de 64 entrevistas do Banco de Dados Iboruna. Os informantes foram selecionados mediante a análise de seus respectivos perfis sociais, a fim de que fosse utilizado o maior número possível de perfis sociais, garantindo a heterogeneidade da amostra. Sendo assim, foram selecionados 32 homens e 32 mulheres, estratificados por faixa etária e escolaridade.

Antes de exibir o quadro com os informantes que compõem a subamostra do PB do interior paulista, cabe apresentar as justificativas para a consideração de apenas parte (64) das 152 entrevistas que compõem o Banco de Dados Iboruna. Em primeiro lugar, havia grande variação no tempo de duração das entrevistas, com algumas gravações que apresentavam apenas dez minutos e outras com até oitenta minutos, o que tornou necessário optar por uma solução que minimizasse essa discrepância. Em observação e audição preliminares, foram selecionadas apenas as entrevistas que possuíam entre 25 e 40 minutos de duração, o que fez com que o número de amostras se reduzisse em aproximadamente 40%. Além disso, algumas amostras de fala apresentam menor qualidade de gravação, com ruídos em pequenos trechos, fato que se impôs como outro critério de seleção.

Foram descartadas também 24 entrevistas dos informantes que possuíam entre 7 e 15 anos, por não haver, no *corpus* europeu, faixa equivalente a essa, inviabilizando a comparação.²⁸

A desconsideração do fator social *renda familiar* na composição da subamostra, justificada, por sua vez, pelo insucesso, na composição do banco de dados, na busca de alguns perfis sociais – em especial os de alta renda familiar e baixa escolaridade (o que fez com que o fator fosse desconsiderado também na composição do banco de dados) –, contribuiu para que esse recorte não comprometesse a representatividade de cada estrato social, como se pode observar no quadro de informantes do banco de dados, reproduzido a seguir (Quadro 3.5), com destaque para os informantes selecionados e com o total de informantes por perfil social.

28 Os informantes com idade entre 7 e 15 anos, contudo, foram considerados na pesquisa sobre a concordância verbal variável de terceira pessoa do plural (Rubio, 2008).

Quadro 3.5: Identificação dos informantes da amostra do português brasileiro do interior paulista; destaque para a subamostra para estudo da concordância verbal e da alternância pronominal

Caracterização da amostra do português brasileiro											
Faixa etária / escolaridade		Gênero								Subtotal de inf.	Total de inf.
		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.		
7 a 15 anos	1º ciclo EF	001	002	003	004	005	006	007	008	8	24
	2º ciclo EF	009	010	011	012	013	014	015	016	8	
	Ens. médio	017	018	019	020	021	022	023	024	8	
16 a 25 anos	1º ciclo EF	025	026	027	028	029	030	031	032	8	32
	2º ciclo EF	033	034	035	036	037	038	039	040	8	
	Ens. médio	041	042	043	044	045	046	047	048	8	
	Superior	049	050	051	052	053	054	055	056	8	
26 a 35 anos	1º ciclo EF	057	058	059	060	061	062	063	064	8	32
	2º ciclo EF	065	066	067	068	069	070	071	072	8	
	Ens. médio	073	074	075	076	077	078	079	080	8	
	Superior	081	082	083	084	085	086	087	088	8	
36 a 55 anos	1º ciclo EF	089	090	091	092	093	094	095	096	8	32
	2º ciclo EF	097	098	099	100	101	102	103	104	8	
	Ens. médio	105	106	107	108	109	110	111	112	8	
	Superior	113	114	115	116	117	118	119	120	8	
+ 55 anos	1º ciclo EF	121	122	123	124	125	126	127	128	8	32
	2º ciclo EF	129	130	131	132	133	134	135	136	8	
	Ens. médio	137	138	139	140	141	142	143	144	8	
	Superior	145	146	147	148	149	150	151	152	8	
Total por idade		Total por gênero				Total por escolaridade				Total geral	
16 a 25 anos = 16	26 a 35 anos = 16	Masculino = 32				1º ciclo do ensino fundamental = 16		2º ciclo do ensino fundamental = 16			
36 a 55 anos = 16	Mais de 55 anos = 16	Feminino = 32				Ensino médio = 16		Ensino superior = 16			64

3.5 Caracterização da amostra de fala de Portugal (variedade do português europeu)

As amostras de fala do português europeu foram retiradas do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. A composição desse *corpus* teve início no

ano de 1988 e, atualmente, compõe-se de 334 milhões de palavras, com diversos tipos de texto de discurso escrito e de discurso oral. Trata-se de amostras de variedades do português da Europa, do Brasil, de mais cinco países africanos de língua oficial portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe), de Macau, do Timor Leste e de Goa.

Concernente à cronologia, o *corpus* apresenta textos que datam da segunda metade do século XIX até o ano de 2006. Contudo, em sua maior parte, as amostras são posteriores a 1970.

O *corpus* pode ser acessado pela internet, no site do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (www.clul.ul.pt), o qual abriga também outros *corpora*, como o CORDIAL-SIN e o *Corpus* do Português Fundamental, que, diferentemente do *corpus* considerado, não apresentam estratificação social semelhante à verificada nas amostras do Banco de Dados Iboruna (empregado na composição da amostra da variedade do PB).

As entrevistas utilizadas foram retiradas mais especificamente do sub-*corpus* oral espontâneo do CRPC. Trata-se de entrevistas coletadas por pesquisadores portugueses, em diversas regiões de Portugal, entre as décadas de 1980 e 1990.

A seguir, tem-se o Quadro 3.6, com os informantes selecionados do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo, estratificados com base na amostra do português brasileiro, por nível de escolaridade (em anos), faixa etária e gênero.

Quadro 3.6: Identificação dos informantes da amostra do português europeu, integrantes do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo, estratificados por variáveis sociais

Caracterização da amostra do português europeu							
Número*	Idade	Sexo	Esc.	Número	Idade	Sexo	Esc.
1.016	27 (26 a 35)	F	1	618	61 (+ de 55)	M	3
340	30 (26 a 35)	F	1	832	16 (16 a 25)	F	4
1.146	38 (36 a 55)	F	1	134	17 (16 a 25)	F	4
91	40 (36 a 55)	F	1	29	19 (16 a 25)	F	4
885	40 (36 a 55)	F	1	1.166	21 (16 a 25)	F	4
962	42 (36 a 55)	F	1	218	22 (16 a 25)	F	4
1.250	42 (36 a 55)	F	1	1.202	26 (26 a 35)	F	4
769	46 (36 a 55)	F	1	1.336	27 (26 a 35)	F	4
1.377	46 (36 a 55)	F	1	956	29 (26 a 35)	F	4
31	50 (36 a 55)	F	1	53	31 (26 a 35)	F	4

Continua

Quadro 3.6: *Continuação*

Caracterização da amostra do português europeu							
Número*	Idade	Sexo	Esc.	Número	Idade	Sexo	Esc.
22	51 (36 a 55)	F	1	1.396	31 (26 a 35)	F	4
785	55 (36 a 55)	F	1	529	33 (26 a 35)	F	4
528	60 (+ de 55)	F	1	710	33 (26 a 35)	F	4
1.293	17 (16 a 25)	M	1	725	37 (36 a 55)	F	4
854	31 (26 a 35)	M	1	1.020	37 (36 a 55)	F	4
149	33 (26 a 35)	M	1	633	54 (36 a 55)	F	4
757	35 (26 a 35)	M	1	1.338	62 (+ de 55)	F	4
863	35 (26 a 35)	M	1	1.242	20 (16 a 25)	M	4
328	41 (36 a 55)	M	1	482	22 (16 a 25)	M	4
502	42 (36 a 55)	M	1	1.308	25 (16 a 25)	M	4
1.098	42 (36 a 55)	M	1	776	31 (26 a 35)	M	4
426	44 (36 a 55)	M	1	1.325	33 (26 a 35)	M	4
765	45 (36 a 55)	M	1	793	36 (36 a 55)	M	4
147	46 (36 a 55)	M	1	673	38 (36 a 55)	M	4
164	48 (36 a 55)	M	1	985	39 (36 a 55)	M	4
913	54 (36 a 55)	M	1	1.358	42 (36 a 55)	M	4
764	56 (+ de 55)	M	1	990	43 (36 a 55)	M	4
1.333	56 (+ de 55)	M	1	770	58 (+ de 55)	M	4
90	62 (+ de 55)	M	1	836	21 (16 a 25)	F	5
41	69 (+ de 55)	M	1	377	23 (16 a 25)	F	5
262	47 (36 a 55)	F	2	221	24 (16 a 25)	F	5
796	48 (36 a 55)	F	2	1.292	30 (26 a 35)	F	5
1.383	49 (36 a 55)	F	2	1.253	36 (36 a 55)	F	5
356	50 (36 a 55)	F	2	523	20 (16 a 25)	M	5
598	50 (36 a 55)	F	2	173	24 (16 a 25)	M	5
467	51 (36 a 55)	F	2	1.232	26 (26 a 35)	M	5
886	60 (+ de 55)	F	2	187	42 (36 a 55)	M	5
864	67 (+ de 55)	F	2	1.072	44 (36 a 55)	M	5
964	26 (26 a 35)	M	2	122	25 (16 a 25)	F	6
1.248	27 (26 a 35)	M	2	763	25 (16 a 25)	F	6
106	31 (26 a 35)	M	2	93	26 (26 a 35)	F	6
476	34 (26 a 35)	M	2	1.093	32 (26 a 35)	F	6
883	39 (36 a 55)	M	2	308	34 (26 a 35)	F	6
1.082	45 (36 a 55)	M	2	455	35 (26 a 35)	F	6
837	50 (36 a 55)	M	2	816	38 (36 a 55)	F	6

Continua

Quadro 3.6: *Continuação*

Caracterização da amostra do português europeu							
Número*	Idade	Sexo	Esc.	Número	Idade	Sexo	Esc.
965	53 (36 a 55)	M	2	977	41 (36 a 55)	F	6
485	18 (16 a 25)	F	3	479	42 (36 a 55)	F	6
784	18 (16 a 25)	F	3	129	49 (36 a 55)	F	6
795	23 (16 a 25)	F	3	1.378	55 (36 a 55)	F	6
109	25 (16 a 25)	F	3	1.392	23 (16 a 25)	M	6
1.230	25 (16 a 25)	F	3	1.238	25 (16 a 25)	M	6
376	26 (26 a 35)	F	3	194	32 (26 a 35)	M	6
560	28 (26 a 35)	F	3	1.264	33 (26 a 35)	M	6
1.367	29 (26 a 35)	F	3	184	34 (26 a 35)	M	6
682	45 (36 a 55)	F	3	622	34 (26 a 35)	M	6
653	50 (36 a 55)	F	3	236	38 (36 a 55)	M	6
1.261	55 (36 a 55)	F	3	232	40 (36 a 55)	M	6
1.009	57 (+ de 55)	F	3	457	42 (36 a 55)	M	6
555	19 (16 a 25)	M	3	994	43 (36 a 55)	M	6
135	24 (16 a 25)	M	3	1.042	46 (36 a 55)	M	6
1.315	27 (26 a 35)	M	3	111	47 (36 a 55)	M	6
1.212	28 (26 a 35)	M	3	290	48 (36 a 55)	M	6
79	40 (36 a 55)	M	3	108	49 (36 a 55)	M	6
67	45 (36 a 55)	M	3	1.296	49 (36 a 55)	M	6
657	45 (36 a 55)	M	3	1.071	53 (36 a 55)	M	6
1.201	49 (36 a 55)	M	3	1.394	56 (+ de 55)	M	6
170	60 (+ de 55)	M	3				
Total por idade		Total por gênero		Total por escolaridade**		Total geral	
16 a 25 anos = 25	26 a 35 anos = 34	Masculino = 68		Faixas 1 e 2 = 45	Faixa 3 = 22	133	
36 a 55 anos = 61	Mais de 55 anos = 13	Feminino = 65		Faixa 4 = 27	Faixas 5 e 6 = 38		

* Número de identificação da amostra no CRPC.

** Faixas de escolaridade 1 e 2, informantes que sabem ler e escrever, de nível primário de escolaridade, com ou sem exame ou com o primeiro ciclo liceu (ciclo preparatório) ou equivalente; faixa 3, informantes com segundo ciclo liceu ou equivalente; faixa 4, informantes com terceiro ciclo liceu, curso médio ou equivalente; faixas 5 e 6 de escolaridade, frequência universitária ou curso superior completo.

A quantidade de informantes selecionada para compor a subamostra do PE (133 entrevistas) é maior do que a quantidade selecionada para compor a subamostra do PB (64 entrevistas), o que se justifica pela diferença de extensão verificada entre elas. As entrevistas do Banco de Dados Iboru-

na, as quais apresentam cinco modalidades diferentes de narrativas orais, possuem maior tempo de gravação do que as entrevistas do CRPC, que, por sua vez, apresentam um único tipo de narrativa. Enquanto as entrevistas do Banco de Dados Iboruna duram, em média, trinta minutos, as do CRPC duram, em média, dez minutos.²⁹

Como se verificará no Capítulo 4, da análise de resultados, o número mais elevado de amostras do PE em relação ao do PB não propiciou, entretanto, que houvesse, naquelas, soma mais elevada de ocorrências dos fenômenos variáveis analisados. Em vez disso, para que houvesse melhor equiparação, até mesmo no que se refere ao número de ocorrências, seria necessário número ainda maior de entrevistas do PE, o que, entretanto, não foi possível, em razão da escassez de *corpora* de fala da língua portuguesa europeia e também da ausência de controle da estratificação social nos *corpora* existentes, como antes afirmado.

Cabe mencionar, ainda, que não há, como na amostra brasileira, total equivalência entre cada um dos estratos sociais, como se pode observar nos totais evidenciados no quadro de informantes supra-apresentado. Nota-se, por exemplo, concentração maior de informantes na faixa etária entre 36 e 55 anos (61 informantes), e nas faixas de escolaridade 1 e 2 (45 informantes), além de maior número de informantes do gênero masculino do que do gênero feminino (68 homens e 65 mulheres). As considerações a respeito dos efeitos sociais nos fenômenos investigados para o PE, por causa das restrições impostas pelo *corpus*, requerem uma análise moderada por parte deste estudo, que considere as influências das discrepâncias evidenciadas na estratificação social. Se para as amostras do interior paulista pôde realizar-se uma seleção delas, para o PE recorreremos a todas as entrevistas que se encontravam disponíveis no *corpus*, com o objetivo de submeter à análise estatística o maior número possível de ocorrências dos fenômenos variáveis investigados.

A possível deficiência da subamostra do PE não minimiza a validade dos resultados deste trabalho, visto, até o momento, infelizmente, apre-

29 Para mais informações sobre o *Corpus* de Referência do Português e sobre o Sub-*Corpus* Oral Espontâneo, consultar Bacelar do Nascimento (2000a, 2000b), Bacelar do Nascimento et al. (2001) e outros trabalhos, disponíveis em: http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_crpc.php#quadro.

sentarem-se poucos bancos de dados das variedades do PE que possam ser usados em estudos sociolinguísticos.

Na Figura 3.8, apresenta-se o mapa do território português, com destaque para as localidades de onde provêm as amostras do *Corpus Oral Espontâneo*.



Figura 3.8: Mapa das regiões e localidades consideradas pelo CRPC

Com base na observação de que as amostras do PB do interior paulista não foram estratificadas em relação à localidade do falante, não se consideraram também, para as amostras de fala portuguesas, as diferentes origens geográficas dos informantes. Além disso, embora o sub-*corpus* oral do português europeu apresente variada origem geográfica dos falantes, não há homogeneidade em relação aos estratos sociais e às origens, o que invalida a consideração de cada uma das diferentes localidades neste estudo.

3.6 Contextos investigados para os fenômenos em variação ("envelope variacional")

Embora já tenha sido realizada discussão prévia relacionada aos contextos variáveis de comprovada relevância para os fenômenos ora abarcados, optou-se por realizar uma breve revisão bibliográfica para legitimar o controle das variáveis investigadas nesta pesquisa.

3.6.1 Ocorrências consideradas para os fenômenos variáveis de concordância verbal e de alternância pronominal de primeira pessoa do plural

Em estudo da AP *nós e a gente* em quatro gerações de falantes do Rio de Janeiro, Naro, Görski e Fernandes (1999) consideraram ocorrências de 1PP explícitas e implícitas, associando as desinências verbais <-mos> e \emptyset às formas explícitas em orações anteriores. As ocorrências foram classificadas como próximas ou distantes, de acordo com a distância da forma pronominal explícita *nós* e *a gente*. Os sujeitos desinenciais (ou implícitos) com distância superior a cinco sílabas da forma pronominal foram classificados como distantes, como se vê a seguir:

Posição do sujeito com seu respectivo verbo

Para a posição do sujeito com seu respectivo verbo, distinguimos duas categorias: próxima e distante. Consideramos o sujeito como próximo quando ele se posiciona antes do verbo e é separado dele por menos de cinco sílabas de material fonético. Na ocorrência (3), o primeiro verbo é considerado como um caso de sujeito próximo e o segundo verbo, como um caso de sujeito distante.

(3) A gente sempre reúne o pessoal, depois, fala com eles.

Nós não fizemos distinção entre um sujeito distante e um sujeito desinencial.

(Naro; Görski; Fernandes, 1999, p.204, [tradução nossa])³⁰

Os resultados apresentados pelos pesquisadores, revelados, inclusive, como frutos da opção metodológica, apontam a preferência do falante pelo emprego da desinência <-mos> como referência à 1PP do discurso nos casos de sujeito distante, seja ele a forma pronominal *nós*, seja a forma *a gente*.

Para controle da alternância das formas pronominais *nós* e *a gente* na fala de Vitória, no Espírito Santo, Mendonça (2010) também considerou as ocorrências em que as formas se encontram explícitas na oração e as ocorrências em que a representação da 1PP do discurso se fazia presente por meio das desinências verbais <-mos> e \emptyset , alternantes em contextos de sujeitos de 1PP *nós* e *a gente*. Entretanto, recorrendo à opção metodológica diversa da empreendida por Naro, Görski e Fernandes (1999), em seu trabalho, Mendonça (2010) optou por associar os verbos com terminação <-mos> (1PP) ao pronome *nós*, denominando-os de casos de *nós implícito*, e os verbos com terminação \emptyset (3PS) à forma pronominal *a gente*, classificando-os como ocorrências de *a gente implícito*, independentemente da forma pronominal explícita em oração anterior.

Coelho (R. F., 2006) e Antonino e Bandeira (2011), em estudos da AP em comunidade da periferia paulistana e em comunidade afro-brasileira isolada do estado da Bahia, respectivamente, consideraram também os casos de sujeitos desinenciais com formas verbais de 1PP e de 3PS, associando-as às formas pronominais explícitas em contextos anteriores.

30 No original:

“Position of the subject with respect to the verb

For the position of the subject with respect to the verb we distinguished two categories: near and distant. We considered the subject to be near the verb when it is placed before the verb and is separated from it by not more than five syllables of phonic material. Thus, in (3), the first verb is considered to have a near subject, and the second verb is classified as having a distant subject.

(3) A gente sempre reúne o pessoal, depois, fala com eles.

‘We always meet with the group, then (we) speak with them.’

We did not distinguish between a distant and a 0 subject.”

Com base nos trabalhos de Naro, Görski e Fernandes (1999), de Coelho (R. F., 2006) e de Antonino e Bandeira (2011) e com base na consideração de que as desinências de 1PP e de 3PS, nas comunidades investigadas, são formas concorrentes tanto junto da forma pronominal *nós* quanto junto da forma pronominal *a gente* (ocorrências (1.a-f), destacando-se (1.a) e (1.e)), serão analisadas, para a AP de 1PP do discurso em posição de sujeito, as ocorrências das formas *nós* e *a gente* explícitas (como em (i) e (ii), respectivamente, das ocorrências em (1)) e as ocorrências das formas verbais alternantes de 1PP do discurso representadas pelas desinências <-mos> e Ø, que apresentam as formas pronominais *nós* ou *a gente* em oração anterior. São considerados casos implícitos do pronome *nós* as formas desinenciais <-mos> ou Ø que possuem o pronome *nós* explícito em oração anterior (como em (iii) das ocorrências em (1)). Do mesmo modo, são consideradas casos de *a gente* implícito as ocorrências das desinências <-mos> ou Ø que possuem a forma pronominal *a gente* explícita em oração anterior (como em (iv) das ocorrências em (1)).³¹

- (1.a) Inf.: é:: é eu conheci a B. num::/ numa praça... e:: **(i)** *nós* namoramo(s) um ano... e depois **(i)** *nós* casô(u)... **(i)** *nós* fugimo(s) **(iii)** *casamo(s)*... **(iii)** *teve* uma vida muito difícil hoje graças a Deus (VI) **(iii)** *tá* estabilizado mas::... foi difícil no começo

[BDI-059-17]

- (1.b) Inf.: bom... eu tenho um:: um colega que chama::... J.... e ele:: um certo dia ele::... **(i)** *nós* tava na rua era umas:: onze e meia da noite... **(ii)** *a gente* tava lá:: fora... tal conversan(d)o **(iv)** *descemo(s)* no bar pa to/ jogá(r) um bilhar daí de repente **(ii)** *a gente* tava jogan(d)o bilhar assim no bar... **(iv)** *escutamo(s)* um barulho numa:: casa vizinha do lado... **(i)** *nós* fomo(s) lá vê(r) o que que era... tava esse J.... e uns o(u)tros colega dele... junto com ele tam(b)ém ro(u)bando:: fio de casa

[BDI-031-40]

31 Na codificação que segue cada ocorrência de amostra de fala, são indicados a origem – CRPC, para as amostras do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (português europeu), e BDI, para as amostras do Banco de Dados Iboruna (português brasileiro) –, o número de identificação da amostra no *corpus* e a linha de localização da ocorrência.

(1.c) a estrada é (...) uma, uma coisa é... quer dizer, **(ii)** *a gente* quer seja que o vento dê de caras ou que seja a chuva dá sempre de caras ou, ou que seja de lado, **(ii)** *a gente* temos que aguentar sempre naquela posição e até é um dos serviços que eu me custava mais é a estrada... desde que o, que o temporal teja velhaco, ora **(ii)** *a gente* vamos aí por a estrada adiante, quer dizer, se a água está de costas... mas **(ii)** *a gente* com a, com a (...) com a rotação dos tractores, não é, tá sempre de caras ora **(ii)** *a gente* não temos um para-brisas, nem **(iv)** *temos* nada, aquilo ali é aguentar o pacote, mas aquilo é um bocado custoso, é o que me custa mais é sempre o que custa mais à gente e é o frio no inverno aí numa estrada.

[CRPC-194-3]

(1.d) x: e então **(i)** *nós* saímos das aulas para aí ao meio-dia, depois **(iii)** *telefonamos*, **(iii)** *combinamos* a, a hora, e **(iii)** *vamos* a caminho da praia. **(iii)** *fomos* para aí duas vezes. **(iii)** *chegámos* um dia à torre, para aí num sábado. foi quando **(iii)** *fomos* com ele, **(iii)** *chegámos* à praia da torre, **(iii)** *instalámos* lá por trás dum, dum barco que tava assim empinado na areia; **(iii)** *acondicionámos* ali as, as nossas bagagens

[CRPC-122-10]

(1.e) **(ii)** *a gente* ficô(u) lá quinze dias... **(iv)** *fomos* de ô::nibus **(iv)** *chegamo(s)* lá tudo era novida::de **(iv)** *passseamo(s)* bastante **(iv)** *comemo(s)* muito pe(i)xe

[BDI-034-75]

As ocorrências de verbo flexionado na 1PP com sujeito zero que não possuem pronome explícito em contexto anterior não foram consideradas, por não configurarem casos de alternância *nós* e *a gente*. Como se pode constatar nas ocorrências apresentadas, as comunidades investigadas demonstram emprego da forma verbal de 1PP variável, ocorrendo tanto com o pronome *a gente* quanto com o pronome *nós*. A consideração desses casos somente seria possível se levada em conta uma variável dependente ternária, com variantes *nós*, *a gente* e *desinência de 1PP* <-mos> (sem referente pronominal explícito em oração anterior), o que, defende-se aqui, também apresentaria resultados de grande relevância. Contudo, tendo-se em mente que um dos focos desta pesquisa é a alternância entre os pronomes *nós* e *a*

gente como formas de representação da 1PP do discurso em posição de sujeito, este trabalho restringe-se apenas à análise dessas formas em contexto explícito e implícito.

É de nosso conhecimento, por consequência, que o estudo não abarca todas as formas de representação da 1PP do discurso, como as formas verbais de 1PP com sujeito nulo sem pronome explícito em contexto anterior (como em (2.a) e (2.b)) e também as formas compostas (pronome *eu* + formas representantes de segunda e/ou terceira pessoas do singular/plural do discurso) (como em (2.c) e (2.d)).

(2.a) deixei passar mais tempo, havia cá um funeral dum rapazinho que morreu, de militar, e **estivemos** a ver, eu sempre assim: “bem, ele vem para se vestir, ele vem para se vestir”, quer-se dizer, (...) eram seis e tal da tarde, perto das sete horas e ele ainda não tinha assaído de, aparecido, eu peguei, toca a telefonar para o escritório, aparece o patrão.

[CRPC-022-17]

(2.b) para se fingir **precisamos** de começar por ser verdade.

[CRPC-1394-10]

(2.c) *eu*, num concurso que fomos lá em Pataias, precisamente, em Pataias, *com um grupo de rapazes* cá de Espinho, **fomos** para a, para a, pescar, para as rochas. a certa altura, estávamos atrás duma rocha,

[CRPC-106-10]

(2.d) *eu:: meu tio:: meu pri::mo e um colega nosso tava* sentado ali na frente de casa ali né?... eu morava no fundo e meu tio morava na frente né?... aí nós tava sentado ali... aí um cara perguntô(u) – “cê conhece o M.?” – né?... não num perguntô(u) pra mim né? perguntô(u) po colega meu né?

[BDI-025-389]

Da mesma forma, os casos em que os pronomes são empregados em outra função sintática, como complemento verbal, complemento nominal etc. (como nas ocorrências (3.a) a (3.c)), não foram considerados na análise.

(3.a) se pudesse, talvez preferisse só advogar, mas ficava com muita pena de perder o contacto com **a gente**

[CRPC-232-5]

- (3.b) por que cada professor tem sua técnica... e mesmo assim a gente faz a técnica da **gente**...

[BDI-086-305]

- (3.c) ah os professor é bom... minha professora é legal com **nós**... ela::... ela dá:: pra nós fazê(r) pesqui::sa... de carta::z pra nós pesquisá(r) os anima::is

[BDI-005-360]

Como já discutido, a forma *a gente*, que advém de uma base nominal gramaticalizada, além de se apresentar como pronome pessoal de 1PP, pode também ser empregada como SN, composto de um nome acrescido de um determinante (*a*), e, também, assumir a função de sujeito sentencial, como a forma pronominal. As ocorrências que apresentam *a gente* não pronominal (ou *gente*) como SN-sujeito ou como núcleo de SN-sujeito (como em (4.a) e (4.b)) também não foram consideradas na pesquisa. Alguns critérios permitem o reconhecimento da forma não pronominal, como a pluralização dos elementos (como em (4.c)) e a adição de modificadores à base nominal (como em (4.a-b)), que somente ocorrem quando a forma é um SN, composto de nome e determinante. Além dessas estratégias de identificação, a análise semântica revela diferenças em relação ao referente: o pronome pessoal inclui o próprio falante no estado de coisas descrito pelo verbo; o SN, com nome e determinante, trata de referente de terceira pessoa envolvido no estado de coisas, podendo até mesmo ser substituído por sinônimos como *povo* e *pessoas*, como se verifica em construção do próprio falante, na ocorrência em (4.c).³²

- (4.a) **toda a gente** se manifesta. é preciso que... é preciso que se grite, é preciso que se berre, é preciso que se diga: «abaixo o árbitro!» e «morra o árbitro!» e «mate-se o árbitro!»

[CRPC-170-20]

- (4.b) principalmente dar um apoio moral **àquela gente** que embora tivessem a ganhar trabalhavam de dia e de noite. ah, mas era realmente...

[CRPC-682-10]

32 Na ocorrência (4.c), empregada para apontar a semântica assumida pelo SN *a gente*, a forma pronominal tem função de complemento verbal e não de sujeito, como nos demais casos.

- (4.c) canções de bastante nível que... podem, dar, dar dar possibilidade ao povo de se consciencializar. ao... este chamar este ao povo, **às gentes**, às pessoas...

[CRPC-1242-12]

Como se pode observar nos contextos apresentados, os verbos ligados a essas formas (*a gente* não pronominal ou o SN *gente*), diferentemente dos verbos ligados ao pronome *a gente*, tendem a ser empregados variavelmente na 3PS ou na 3PP, constituindo, inclusive, ocorrências de outro fenômeno de concordância.

Em relação ao estudo do fenômeno da CV de 1PP, consoante o que se verifica na AP, foram consideradas todas as ocorrências de formas verbais em 1PP e 3PS que apresentam como sujeito sentencial explícito na própria oração (como em (5.a) e (5.b)) ou expresso em orações anteriores (como em (5.c) e (5.d)) as formas pronominais *a gente* e *nós*, as quais podem representar a 1PP do discurso.

- (5.a) tem uma história d'uma namorada minha que *a gente* se **conheceu** há uns dois anos

[BDI-029-5]

- (5.b) acho que é muito diNHE(i)ro envolvido **nós somo(s)** um país muito RIco em petróleo e tê(r) que comPRÁ(r) petróleo de o(u)tros paí::ses

[BDI-077-10]

- (5.c) o mar partia em cima dele e tava sujeito a pô-lo no fundo, quando *a gente passámos* um cabo, ao barco, e **rebocámos** para fora, mas o barco não podia vir para fora

[CRPC-1293-15]

- (5.d) ela já tava meia assim... aí **nós** falamo(s) que **ia** ajudá(r) e::la dá(r) uma força pra ela no chá de bebê

[BDI-072-180]

Em alguns casos, embora haja o uso de formas verbais de 1PP, não há possibilidade de variação dessa forma com a forma concorrente de 3PS, por se tratar de contextos nos quais as formas verbais não atuam em uma estrutura sentencial plena, guardando semelhança maior ou menor com os

marcadores discursivos (como em (6.a) e (6.b)), que possuem maior fixidez estrutural.³³

(6.a) ah era pra era **vamos dizer** assim reunir os jovens... ((Doc.: uhum))
de do do do dos legionários do Brasil inteiro né?

[BDI-023-65]

(6.b) eu acho que eu não teria caído desse jeito... teria desviado (dele...) mas... **convenhamos**... aí ele começou a gritar que tava com DOR... ele não sabia se ele socorria o pé dele que tava com dor ou se ele socorria a bendita da moto.

[BDI-050-65]

Empregadas nesse contexto, essas formas verbais não apresentam sujeito explícito na oração, nem expresso em oração anterior. Trata-se de estrutura cristalizada, não passível de variação.

Como já mencionado, além das formas pronominais *nós* e *a gente*, representa a primeira pessoa do plural do discurso também o pronome pessoal de 1PS, *eu*, em conjunto com outras estruturas (SN, pronome, numeral, dentre outras) (como em (7.a) e (7.b)), porém, por uma questão de recorte metodológico, essas formas de sujeito foram consideradas separadamente no estudo da CV de 1PP do discurso.

(7.a) era um homem maravilhoso... pena que tem três filho... tem a esposa dele... SÓ... que tudo que *eu* e *ele* **tivemo(s)** juntos... ninguém ficô(u) sabên(d)o NUNca

[BDI-068-50]

(7.b) *eu*, num concurso que **fomos** lá em Pataias, precisamente, em Pataias, *com um grupo de rapazes cá de Espinho*, **fomos** para a, para a, pescar, para as rochas.

[CRPC-106-30]

A decisão pela desvinculação desses casos dos demais casos de CV de 1PP tem amparo na apreciação da variação com os pronomes *nós* e *a gente* como dois (e não somente um) fenômenos variáveis relacionados à 1PP do

33 Para mais informações sobre a atuação das formas verbais de 1PP como marcadores discursivos e como estruturas cristalizadas, ver Rubio (2009).

discurso, o que sugere que as ocorrências sejam selecionadas em relação às formas pronominais do contexto.³⁴

Conforme observação, a CV com a estrutura composta pelo pronome de 1PS, *eu*, acrescido de outras formas, apresenta formas verbais variadas, tratando-se, portanto, de fenômeno com variável dependente eneanária (ao menos, no português brasileiro), com desinências de 1PS (como em (8.a)), 1PP (como em (8.b)), 3PS (como em (8.c)) e 3PP (como em (8.d)), diferentemente dos demais fenômenos considerados neste estudo, os quais possuem variável dependente binária.

(8.a) porque essa área muito eu fiz ela pra cultivá(r) meus animais... **moro eu e meu filho... mais quatro cachorro e CINco gato... éh::** é uma casa realmente muito animada

[BDI-085-300]

(8.b) todo dia de:: charrete... pro... pro... pra escola... éh::... e eu e meu irmão pequenos... **ficávamos** com uma::... éh... com uma empregada

[BDI-082-240]

(8.c) o dia que ela faleceu eu estava de plantão... eu e uma médica... **tava** de plantão dentro da U.T.I....

[BDI-105-20]

(8.d) uma festa numa boate e::u num me recordo o nome mas é... ali no centro de Rio Preto **foram eu e meus amigos** tal tal... fomo(s) nessa boate... uma boate assim muito lo::(u)Ca

[BDI-074-75]

Além dessas características, outras diferenciam esse fenômeno, como a possibilidade (pela observação da amostra, seria possível afirmar que é uma tendência) de posposição do sujeito composto em relação ao verbo, que praticamente não ocorre com sujeitos como *nós* e *a gente*, conforme já observado. É importante destacar ainda que foram encontradas somente quarenta ocorrências de sujeito formado por primeira pessoa do singular nos *corpora*, sendo apenas duas do português europeu, fato que restringe

34 Na análise dos resultados de concordância verbal de 1PP para a variedade do português europeu, se confirmará a validade da decisão de considerar os fenômenos como distintos, visto apenas um deles se mostrar variável.

sobremaneira a consideração do fenômeno variável. Porém, mesmo que haja impedimentos para análise quantitativa mais acurada, é possível que se proceda à breve análise qualitativa desses casos, como será visto no Capítulo 4.

3.6.2 Fatores linguísticos relacionados à primeira pessoa do plural

3.6.2.1 Grau de determinação do referente sujeito

Ao se fazer a análise da variação entre as formas *nós* e *a gente*, verificou-se a AP na representação da 1PP em posição de sujeito sentencial. Na análise da CV variável, a observação recai sobre a ocorrência de formas verbais com desinência de 1PP ou de 3PS, que pode ocorrer junto às duas formas pronominais, *nós* e *a gente*.

Segundo Buescu (1961 apud Pereira, S. M. de B., 2003), o pronome pessoal *nós* possui maior concretude, ou seja, normalmente é usado para se referir a um número mais completo ou determinado de pessoas. O pronome pessoal *a gente* é usado para delimitar categorias, isto é, para se referir a um número não limitado.

Diversos trabalhos apontaram o *grau de determinação do referente* como importante fator na alternância das formas pronominais *nós* e *a gente* em posição de sujeito (Omena, 1986; Machado, 1995; Lopes, 1999; Vianna, 2006). Além disso, há menção da influência do grau de determinação do sujeito também sobre a CV de 1PP (com os pronomes *nós* e *a gente*) em (Omena, 1996), o que nos leva à consideração dessa variável para os três fenômenos, motivados pela hipótese de que referentes mais específicos e definidos, nos quais o falante nitidamente se inclui, influenciariam a aplicação da desinência de 1PP, independentemente da forma do sujeito pronominal.

Em investigação prévia realizada para a variedade do interior paulista, foi constatada a seleção desse grupo de fatores como relevante para a AP e também para a CV com o pronome *a gente*, revelando que sujeitos mais específicos e definidos exercem influência positiva em relação à aplicação de desinência de 1PP, o que se confirmou pelo aumento na frequência de desinências verbais de 1PP para sujeitos de *referente específico e definido* (Rubio; Gonçalves, 2010).

Com base nessas hipóteses e nos trabalhos de Omena (1986), Lopes (1999) e Vianna (2006), este estudo propõe o controle do *grau de determinação do referente sujeito* conforme segue:

- i. *referência genérica e indefinida*: quando o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos, normalmente com referência a pessoas ou a grupos (9.a) e (9.b);
 - ii. *referência genérica e definida*: quando o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos. Nesse contexto, fica claro que o falante tem consciência de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso – por exemplo, as pessoas do trabalho, do futebol, da família, do bairro (9.c) (9.d);
 - iii. *referência específica e definida*: quando o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores (9.e) e (9.f).
- (9.a) *a gente* tem que se preocupá(r) SIM com o meio ambiente... não desmatá(r)
[BDI-051-550]
- (9.b) *nós* aqui nas cidades apreciamos uma coisa: qualquer... por exemplo...
[CRPC-91-17]
- (9.c) então tem um secante de cobalto... que *a gente* utiliza lá no serviço
[BDI-086-380]
- (9.d) a sardinha é o peixe com que *nós* trabalhamos cá mais
[CRPC-147-29]
- (9.e) quando *a gente* lá foi e vimos então que o homem tinha a rede na... na hélice
[CRPC-1293-3]
- (9.f) à noite, *nós* comemos, todos três, vamos dar uma volta no carro e depois vimos para casa.
[CRPC-22-7]

3.6.2.2 Tempo e modo verbal

Vários são os estudos que investigam a influência da expressão modo-temporal do verbo no emprego das formas *nós* e *a gente* e do tipo de CV que elas desencadeiam. Segundo Fernandes e Görski (1986), em relação à CV, a desinência <-mos> de 1PP vem adquirindo função de morfema de pretérito, em oposição ao morfema \emptyset de presente, o que leva à expectativa de que o pronome *nós* tenha seu uso mais vinculado a verbos no pretérito enquanto *a gente*, a verbos no presente. Omena (1986) e Lopes (1998) mostram que pretérito imperfeito, presente e formas nominais tendem a favorecer o uso de *a gente*, enquanto futuro e pretérito perfeito, o uso de *nós*. *A gente* estaria relacionado a tempos menos definidos, como o presente (que pode expressar ação presente, futura, tempo indefinido, atemporalidade e habitualidade) e o pretérito imperfeito, que denota ação passada inconclusa. Tempos verbais de valores mais definidos, como o pretérito perfeito (que denota ação passada conclusa), estariam mais ligados ao emprego do pronome *nós* (Vianna, 2006).

Em relação à CV de 1PP do discurso e ao emprego dos pronomes *nós* e *a gente*, Naro, Scherre e Fernandes (1999) comprovaram, em estudo de quatro diferentes gerações de falantes do Rio de Janeiro, que formas de pretérito relacionadas aos sujeitos pronominais *nós* e *a gente* tendem a apresentar com maior frequência desinências de 1PP do que formas no presente. Os autores constataram ainda que, para os falantes de maior idade, a saliência fônica verbal é a principal variável de influência no emprego de formas verbais de 1PP e 3PS junto dos pronomes *nós* e *a gente*, com formas mais salientes favorecendo o emprego da desinência <-mos>. Por outro lado, entre os falantes mais jovens, o fator linguístico *tempo verbal* foi determinante no emprego das desinências verbais, com o pretérito favorecendo a desinência <-mos> junto de ambos os pronomes. Esses resultados levaram os pesquisadores a concluir que a mudança ocorreu apenas em relação ao principal fator responsável pelo processo de variação na CV de 1PP, da saliência fônica para o tempo verbal, já que não houve mudança no fenômeno variável de concordância de 1PP (conclusão expressa no próprio título do trabalho dos autores: “Change without change”).

A seguir, são apresentados alguns resultados evidenciados em pesquisas anteriores e que constituem hipóteses a verificar: i) a desinência de 1PP

<-mos> vem adquirindo função de morfema de pretérito perfeito, em oposição ao morfema Ø do tempo presente. Dessa maneira, o pronome *nós* tem seu uso mais vinculado a verbos no pretérito e o pronome *a gente*, a verbos no presente (Fernandes; Görski, 1986; Lopes, 1998; Naro; Görski; Fernandes, 1999); ii) o pretérito imperfeito, o presente e as formas nominais tendem a favorecer o uso de *a gente*, enquanto o futuro e o pretérito perfeito favorecem o uso de *nós* (Omena, 1986; Lopes, 1998).

Com base no exposto, o grupo de fatores *tempo e modo verbal* compõe-se das seguintes variantes:

- i. presente do indicativo e do subjuntivo ((10.a) e (10.f));
- ii. pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo ((10.b) e (10.g));
- iii. pretérito perfeito do indicativo ((10.c) e (10.h));
- iv. futuro do presente e do pretérito do indicativo, futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal ((10.d), (10.i)), ((10.e) e (10.j)).³⁵

- (10.a) *a gente já sai* de casa de, das, dos senhores fartas de trabalhar.
[CRPC-839-7]
- (10.b) *a gente tava* trabalhando com as tartarugas marinhas
[BDI-004-16]
- (10.c) tens de contar aquela vez, quando *a gente foi* jogar nos brejos
[CRPC-236-19]
- (10.d) se *a gente de(i)xá(r) de fazê(r)* isso o preconceito ainda vai existí(r)
[BDI-016-13]
- (10.e) a mim causa-me dó é *a gente chegar e conseguir detectar* o problema
[CRPC-836-9]
- (10.f) é muito importante que *nós tenhamos* união... a união da classe é muito importante, ainda mais se queremos alcançar algo
[CRPC-144-11]

35 Por causa da baixíssima frequência de alguns tempos verbais (menos de 3%), optou-se por amalgamá-los no *fator futuro do presente e do pretérito do indicativo, futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal*.

- (10.g) *nós* que atendemos um guichet damos a cara, é como se **estivéssemos** no écran da televisão, *nós* é que estamos ali, o programa é feito por outro
[CRPC-426-25]
- (10.h) e depois *nós* casô(u)... *nós* **fugimo(s)** casamo(s)... teve uma vida muito difícil
[BDI-059-25]
- (10.i) amanhã *nós* **estaremos in(d)o** pra lá ficaremos lá mais uns/ acho que uns dez dias
[BDI-093-10]
- (10.j) oito meses antes... de *nós* **casarmos** *nós* m/ marcamo(s) com a nossa família
[BDI-092-25]

3.6.2.3 Saliência fônica

No estudo da CV e nominal, *saliência fônica* é fator relevante na retenção de marcas de pluralidade no verbo e no predicativo. Os resultados demonstram que distintos graus de diferenciação entre formas em competição no processo de variação têm importância fundamental na seleção da forma preferida.³⁶ Naro, Görski e Fernandes (1999) comprovam que maiores níveis de saliência entre as formas verbais levam a maiores frequências de uso da forma de 1PP, seja com sujeito *nós*, seja com sujeito *a gente*. À medida que o nível de saliência aumenta, a frequência de aplicação da desinência de 1PP também aumenta.

Considerando a síncope da vogal postônica em palavras proparoxítonas (Lemle; Naro, 1977), Rodrigues (A. C. de S., 1987) e Coelho (R. F., 2006) comprovam que os falantes de suas amostras tendem a evitar formas verbais proparoxítonas, que ocorrem com 1PP em alguns tempos verbais. Os resultados tornaram evidente, nesses contextos, a aplicação quase categórica da desinência de 3PS junto do pronome *nós* (Rodrigues, A. C. de S. 1987) ou a preferência acentuada pela forma *a gente*, com desinência de 3PS (Coelho, R. F., 2006).

36 Uma discussão mais acurada será empreendida na seção que trata da CV de 3PP, uma vez que o grupo de fatores *saliência fônica verbal* demonstrou, em inúmeros estudos, ser de grande relevância para o fenômeno variável.

Diante do exposto e com base em Naro, Görski e Fernandes (1999) e em Rodrigues (A. C. de S. 1987), em relação ao grupo de fatores *saliência fônica*, propõe-se a seguinte divisão:

- i. *saliência esdrúxula*: a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona e a oposição *vogal/vogal-mos* não é tônica nas duas formas. Exemplos: *cantava/cantávamos*, *fazia/fazíamos*, *tivesse/tivéssemos* ((11.a) e (11.e));^{37,38}
- ii. *saliência máxima*: ocorre mudança no radical e a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica em uma ou duas formas. Exemplos: *é/somos*, *fez/fizemos*, *veio/viemos* ((11.b) e (11.f));
- iii. *saliência média*: ocorre uma semivogal na forma de terceira pessoa do singular que não ocorre na forma de primeira pessoa do plural e a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica nas duas formas. Exemplos: *comprou/compramos*, *foi/fomos*, *partiu/partimos*, *vai/vamos* ((11.c) e (11.g));
- iv. *saliência mínima*: a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. Exemplos: *assiste/assistimos*, *canta/cantamos*, *dá/damos*, *está/estamos*, *fazer/fazemos*, *faz/fazemos*, *lê/lemos*, *será/seremos*, *trouxe/trouxemos*, *tem/temos* ((11.d) e (11.h)).

(11.a) e a gente não **podia** [podíamos] saí(r) porque tinha que pagá(r)
[BDI-024-5]

(11.b) quando ao depois a gente **viemos** [veio] e arrelocámos... os homens
[CRPC-1293-11]

(11.c) a gente **ficô(u)** [ficamos] lá dançô::(u) tal conheceu um monte de gen::te elas tomaram su::co refrigerante tal
[BDI-024-19]

(11.d) sabes que a gente só **tem** [temos] jeito é para arranjar noivas aos outros
[CRPC-122-25]

37 Nas ocorrências, apresenta-se em destaque a forma empregada pelo falante e, entre colchetes, a forma concorrente no processo de variação.

38 *Esdrúxulo* tem como *sinônimos* *esquisito*, *extravagante*, *excêntrico*, além do sinônimo (em desuso) *proparoxítono*, acepções que nos levaram à denominação dessa categoria de *saliência*.

- (11.e) nós lá as **aconselhávamos** [aconselhava] a tirar as estrumeiras
[CRPC-1009-9]
- (11.f) éh que nós **tivemos** [teve] assim éh uma família grande minha mãe
teve bastante filhos
[BDI-093-75]
- (11.g) são os adubos que nós **pomos** [pôs], pelo menos cá na ilha de são Miguel
[CRPC-1092-9]
- (11.h) nós **temo(s)** [tem] que fazê(r) uma macumba pa matá(r) essa mulher
[BDI-097-115]

3.6.2.4 Explicitude do sujeito

O controle do fator *explicitude do sujeito* é proposto por considerar que alguns tipos de sujeitos podem levar a maior aplicação de marcas de 1PP nos verbos do que outros. Sujeitos não realizados foneticamente, ou seja, sujeitos desinenciais ou nulos, podem levar a maior realização do morfema número-pessoal de plural nos verbos, pois passam a atuar como única forma de identificação da pessoa do discurso.

Bortoni-Ricardo (1985) verificou que sujeitos do tipo *nulo ou desinencial* influenciam positivamente a aplicação de marcas de 1PP nos verbos (84% de emprego de 1PP), se considerados em oposição a sujeitos explícitos (47% de emprego de 1PP). Rodrigues (A. C. de S., 1987) controlou a variável *realização do sujeito sintático*, com a consideração dos fatores *nós explícito*, *não explícito* (sujeito nulo) e *sujeito não pronominal* (por exemplo, *eu e meu marido*). A ausência ou elipse do sujeito (sujeito oculto, cancelado, apagado, zero) ocasionou maior marcação desinencial de 1PP nos verbos. Nesse caso, segundo a autora, não há redundância na desinência verbal, como ocorre em orações com sujeito pronominal. A relação entre verbo e sujeito é estabelecida somente por meio da CV, o que “valida a hipótese de que sujeito oculto favorece o uso de formas verbais marcadas, ou aplicação da regra padrão” (Rodrigues, A. C. de S., 1987, p.125).

Tais afirmações são pertinentes à CV de 1PP e de 3PP com a consideração da forma pronominal explícita ou não explícita do pronome de 1PP *nós*.³⁹

39 Para a 3PP no português do interior paulista, comprovadamente, os sujeitos desinenciais também contribuem para a manutenção da desinência de plural (Rubio, 2008).

Cabe verificar se o mesmo princípio da manutenção da forma considerada padrão vale para a forma pronominal *a gente*, que seria acompanhada de formas verbais de 3PS.

Se, no caso do pronome *nós*, a desinência de 1PP favorece a desambiguação em relação às outras pessoas, para o pronome *a gente*, a forma de 3PS promoveria, em determinados contextos, a ambiguidade de referente, por ser forma padrão ou não padrão verbal utilizada junto de vasta gama de pronomes pessoais.

Diversos trabalhos de cunho variacionista já comprovaram a influência do preenchimento ou apagamento do sujeito na AP *nós* e *a gente* no PB (Omena, 1986, 2003; Lopes, 1993, 1998; Naro; Görski; Fernandes, 1999; Mendonça, 2010; entre outros). Mais recentemente, Vianna (2011) atestou, no fenômeno variável da AP de 1PP em amostras de fala do PE, a predominância de emprego da forma pronominal não explícita padrão *nós* em posição de sujeito. Para a forma pronominal *a gente*, o emprego da forma não preenchida praticamente não ocorreu, prevalecendo os casos de sujeito explícito.

Com base nesse debate e na comprovação da importância da observação do preenchimento ou apagamento dos sujeitos de 1PP *nós* e *a gente*, propõe-se a investigação dos seguintes contextos em relação ao grupo *explicitude do sujeito*:

- i. sujeito explícito na própria oração⁴⁰ (12.a-c);
- ii. sujeito não explícito ou desinencial (presente em contexto anterior) (12.b-d).

(12.a) *nós* nos **conhecemos** na igre::ja ((risos)) num/ numa reunião de igreja que a gente ia tal

[BDI-022-5]

(12.b) aí nesse churrasco *nós* acabamo(s)... **ficamo(s)**... mas num **voltamo(s)**

[CRPC-022-181]

40 Por uma questão de recorte metodológico, neste momento, não serão consideradas outras formas de realização da 1PP (formas compostas).

(12.c) *a gente dá* os catecismos às crianças, geralmente elas todas sabem ler
[CRPC-022-3]

(12.d) *a gente* que vem de fora aqui das redondezas e que é apreciado pelas
pessoas
[CRPC-067-5]

3.6.2.5 Paralelismo formal de nível discursivo

O grupo *paralelismo formal de nível discursivo* também se revela importante grupo de fatores a ser investigado no estudo da CV.⁴¹ Segundo Scherre (1998, p.35), pelo princípio do paralelismo linguístico discursivo:

verbo precedente – referente ao mesmo sujeito ou a sujeito do mesmo campo semântico – com variante explícita favorece verbo subsequente igualmente marcado, enquanto verbo com variante zero favorece verbo com variante zero.

A repetição de marcas no plano discursivo pode se dar também entre sujeitos de diferentes cláusulas, conforme afirma Scherre (1998, p.35):

SN precedente – idêntico ou do mesmo campo semântico – com todas as variantes explícitas favorece SN subsequente igualmente marcado, enquanto SN que apresenta pelo menos uma variante zero favorece SN subsequente com pelo menos uma variante zero.

Omena (1996), Lopes (1993, 1998, 2003), Mendonça (2010) e Vianna (2011), entre outros, analisaram o princípio do paralelismo discursivo para a AP *nós* e *a gente* e confirmaram que o pronome que inicia uma série de cláusulas tende a ser usado também nas demais cláusulas, ou seja, se a forma pronominal *a gente* ou a forma pronominal *nós* é empregada na primeira cláusula de uma série, há uma tendência de que as próximas cláusulas apresentem também a mesma forma pronominal antecedente.

41 Nos estudos de 3PP, conforme se verá a seguir, é comum o controle do fator *paralelismo formal de nível oracional*, sob a hipótese de que as marcas de plural presentes no sujeito influenciam a marcação de plural nos verbos. Para a 1PP do discurso, a restrição em relação ao sujeito, que, necessariamente, deve conter um pronome de 1PS ou de 1PP, inviabiliza o controle desse grupo de fator.

Assim, para a CV, a expectativa é de que os contextos em que os verbos anteriores são marcados com o plural favoreçam a marcação de plural nos verbos posteriores e, para a AP, a hipótese é de que haja a repetição das mesmas formas pronominais ou verbais (no caso de sujeitos desinenciais) em uma série de cláusulas com mesmo referente.

Com base na ampla discussão apresentada em Scherre (1998), a respeito da relevância do princípio do paralelismo linguístico em fenômenos variáveis, a hipótese a ser investigada para o grupo de fatores na CV de 1PP é a de que formas verbais precedidas de formas verbais com desinência de 1PP tenderiam a apresentar maior frequência de marcas de plural do que formas verbais precedidas de formas com desinência de 3PS. Ressalta-se, de antemão, que os princípios apresentados referem-se a estudos realizados com a consideração da forma pronominal *nós*. É importante verificar se o mesmo princípio se aplica à CV com a forma *a gente*. Para essa variável, devem-se considerar, então, as seguintes variantes:

- i. forma verbal com desinência de 1PP na oração anterior (13.a);
- ii. forma verbal com desinência de 3PS na oração anterior (13.b);
- iii. forma verbal isolada ou primeira de uma série (13.c).

(13.a) *nós tínhamos*... costura e **aprendemos** as coisas direitinho

[BDI-151-85]

(13.b) *a gente aborrece-se*, e ao depois ainda **espanqueia** e vai-se para a cama chateado

[CRPC-839-81]

(13.c) ora *a gente* não **temos** um para-brisas, nem temos nada, aquilo ali é aguentar o pacote

[CRPC-1643]

Para a investigação da influência do paralelismo discursivo na AP, com base em Lopes (1998), Mendonça (2010) e Vianna (2011), apresentam-se as seguintes variantes a serem consideradas:

- i. forma isolada ou primeira de uma série (14.a-b);
- ii. forma precedida de *nós* explícito (14.c);
- iii. forma precedida de verbo em 1PP (sujeito desinencial) (14.d);

- iv. forma precedida de *a gente* explícito (14.e);
- v. forma precedida de verbo em 3PS (sujeito desinencial) (14.f).

(14.a) **a gente**::... poderia começá(r) a tê(r) uma educação... agora você/ eu comparo assim o Estado de São Paulo com o Estado do Paraná... a educação do Estado do Paraná é formidável... as pessoas não jogam lixo na rua

[BDI-035-515]

(14.b) **nós** somos condicionados sub e inconscientemente, não é, de maneira que lá temos o instinto da conservação da espécie a, a, a limar todos esses pruridos de ordem moral que a gente possa ter (...) é verdade.

[CRPC-218-40]

(14.c) egoísmo porque não havendo possibilidade de os consultar, automaticamente deixa de ser egoísmo porque não há... seria egoísmo se **nós** realmente tivéssemos possibilidades de os consultar e não o **fizéssemos**

[CRPC-218-20]

(14.d) aí nós fomo(s) lá na casa da colega dela que era super LONge... **fomo(s)** lá **buscamos(s)** o aparelho

[BDI-035-32]

(14.e) pra chegá(r) lá na praia demora que é a praia de Sa::ntos... e:: é muito cansativo a viagem... mas vale a pena porque lá tem... a:: quando *a gente* chegô(u) lá e **a gente** ficô(u) numa colônia... que era bem grande era um prédio de dez andares

[BDI-037-230]

(14.f) vai para casa, vai é lavar roupa e é limpar a casa e é fazer comer, ao depois é os filhos a ra, a, a chatear por um lado e é outro a chatear por outro, ao depois a gente aborrece-se, e ao depois ainda **espanqueia** e **vai-se** para a cama chateado, a assim prontos

[CRPC-839-20]

Após a apresentação dos contextos que podem influenciar a AP e a CV relacionadas à 1PP do discurso, propõe-se um quadro com os fatores linguísticos e as respectivas variantes a serem investigadas para cada um dos fenômenos variáveis.

Quadro 3.7: Fatores linguísticos considerados na concordância verbal e na alternância pronominal de primeira pessoa do plural

Concordância verbal e alternância pronominal de primeira pessoa do plural		
Variáveis	Variantes	
Explicitude do sujeito	sujeito explícito na própria oração; sujeito não explícito ou desinencial (presente em contexto anterior)	
Grau de determinação do referente sujeito	genérico e indefinido; genérico e definido; específico e definido	
Tempo e modo verbal	presente do indicativo e subjuntivo; pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo; pretérito perfeito do indicativo; futuro do presente e do pretérito do indicativo e futuro do subjuntivo; outros tempos verbais	
Saliência fônica verbal	esdrúxula; máxima; média; mínima	
Paralelismo linguístico de nível discursivo	Concordância verbal	forma verbal com desinência de primeira pessoa do plural em oração anterior; forma verbal com desinência de primeira pessoa do singular em oração anterior; forma verbal isolada ou primeira de uma série
	Alternância pronominal	forma isolada ou primeira de uma série; forma precedida de <i>nós</i> explícito; forma precedida de verbo em primeira pessoa do plural (sujeito desinencial); forma precedida de <i>a gente</i> explícito; forma precedida de verbo em terceira pessoa do singular (sujeito desinencial)

Conforme se pode constatar no Quadro 3.7, para a AP *nós* e *a gente* e para a CV com o pronome *nós* e com o pronome *a gente*, serão considerados cinco grupos de fatores linguísticos: *explicitude do sujeito*, *grau de determinação do referente sujeito*, *tempo e modo verbal*, *saliência fônica* e *paralelismo linguístico discursivo*. Como se pode notar, todos os fatores são comuns aos três fenômenos variáveis investigados, com distinção feita apenas ao grupo de fatores *paralelismo linguístico discursivo*, que, apesar de considerado nos três fenômenos, apresenta contextos linguísticos variáveis diferentes a serem investigados na AP.

Embora o fenômeno de variação de CV de 1PP guarde semelhança em relação ao fenômeno de variação de CV de 3PP, no que se refere à aplicação variável de marcas no verbo e no que diz respeito à atuação de alguns fatores linguísticos, como *saliência fônica verbal* e *paralelismo linguístico discursivo*, apresenta peculiaridades que impedem a consideração conjunta de alguns outros fatores linguísticos.

A *posição do sujeito em relação ao verbo*, variável comprovadamente atuante na CV de 3PP, tem sua consideração parcialmente inviabilizada na CV de 1PP, visto que os pronomes *a gente* e *nós* possuem anteposição quase categórica (ao menos nas amostras consideradas), nos casos em que se encontram explícitos. Inicialmente, procedeu-se à consideração desse contexto, entretanto, ao final da codificação, foi observado que os únicos casos de distanciamento do sujeito em relação ao verbo foram verificados para a CV com o pronome *nós* no PE, que se mostrou fenômeno invariável, com aplicação categórica de formas verbais com desinência de 1PP, conforme se verá adiante. A seguir, tem-se o único caso de distanciamento do sujeito em relação ao verbo verificado na amostra do PB.

- (15) eu disse até que essa copa tinha que sê(r) minha tanto é que quando MEU pai... faleceu... **nós** então os seis irmãos... nos **reunimos** pra vê(r) o que cada um ia tê(r)... cada um ia fazer/ ia tê(r) dos móveis dos bens ali e tal... e tinham móveis de bom valor

[BDI-032-70]

A mesma inviabilidade se dá em relação ao grupo de fatores *traço semântico do sujeito*, pois, diferentemente dos sujeitos de 3PP, que podem apresentar traços [+humano] ou [-humano] e [+animado] ou [-animado], os pronomes sujeitos de 1PP *nós* e *a gente* invariavelmente apresentam traço [+humano], já que sempre referenciam entidades humanas (1PP do discurso).

É inexequível também o controle do grupo de fatores *paralelismo linguístico de nível oracional*, pois, diferentemente dos sujeitos de 3PP, os quais podem apresentar elementos pluralizados ou não em sua estrutura, os sujeitos de 1PP do discurso investigados compõem-se dos pronomes *nós* e *a gente*, cabendo lembrar que o <-s> presente na terminação da forma pronominal *nós* não se confunde com marca de plural, por conseguinte não encontra correspondente singular.

3.6.3 Ocorrências selecionadas para a concordância verbal de terceira pessoa do plural

Para a investigação da CV variável de 3PP, consideraram-se ocorrências dos *corpora* que apresentam, como sujeito da oração, construções que remetem à 3PP, sejam elas formadas por SNs ((16.a) e (16.b)), pronomes ((16.c)

(16.d)) ou outros elementos quaisquer (numerais, artigos etc.) ((16.e) e (16.f)), estando eles explícitos (de (16.a) a (16.f)) ou subentendidos (presentes em oração anterior) ((16.g) e (16.h)).

(16.a) os homens, é claro, nos serviços mais pesados, que *as mulheres* não **podem fazer**. mas como geralmente *os serviços* aqui não **são** pesados
[CRPC-147-20]

(16.b) ah eu acho que não devia desarmar o povo... daí *os bandido* **vai** ficar mais expandido vai ter mais ainda que eles sabe que o povo de casa não tem arma nenhuma
[BDI-058-336]

(16.c) aí eu decidi vim de a pé porque *elas* não **queriam** me **trazer**... aí eu decidi vim de a pé
[BDI-006- 7]

(16.d) então ficou assim muito rico então *eles* **tinha** um filho que era psicólogo super famoso tinha muito dinheiro
[BDI-045-169]

(16.e) ele levanta-se, preparam-se, **vão** *os dois* dar de comer aos bichos, vêm para baixo, vão ao futebol ver os júniores,
[CRPC-022-10]

(16.f) não sei os motivos, *uns* **diz** que é disto, outros diz que é dos arrastões, *outros* **diz** que é das algas, enfim, olhe cá estamos, cá estamos à espera que isto melhore
[CRPC-764-10]

(16.g) efectivamente o, *as pessoas* lá tinham mais dinheiro, **acabavam** por, muitas vezes, dar boas gorjetas, e essas gorjetas acabavam por compensar bastante o trabalho
[CRPC-1248-30]

(16.h) vi MUI::to ... cresci:: ven:do: pessoas usando droga: na minha adolescê::ncia:: ... aquelas crianças que cresceu junto comigo::: ... usando dro::ga ... e: **viciou:** na dro::ga: ... e::: só **afundou:** ... muitos morreram ... pela polícia:: ... a polícia
[BDI-062-377]

Algumas ocorrências foram descartadas por não figurar como casos passíveis de variação na CV ou mesmo por não possuir um referente plausível de recuperação com base no contexto ou em oração anterior (17.a-b), os casos de indeterminação do sujeito, como se observam a seguir.

(17.a) a água estava vermelha, avermelhada, e **deram**, **diziam** que era um barco, um petroleiro que tinha descarregado petróleo
[CRPC-106-3]

(17.b) olhe, dou-me bastante bem. nunca bati, já me **bateram** duas vezes, mas, mas nada de grande, nada de grave
[CRPC-109-20]

Nessas ocorrências, a forma verbal de 3PP é empregada como recurso de indeterminação do sujeito da oração, quando não se tem conhecimento ou interesse em torná-lo conhecido do ouvinte. Mediante o fato de não haver sujeito explícito, nem expresso em oração anterior (desinencial), esses casos não são considerados na presente pesquisa.

Foram excluídas também ocorrências de verbos como *ter*, *vir* e seus derivados, que, como mostrado em (18.a) e (18.b), flexionados no presente do indicativo, não apresentam, na modalidade falada, distinção entre a forma singular e a forma plural, ou seja, verbos cujas pronúncias são homófonas nesses contextos.

(18.a) *as pessoa* **têm** que repartir o cabelo... todinho por mechas... colocar piranhinhas no cabelo...
[BDI-072-280]

(18.b) *as duas* **contêm** maca::cos... peque::nos e gran::des NE
[BDI-011-100]

Após a apresentação dos contextos linguísticos considerados para os fenômenos variáveis abarcados por este estudo, apresentam-se as variáveis sociais consideradas na pesquisa.

3.6.4 Fatores linguísticos relacionados à concordância verbal de terceira pessoa do plural

Baseados numa revisão da literatura sobre o assunto, foram selecionadas as variáveis que constituem, nesta pesquisa, hipóteses de investigação sobre

a CV de 3PP no PB e no PE. A escolha inicial dessas variáveis é motivada pelo fato de, na literatura pesquisada, terem sido elas as selecionadas pelo programa estatístico como as de maior significância na implementação da variação.

Das variáveis linguísticas já comprovadas pertinentes para o estudo da variação de CV de 3PP, há aquelas relacionadas diretamente a propriedades do verbo, como *transitividade* e *saliência fônica*; aquelas relacionadas diretamente ao SN-sujeito, como *traço semântico do sujeito*, *tipo estrutural* e *referencialidade*; aquelas que explicitam a relação SN-sujeito/verbo, como *paralelismo formal de nível oracional* e *posição do sujeito em relação ao verbo*, e propriedades discursivas, como *paralelismo formal de nível discursivo*.

3.6.4.1 Propriedades do verbo

3.6.4.1.1 Fatores não controlados

Embora a atuação da *transitividade* tenha se mostrado relevante em alguns estudos da CV (Monguilhott, 2001; Monguilhott; Coelho, 2002; Monguilhott, 2009), essa variável não foi incluída nesta pesquisa, por diversas razões, como se argumenta a seguir, sendo a principal a correlação direta entre ela e outros grupos de fatores, o que levaria a resultados já evidentes (Scherre; Naro; Cardoso, 2007; Rubio, 2008).

Para a variável *transitividade*, foi proposta por Monguilhott e Coelho (2002) a investigação das seguintes variantes: (i) *verbos inacusativos*, que selecionam argumento interno, gerado na posição de complemento do verbo (*chegar, sair, morrer*); (ii) *verbos intransitivos*, que selecionam apenas argumento externo (*trabalhar, sorrir, telefonar*); (iii) *verbos transitivos*, que selecionam argumento externo e interno (*desejar, dar, querer*); e (iv) *cópula*, que seleciona uma predicação reduzida, do inglês *small-clause* (*parecer, ser, andar* etc.). Para esse grupo de fatores, os resultados mostraram que os verbos inacusativos foram os que menos favoreceram a aplicação da CV, com a cópula apresentando o maior índice de probabilidade de marcas explícitas de pluralização.

Para os casos de *verbo inacusativo*, como em (19.a) e (19.b), a inversão do sujeito é bastante recorrente, o que influenciaria fortemente, como será demonstrado, a não aplicação da CV (Miotto et al., 2004 apud Scherre; Naro; Cardoso, 2007). Segundo Kato (2000, p.97), “os estudos empíricos ates-

tam que o único tipo de verbo ainda produtivo na ordem VS no português brasileiro é o *inacusativo*, que parece aceitar essa ordem de forma irrestrita”. Assim, o baixo índice de CV para as ocorrências com verbos inacusativos encontra sua explicação no fato de, nesses contextos, o sujeito vir posposto ao verbo, e não ao fato de se tratar ou não de um verbo inacusativo. Havendo o controle da posição e da distância do sujeito em relação ao verbo, haveria também o controle dos casos em que há a posposição do sujeito em relação ao verbo, como é mostrado nas ocorrências em (19), extraídas de nossos *corpora*.

(19.a) aí ela disse que **entrou** mais *dois meninos*... de manhã...
[BDI-006-416]

(19.b) gosto muito. pois. também se me **faltar** os *pintos*, digo, falta-me tudo. e mato para cá, para quem quiser, e vendo... ovos e tal
[CRPC-075-23]

O alto índice de pluralização dos casos de verbo com cópula provavelmente se justificaria pela elevada ocorrência do verbo *ser*, como em (20), que, como se sabe, é a cópula mais comumente usada em língua falada e que possui o grau máximo de saliência fônica no presente do indicativo (*é/são*), que, por sua vez, é fator que, reconhecidamente, exerce forte influência positiva na aplicação da CV em variedades do PB. Assim, a grande aplicação de marcas explícitas de plural nos verbos do tipo *cópula* estaria ligada mais ao fator *máxima saliência fônica* do que à variável *transitividade*. A falta de controle do grupo de fatores *saliência fônica verbal* e a consideração apenas do grupo de fatores *transitividade* poderia ocasionar, para o fator *cópula*, um enviesamento dos resultados, causado pela grande incidência de ocorrências com o verbo *ser*, o qual possui características morfológicas diferentes de outros verbos do tipo *cópula*.⁴²

(20.a) bom as *professoras* **são** pessoas legais só que o ensino... é muito fraco
[BDI-024-337]

42 Considerem alguns verbos como: *está/estão, permanece/permanecem, continua/continuam, fica/ficam*. Do ponto de vista da saliência fônica, possuem características (e graus de saliência) totalmente diferentes do verbo *ser*, porém, com a consideração do fator *transitividade*, são considerados todos como verbos do tipo *cópula*.

- (20.b) corta-lhe uma parte e só puxa pela outra. e *as outras* é ao contrário, tem que ser aqui no meio com jeito...

[CRPC-964-80]

Observa-se que os resultados de Monguilhott e Coelho (2002) para a variável *transitividade* somente se mostraram significativos na interação com o grupo de fator *tipo morfológico*, porque, na verdade, este se sobrepõe ao fator *saliência fônica* entre forma singular e forma plural. Quando essa diferença é reduzida, a ocorrência de desinência de 3PS é favorecida, enquanto uma diferença fônica maior favorece o uso de 3PP (Naro, 2003, p.16).

A variável *traço semântico do sujeito* também está correlacionada ao grupo de fator *transitividade do verbo*, pois a seleção de sujeitos [+/- humanos] é influenciada pelo verbo. A expectativa é sempre a de que verbos intransitivos, por exemplo, selecionem argumentos [+ humanos], enquanto verbos inacusativos selecionem argumentos [+/- humanos]. A maior ou menor marcação de plural nos verbos seria influenciada, dessa forma, pela seleção de tipos de sujeito diferentes (Naro; Scherre, 1999; Scherre; Naro; Cardoso, 2007). Como se procurou argumentar anteriormente, parece mesmo ser dispensável o controle das variáveis *transitividade* e *tipo morfológico do verbo*, dadas suas subcategorizações por outros fatores de outras variáveis.

3.6.4.1.2 Saliência fônica

Na categoria de número das formas verbais, a oposição mínima verificada entre a forma singular e a forma plural em terceira pessoa, diferentemente da 1PP, envolve primeiramente nasalização sem mudança na qualidade da vogal na forma plural (*vive/vivem*, *consegue/conseguem*) (21.a). A alta saliência fônica ocorrerá, por exemplo, com verbos irregulares, como *ser* (*é/são*) ((21.b) e (21.c)).

- (21.a) *as senhoras podem* [pode] tar a querer saber e pode pensar que é mentira
[CRPC-248-15]

- (21.b) *esses passos da segurança é* [são] muito importante
[BDI-139-340]

- (21.c) ele é o rapaz *elas são* [é] as raparigas, mas na questão do trabalho e tudo, são iguais
[CRPC-1378-5]

Levando em conta a grande importância que esse fator exerce sobre fenômenos variáveis de ordem morfosintática e, também, a influência por ele demonstrada em outros trabalhos (ver Lemle; Naro, 1977; Naro, 1981; Scherre; Naro, 1997; Scherre; Naro, 2006, entre inúmeros outros), consideraram-se para essa variável resultados obtidos por Rubio (2008), que hierarquizou em três níveis diferentes a saliência entre a forma verbal singular e a plural, e por Scherre e Naro (2006), que hierarquizaram dois grandes níveis de saliência fônica verbal:⁴³

- i. *máxima diferenciação fonológica*, percebida pela total alteração das desinências modo-temporais e/ou do radical, sendo uma forma completa ou parcialmente distinta da outra, mais precisamente, observada na oposição entre *é/são, fez/fizeram, pôs/puseram* (22.a-d);
- ii. *média diferenciação fonológica*, percebida por uma alteração perceptível da desinência modo-temporal, sem alteração do radical; são exemplos as oposições entre *quis/quiseram, trouxe/trouxeram, falou/falaram, morreu/morreram* (22.e-f);
- iii. *mínima diferenciação fonológica*, percebida, na fala espontânea, apenas pela nasalização da vogal final não acentuada e/ou pela adição de uma semivogal, sem envolvimento do radical, como nas oposições entre *fala/falam, falava/falavam, come/comem, dá/dão, vai/vão, faz/fazem* (22.g-h).

(22.a) felizmente os incêndios do monte é [são] no verão quando a gente vê o sol
[CRPC-863-40]

(22.b) aqui nesta região são... os jornais do porto são [é] os que se vendem
mais
[CRPC-502-10]

(22.c) nessa fazenda... meus avôs fez [fizeram] um cercado... fez um pomar
de:: jabuticaba.
[BDI-102-174]

43 Naro e Scherre (2006), considerando apenas a divisão em dois grandes grupos de oposição, singular/plural, também obtiveram resultados semelhantes aos de outros trabalhos, demonstrando que a oposição mais saliente exibe maiores índices de pluralização verbal, e que casos de verbos com oposição menos saliente entre singular e plural exibem menores índices de pluralização.

- (22.d) foi o melhor que *eles* **fizeram** [fez] para eles e para todos os os leitores
[CRPC-502-25]
- (22.e) aí *meus amigos* **falou** [falaram] que já tinham visto mesmo na rua mas
ninguém me falou
[BDI-022-130]
- (22.f) *todos eles* **tiraram** [tirou] peixe, o meu cunhado e o outro, tiraram, o
meu cunhado tirou quatro sargos
[CRPC-106-9]
- (22.g) *colegas de escritório ou dum trabalho qualquer* **via** [viam] na rua,
[CRPC-1202-50]
- (22.h) *eles* **tavam** [tava] **entrando** assim já tinham abrido o portão
[BDI-001-69]

Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p.350-1), para a consideração da atuação do fator *saliência fônica verbal*, em proposta muito semelhante à apresentada por Rubio (2008), consideraram também três graus ou níveis de *saliência*, conforme se observa a seguir:

nível baixo de saliência fônica (ex.: sai/saem; bate/batem; fala/falam);
nível médio de saliência fônica (ex.: faz/fazem; tá/tão; quer/querem; vai/vão;
 foi/foram; bateu/bateram; quer/querem);
nível alto de saliência fônica (ex.: quis/quiseram; fez/fizeram; veio/vieram;
 é/são).

Os resultados obtidos também foram semelhantes aos por nós observados (Rubio, 2008), com aumento da frequência de concordância diretamente proporcional ao aumento do nível de *saliência fônica verbal*.

A tendência de que formas com maior *saliência* entre singular e plural exibam maiores índices de pluralização verbal correlaciona-se estreitamente com o fato de que as formas mais salientes, por serem mais perceptíveis aos ouvintes e ao próprio interlocutor, sofrem maior estigma social.

3.6.4.2 Propriedades do SN-sujeito

3.6.4.2.1 Animacidade do referente do sujeito

Quanto às propriedades do SN-sujeito, o traço semântico *animacidade* do referente é outro fator que tem se mostrado estatisticamente relevante para aplicação de CV no PB falado. Segundo Scherre e Naro (1998b, p.48):

O traço [humano] desempenha um papel importante na concordância verbal. Na língua falada, sujeito [+humano] controla a concordância explícita plural de forma mais acentuada do que sujeito com traço [-humano] [...] no português falado do Brasil, um verbo com sujeito [+humano] plural apresenta maior probabilidade de concordar com seu sujeito do que um verbo com um sujeito [-humano].

A expectativa é de que o traço [+humano] do sujeito, como observado na ocorrência (22.a), favoreça a presença de marcas de plural nos verbos, enquanto o traço [-humano], observado na ocorrência (23.b), a desfavoreça.

(23.a) aquilo era um festival. eu dizia: «*estas gajas são* loucas furiosas
[CRPC-1202-8]

(23.b) daí num pode gritar muito alto só pá quem *as vaca conhece* assim
[BDI-004-311]

Com base na comprovada importância da variável *animacidade* do referente sujeito na CV da língua falada e escrita do PB moderno e em dados do português antigo (Naro; Scherre, 1998b), e por ter se apresentado também como relevante em análise de amostras do Banco de Dados Iboruna (Rubio, 2008), optou-se por considerar também neste trabalho essa variável. A expectativa em torno dela é de que os contextos com sujeitos de traço [+humano] sejam favorecedores do emprego de formas verbais de 3PP. Por outro lado, sujeitos com traço [-animado] se apresentam como desfavorecedores do emprego de formas verbais de 3PP. As variantes consideradas para essa variável são as seguintes:

- i. traço [+humano] (24.a);
- ii. traço [-humano, + animado] (24.b);
- iii. traço [-animado] (24.c).

(24.a) *e os outros colegas dos nossos maridos iam* lá fazer-nos os... companhia às refeições

[CRPC-308-20]

(24.b) só pá quem *as vaca conhece* assim... que vai bastante... daí... to/ vai assim todo dia...

[BDI-004-311]

(24.c) *as químicas tomaram* uma evolução extraordinária e dentro dessas químicas foi-se arranjar coisas comerciais

[CRPC-1072-10]

3.6.4.2.2 Tipo estrutural do sujeito

O controle do tipo estrutural de sujeito é feito com base nas diferentes características que o SN-sujeito apresenta, as quais guardam relação com outras variáveis linguísticas investigadas e podem, por sua vez, influenciar as marcas de concordância presentes nos verbos. Para o controle dessa variável, recorreremos aos trabalhos de Naro e Scherre (1999, 2000a), Monguilhott e Coelho (2002) e Monghilhott (2009), pois esses trabalhos são considerados complementares no tocante à consideração dessa variável. Assim, neste trabalho elegeram-se os seguintes fatores para esse grupo:

- i. SN pleno simples (25.a);
- ii. SN pleno nu, aquele desprovido de determinantes e modificadores restritivos (25.b);
- iii. SN pleno composto com núcleo adjacente no singular (25.c);
- iv. SN pleno composto com núcleo adjacente no plural (25.d);
- v. pronome pessoal (25.e);
- vi. pronome indefinido (25.f);
- vii. pronome demonstrativo (25.g);
- viii. quantificador (numeral) (25.h);
- ix. pronome relativo (25.i);
- x. oculto ou desinencial (25.j).

(25.a) é claro ao fim de uns certos meses *as conversas esgotaram-se*

[CRPC-308-30]

(25.b) traição tá assim né... *homens traem...mulheres* são traídas

[BDI-036-321]

- (25.c) *minha avó e minha tia foram* buscar eu lá no colégio aí buscaram eu eu fiquei lá esperando aí eu desci lá fui lá andando
[BDI-029-20]
- (25.d) *a formação dos professores a capacitação as reuniões e os cursos são* feitos pelas mesmas pessoas todo mundo é capacitado igualmente... da mesma forma
[CRPC-725-20]
- (25.e) *eles dão* uma opinião e eu dou outra, gosto de sugerir e, e, e... claro, normalmente, nem sempre concordo
[CRPC-832-34]
- (25.f) *algumas ficaram* lá... outras saíram
[BDI-102-112]
- (25.g) *Essas são* as pessoas que realmente... importam pra mim...
[BDI-022-12]
- (25.h) e então o que é que acontece? *os dois ganham* e nós temos que dar o voto vencido
[CRPC-776-6]
- (25.i) tem várias plantas *que servem* de remédio
[BDI-122-455]
- (25.j) há *caçadores* também, por exemplo, de arma branca que não *caça* só coelhos nem lebres, *caça*, por exemplo, um ouriço que é um animal que tem o pêlo bicudo e tem... e focinho de porco
[CRPC-564-10]

A expectativa é de que o controle do tipo de sujeito, aliado ao controle de outras variáveis, entre elas *posição do sujeito e paralelismo linguístico*, possa evidenciar sujeitos e características que contribuam para a marcação ou o apagamento do plural nos verbos.

Os sujeitos do tipo *pronome pessoal* (25.e) (bastante recorrentes na representação da 3PP), por exemplo, segundo Zilles (2000), apresentam forte tendência a ocorrer em posição anterior ao verbo, característica que, comprovadamente, contribui para maior emprego de formas verbais em 3PP.

Por outro lado, sujeitos do tipo SN pleno (simples, nu ou composto) (25.a-b-c-d) ou pronome indefinido (25.f) têm posição menos fixa, podendo vir pospostos ao verbo, o que contribui para o emprego dos verbos na 3PS (Zilles, 2000 apud Monguilhott, 2009, p.101).

Para sujeitos do tipo composto (25.c-d), é interessante destacar que os núcleos compostos podem vir ambos no plural, ambos no singular ou se apresentarem um no plural e outro no singular, conforme faz referência o trabalho de Naro e Scherre (2000a). Considerando que a presença de uma marca de plural dentro do sintagma nominal composto, sujeito do verbo, favorece a concordância, se essa marca de plural advier no núcleo mais próximo do verbo, a chance de ocorrer a pluralização do verbo aumenta.

Por tipo de sujeito *pronome relativo*, entendemos os casos em que o verbo é antecedido por um pronome relativo que funciona na oração como sujeito e que se reporta a uma estrutura anterior a ele, na maioria das ocorrências, um SN.

Sujeitos desinenciais (25.j) são os sujeitos que não foram expressos na oração analisada, mas que possuem um referente localizado em orações anteriores.

3.6.4.3 Relações envolvendo o SN-sujeito e o verbo

3.6.4.3.1 Paralelismo formal

Relativamente às relações morfossintáticas envolvendo o SN-sujeito e o verbo, a variável *paralelismo formal* constitui importante critério também para a investigação da CV de 3PP (Scherre, 1998). Essa variável prevê que o tipo de marca existente no sujeito pode influenciar o tipo de marca existente no verbo, ou seja, as marcas de plural no sujeito podem levar à presença de marcas de plural no verbo (26.a), da mesma forma que a ausência de marcas de plural no sujeito leva a ausência de marcas no verbo (26.b). Traduz essa assertiva do paralelismo linguístico o princípio de que marca leva à marca e zero leva a zero.

(26.a) e *estas fazendas fininhas ficam* bonitas, assim

[CRPC-1016- 10]

(26.b) eu acho que se *a pessoa parasse* um pouco de reparar as coisa

[BDI-016-378]

Scherre e Naro (1993) e Scherre (1998) verificaram que o paralelismo linguístico pode ser considerado sob duas dimensões diferentes. A primeira, chamada *paralelismo oracional*, busca evidenciar se há correlação entre o tipo de marca existente no sujeito, controlador da concordância, e o tipo de marca existente no verbo. Essa variável permite controlar também os casos de sujeitos complexos que apresentam a possibilidade da marca de plural nos elementos de um SPrep interno a um SN. Os resultados apresentados pelos autores confirmam que a presença de <-s> no último elemento do SN-sujeito é um fator significativo para a marcação de plural nos verbos, ainda que esse elemento não seja o núcleo do sujeito. Para os sujeitos com último elemento do tipo numeral, a concordância mantém-se numa faixa intermediária, enquanto os sujeitos com a última marca neutralizada demonstram ter comportamento semelhante aos casos em que a marca de plural no último elemento é explícita.⁴⁴

Merece consideração especial a verificação do princípio do paralelismo de nível oracional nas amostras de fala do PE, já que, em uma varredura prévia das ocorrências, constatamos a recorrência de marcas de plural em todos os elementos do SN-sujeito, diferentemente do que ocorre nas amostras do PB do interior paulista.

A segunda dimensão do paralelismo linguístico, já considerada para a 1PP e chamada de *paralelismo discursivo*, busca evidenciar se, em uma construção seriada, a presença de pluralização em verbo(s) anterior(es) pode levar a um índice maior de pluralização do verbo dentro da oração analisada. Os resultados apresentados por Scherre e Naro (1993) e Scherre (1998) confirmam que a presença de marcas em um verbo influencia a marcação de plural no verbo subsequente, e a não marcação de plural em um verbo influencia negativamente a pluralização do verbo seguinte.

Considerando essas duas dimensões do paralelismo linguístico, implementam essa variável os seguintes fatores:

- a. de nível oracional** (marcas no sujeito):
 - i. presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento não inserido em um SPrep (27.a);

44 Scherre (1988, 1991, 1997), Scherre e Naro (1991) e Naro e Scherre (1996) verificaram também a validade do princípio do paralelismo linguístico para a concordância no sintagma nominal e nos predicativos e participios passivos.

- ii. presença da forma de plural zero no último elemento não inserido em um SPrep (27.b);
 - iii. presença da forma de plural explícita (-s) no último elemento inserido em um SPrep (27.c);
 - iv. presença da forma zero (plural ou singular) no último elemento inserido em um SPrep (27.d);
 - v. presença de numeral no último elemento (27.e);
 - vi. presença de neutralização no último elemento, em razão de fonema semelhante inicial no verbo (27.f).
- (27.a) outra fruta agora nesta altura... *laranjas, tangerinas* **começam a aparecer**... e isso é tudo.
[CRPC-129-6]
- (27.b) quando o São Paulo perdi::a mas o que *os aluno* **zoa::va** eles pegava ele no pátio fazia aquela roda
[BDI-016-440]
- (27.c) *êh os meninos... das escolas públicas* **tavam** com essa... com esse problema
[BDI-113-276]
- (27.d) e tá claro como *os abades de alcobaça* **dedicavam**-se – da abadia de cister – muito à agricultura
[CRPC-1315-60]
- (27.e) *Os três* **cantam** jun::tos...
[BDI-102-88]
- (27.f) ele é o rapaz... *as irmãs* **são** as raparigas dele...
[CRPC-1394-20]

b. de nível discursivo (marcas no verbo):

- i. verbo precedido de verbo com marca formal de plural explícita (28.a);
 - ii. verbo precedido de verbo com marca zero de plural (28.b);
 - iii. verbo isolado ou primeiro de uma série (28.c).
- (28.a) *os próprios produtores que* **vinham vender** à praça, agora **são** os intermediários que **vendem**, é muito mais caro, não é.
[CRPC-129-8]

- (28.b) que *os casais...* éh... assim... a:: partir do momento que **assume...** ou que **casou** na igreja... ou que **casou...** no civil...

[BDI-102-361]

- (28.c) quando... *as senhoras* **passaram** a ser admitidas adentro dos cursos das universidades,

[CRPC-763-160]

3.6.4.3.2 Posição do sujeito em relação ao verbo

Também a variável *posição do sujeito (S) em relação ao verbo (V)* é considerada importante contexto que se correlaciona à variação da CV (Scherre, 2005).

Decat (1981, 1983) já apontara, na língua escrita e falada por estudantes e professores universitários, a forte tendência ao apagamento de marcas de CV junto de sujeitos pospostos de 3PP, o que, segundo a autora, se deve, principalmente, ao fato de a CV, em português, ser controlada pela noção de tópico e não pela de sujeito.

O que importa para a CV é a condição de tópico do SN, sendo a regra, nesse caso, de aplicação obrigatória. Não havendo tópico – entendido como uma construção sintática – a tendência verificada no português é a de não se efetuar a concordância (embora nesse caso ela possa ser considerada de aplicação optativa com o SN que segue o verbo, o que explica a ocorrência alternada das formas verbais de singular e plural na língua falada e também na escrita). As sentenças serão interpretadas, então, como impessoais. (Decat, 1983, p.45)

Berlinck (1989) e Pontes (1989) demonstraram que, quando o SN ocupa posição à direita do verbo (V SN), a tendência é que não ocorra nenhuma marca de pluralização no verbo, uma vez que o SN fora de sua posição prototípica de sujeito é mais provável de ser identificado como objeto do que como sujeito da sentença, atuação que guarda relação estreita tanto com a variável *transitividade* (não considerada neste trabalho, por razões já explicitadas) quanto com a variável *animacidade do referente do sujeito*.

Relacionadas a essa variável, consideram-se as variantes propostas por Naro (1981). A hipótese é de que a frequência de CV será maior quanto

mais saliente ou óbvia for a relação entre sujeito/verbo e/ou quanto mais perto estiver o sujeito do verbo a que se refere. Desse modo, são propostos aqui os seguintes fatores, levando em conta a posição e a distância do sujeito em relação ao verbo:

- i. posição pré-verbal com núcleo distante de zero a cinco sílabas do verbo (29.a-b);
 - ii. posição pré-verbal com núcleo distante de seis a dez sílabas do verbo (29.c);
 - iii. posição pré-verbal com núcleo distante mais de dez sílabas do verbo (29.d);
 - iv. posição pós-verbal (29.e).
- (29.a) depois que termina as eleição num tem jeito de de... *eles faz* o que eles quer...
[BDI-135-160]
- (29.b) porque *as crianças* não **vieram** ao mundo só, apenas para nós termos prazer
[CRPC-455-7]
- (29.c) *os professores* agora também não **podem** vir de carro para as aulas.»
«então por quê?
[CRPC-221-25]
- (29.d) *os artista...* quando acompanhado dos segurança nem **olha** pros fã...
[BDI-015-287]
- (29.e) meu pai ficou aqui em Rio Preto trabalhando então **foi eu** *minha irmã e o meu irmão*
[BDI-056-52]
- (29.f) outro dia **desceram** aqui dum automóvel aí *uns quatro ou cinco rapazes* e eu estava aqui dentro
[CRPC-091-8]

Apresenta-se, a seguir, o quadro-resumo dos fatores linguísticos considerados na pesquisa para o fenômeno variável de CV de 3PP, com base na discussão empreendida nas páginas precedentes.

Quadro 3.8: Variáveis consideradas para a concordância verbal de terceira pessoa do plural

Concordância verbal de terceira pessoa do plural		
Variáveis		Variantes
Verbo	Saliência fônica verbal	Máxima; média; mínima
SN-sujeito	Animacidade do referente sujeito	[+ humano]; [- humano e + animado]; [- animado]
	Tipo estrutural do sujeito	SN pleno simples; SN pleno nu; SN pleno composto com núcleo adjacente no singular; SN pleno composto com núcleo adjacente no plural; pronome pessoal; pronome indefinido; pronome demonstrativo; quantificador; pronome relativo; nulo ou desinencial
SN-sujeito e verbo	Paralelismo linguístico de nível oracional	Presença da forma de plural no último elemento não inserido em um SPrep; ausência da forma de plural no último elemento não inserido em um SPrep; presença da forma de plural no último elemento inserido em um SPrep; ausência da forma no último elemento inserido em um SPrep; presença de numeral no último elemento; presença de neutralização no último elemento
	Paralelismo formal de nível discursivo	Forma verbal com desinência de terceira pessoa do plural na oração anterior; forma verbal com desinência de terceira pessoa do singular na oração anterior; forma verbal isolada ou primeira de uma série
	Posição e distância do sujeito em relação ao verbo	Posição pré-verbal com núcleo distante de zero a cinco sílabas do verbo; posição pré-verbal com núcleo distante de seis a dez sílabas do verbo; posição pré-verbal com núcleo distante mais de dez sílabas do verbo; posição pós-verbal

3.6.5 Variáveis sociais consideradas para os fenômenos variáveis

Considerando a importância atribuída a variáveis sociais nos estudos variacionistas e, ainda, a discussão exibida no Capítulo 2, esta pesquisa busca elaborar uma estratificação de informantes que pudesse ser comum tanto à amostra do PB quanto à amostra do PE, conforme se antecipou no início deste capítulo.

Reitera-se, neste momento, o fato de que o *corpus* do PE não apresenta, como o do PB do interior paulista, total equivalência no número de amostras entre os estratos sociais. É possível notar, como se verá a seguir, que alguns perfis sociais apresentam maior número de informantes do que outros. Entretanto, como já afirmado, pelo baixo número de ocorrências para os fenômenos variáveis investigados neste trabalho, não houve a possibilidade da pré-seleção de entrevistas e da equiparação do número de amostras por perfil social.

Algumas adaptações, tratadas a seguir, foram propostas para possibilitar o estabelecimento do estudo comparativo.

3.6.5.1 Faixa etária

Foram selecionadas amostras representativas de quatro faixas etárias estipuladas pelo Banco de Dados Iboruna e pelo *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo:

- i. 16 a 25 anos: faixa etária com intervalo de dez anos, que cobre o período da adolescência até o início da fase adulta (dezesesseis informantes do Banco de Dados Iboruna e 25 do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo);
- ii. 26 a 35 anos: faixa etária com intervalo de dez anos, em que o indivíduo está totalmente integrado ao mercado de trabalho e, portanto, altamente suscetível às pressões sociais (dezesesseis informantes do Banco de Dados Iboruna e 34 do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo);
- iii. 36 a 55 anos: faixa etária com intervalo de vinte anos em que, mesmo integrado ao mercado de trabalho, o indivíduo é menos suscetível às pressões sociais (dezesesseis do Banco de Dados Iboruna e 61 do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo);
- iv. mais de 55 anos: faixa etária diversificada, no caso da subamostra selecionada, de 29 anos de intervalo, visto o informante de maior idade, em ambos os *corpora*, possuir 84 anos completos; nesta faixa etária, o indivíduo, mesmo que não se encontre fora do mercado de trabalho, já se prepara para dele sair, estando, portanto, mais livre das pressões sociais que possam influenciar seu comportamento linguístico (dezesesseis do Banco de Dados Iboruna e treze do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo).⁴⁵

3.6.5.2 Gênero

Do total de 64 informantes selecionados no Banco de Dados Iboruna, 50% (32) são do gênero masculino, e os 50% (32) restantes são informantes do gênero feminino.

⁴⁵ Não deixe de notar a diferença de 48 informantes entre a faixa etária anterior (36 a 55 anos) e esta (mais de 55 anos).

A proposta de equivalência em relação ao fator social gênero também foi empregada para a amostra do PE; todavia, não se realizou de forma plena (50% de cada gênero) por causa das deficiências do próprio *corpus*, o qual não apresenta mesmo número de informantes de ambos os gêneros. Como já justificado, a reduzida extensão das gravações não permitiu que fossem eliminadas entrevistas para igualar o número de informantes. Dessa forma, foram considerados 68 homens e 65 mulheres, perfazendo um total de 133 informantes.

3.6.5.3 Escolaridade

Os informantes foram classificados em quatro níveis diferenciados de escolaridade, seguindo o critério da quantidade de anos de escolarização, estabelecido pelo Banco de Dados Iboruna e pelo *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo. No Quadro 3.9, apresenta-se a proposta de equivalência seguida neste trabalho.

Quadro 3.9: Equivalência entre as faixas de escolarização dos informantes das amostras do português brasileiro e do português europeu

Faixa	Português brasileiro – BDI	Português europeu – CRPC
I	1ª ciclo do ensino fundamental: informantes que possuem de 1 a 4 anos de escolarização (16 informantes)	Informantes que sabem ler e escrever, de nível primário de escolaridade, com ou sem exame ou com o primeiro ciclo liceu (ciclo preparatório) ou equivalente (45 informantes)
II	2ª ciclo do ensino fundamental: informantes com escolarização entre 5 e 8 anos (16 informantes)	Informantes com segundo ciclo liceu ou equivalente (22 informantes)
III	Ensino médio: informantes que possuem entre 9 e 11 anos de escolarização (16 informantes)	Informantes com terceiro ciclo liceu, curso médio ou equivalente (27 informantes)
IV	Ensino superior: faixa escolar de informantes com 12 anos ou mais de escolarização (16 informantes)	Frequência universitária ou curso superior completo (38 informantes)

3.7 Quantificação e análise dos dados

Para a análise quantitativa, o processamento de dados foi feito eletronicamente, empregando-se o programa computacional *GOLDVARB*, criado com a finalidade específica de tratamento de fenômenos variáveis. Esse

programa extrai as frequências e os pesos relativos dos fatores linguísticos e sociais no condicionamento da variável dependente, bem como permite estabelecer o cruzamento de variáveis.⁴⁶

As ocorrências foram selecionadas nos *corpora* e codificadas, de acordo com códigos mnemônicos atribuídos a cada uma das variantes que constituem os contextos variáveis de cada fenômeno. Nessa fase, o emprego da noção de *grupo de fatores* como proposta pela Sociolinguística Variacionista é de fundamental importância, porque permite manipular uma grande quantidade de dados, ao mesmo tempo que garante que todos os dados sejam analisados à luz dos mesmos critérios (contextos variáveis).

As “rodadas dos dados” foram feitas de forma individual, para cada uma das variedades e cada um dos fenômenos considerados na pesquisa, pois, mesmo que se apresentem como semelhantes ou relacionados, possuem características próprias, instanciadas por diferentes contextos linguísticos e extralinguísticos, particulares das comunidades de onde as amostras foram coletadas. Dessa forma, foram realizadas oito rodadas principais⁴⁷ do programa computacional *GOLDVARB*, considerando os quatro fenômenos e as duas variedades investigados, conforme segue:

- i. AP *nós* e *a gente* no PB;
- ii. AP *nós* e *a gente* no PE;
- iii. CV com o pronome *nós* no PB;
- iv. CV com o pronome *nós* no PE;⁴⁸
- v. CV com o pronome *a gente* no PB;
- vi. CV com o pronome *a gente* no PE;
- vii. CV de 3PP no PB;
- viii. CV de 3PP no PE.

A fase precedente à quantificação dos dados é também importante, porque pressupõe, de antemão, uma leitura qualitativa dos dados, a qual per-

46 Disponível em: <http://albuquerque.bioinformatics.uottawa.ca/goldVarb/goldVarb.html>. Acesso em: 22 out. 2008.

47 Oito rodadas principais, porque várias outras rodadas secundárias foram feitas para confirmação dos resultados registrados nesta pesquisa. Interessa, portanto, registrar apenas os resultados finais alcançados nessas oito rodadas, e não o processo em si até chegarmos a elas.

48 Conforme se verá no Capítulo 4, não foi possível a submissão à análise estatística das amostras de CV com o pronome *nós* no PE, por não se revelar fenômeno variável.

mite, após os resultados frequenciais, compreender e explicar as estatísticas numéricas oferecidas pelo programa.

Neste momento faz-se pertinente recorrer às seguintes palavras de Naro (2003, p.24):

Em princípio, os valores absolutos dos pesos relativos calculados não têm significância analítica; o que importa é a sua ordenação, sendo justamente por isso que se deve preferir o uso do termo “peso relativo”. Na verdade, quando, sob certas convenções matemáticas, calculamos um valor numérico de, digamos, 0,4, é perfeitamente possível que sob outras convenções o valor calculado seja 0,6, mas a ordenação relativa de valores dos diversos fatores que compõem um grupo mudará. Por isso temos que ter muita cautela ao dizermos que um peso menor do que 0,5 desfavorece a aplicação da regra ou ao compararmos valores numéricos de pesos calculados para diversos conjuntos de dados.

Diante do exposto, o próximo capítulo parte para a análise dos resultados alcançados.

4

PADRÕES DE CONCORDÂNCIA VERBAL E DE ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU

No Capítulo 3, foram apresentados os resultados da análise qualitativa e quantitativa, empreendidas nas amostras do português europeu e do português brasileiro, com vistas à exposição dos padrões de concordância verbal e de alternância pronominal evidenciados em variedades da língua falada em Portugal e no Brasil. Em primeiro lugar, retomaram-se os fenômenos, por meio de um quadro pronominal, elaborado a partir dos estudos de diferentes variedades da língua portuguesa, com o propósito principal de apresentar um panorama da concordância verbal, do emprego dos pronomes e dos fenômenos variáveis a eles relacionados. Na apresentação de cada fenômeno, foram discutidas e analisadas as diferenças e semelhanças encontradas entre as comunidades de fala pesquisadas e delas com as demais comunidades falantes do português. Ainda que a concordância verbal e a alternância pronominal de primeira, segunda e terceira pessoas do singular e de segunda pessoa do plural não tenham sido consideradas de forma quantitativa, com base na análise dos *corpora* do português brasileiro do interior paulista e do português europeu do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo, procedeu-se a uma breve discussão sobre os fenômenos evidenciados nessas pessoas. Para a primeira e a terceira pessoas do plural, como já afirmado, foram expostos, antes da análise quantitativa e qualitativa de cada um dos grupos de fatores sociais e linguísticos considerados, os resultados obtidos em outros estudos de variedades do português brasileiro e do português europeu, com o intuito de mostrar a dimensão da variação na concordância verbal e na alternância pronominal no Brasil e em Portugal. A exibição das variáveis consideradas relevantes nos proces-

sos de variação será feita simultaneamente para as duas amostras e, após a apresentação do último grupo de fatores relevante em cada fenômeno, serão reunidas, em quadro-resumo, as variáveis linguísticas e sociais eleitas como instanciadoras dos processos de variação.

4.1 Fenômenos variáveis de concordância verbal e de alternância pronominal do português brasileiro e do português europeu

Com vistas à elaboração de um panorama dos fenômenos de CV (concordância verbal) e AP (alternância pronominal) evidenciados no PE (português europeu) e no PB (português brasileiro), neste capítulo, serão conjugadas as análises qualitativa e quantitativa, para os casos variáveis inerentes à 1PP (primeira pessoa do plural) do discurso e à 3PP (terceira pessoa do plural), e se procederá à análise apenas qualitativa para a 1PS (primeira pessoa do singular), 2PS (segunda pessoa do singular) e 2PP (segunda pessoa do plural) do discurso e para a 3PS (terceira pessoa do singular).

Com base nas pesquisas empreendidas para inúmeras variedades do PB e, ainda, na observação de nossos *corpora*, tem-se, no Quadro 4.1, um resumo de realizações pronominais e respectivos padrões de concordância verificados no PB, no PE e no português do interior paulista, em contraste com os padrões normativos.

Como se observa no Quadro 4.1, no tocante à expressão pronominal, o PE dispõe de nove diferentes formas, das quais três apresentam alternantes – 2PS (*tu/você*), 1PP (*nós/a gente*) e 2PP (*vós/vocês*) –, ao passo que o PB, de modo geral, dispõe de oito formas, duas das quais com formas variantes – 2PS (*tu/você*) e 1PP (*nós/a gente*) –, situação que se reduz ainda mais quando consideradas algumas variedades do PB, como a falada no interior paulista, que apresenta sete formas pronominais, com apenas uma delas sujeita ao fenômeno de AP – 1PP (*nós/a gente*). Nesse aspecto, cabe observar que o sistema pronominal do PE engloba todas as alternantes pronominais do PB, o que poderia constituir indício para, em bases sincrônicas, considerá-lo fonte de formação de variedades do PB. Entretanto, esse mesmo quadro parece se reverter quando se consideram os diferentes padrões de CV, o que põe o PB na dianteira da quantidade de fenômenos variáveis observáveis.

Quadro 4.1: Realizações pronominais, formas correlatas e padrões de conjugação verbal em variedades da língua portuguesa

Variedades Pessoa	Padrão		Estudos do português brasileiro ¹		Português europeu – CRPC		Português brasileiro – BDI	
	Pronome/ correlato	Conjugação/ex.	Pronome/ correlato	Conjugação/ ex.	Pronome/ correlato	Conjugação/ ex.	Pronome/ correlato	Conjugação/ ex.
1PS ²	Eu	1PS	Eu	1PS x (3PS)	Eu	1PS	Eu	1PS
	Eu	joga futebol	Eu	jogo x (joga) futebol	Eu	joga futebol	Eu	joga futebol
2PS	Tu	2PS	Tu Você	2PS x 3PS 3PS	Tu Você	2PS 3PS	Você	3PS
	Tu	joga futebol	Tu Você	jogas x (joga) futebol joga futebol	Tu Você	jogas futebol joga futebol	Você	joga futebol
3PS	Ele/a e correlatos	3PS, 3PP ³	Ele/a e correlatos	3PS x (3PP)	Ele/a e correlatos	3PS x 3PP	Ele/a e correlatos	3PS x (3PP)
	Ele/a; a Maria; o menino O povo; o pessoal	joga futebol joga x jogam futebol	Ele/a; a Maria; o menino O povo; o pessoal	joga futebol joga x (jogam) futebol	Ele/a; a Maria; o menino O povo; o pessoal	joga futebol joga x jogam futebol	Ele/a; a Maria; o menino O povo; o pessoal	joga futebol joga x (jogam) futebol
1PP	Nós e correlatos	1PP	Nós e correlatos	1PP x 3PS	Nós e correlatos	1PP	Nós e correlatos	1PP x 3PS
	Nós; eu e ele; eu, o João e tu	jogamos futebol	Nós; eu e ele; eu, o João e você/ tu	3PS x 1PP x (3PP)	A gente	3PS x 1PP	A gente	3PS x 1PP
			A gente	jogamos x (joga) futebol	Nós; eu e ele; eu, o João e você/ tu	jogamos futebol	Nós; eu e ele; eu, o João e você	jogamos x (joga) futebol
			A gente	joga x (jogamos x (jogam) futebol)	A gente	joga x jogamos futebol	A gente	joga x (jogamos) futebol

Continua

Quadro 4.1: Continuação

Variedades Pessoa	Padrão		Estudos do português brasileiro ¹		Português europeu – CRPC		Português brasileiro – BDI	
	Pronome/ correlato	Conjugação/ex.	Pronome/ correlato	Conjugação/ ex.	Pronome/ correlato	Conjugação/ ex.	Pronome/ correlato	Conjugação/ ex.
2PP	Vós	2PP	Vocês	3PP x 3PS	Vós	2PP	Vocês	3PP x 3PS
	Vós	jogais futebol	Vocês	jogam x joga futebol	Vós	jogais	Vocês	jogam x joga futebol
3PP	Eles/as e correlatos	3PP	Eles/as e correlatos	3PP x 3PS	Eles/as e correlatos	3PP x (3PS)	Eles/as e correlatos	3PP x 3PS
	Eles; Elas; as pessoas; os homens	jogam futebol	Eles; Elas; as pessoas; os homens	jogam x joga futebol	Eles; Elas; as pessoas; os homens	jogam x (joga) futebol	Eles; Elas; as pessoas; os homens	jogam x joga futebol

1 A composição do quadro tem como base os trabalhos apresentados a partir do item 2.3 desta obra, “Fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu” (p.92), e os trabalhos de Rubio (2006, 2008a, 2008b, 2010), de Gonçalves e Rubio (2010, 2011) e de Rubio e Gonçalves (2010).

2 As formas entre parênteses constituem fenômenos pouco recorrentes, mas já atestados.

3 A gramática normativa somente admite variação nos casos específicos de concordância semântica, nos quais o núcleo do sujeito encontra-se formalmente no singular e o verbo que o segue pode ser pluralizado (3PP), por influência de elementos plurais adjacentes ou do SN nuclear de sentido coletivo.

No PB, à exceção da 2PS expressa pelo pronome *você*, que apresenta um único padrão de CV com 3PS (regra categórica, portanto), a regra de CV é variável para as formas pronominais, em maior ou menor grau, prevalecendo, nos diferentes padrões de concordância, para cada uma delas, a 3PS. Na variedade do interior paulista do PB, escapa a essa constatação a CV com 1PS, além da concordância categórica de 2PS observada para o PB geral. O PE experimenta um número menor de variações nas diferentes regras de CV, as quais envolvem a 3PS, para os casos de partitivo (3PS/3PP); a 1PP, quando a forma pronominal é *a gente* (3PS/1PP); e a 2PP, quando a forma é *vocês* (3PP/3PS) e a 3PP (3PS/3PP). Diferentemente do constatado para o quadro da variação nas formas pronominais, para o quadro da CV, pode-se afirmar, inversamente, que os padrões de concordância do PE estão todos contidos no PB, constatação mais forte que levaria a afirmar que, no Brasil, houve um alargamento do escopo de variação, principiada, nos dizeres de Naro e Scherre (2007), por uma “confluência de motivos”, a partir dos padrões de CV do PE, discussão propositadamente postergada, neste trabalho, para o final da apresentação dos resultados quantitativos.

A investigação dos fenômenos variáveis envolvendo tanto o quadro pronominal quanto os padrões de CV no PB e no PE demandaria, certamente, trabalho de maior fôlego, motivo pelo qual foram privilegiadas, nesta pesquisa, a investigação quantitativa da AP de 1PP (*nós/a gente*) e a variação na CV relacionada à expressão da 1PP e da 3PP, o que por certo já despende grande empreendimento.

4.2 Variação na concordância verbal de primeira pessoa do singular

Conforme visto em Naro e Scherre (2007), é possível haver variação na aplicação da regra de CV de 1PS do discurso, com a neutralização entre a primeira e a terceira pessoa do singular. Os autores comprovam o registro do fenômeno em várias obras da dialetologia do PE. No registro que segue, há menção da ocorrência da neutralização em comunidades da capital de Portugal, Lisboa.

LISBOA – sudoeste de Portugal: dados colhidos da fala de pessoas simples e analfabetas de bairros pobres de Lisboa (Currealeira, perto do Alto de São João, Alfama, Castelo, bairro Alto, Casal Ventoso, doca do Cais do Sodré e outros.

III – Verbos [...]

a) *Formas de primeira pessoa do singular do pret. perf. simples em que se não deu metafonía:*

Eu foi [...]

Eu pôs [...]

Eu pôde [...]

Eu fez [...]

Eu teve

(Mira, 1954, p.114 apud Naro; Scherre, 2007, p.93)

No Brasil, estudos recentes também comprovaram a variação na CV de 1PS do discurso, com o emprego de verbos em 1PS e 3PS junto de sujeitos em 1PS. Lucchesi, Baxter e Silva (2009) observaram uma frequência considerável de emprego de formas verbais de 3PS junto de sujeitos em 1PS (*eu fala/ eu falou*) (18% das ocorrências), em comunidades rurais isoladas de Helvécia, no estado da Bahia, segundo os autores, por influência de outras línguas, em fenômenos que guardam semelhança com processos de crioulização.

Não obstante a comunidade do interior paulista tenha origem rural, que remonta ao final do século XIX e ao início do século XX, na presente pesquisa, não se observam casos de variação em relação à CV de 1PS. Nas amostras consideradas para essa comunidade e nas amostras consideradas para o PE, o emprego de CV com 1PS é regra categórica, como exemplificam as ocorrências a seguir, de (30.a) a (30.c) para o PE e de (30.d) a (30.f) para o PB.

(30.a) portanto passa lá aos vinte para as nove e **eu apanho** o comboio a um quarto para as nove

[CRPC-1166-9]

(30.b) consigo, consigo. eu já **tenho** muita prática, já **sei... conheço** mais ou menos os nomes de, de... das comidas, **conheço**, não é verdade,

explico-lhe, traduzo, não é verdade, por exemplo a manteiga, butter, pão, bread, se querem manteiga derretida é butter sauce,

[CRPC-041-2]

- (30.c) é, é; é assim engraçado. eu **passo** lá as minhas – por acaso este ano eu nem **passei** lá as férias – porque a minha irmã teve cá um bebé, como foi no tempo das férias eu **estive, passei** cá todas as férias; entrava, entrava para casa nos domingos à noite, saía sábados ao meio-dia;

[CRPC-134-30]

- (30.d) eles colocaram o material lá e meu organismo rejeitou... agora graças a Deus eu/ *eu* **estou** bem.

[BDI-126-23]

- (30.e) sempre **esperei** por este momento de fazê(r) dezoito anos e tirá(r) carta aí num via a hora de fazê(r) dezoito anos agora eu **completei** dezoito anos **tirei** carta tudo agora ONde eu **quero** í(r)... eu **pego** o carro e **vô(u)** num **preciso** ficá(r) dependen(d)o de ninguém do horário de ninguém eu **faço** meu horá::rio quando eu **posso** eu **vô(u)**

[BDI-044-225]

- (30.f) a parte que eu mais **gosto**... **fico** mais à vontade é a... é a edícula do fundo... inclusive eu... **passei** a::... a dormí(r) lá por causa do barulho... que ele/ principalmente de fim de semana... a turma faz muito barulho que nem baile essas brincade(i)ra fica chutando lata fazendo muito barulho... então eu **optei** mais:: **fico** mais à vontade num... éh dormí(r) na edícula que fica na parte do fundo

[BDI-133-200]

Por meio da retomada das pesquisas de Naro e Scherre (2007) e de Lucchesi, Baxter e Silva (2009), reaviva-se a discussão a respeito da origem do PB (que irá se estender até o final desta obra). O fenômeno de variação na CV de 1PS, presente na variedade falada na comunidade afro-brasileira de Helvécia, na Bahia, já estava presente também no português dialetal europeu (Naro; Scherre, 2007), o que, de certa forma, contesta a hipótese de Lucchesi, Baxter e Silva (2009) de que o português brasileiro apresenta esse fenômeno em razão de um processo de crioulização do português no Brasil.

Segundo Lucchesi, Baxter e Silva (2009), essa variação, restrita a determinadas comunidades, ocorre por causa do contato entre línguas, na formação das comunidades rurais brasileiras, o que chegou a afetar até mesmo o emprego dos morfemas flexionais do verbo em todas as pessoas do discurso, num processo que se assemelha muito aos casos típicos de crioulização. Contudo, a neutralização entre 1PS e 3PS, como apresentado, foi fartamente documentada no português europeu, indiciando que o fenômeno tem suas raízes em Portugal, o que difere da afirmação de Lucchesi, Baxter e Silva (2009).

Naro e Scherre (2007, p.93-4) defendem ainda que o fenômeno ocorre até mesmo no português-padrão, devendo, portanto, ser reconhecido como fenômeno plenamente encaixado na configuração geral do português, como se vê a seguir:

As neutralizações envolvem:

A) todos os verbos:

- 1) no pretérito imperfeito do indicativo (*eu lembrava/ele lembrava; eu estava/ele estava; eu fazia/ele fazia; eu ia/ele ia*);
- 2) no pretérito mais-que-perfeito do indicativo (*eu lembrara/ele lembrara; eu estivera/ele estivera; eu fizera/ele fizera; eu fora/eu fora*);
- 3) no futuro do pretérito do indicativo (*eu lembraria/ele lembraria; eu estaria/ele estaria; eu faria/ele faria; eu iria/ele iria*);
- 4) no modo subjuntivo (*que eu lembre/que ele lembre; se eu lembrasse/ele lembrasse; quando eu lembrar/quando ele lembrar; que eu esteja/que ele esteja; se eu estivesse/se ele estivesse; que eu faça/que ele faça; se eu fizesse/se ele fizesse; quando eu fizer/quando ele fizer; que eu vá/que ele vá; se eu fosse/se ele fosse; quando eu for/quando ele for*).

B) alguns verbos no pretérito perfeito (*eu trouxe/ele trouxe; eu coube/ele coube; eu soube/ele soube; eu disse/ele disse; eu quis/ele quis*).

Lucchesi, Baxter e Silva (2009) afirmam que, recentemente, vem ocorrendo, nas comunidades isoladas que apresentam o fenômeno de neutralização entre 1PS e 3PS, um processo de *descrioulização*, com gradativo aumento da distinção entre formas verbais de 1PS e 3PS. Este trabalho não contesta as evidências dos autores em relação à diminuição do fenômeno

de neutralização nas comunidades afro-brasileiras isoladas (em especial, de Helvécia, na Bahia), todavia refuta a ideia de que o fenômeno tenha origem num processo de crioulização. As evidências apresentadas por Naro e Scherre (2007) sugerem fortemente que o mesmo fenômeno ocorra no português europeu e no brasileiro, influenciado pelas mesmas motivações naturais da língua portuguesa, que, aliás, como apresentado acima, foram implementadas, em alguns contextos, até mesmo no português-padrão.

O processo de “descrioulização”, a que aludem Lucchesi, Baxter e Silva (2009), é fruto da diminuição do isolamento da comunidade e também do aumento da oferta de escolarização (processo que ocorreu em todo o Brasil a partir da segunda metade do século XX), que proporcionam, conseqüentemente, maior contato com a norma culta e com o português-padrão. Se for apropriado nomear esse processo de descrioulização, seria possível afirmar que haveria descrioulização também no português europeu, nas comunidades citadas, nas quais se evidenciou o processo de neutralização.

Além disso, outras comunidades falantes do PB, como a comunidade do interior paulista, não apresentam – conforme comprovado pela observação da amostra de fala do Banco de Dados Iboruna – o fenômeno de CV variável de 1PS, fato que aponta também que não haveria uma origem única para o português brasileiro, visto diferentes variedades apresentarem fenômenos distintos. A não observação do fenômeno também na amostra europeia considerada nesta pesquisa denotaria que, como no Brasil, em Portugal, apenas algumas variedades apresentam (ou apresentavam) variação na CV de 1PS e, conseqüentemente, as regiões brasileiras que receberam falantes das variedades onde o fenômeno ocorria também o apresentaram.

As evidências sugerem a hipótese de que a neutralização entre as formas de 1PS e 3PS junto de sujeito de 1PS do discurso era fenômeno variável com certa recorrência em algumas variedades do PE e, por isso, poderia ter sido trazido também para algumas comunidades do Brasil. A diferença estaria apenas no maior isolamento dessas comunidades brasileiras, o que teria feito com que o fenômeno perdurasse até o momento.

Conforme já apontado anteriormente, Naro e Scherre (2007, p.93) demonstram que o fenômeno da neutralização entre 1PS e 3PS ocorre até mesmo no português-padrão (ver ocorrências (31.a) e (31.b)), sendo reconhecido como um fenômeno encaixado na configuração geral do português.

- (31.a) bom::... tem uma delas que eu... nem quando:: eu conheci a minha esposa e a gente começô(u) a namorá(r) né?... então... inclusive **eu morava** só eu e minha mãe... e::... minha mãe era::... era muito severa muita coisa... e ela::... **eu ia namorá(r)** e ela todo dia ia atrás de mi/ atrás de mim sabe? me acompanhá(r) ela dava a maior mão de obra...

[BDI-133-5]

- (31.b) ah, eu go(...) **eu gostava** muito de violino ou de ser flautista. **eu gostava** muito de ser... instrumentos de sopro.

[CRPC-710-5]

Nas ocorrências anteriores, observa-se que as formas verbais empregadas junto do pronome de 1PS do discurso (em destaque) não possuem qualquer distinção das correspondentes empregadas junto dos sujeitos em 3PS (*eu/ele morava, eu/ele gostava*). A afirmação de Naro e Scherre (2007) sobre os casos de neutralização evidenciados no português-padrão levamos, inclusive, a sugerir, em estudo sociolinguístico comparativo futuro para as amostras do PE e do PB, a investigação do emprego do pronome de primeira pessoa, *eu*, junto dos contextos de neutralização e dos contextos em que não ocorre neutralização entre as formas verbais de 1PS e de 3PS. A hipótese (aventada apenas em observação aos *corpora*) é de que haja maior explicitude do pronome nos casos de neutralização, como forma de evitar a ambiguidade de referente. Veja-se a ocorrência que segue:

- (32.a) teve uma história de:: quando **eu tinha** acho que tinha uns três anos... **eu fui**:: almoçá(r) na casa da vizinha... minha mãe tinha acabado de tê(r) meu irmão meu irmão tinha meses ela tava até com os ponto ainda da cirurgia...

[BDI-044-20]

- *(32.b) teve uma história de:: quando **tinha** acho que tinha uns três anos... **fui**:: almoçá(r) na casa da vizinha... minha mãe *tinha* acabado de tê(r) meu irmão meu irmão tinha meses ela tava até com os ponto ainda da cirurgia...

Como se nota em (32.b), o apagamento do pronome de 1PS junto do primeiro verbo (em destaque) ocasiona, a princípio, ambiguidade em relação

ao referente, pois a mesma forma verbal é empregada também para sujeitos de 3PS (como se vê posteriormente na própria ocorrência, em *itálico*). Em contrapartida, o apagamento no segundo verbo em destaque não ocasiona a ambiguidade, haja vista a forma verbal ser exclusiva de 1PS.

Na sequência, serão tratados os fenômenos variáveis relacionados à 2PS do discurso.

4.3 Fenômenos variáveis inerentes à segunda pessoa do singular

Em relação aos fenômenos comprovadamente variáveis ligados à 2PS do discurso, observou-se a existência de duas formas pronominais concorrentes tanto no PE quanto no PB, *você* e *tu*, e viu-se que, no que diz respeito à última, em algumas variedades do PB, a CV apresenta-se variável com formas verbais em 2PS ou 3PS.

No estado de São Paulo, Modesto (2006), em pesquisa realizada com amostras de fala da cidade litorânea de Santos, comprovou a variação entre as formas pronominais *tu* e *você*, com predominância desta (67%) sobre aquela (32%). O autor atesta que a forma *você* é empregada naquela comunidade em contextos de maior monitoramento e menor envolvimento entre os interlocutores. A forma *tu*, por outro lado, é empregada em contextos de menor monitoramento e maior envolvimento entre falante e ouvinte, resultado interessante, considerando que a forma *tu* junto de formas verbais de 2PS é tida como padrão e a forma *você*, como não padrão. Modesto (2006) confirmou também o uso categórico de formas verbais de 3PS junto do pronome *tu*, indicando que o emprego da forma pronominal atualmente distancia-se do que preconiza a gramática normativa.

Justifica-se aqui a não consideração desses fenômenos variáveis de forma quantitativa nas variedades que constituem o foco desta investigação, em primeiro lugar, por não haver relatos de estudos no interior do estado de São Paulo que tenham evidenciado o uso da forma pronominal *tu* como sujeito de 2PS do discurso. Tal fato ratifica-se com base na observação qualitativa do *corpus* do interior de São Paulo (nas amostras, as ocorrências apresentaram somente a forma pronominal de 2PS do discurso, *você* – e

suas variantes *ocê e cê* –, com verbos em 3PS, como nas ocorrências (33.a), (33.b) e (33.c).⁴

(33.a) “óh eu vô(u) te dá(r) prazo de:: um mês mais ou menos po *cê arru-má::(r)* a cota do dinhe(i)ro certinho se *você* num *dé(r)* o dinhe(i)ro nós vai... como se fala? tipo:: tratá(r) ne:: ne outro caso a gente vai:: vê(r) se a gente toma o(u)tra providência pra vê(r) que que nós vai fazê(r) *c’ocê aí*” – eu falei – “NÃO tudo bem” –... daí eu peguei ainda noutra dia... saí:: fui ainda dá(r) um trampo c’um colega meu carpí(r) um lote
[BDI-031-45]⁵

(33.b) ele também me ajudô::(u) MUIto eu lembro dele das filhas dele da mulher dele... D. B. tam(b)ém me ajudô(u) no estudo... o A. O. da Itamarati tam(b)ém sempre me deu apoio... falava – “po *cê gostá(r) de estudá(r)?*”
[BDI-097-110]

(33.c) “nossa mas que amigo é esse... que todo dia *você sai* com e::le... deve sê(r) rolinho alguma coisa *você tá* me enrolan(d)o” –... e ele – “não é verdade é meu amigo” –... aí até que teve um dia... que ela pegô(u) e falô(u) assim... ele foi pra lanchonete ela virô(u) pra minha avó falô(u) assim – “ô mãe.. *cê* já comprô(u) alguma COIsa?”
[BDI-046-175]

Além disso, as entrevistas que fazem parte do acervo do Banco de Dados Iboruna e do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (PE) são diálogos centrados em apenas um falante, ou seja, são do tipo informante/documentador, o que restringe o uso da 2PS e da 2PP. As raras intervenções entre os interlocutores e os usos de segunda pessoa do discurso, em sua maioria, partem do entrevistador ou tratam-se de discurso direto reportado

4 Em recente estudo sociolinguístico da língua falada no centro-oeste mineiro, Gonçalves (2008) comprovou que a alternância de uso entre as formas pronominais variantes *você*, *ocê* e *cê* (também observada nas amostras do interior paulista, conforme exposto nas ocorrências (33.a-b-c)) é influenciada por fatores linguísticos e sociais. O autor observou ainda uma possível especialização das formas para as diferentes funções dos pronomes de 2PS, notando que a função de sujeito é a única que favorece o uso das três formas (Gonçalves, 2008, p. 225).

5 A ocorrência ilustra a redução que ocorre no quadro de CV de algumas variedades do PB, pois apresenta as formas pronominais alternantes de 2PS, *você*, *ocê* e *cê* e as formas pronominais alternantes de 1PP, *nós* e *a gente*, acompanhadas (em sua totalidade) de formas verbais em 3PS.

(como em (34.a-c)), o que ocasiona insuficiência de subsídios para o implemento de uma pesquisa sociolinguística, como a que se propõe para a 1PP e a 3PP. Para a variedade europeia, uma concisa análise qualitativa revela a ocorrência da alternância entre os pronomes *tu* e *você* para representação da 2PS, como se pode verificar nas ocorrências de (34.c) a (34.f). Todavia, não se verificou, nos dados, variação em relação à CV junto do pronome *tu*, aos moldes da evidenciada no PB.

(34.a) quando *você vai* num culto du::m numa igreja evangélica *você chega* eles te acolhe muito bem – “oi tudo bem como como você vai seja muito bem-vindo”

[BDI-33-417]

(34.b) depois eu quero te mostrá(r) na minha sala lá... um apaRELho... que:: eu gostaria que *você souBEsse* tam(b)ém... o motivo que o levô(u) a eu construí(r) aquele aparelho que está na na minha sala lá... aqui no do lado aqui

[BDI-101-255]

(34.c) eu não sei os pecados!” é preciso também explicar-lhe: “os pecados é o que *tu tens* feito, assim, assim, assim...”

[CRPC-0031-7]

(34.d) a b disse assim, para, para o np: “ai, *tu* já *viste* é a mana mais velha da gaiata?” ora amigo np espreitou

[CRPC-0122-30]

(34.e) normalmente as irmãs têm uma ternura especial pelos mais pequeninos... *você* com certeza *gosta* mais

[CRPC-0134-22]

(34.f) pois, a outra é... que vulgarmente chamamos autocarro, não é? portanto... agora... e as camionetas são confortáveis? como é que... *você vai* ali enlatado, quantas pessoas entram? aquilo é... a ver quem cabe mais ou como é? há um limite?

[CRPC-1165-3]

Ainda que, no Banco de Dados Iboruna, não haja ocorrências do emprego do pronome explícito de 2PS, *tu*, a análise qualitativa das amostras de fala permitiu a observação do emprego variável de verbos em 3PS e 2PS

(nas ocorrências de (35.a) a (35.f)), como representação do imperativo gramatical de 2PS do discurso, com elevada predominância das formas verbais de 2PS (como expostas de (35.a) a (35.d)):⁶

(35.a) [aí ela] ligô(u) desesperada... peDIA – “pelo amor de Deus... **vê** se o seu irmão vem me trazê(r) um dinhe(i)ro num lugar” – eu falei assim – “como... num é d/... é hora de almoço acho que ele nem chegô(u) em casa ainda” – “não... mas pelo amor de Deus (inint.) só conheço você que tem conhecido aqui

[BDI-AI-003-30]⁷

(35.b) “e tô eu e o J. aqui falta cinco reais pa eu í(r) embora pa completá(r) o dinhe(i)ro da passagem (inint.) que que eu faço que que eu faço... se eu num achá(r) dinhe(i)ro” – falei... – “**liga** po seu irmão (inint.) pelo amor de Deus **pede**” – falei assim – “meu Deus eu co/” –... eu conheço bem o D. [Inf.2: hum] o D. ia soltá(r) os cachorro

[BDI-AI-003-40]

(35.c) os incomodado que se mu-da” – aí eu/ eu ri com a E. que eu falei assim – “oia se aquele velho num tava velho eu ia falá(r) – “**B. vende** esse terreno e **sai** fora daqui” – mas o velho tá velho diz que já... logo logo ((risos de Inf.1, Inf.2 e Inf.3)) LOGO LOGO ((fala rindo)) LOGO LOGO ele MUDA

[BDI-AI-006-80]

(35.d) diz que o padre virô(u) pra ele e falô(u) assim – “mas **escuta**... você tira... o::... você leva o bom e de(i)xa o ruim ((fala rindo)) [Doc.: ((risos))] você tinha que fazê(r) o contrário” –... né?

[BDI-082-195]

6 Para a variação na CV no imperativo de 2PS do discurso, não foi realizada a análise quantitativa, com medição da frequência de emprego das formas em concorrência. A observação de um número considerável de entrevistas, todavia, permitiu a verificação da forte tendência ao emprego de formas verbais de 2PS do imperativo afirmativo para a referência à 2PS do discurso, ainda que o único pronome utilizado em todas as amostras tenha sido *você* e suas variantes, as quais, em contextos de indicativo e de subjuntivo, apresentam, invariavelmente, formas verbais de 3PS. Apresenta-se, neste ponto, como sugestão de estudo sociolinguístico futuro, a consideração quantitativa desse fenômeno com base nas amostras do Banco de Dados Iboruna.

7 Ocorrência da Amostra de Interação do Banco de Dados Iboruna.

(35.e) ela corta o bairro... aí cê pega **vire** pra::... **vire** nessa avenida do linhão e já **vire** a próxima à esquerda que seria a rua que você... ia descê(r) tam(b)ém se tivesse ido pelo do *Carrefour* que é minha rua dois
[BDI-052-230]

(35.f) olha L. eu num posso... é te dá(r) em dinhe(i)ro porque eu não tenho... mas você tem umas cobranças na sua mão... **vá** lá **receba** você vai vendê(r) bem esse mês... e po::de pegá(r) esse dinheiro pra você e nós debitamo(s) depois... e **continue** na estra::da”
[BDI-107-300]

Faraco (1986 apud Scherre, 2007, p.196) defende que as formas imperativas são consideradas “formas indicativas com valor de atos de fala impositivos”, o que é reforçado pelo fato de que as formas de 2PS do imperativo e de 3PS do presente do indicativo são, do ponto de vista morfológico, “idênticas”.

Com base em diversos estudos do português brasileiro falado, Scherre (2007) afirma que, nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, há o predomínio do imperativo associado ao indicativo, como nas ocorrências ora apresentadas (*liga, pede, vende, sai, escuta*). Conforme salienta a autora e como se pode observar na amostra considerada para o português do interior paulista, a alternância entre as formas verbais de 2PS e 3PS do imperativo não possui relação direta com o emprego dos pronomes *tu* e *você*. No PB da região de São José do Rio Preto, o emprego do pronome de 2PS do discurso *você* (e suas variantes *ocê* e *cê*) é categórico, acompanhado, também de forma categórica, de verbos em 3PS. Entretanto, a análise qualitativa do *corpus* do PB do interior paulista revela que, aparentemente, o emprego do modo imperativo se evidencia, predominantemente, com formas verbais de 2PS (o que somente se confirmará por meio de pesquisa sociolinguística quantitativa).

4.4 Variação na concordância verbal de terceira pessoa do singular

A variação na CV junto a sujeitos de 3PS é fenômeno reportado (e aceito) até mesmo pelas gramáticas normativas, conforme apontado anteriormente, e não se restringe à língua falada, segundo confirmam Scherre e Naro (1998) e Scherre (2005), que registram até mesmo o fenômeno como

recorrente na língua escrita formal do PB atual, em contextos de sujeitos complexos ou pospostos ao verbo.

Embora não se constitua foco principal da presente pesquisa, cabe ressaltar que esse fenômeno variável evidencia-se nas amostras consideradas para o PE e para o PB, conforme exposto, a seguir, nas ocorrências exemplificativas recolhidas do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo e do Banco de Dados Iboruna.

- (36.a) certo é como é quase como na saúde né? **existe** *meia dúzia de privilegiados* né? que **ganha** MUIto... [Doc.: hum::] e:: e também existe a *maioria* que **ganha** muito po(u)co
[BDI-138-305]
- (36.b) :... *uma parte dos impostos* **deviam**... ficá(r) pra assim... tê(r) um/ a gente ter o atendimento
[BDI-138- 277]
- (36.c) hoje **deparam-se** *uma série de problemas* e eu hoje acho que nós começamos a vivê-los muito mais cedo do que antigamente
[CRPC-218-13]
- (36.d) *a maioria das famílias* num **aceita** e:: eu tenho/ acabo tendo PE na dessas pessoas porque eles são muito simples... eles são muito simples
[BDI-152-540]
- (36.e) tudo isso, é uma coisa que me indigna e da *maior parte delas* **aceitam** de boa mente, **aceitam** como uma escravatura
[CRPC-1378-12]
- (36.f) mas... o *POvo* coitado o *povo* num **tem** culpa né?... o *povo* **gosta** do futebol **gosta** de música... **gosta** de:... éh::... de carnaVAL
[BDI-129-250]
- (36.g) uma miúda... uma... foi dada a *um casal* que também não **tinham** filhos e **adoravam** ter filhos: **vieram** buscar aquela menina
[CRPC-1250-23]

Nas ocorrências, verifica-se o uso de formas verbais em 3PS e 3PP, junto de expressões complexas de núcleo singular que possuem um SPrep de núcleo plural ((36.a) a (36.e)) e também junto de SN no singular que possui va-

lor coletivo, como *povo* e *casal* ((36.f) e (36.g)). Cabe destacar que o núcleo do sujeito, em todas as ocorrências, encontra-se, invariavelmente, na 3PS.

Esses exemplos, embora não constituam subsídios para investigação sociolinguística, pelo baixo número de casos evidenciados, apontam para a ocorrência de mais um fenômeno variável tanto na variedade brasileira quanto na variedade europeia, nesse caso, ligado à CV de 3PS, que, como os já apresentados, carece de maior investigação nas amostras do interior paulista.⁸

4.5 Fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do plural

Conforme consideração prévia, apresentada no Capítulo 2, em relação à 1PP do discurso, observam-se fenômenos variáveis de AP e de CV. Nas seções que seguem, foi elaborada a apresentação particularizada de cada fenômeno em cada uma das comunidades, estabelecendo as relações que se mostrem pertinentes aos fenômenos e às variedades pesquisadas.

4.5.1 Alternância pronominal *nós* × *a gente* no português brasileiro e no português europeu

Para a AP, nos *corpora* do PE e do PB, foi analisado um total de 2.649 ocorrências das formas pronominais *nós* e *a gente* explícitas (plenas) e não explícitas (desinenciais ou nulas), sendo 476 ocorrências do PE e 2.173 do PB. Dos 476 casos observados no PE, 200 ocorrências são do pronome *a gente* (149 ocorrências da forma explícita e 51 da forma não explícita) e 276 são do pronome *nós* (185 ocorrências da forma explícita e 91 da forma não explícita). Para o PB, do total de 2.173 ocorrências, 1.603 casos são da forma pronominal *a gente* (1.413 ocorrências do pronome explícito e 190 do pronome não explícito) e 570 são da forma pronominal *nós* (477 casos de *nós* explícito e 93 casos de *nós* não explícito). A seguir, tem-se a tabela com os percentuais de distribuição das ocorrências.

8 Esta é mais uma sugestão de estudo futuro a ser realizado com base no Banco de Dados Ibo-
runa, visto o fenômeno já ter sido caracterizado em outras variedades do PB. Como exemplo,
tem-se o estudo de Mattos (2003), que comprovou a atuação de fatores linguísticos como
tipo de sujeito e *saliência fônica* na variação de CV junto de sujeitos coletivos simples para
variedades do PB de Fortaleza e do Rio de Janeiro.

Quadro 4.2: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

Variedade	<i>Nós</i>		<i>A gente</i>		TOTAL
PB – Iboruna	26,2% (570)		73,8% (1.603)		
Sujeito pronominal	Explícito 83,7% (477)	Não explícito 16,3% (93)	Explícito 88,1% (1.413)	Não explícito 11,9% (190)	100% (2.173)
PE – CRPC	58% (276)		42% (200)		
Sujeito pronominal	Explícito 67% (185)	Não explícito 33% (91)	Explícito 74,5% (149)	Não explícito 25,5% (51)	100% (476)

Os resultados apontam que a forma inovadora *a gente* predomina sobre a forma pronominal conservadora *nós* nos dados do PB, com percentual de uso de 73,8%. Considerando, porém, as frequências obtidas para amostras do PE, pode-se verificar o predomínio da forma-padrão *nós* sobre a forma não padrão *a gente* (58% e 42%, respectivamente).

Efetuiu-se a comparação dos resultados obtidos neste estudo com os resultados evidenciados em outras regiões do estado de São Paulo, em outros estados brasileiros e em amostras de algumas localidades portuguesas, a fim de verificar as possíveis semelhanças e discrepâncias de percentuais da AP em diferentes variedades da língua portuguesa.^{9,10}

Quadro 4.3: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* em diferentes variedades do português brasileiro e do português europeu

Variedade	Características sociais	<i>Nós</i>	<i>A gente</i>
João Pessoa (PB) Projeto VALPB (Fernandes, E. A., 1999)	Escolaridade: de nula a superior Faixas etárias: 15 a 25, 26 a 49 e + de 50 Gêneros: masculino e feminino	21%	79%
Pelotas (RS) Projeto Varx (Borges, 2004)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixas etárias: 16 a 25, 26 a 37, 38 a 49, 50 a 64 e + de 65 anos Gêneros: masculino e feminino	22%	78%
Interior paulista – BDI (2012)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixas etárias: 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55 Gêneros: feminino e masculino	26,2%	73,8%

Continua

9 Lamentavelmente, houve contato somente com o estudo sociolinguístico de Vianna (2011) para a AP *nós* e *a gente* em variedades do PE.

10 Não é intuito da presente pesquisa abarcar todos os estudos já propostos sobre AP de 1PP na língua portuguesa. A proposta, diferentemente disso, é demonstrar que o fenômeno, embora se encontre catalogado, apresenta diferentes características, a depender, principalmente, de fatores de ordem diatópica e diastrática.

Quadro 4.3: *Continuação*

Variedade	Características sociais	Nós	A gente
Florianópolis (SC) Projeto Varsul (Seara, 2000)	Escolaridade: primário, ginásio e secundário Faixas etárias: 15 a 24, 25 a 50 e + de 50 anos Gêneros: masculino e feminino	28%	72%
Rio de Janeiro (RJ) (Omena; Braga, 1996)	Escolaridade: fundamental e médio Faixas etárias: 7 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e 50 a 71 anos Gêneros: masculino e feminino	30%	70%
Porto Alegre (RS) (Zilles, 2000)	Escolaridade: de baixa a superior Faixas etárias: 25 a 49 e + de 50 anos Gêneros: masculino e feminino	31%	69%
Blumenau (SC) Tamanine (2002)	Escolaridade: primário, ginásio e secundário Faixas etárias: até 45 e + de 50 anos Gêneros: masculino e feminino	40%	60%
Lages (SC) Tamanine (2002)	Escolaridade: primário, ginásio e secundário Faixas etárias: até 45 e + de 50 anos Gêneros: masculino e feminino	42%	58%
Cinzento (BA) Comunidade afro- -brasileira (Antonino; Bandeira, 2011)	Escolaridade: baixa ou nula Faixas etárias: 20 a 40, 41 a 60, 61 a 80 e + de 80 anos Gêneros: feminino e masculino	44%	56%
Goiás (GO) (Mattos, 2010)	Escolaridade: médio e superior Faixas etárias: – de 21, 21 a 40 e + de 41 anos Gêneros: masculino e feminino	46%	54%
Brasilândia (periferia de São Paulo) (Coelho, R. F., 2006)	Escolaridade: de nula até 8 anos Faixas etárias: – de 25, de 25 a 50 e + de 50 anos Gêneros: masculino e feminino	47%	53%
Chapecó (SC) Tamanine (2002)	Escolaridade: primário, ginásio e secundário Faixas etárias: até 45 anos e + de 50 anos Gêneros: masculino e feminino	52%	48%
Rio de Janeiro (RJ), Porto Alegre (RS) e Salvador (BA) Projeto Nurc Lopes (1998)	Escolaridade: superior Faixas etárias: 25 a 35, 36 a 55 e + de 56 anos Gêneros: masculino e feminino	57,8%	42,2%
Portugal – CRPC (2012)	Escolaridade: de fundamental a superior Faixas etárias: 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos Gêneros: masculino e feminino	58%	42%
Funchal (PE) (Vianna, 2011)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixas etárias: 18 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos Gêneros: masculino e feminino	74%	26%
Cacém (PE) (Vianna, 2011)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixas etárias: 18 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos Gêneros: masculino e feminino	78%	22%
Oeiras (PE) (Vianna, 2011)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixas etárias: 18 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos Gêneros: masculino e feminino	91%	9%

A observação permite evidenciar que as variedades apresentam diferentes características de uso das formas pronominais *nós* e *a gente*, com uma discrepância, quando comparadas as variedades dos extremos da tabela, de 70 pontos percentuais para a AP de 1PP.

Em variedades de diferentes regiões e estados brasileiros, como as de João Pessoa (PB), Pelotas (RS), do interior paulista, Florianópolis (SC), Rio de Janeiro (RJ) (Omena; Braga, 1996) e Porto Alegre (RS) (Zilles, 2000), nota-se, pelos percentuais elevados de emprego da forma *a gente* (79%, 78%, 73,8%, 72%, 70% e 69%, respectivamente), o predomínio da forma inovadora sobre a forma conservadora, o que, contudo, não se estende a todas as variedades do território brasileiro. É possível verificar equilíbrio, ainda que com leve predomínio do uso do pronome *a gente*, em determinadas comunidades, como a de Brasilândia, na periferia de São Paulo, e a do estado de Goiás, que apresentaram, respectivamente, 53% e 54% de emprego da forma não padrão.

O leve predomínio do pronome *nós* foi atestado recentemente em Chapecó (SC), com 52% de emprego dessa forma, em oposição aos 48% de emprego da forma *a gente*. Lopes (1998), em estudo do português culto falado brasileiro, constatou 57,8% de uso da forma conservadora *nós* nas cidades do Rio de Janeiro, de Salvador e de Porto Alegre, uma frequência praticamente idêntica à observada nas amostras do PE do CRPC (58%) consideradas nesta pesquisa.

Poder-se-ia afirmar que o português culto brasileiro (considerado na pesquisa de Lopes (1998)) se aproxima do português europeu, haja vista apresentar praticamente o mesmo percentual para o fenômeno da AP de 1PP. Contudo, a observação de outras pesquisas sugere cautela em relação a essa conclusão. Ao se considerar o estudo da comunidade afro-brasileira isolada de Cinzento (BA), de Antonino e Bandeira (2011) (44% de emprego de *nós*), contata-se uma frequência mais próxima das verificadas para o PE do CRPC (58%) do que para algumas pesquisas do português brasileiro, como a da Paraíba, a de Pelotas e a do interior paulista. Entre a pesquisa da comunidade de Cinzento e a do PE do CRPC, há uma diferença de 14 pontos percentuais. A diferença entre o resultado de Cinzento e os resultados da Paraíba, de Pelotas e do interior paulista é de 23, 22 e 17,8 pontos percentuais, respectivamente.

Essa constatação, aliada à observação de outros estudos do português brasileiro, confirma que a escolaridade não é um fator que exerce forte influência no fenômeno variável da AP, já que, apesar de a maioria dos trabalhos considerar informantes de todas as faixas escolares (desde escolaridade nula até superior), houve diferença bastante elevada da frequência apresentada para a AP nas comunidades. Observa-se, por exemplo, semelhança entre as frequências das amostras de falantes com nula ou baixa escolarização de Cinzento (BA) (44% de emprego do *nós*), das amostras de informantes com escolaridade primária, ginásial e secundária de Lages (SC) (42% de uso do *nós*) e das amostras de informantes com escolaridade média e superior de Goiás (46% de emprego do *nós*). Por outro lado, há discrepância entre o estudo da AP de Florianópolis (SC) (28% de emprego do *nós*), elaborado por Seara (2000), e de Chapecó (SC) (52% de uso do *nós*), empreendido por Tamanine (2002), ambos abarcando informantes catarinenses de escolaridade primária, ginásial e secundária, com faixas etárias semelhantes e dos dois gêneros.

A análise de resultados de outros trabalhos também demonstra que a variação diatópica não pode ser considerada preponderante na AP, pois se observam comunidades com grande distância geográfica, como a de João Pessoa (PB), a de Pelotas (RS) e a do interior paulista, que apresentam frequências assemelhadas para o fenômeno variável (79%, 78% e 73,8% de emprego do pronome *a gente*, respectivamente).

Nos estudos já empreendidos para amostras do PE, constatou-se uma diferença de 33 pontos percentuais entre o emprego dos pronomes *nós* e *a gente*, menor que a observada entre os estudos brasileiros (36,8 pontos percentuais). Vianna (2011), na análise da AP de três comunidades do PE, obteve valores distintos para cada uma das comunidades (74%, 78% e 91% de uso do *nós*, respectivamente, para Funchal, Cacém e Oeiras). Os resultados que mais se aproximaram dos evidenciados nesta pesquisa (CRPC) foram os da comunidade de Funchal, todavia, houve diferença de 16 pontos percentuais. A diferença de frequência de AP deste trabalho em relação ao de Vianna (2011) pode residir também nas diversas opções metodológicas seguidas, pois, como já apresentado, nesta pesquisa optou-se por considerar, na AP, os casos de sujeitos explícitos e de sujeitos não explícitos que apresentassem em contextos anteriores as formas concorrentes *nós* e *a gente*

(opção considerada também para a CV de 1PP). Como já apontado, além dos pronomes *nós* e *a gente*, foram encontradas outras formas de referência à 1PP do discurso, entre elas o emprego do verbo em 1PP (<-mos>), sem referente explícito em oração anterior, como se vê em (37).

- (37) isto é tudo uma fantochada, a apoiar a... o, a entidade patronal. **temos** o caso, por exemplo, da, a... dos contratos colectivos de trabalho, não é ora o contrato colectivo de trabalho, quanto a mim, só pode ser discutido entre o sindicato que é o repre(...) são os representantes, os elementos, os elementos do sindicato são os representantes dos trabalhadores e o grémio que são os representantes da entidade patronal

[CRPC-077-1]

O excerto apresentado, extraído de uma entrevista do CRPC, é o início da fala do informante. Não há menções anteriores a nenhum dos pronomes em processo de variação (*nós* e *a gente*), o que nos leva a defender que esses casos não podem ser vistos como contexto de *nós* nulo, como aponta o trecho a seguir, de Vianna (2011, p.117, [grifos nossos]), uma vez que, no PE, tanto *nós* como *a gente* são candidatos potenciais a ocorrer com verbos flexionados em 1PP.

A partir da primeira referência feita a ele mesmo e sua família (“quando não têm nada ao fim de semana normalmente \emptyset saímos...”), há uma sequência de dados de 1ª pessoa do plural: “... \emptyset vamos porque \emptyset temos...temos um...aqui na aldeia do meco que é próximo de Sesimbra um local... \emptyset temos lá uma casa \emptyset ficamos por ali...ou então \emptyset vamos pra outras zonas do país...”. No caso desse trecho, o informante repete sempre a mesma forma na indicação do mesmo referente: o pronome *nós* nulo. Ou seja, são dados de *nós*, precedidos de forma *nós*.

A opção metodológica pode alterar o resultado geral, ocasionando uma elevação no percentual geral de uso do *nós*. Vejam-se, a seguir, as conclusões da própria autora sobre os resultados de sua pesquisa.

Como fica evidente... **mais da metade dos dados de referência à 1ª pessoa do plural ocorrem por meio da indicação desinencial do verbo em**

P4 (-mos): 65% nas três amostras em conjunto. O restante das ocorrências de 1ª pessoa do plural divide-se, basicamente, entre a utilização preenchida das duas formas: 17% de nós e 16% de a gente. **A realização nula de a gente é praticamente irrisória**, registrando-se em apenas 2% das ocorrências. (Vianna, 2011, p.109, [grifos nossos])

Coelho (R. F., 2006, p.140), na análise de dados do PB, não considerou as ocorrências com formas desinenciais de 1PP sem referente explícito em contexto anterior, justificando que:

Em contextos como esse, não há pronomes ou verbos com marca de primeira pessoa do plural nem antes, nem depois do decorrer da progressão referencial. Como dissemos essa construção não foi para a análise da variável *Pronomes*, uma vez que não havia maneira de se saber em qual variante pronominal a ocorrência se enquadrava.

Conforme também já tratamos, essa construção não foi para a análise da variável *Concordância*, uma vez que sua versão com a variante zero é teoricamente impossível.

Após esta breve discussão sobre a metodologia empregada nesta pesquisa, retomam-se os resultados dos estudos do PE, defendendo que as possíveis divergências entre as frequências apresentadas são fruto da opção metodológica de cada pesquisador. Como se pode observar, os estudos de Vianna (2011) apresentaram maiores frequências de uso do pronome *nós* do que o estudo do presente trabalho em razão de ocorrências de verbos com desinências de 1PP sem referente explícito terem sido consideradas como casos de “zero *nós*”. A análise sob essa perspectiva propiciou importante informação sobre a representação da 1PP do discurso no PE, como se vê a seguir: “Pode-se dizer que, entre falantes portugueses, a opção primeira na indicação da 1ª pessoa do plural acontece por meio da desinência verbal *-mos*” (Vianna, 2011, p.109).

No entanto, pela afirmação citada e pelo que já fora discutido, a desinência <-mos> em contextos isolados, sem referente pronominal, seria forma concorrente tanto do pronome *a gente* + forma verbal em 3PS/1PP como do pronome *nós* + forma verbal em 1PP (no PE) ou do pronome *nós* + forma verbal em 3PS/1PP (no PB).

Ao considerar que a proposta da pesquisa tem como um de seus focos a análise da AP entre *nós* e *a gente* e não a representação do sujeito em 1PP do discurso, confirma-se a opção metodológica feita aqui.¹¹

Além de as variedades do português ora em análise apresentarem percentuais gerais discrepantes em relação à AP de 1PP, diferentes variáveis linguísticas e sociais em diversas ordens de relevância demonstraram influenciar o processo de variação nas amostras (exceção apenas para a variável *paralelismo linguístico*), conforme apresenta o Quadro 4.4.

Quadro 4.4: Ordem de seleção dos grupos de fatores considerados para os fenômenos de alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português europeu e no português brasileiro do interior paulista

Variáveis \ Fenômeno		Nós × A gente Português do interior paulista – BDI	Nós × A gente Português europeu – CRPC
Linguísticas	Paralelismo linguístico discursivo	1ª	1ª
	Saliência fônica verbal	2ª	Não selecionado
	Grau de determinação do sujeito	5ª	Não selecionado
	Tempo e modo verbal	6ª	Não selecionado
	Preenchimento do sujeito	Não selecionado	Não selecionado
Sociais	Escolaridade	4ª	2ª
	Faixa etária	3ª	Não selecionado
	Gênero	Não selecionado	3ª

É possível observar, no Quadro 4.4, que, entre as variáveis linguísticas, apenas *paralelismo linguístico discursivo* foi selecionado para os dois *corpora*. *Saliência fônica verbal*, *grau de determinação do sujeito* e *tempo e modo verbal* foram selecionados apenas para as amostras do PB do interior paulista (em segundo, quinto e sexto lugares, respectivamente). O grupo de fatores *preenchimento do sujeito*, que controla os contextos de sujeito explícito e de sujeito não explícito, foi o único não selecionado pelo programa *GOLD-VARB* para ambos os *corpora*, o que revela que a variável possui pouco peso no processo de AP nas amostras consideradas.¹²

11 Apresenta-se, como sugestão para trabalho futuro, o estudo comparativo do emprego das formas desinenciais de 1PP, sem referente pronominal, como representação da 1PP do discurso no PE do CRPC e no PB do interior paulista.

12 Em Vianna (2011), o grupo de fatores *preenchimento do sujeito* revelou-se de grande relevância na AP, tendo sido selecionado para as três amostras do PE, resultado que também se jus-

Em relação às variáveis sociais, sobressai *escolaridade*, selecionada como relevante nas amostras do PB e do PE, respectivamente, em quarto e segundo lugares. *Gênero*, considerado relevante nas estatísticas apenas para o PE, foi selecionado em terceiro lugar. A variável *faixa etária do informante* foi selecionada somente para a amostra do interior paulista, também em terceiro lugar.

A partir dos resultados apresentados no Quadro 4.4, um primeiro julgamento acerca desse estudo da AP de 1PP é o de que, para o PB, é forte a atuação de variáveis tanto linguísticas quanto sociais, ao passo que, para o PE, atuam mais fortemente variáveis sociais do que linguísticas. A seguir, serão abordadas cada uma das variáveis selecionadas.

4.5.1.1 Resultados para as variáveis investigadas no estudo da alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu

A ordem de apresentação dos fatores linguísticos e sociais será a mesma da exibida no Quadro 4.4, que coincide com a ordem de relevância do grupo de fatores para as amostras, ou seja, a discussão se inicia com os fatores linguísticos selecionados como mais relevantes nas amostras do PE e do PB, e prossegue até que seja apresentado o grupo de fatores selecionado em último lugar, em apenas uma das amostras. Como no quadro, em primeiro lugar, as variáveis linguísticas e posteriormente as extralinguísticas.

4.5.1.1.1 Paralelismo linguístico discursivo

Conforme já atestado em diversos trabalhos, em relação à atuação do grupo de fatores *paralelismo linguístico discursivo* na AP de 1PP, a tendência é de que, em uma sequência de cláusulas, haja a manutenção da mesma forma linguística que aparece na primeira cláusula (Omena, 1996; Lopes, 1993, 1998, 2003; Mendonça, 2010; Vianna, 2011).

tífica pela opção metodológica do trabalho, a qual considera os casos de sujeito desinencial de 1PP sem referente anterior como associados ao pronome *nós*. Obviamente, os contextos de sujeito não preenchido se mostrarão fortemente favorecedores do emprego do pronome *nós* e os contextos de sujeito pleno (preenchido) favorecerão o uso de *a gente*. Para emprego de *a gente*, os resultados da autora apontam peso relativo de 0,90 para sujeitos plenos, e de 0,24 para sujeitos nulos (Vianna, 2011, p.105).

O grupo *paralelismo linguístico discursivo* foi selecionado como o grupo mais relevante nas amostras do PB e do PE, o que comprova a forte atuação dessa variável sobre o fenômeno da AP de 1PP. Seguem, no Quadro 4.5, os resultados para esse grupo de fatores.

Quadro 4.5: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *paralelismo linguístico discursivo*¹³

Paralelismo		Variedade	Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
			% N ^o de ocorrências	Peso relativo	% N ^o de ocorrências	Peso relativo
A gente	Forma isolada ou 1 ^a de uma série		72,8% 783/1.076	0,475	40,5% 98/242	0,517
	Forma precedida de <i>nós</i> explícito		24,4% 51 /209	0,099	3,6% 3/80	0,058
	Forma precedida de verbo em 1PP (sujeito desinencial)		43,9% 47/107	0,258	27,3% 18/66	0,370
	Forma precedida de <i>a gente</i> explícito		92,1% 664/721	0,744	96% 72/75	0,954
	Forma precedida de verbo em 3PS (sujeito desinencial)		96,7% 58/60	0,897	90% 9/10	0,911
Nós	Forma isolada ou primeira de uma série		27,2% 293/1.076	0,525	59,5% 144/242	0,483
	Forma precedida de <i>nós</i> explícito		75,6% 158/209	0,901	96,4% 80/83	0,942
	Forma precedida de verbo em 1PP (sujeito desinencial)		56,1% 60/107	0,742	72,7% 48/66	0,630
	Forma precedida de <i>a gente</i> explícito		7,9% 57/721	0,256	4% 3/75	0,046
	Forma precedida de verbo em 3PS (sujeito desinencial)		3,3% 2/60	0,103	10% 1/10	0,089

Pelos resultados obtidos, contextos em que a forma precedente é o pronome *a gente* explícito ((38.a) e (38.b)) ou a forma verbal de 3PS (*a gente* não explícito) ((38.c) e (38.d)) favorecem o emprego de *a gente*. No PB, apresentaram-se peso relativo de 0,744 e frequência de 92,1% de uso de *a gente* em contextos de *a gente* explícito, e de 0,897 e de 96,7% em contextos com

13 A distribuição de frequências e pesos relativos é complementar entre os pronomes *nós* e *a gente*. A leitura dos resultados relativos a um dos pronomes, apenas, bastaria para a interpretação da atuação do grupo de fatores, porém optou-se, no Quadro 4.5, pela exibição dos valores relativos a ambos os pronomes, com o intuito de facilitar, ao leitor, a equiparação.

forma verbal de 3PS. No PE, peso relativo de 0,954 e frequência de 96% de emprego de *a gente* em contextos de *a gente* explícito e de 0,911 e 90% em contextos com forma verbal em 3PS.

(38.a) depois que *a gente* esculpiu... **a gente** Tira o dentinho da onde **a gente** pingô(u) tirô(u) o dentinho... **a gente** vai pegá(r) um anel que é um anel comprido tipo um cano de de aço

[BDI-045-290]

(38.b) apesar de tudo sempre é um trabalho mais ou menos livre em que *a gente* sempre se diverte uns com os outros, com os clientes às vezes, de maneira que, se por um lado é, é chato, **a gente** tem que tar sempre mais ou menos bem-dispostos para atender os clientes, por outro lado, às vezes... também é bom, porque... sempre **a gente** se diverte a falar uns com os outros, com os clientes e isso.

[CRPC-1248-10]

(38.c) num é muito longe a gente tem que... atravessá(r) a rodovia mas ali na frente tem uma passarela... e anda u::ns três quarte(i)rões já chegô(u) na praia então assim a gente acorda já *vai* pra praia **volta**... e **almoça** e **vai** de novo

[BDI-046-380]

(38.d) aliás que não, não... o frio nessa altura quando estava a nevar, a gente até gostava de andar na rua, e (...) a neve a cair que *achava* curioso, não é, porque os frios, os frios... é depois quando vem aqueles gelos, e aqueles, os ventos, aqueles ventos que **a gente** chama lá o vento suão

[CRPC-1333-80]

Por outro lado, contextos precedidos do pronome *nós* explícito ((39.a) e (39.b)) ou não explícito (sujeito desinencial de 1PP) ((39.c) e (39.d)) favorecem o emprego de *nós*, pois apresentaram pesos relativos de 0,901 e 0,742 e frequências de 75,6% e 56,1%, respectivamente, no PB, e pesos relativos de 0,942 e 0,630 e frequências de 96,4% e 72,7%, respectivamente, no PE, para emprego de *nós*.

(39.a) depois de Cassilândia *nós* pegamos ali uma rodovia nova a:: **nós** fazíamos um uma outra estrada que **nós** íamos por I/ Aporé... hoje **nós**

passamos por Cassilândia de Cassilândia **nós** saímos em::... em Rio Verde que é uma rodovia nova e aí **nós** saímos em Rio Verde de Rio Verde **nós...** passamos por... Caiapônia... de Caiapônia **nós** iremos até éh:: Piranhas

[BDI-093-30]

- (39.b) agora se *nós* pomos no mercado uma determinada fruta, uma maçã, uma pera a cinco escudos, o público não lhe toca, se **nós** pomos a oito o público compra

[CRPC-793-12]

- (39.c) nós andamos mais oitenta quilômetros... *chegamos* em Água Boa... depois de Água Boa **nós andamos** mais cento e sessenta e cinco quilômetros... isso ainda asfalto né? rodovia de asfalto... *chegamos* em Ribe(i)rão Cascalhe(i)ra que é a última cidade... que é o rio que **nós (a)travessamos** aqui em Xavantina só que aqui ele é de pequena proporção num é tão grande... lá ele é um rio que dá trezentos metros de largura é um rio grande... já na fazenda lá

[BDI-093-33]

- (39.d) era conveniente que a caixa tomasse providências em...”, “ai, nós somos tão competentes como os médicos escolares para *podermos* ver se a criança tem ou não tem; não **precisamos** que sejam os médicos escolares a alertar-nos.” isto é muito triste. custa um bocado, não é!

[CRPC-836-12]

O emprego alternante das formas *nós* e *a gente* em uma sequência de cláusulas ((40.a) a (40.d)) é menos frequente, prevalecendo o princípio do paralelismo linguístico discursivo tanto nas amostras do PE quanto nas do PB.

- (40.a) uma escadinha toda de FERro enferruJAda lá tudo assim e **a gente** entra nessa pedra – ainda bem que eu tava magro na época passava nessa pe::dra e saía naquele mar aZUL assim... aí **nós** volTAmo(s) **ficamo(s)** mais uns dois dias em Natal aí **voltamo(s)** embora... aí **nós** ficamo(s) um tempão na praia também eu comento com minha namorada que se um dia **a gente** casá(r) ela aTÊ te/ ela tem vontade de voltá(r) lá

[BDI-051-200]

(40.b) na beira da praia TORTa fazia TORTa... porque é muito caro também... e to::/ direto que **nós** ficô(u) OIto dia lá... e ia na/ na praia todo dia... ficá(r) compran(d)o:: as coisa num dava certo né?... aí **a gente** levava... torta eu lembro muito bem da torta de frango que o irmão dele faz nossa que delícia.

[BDI-059-245]

(40.c) sabes que **a gente** só tem jeito é para arranjar noivas aos outros! mas **nós** a encaixarmo-nos nos ditos...

[CRPC-122-20]

(40.d) depois, **a gente** vai comendo aquelas – até tenho vendido a dez escudos o quilo – que **nós** comemos pouco só somos os dois, tenho um filho, está no curso de engenharia.

[CRPC-962-20]

A tendência verificada, que confirma totalmente as hipóteses para esse grupo de fatores, é de que a forma anterior influencia o emprego da forma seguinte e, em uma sequência de usos de um dos pronomes, há a manutenção da forma que inicia a série, o que, em algumas circunstâncias ((41.a) a (41.c)), torna-se bastante evidente no PB e no PE.

(41.a) depois que **a gente** esculpiu... **a gente** TIra o dentinho da onde **a gente** pingô(u) tirô(u) o dentinho... **a gente** vai pegá(r) um anel colocá(r) ele em cima d'uma borrachinha... que vai ficá(r) no ce/ pra que ele fique no centro do do anel que é o cano de aço... **a gente** vai jogá(r) um revestimento lá dentro líquido aí depois **a gente** vai pegá(r) esse revestimento... **colocá(r)** num forno aí uns setecentos graus e vai... essa cera que **a gente** fez vai derretê(r)... e quando derretê(r) ela vai... ela vai:: virá(r) nada sabe? ela vai evaporá(r) e:: lá dentro vai ficá(r) o espacinho que ficô(u) ela entendeu?... vai ficá(r) o negativo dela... aí **a gente** joga ela num centri/ centrífuga que é um um lugar que **a gente**... faz que o metal entre dentro do de/ desse negócio

[BDI-045-290]

(41.b) éh de Paranaíba a Cassilândia depois **nós** **pegamos** ali uma rodovia nova a **nós** **fazíamos** um uma outra estrada que **nós** **íamos** por Apore... hoje **nós** **passamos** por Cassilândia **nós** **saímos** em Rio Verde

que é uma rodovia nova e aí **nós saímos** de Rio Verde **nós passamos** por... Caiapônia... de Caiapônia **nós iremos** até Piranhas... depois de Piranhas Aragarça então **nós passamos** por Aragarça **atravessamos** ali o rio **entramos** na Barra do Garça e... **seguimo(s)** viagem aí:: **passamo(s)** de Barra do Garça **nós andamos** mais... cento e cinquenta quilômetros aí **encontramos** a cidade de Nova Xavantina éh... dentro de Nova Xavantina **nós (a)travessamos** o Rio das Mortes que passa ali em Xavantina depois **nós andamos** mais oitenta quilômetros **chegamos** em Água Boa... depois de Água Boa **nós andamos** mais cento e sessenta e cinco quilômetros rodovia de asfalto... **chegamos** em Ribe(i)rão Cascalhe(i)ra que é a última cidade que é o rio que **nós (a)travessamos** aqui em Xavantina

[BDI-093-60]

- (41.c) a estrada é (...) uma, uma coisa é... quer dizer, **a gente** quer seja que o vento dê de caras ou que seja a chuva dá sempre de caras ou, ou que seja de lado, **a gente temos** que a aguentar sempre naquela posição e até é um dos serviços que eu me custava mais é a estrada... desde que o, que o temporal teja velhaco, ora **a gente vamos** aí por a estrada adiante, quer dizer, se a água está de costas... mas **a gente** com a, com a (...) com a rotação dos tractores, não é, **tá** sempre de caras ora **a gente** não **temos** um para-brisas

[CRPC-194-10]

- (41.d) e então **nós saímos** das aulas para aí ao meio-dia, depois **telefonamos**, **combinamos** a, a hora, e **vamos** a caminho da praia. **fomos** para aí duas vezes. **chegámos** um dia à torre, para aí num sábado. foi quando **fomos** com ele, **chegámos** à praia da torre, **instalámos** lá por trás dum, dum barco que tava assim empinado na areia; **aconcionámos** ali as, as nossas bagagens

[CRPC-122-20]

Mais do que constatar a atuação do princípio do paralelismo linguístico discursivo na AP de 1PP no PB e no PE, é importante confirmar a grande semelhança verificada entre os contextos que atuam no favorecimento de uma ou de outra forma pronominal no PE e no PB, o que não se deve dei-

zar de destacar, mesmo que as comunidades tenham apresentado diferenças consideráveis em relação à frequência geral de emprego dos pronomes em concorrência.

Passa-se a tratar, a seguir, do grupo de fatores *saliência fônica verbal*, selecionado como segundo mais relevante para a amostra do PB.

4.5.1.1.2 Saliência fônica verbal

Antes de iniciar a discussão sobre a atuação do grupo de fatores *saliência fônica verbal*, é preciso retomar as justificativas para a consideração desse grupo em fenômeno diferente do da CV variável.

Lemle e Naro (1977) demonstraram que falantes do PB tendem a evitar formas verbais proparoxítonas, as quais são verificadas nas formas verbais de 1PP, com desinências do pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo e do pretérito mais-que-perfeito, como em, respectivamente, *cantávamos*, *cantássemos* e *cantáramos*.¹⁴ Nesses casos, segundo Rodrigues (A. C. de S., 1987), é comum que o falante menos escolarizado empregue, junto da forma pronominal *nós*, verbos em 3PS, que, diferentemente dos verbos em 1PP, não apresentam forma proparoxítona em nenhuma de suas desinências modo-temporais.

Com base nessas afirmações e em Coelho (R. F., 2006), defende-se aqui que o fator *saliência fônica verbal*, além de influenciar os fenômenos de variação na CV, influencia também a seleção do pronome de 1PP, principalmente entre os falantes com maior escolarização e do gênero feminino, que optariam pelo uso da forma *a gente*, pouco estigmatizada socialmente, em contextos em que se evidenciassem maiores níveis de *saliência* entre a forma de 1PP e a de 3PS, como ocorre com os contextos de verbo proparoxítono em 1PP, aqui denominados casos de *saliência esdrúxula*. Em relação a outros níveis de *saliência*, previa-se que maiores níveis de *saliência* (excetuando-se o grupo *saliência esdrúxula*, que, segundo a hipótese, apresenta comportamento ímpar) levariam ao maior emprego de formas de 1PP e, consequentemente, ao emprego do pronome *nós*.

Os resultados para a atuação desse fator são apresentados no Quadro 4.6.

¹⁴ As formas de pretérito mais-que-perfeito não foram encontradas nas amostras.

Quadro 4.6: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *saliência fônica verbal*¹⁵

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% N ^o de ocorrências	Peso relativo	% N ^o de ocorrências	Peso relativo
A gente	Esdrúxula (proparoxítonas)	75,8% 307/405	0,509	46,5% 33/71	–
	Mínima	88,8% 754/849	0,689	43,4% 126/290	–
	Média	59,1% 471/794	0,332	36,9% 31/84	–
	Máxima	58,2% 71/122	0,304	33,3% 10/30	–
Nós	Esdrúxula (proparoxítonas)	24,2% 98/405	0,481	53,5% 38/71	–
	Mínima	11,2% 95/849	0,311	56,6% 164/290	–
	Média	40,9% 326/797	0,668	63,1% 53/84	–
	Máxima	41,8% 51/122	0,696	66,7% 20/30	–

A observação do Quadro 4.6 permite verificar a preferência no uso do pronome *a gente* em lugar de *nós* no PB, para os casos de *saliência fônica esdrúxula* ((42.a)), com 75,8% e 24,2%, respectivamente, e *mínima* ((42.b)), com 88,8% e 11,2%, respectivamente. Os pesos relativos para esses grupos ratificam a afirmação, visto se apresentarem, nos dois casos, superiores aos demais (0,509 para *saliência esdrúxula* e 0,689 para *saliência mínima*). Entre os dois contextos (*saliência esdrúxula* e *mínima*), o que atua mais fortemente no emprego do pronome *a gente*, de acordo com a frequência e o peso relativo apresentados, é o fator *saliência mínima*.

(42.a) ele conversava comigo *a gente tinha* [tínhamos] diá::logo... *a gente era* [éramos] completamente feliz só que não deu certo... uma porque:: eu era casada

[BDI-068- 40]

(42.b) minhas filhas nasceram perfei::tas... *a gente sabe* [sabemos] até de casos de de::... criANças o quê::?... catorze treze anos é criança né?

[BDI-064-185]

15 Para o PE, apresenta-se apenas a frequência de cada um dos contextos variáveis, haja vista esse fator não ter sido selecionado pelo programa estatístico.

Em contrapartida, os resultados exibidos para os fatores *saliência fônica média* ((43.a)) e *máxima* ((43.b)) demonstram que esses fatores contribuem para o uso da forma pronominal *nós*, pois, nesses contextos, houve aumento na frequência de uso dessa forma, em detrimento de *a gente* (40,9% e 41,8% de uso de *nós*, respectivamente). Os pesos relativos verificados para esses contextos foram de 0,668 e 0,696, respectivamente, confirmando seu favorecimento no uso do pronome *nós*, conforme os pressupostos anteriores.

(43.a) eu tava aqui na faculdade ele passô(u) me pegô(u) nove e meia da noite... *nós fomos* [foi] pro apartamento e num tinha nada... só tinha a cama a gelade::(i)ra as coisas tavam tudo compradas né?

[BDI-082-55]

(43.b) o que a gente tem notícia... de quem vem lá de fora... e:: infelizmente alguns países... *nós:: não somos* [é] bem recebidos porque::... *nós somos* [é] o terce(i)ro mundo

[BDI-073-165]

Em relação à amostra do PE, embora o grupo de fatores não tenha sido selecionado como relevante no fenômeno variável da AP, uma observação apenas das frequências demonstra maiores percentuais de emprego da forma *a gente* para os contextos de *saliência esdrúxula* e *mínima* e maiores percentuais de uso do pronome *nós* para os contextos de *saliência fônica verbal média* e *máxima*, aos moldes do que ocorre no PB.

O conjunto de resultados apresentados para esse fator reafirma a validade de sua consideração em fenômenos correlacionados aos contextos de CV variável, visto ter-se evidenciado que diferentes contextos de *saliência fônica verbal* exercem também diferentes influências na seleção dos pronomes alternantes de 1PP em posição de sujeito.

De posse dos dados relativos à CV de 1PP para as formas pronominais em concorrência, essa discussão será retomada.

A seguir, são apresentados os resultados relativos ao próximo grupo de fatores selecionado, *grau de determinação do sujeito*.

4.5.1.1.3 Grau de determinação do sujeito

Com base nos trabalhos de Omena (1986), Machado (1995), Lopes (1999) e Vianna (2006), a hipótese, baseada apenas em pesquisas do PB,

para o grupo de fatores *grau de determinação do sujeito* é de que o uso do pronome *nós* seja associado a sujeitos com referentes mais específicos e definidos e o uso do pronome *a gente*, a sujeitos com referentes mais genéricos. Vianna (2011) considerou, em pesquisa com amostras do PE, a atuação do *grau de determinação do sujeito (extensão semântica do referente)*, todavia o grupo de fatores não foi selecionado como relevante. A seguir, tem-se a tabela com os resultados da influência do grupo na AP no PE e no PB.

Quadro 4.7: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *grau de determinação do sujeito*

Grau de determinação do sujeito \ Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
A gente	Genérico e indefinido	86,5% 167/193	0,569	22,8% 21/92	–
	Genérico e definido	74,7% 929/1.244	0,497	40,1% 69/172	–
	Específico e definido	68,9% 507/736	0,385	51,9% 110/212	–
Nós	Genérico e indefinido	13,5% 26/193	0,431	77,2% 71/92	–
	Genérico e definido	25,3% 315/1.244	0,503	59,9% 103/172	–
	Específico e definido	31,1% 229/736	0,615	48,1% 102/212	–

É possível verificar, na observação dos resultados do PB, a tendência ao uso do pronome *a gente* para se reportar a sujeitos do tipo *genérico e indefinido* ((44.a) e (44.b)) (86,5% de frequência e 0,569 de peso relativo, contra 13,5% e 0,431 do pronome *nós* ((44.c))). Por outro lado, os resultados para os sujeitos do tipo *específico e definido* ((44.f)) apresentaram maior tendência de se expressar por recurso à forma pronominal *nós* do que os demais (31,1% de frequência e 0,615 de peso relativo para emprego de *nós*). Os sujeitos com grau de determinação do tipo *genérico e definido* ((44.d) e (44.e)) apresentaram tendência intermediária em relação a outros fatores, com peso relativo de 0,497 e frequência de 74,7% para uso de *a gente*, frequência, aliás, muito próxima da média geral para o pronome *a gente*, que é de 73,8%.

- (44.a) é um horário abençoado por Deus... eu acho que **a gente** tem que comê(r) certinho... não podemos derrubá(r) comida na mesa derrubá(r) no chão fazê(r) aquela porqui::ce aquela noje::(i)ra... que aí a gente vai tê(r) que limpá(r) depois... eu acho assim...
[BDI-068- 45]
- (44.b) não, mas **a gente** pode ter a sua formação política, até séria e conscientemente agora quando em, em actividade artística quer criar e quer erguer problemas humanos, com certa profundidade, tem que re(...) que erguer aqueles que conhece
[CRPC-1394-10]
- (44.c) é que **nós** somos condicionados sub e inconscientemente, não é, de maneira que lá temos o instinto da conservação da espécie a, a, a limar todos esses pruridos de ordem moral que a gente possa ter (...) é verdade.
[CRPC-218-10]
- (44.d) é uns meninos que a mãe num sei acho que num deu educação pra eles... parece uns cavalo... nem parece criança... **a gente** vai limpá(r) a mesa encontra várias suje(i)ra na mesa... poxa o nosso serviço... ele é um serviço duro porque é serviço da limpeza
[BDI-068-65]
- (44.e) porque há, há, há participações que **nós** temos que, que é de arrepiar: o próprio indivíduo diz que, ostensivamente, que não respeitou o sinal de stop que existia, ia se... ia numa curva fora de mão, hã? mas isto constantemente, com frequência se vê...
[CRPC-612-40]
- (44.f) o meu marido que hoje é meu esposo o A.... **nós** se conhecemo(s) no ano de:: mil novecentos e setenta que nós trabalhávamos juntos num supermercado... naquela época a gente era apenas amigo
[BDI-092-10]¹⁶

16 É interessante notar, na ocorrência (44.c), que, apesar da opção pelo uso do pronome sujeito *nós* e do verbo em 1PP, entremeia esse sujeito e esse verbo o pronome oblíquo reflexivo de terceira pessoa, *se*, motivando a sugestão de mais um estudo futuro da variedade do interior paulista e alargando ainda mais o escopo de variação relacionado às pessoas do discurso.

Nas ocorrências (44.a), (44.b) e (44.c), classificadas como de referente genérico e indefinido, é possível observar que o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos, geralmente com referência a pessoas ou a grupos de forma geral e nem sempre o próprio indivíduo está incluso nessa categoria. Por outro lado, nas ocorrências (44.d) e (44.e), o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos, na qual fica claro que o falante tem consciência de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso. Em (44.d), por exemplo, a informante se refere a ela própria e às outras pessoas responsáveis pela limpeza do colégio onde trabalha. Na ocorrência (44.e), o informante faz referência às situações vivenciadas por ele e outros funcionários do serviço de trânsito português. Por último, na ocorrência (44.f), o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores – no contexto da última ocorrência, o marido e a esposa.

Confirma-se a hipótese pré-apresentada da tendência no PB de que o pronome *a gente* esteja mais associado a sujeitos genéricos e indefinidos, por ser usado, normalmente, para delimitar categorias, e de que o pronome *nós* se associe a sujeitos mais específicos e definidos, costumando ser usado para determinar um número completo e limitado de pessoas.

No PE, embora o grupo de fatores *grau de determinação do sujeito* não tenha sido selecionado para a amostra do CRPC, os resultados frequenciais apresentados são, no mínimo, curiosos, pois revelam comportamento totalmente contrário em relação às hipóteses e aos resultados do PB do interior paulista. A maior frequência de uso da forma pronominal *a gente* foi verificada entre sujeitos de referente específico e definido (51,9%) e a menor frequência de emprego de *a gente* foi observada para a categoria dos sujeitos com referente genérico e indefinido (apenas 22,8%).

Esses resultados revelam que o fenômeno variável da AP não somente possui características diferentes em relação à frequência geral de emprego de uma ou de outra variantes no processo de variação, mas também no que diz respeito à função semântica dessas variantes na comunidade. Tal diferença semântica no uso das formas pronominais de primeira pessoa do discurso no PB do interior paulista e no PE pode ser um reflexo estatístico

da frequência de uso de *a gente* mais espalhada no PB do que no PE, o que revela que a forma está mais gramaticalizada naquela variedade do que nesta, uma vez que encontra contextos de uso mais generalizados, uma tendência típica de formas em processos avançado de gramaticalização (Omena; Braga, 1996).

4.5.1.1.4 Tempo e modo verbal

A hipótese para o fator linguístico *tempo e modo verbal*, proposta por Fernandes e Görski (1986), é de que o pronome *nós* tenha seu uso vinculado a formas no pretérito, enquanto *a gente* tenha uso vinculado a formas no presente, uma vez que o morfema <-mos> de 1PP pode estar sendo reanalisado, no PB, como marca gramatical de pretérito. Omena (1986) e Lopes (1998) afirmam, ainda, que o pretérito imperfeito, o presente e formas nominais tendem a favorecer o uso de *a gente*, enquanto o pretérito perfeito favorece o uso de *nós*.

A seguir, são apresentados os resultados para o grupo de fatores *tempo e modo verbal* na AP de 1PP no PB e no PE.

Quadro 4.8: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *tempo e modo verbal*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
A gente	Presente do indicativo e do subjuntivo	83,7% 810/968	0,551	40,8% 135/331	–
	Pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo	75,3% 287/381	0,536	45,7% 32/70	–
	Pretérito perfeito do indicativo	56,4% 399/708	0,364	40,4% 23/57	–
	Futuro e outros tempos verbais	92,2% 107/116	0,773	55,6% 10/18	–
Nós	Presente do indicativo e do subjuntivo	16,3% 158/968	0,449	59,2% 196/331	–
	Pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo	24,7% 94/381	0,464	54,3% 38/70	–
	Pretérito perfeito do indicativo	43,6% 309/708	0,636	59,6% 34/57	–
	Futuro e outros tempos verbais	7,8% 9/116	0,227	44,4% 8/18	–

Concernente a esse grupo de fatores, a análise estatística demonstra que há maior tendência de uso da forma *a gente* com verbos no presente ((45.a)) (83,7% de frequência e 0,551 de peso relativo) e maior tendência de uso da forma *nós* com verbos no pretérito perfeito ((45.b)) (43,6% de frequência e 0,636 de peso relativo). No que diz respeito ao pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo ((45.c), (45.d) e (45.e)), os resultados demonstram leve favorecimento do emprego de *a gente*, com peso relativo de 0,536 e frequência de 75,3% para o pronome *a gente*, e peso relativo de 0,464 e frequência de 24,7%, para o pronome *nós*.

(45.a) cê sabe que tem uma hora que **a gente** fica na seca... e de repente a gente tava dançan(d)o eu e meus amigos lá e de repente vejo um moço moreno alto lindo né?

[BDI-074-70]

(45.b) eu e meu marido quando **nós** nos casamo(s) ele era uma pessoa que num era quase de de participá(r)... da igreja... e eu com o meu testemunho

[BDI-092-240]

(45.c) elas chegavam de ônibus e **a gente...** num tinha:: éh:: num tinha diNE(i)ro... num tinha RO(u)pa porque era você que tinha que ficá(r) se viran(d)o

[BDI-074-505]

(45.d) quando eu comecei trabalhá(r) eu trabalhava... com trabalho de roça... porque lá **nós** mexíamos com MUda preparávamos mudas de café... teve um ano que onde eu trabalhei preparô(u) UM miLHÃO de MUdas de café

[BDI-114-60]

(45.e) se **a gente** fosse treiná(r) a gente que... arrumasse o(u)tro lugar... treinasse na rua teve uma/ uma vez que a gente teve que treiná(r) na rua

[BDI-074-400]

Os resultados apontam também a tendência ao emprego da forma pronominal *a gente* (peso relativo de 0,773 e frequência de uso superior a 92%) nos contextos de futuro do pretérito ((46.c)), de futuro do subjuntivo

((46.a)) e de infinitivo pessoal ((46.b)). Infelizmente, por causa do baixo número de ocorrências, foi necessário amalgamar todos esses casos.

(46.a) e acho que tem que acabá(r) porque:: enquanto... enquanto as menina num percebê(r) que se **a gente** de(i)XÁ(r) de fazê(r) Isso o preconceito ainda vai existí(r)

[BDI-026-30]

(46.b) pra atrapalhá(r)... jogan(d)o giz::... num de(i)xan(d)o **a gente** escrevê::(r)... num é por aí as professoras tão lá pa ensiná(r)... só que ninguém de(i)xa

[BDI-026-10]

(46.c) éh:: **a gente**::... poderia começá(r) a tê(r) uma educação... agora você/ eu comparo assim o Estado de São Paulo com o Estado do Paraná... a educação do Estado do Paraná é formidável... as pessoas não jogam lixo na rua

[BDI-035-200]

Não foram encontradas ocorrências da forma *a gente* com verbos no futuro do presente. A variante já implementada plenamente no PB do interior paulista para expressão do futuro compõe-se de perífrase com o verbo *ir* acrescida de verbo no infinitivo, conforme apresentado em (47.a) e (47.b) (Fonseca, 2010).¹⁷ Os únicos três casos da ocorrência de verbos no futuro do presente foram encontrados junto de sujeitos com o pronome *nós*, nas amostras de um informante apenas, conforme se observa em (47.c) e (47.d).

A baixa frequência de ocorrência de verbos no futuro do presente pode ser consequência da natureza das entrevistas dos *corpora*, que se compõem, em sua totalidade, de relatos de situações já vividas pelos informantes e por terceiros. Dessa forma, há a expectativa de emprego maior do passado e do presente do que do futuro, como também aponta Fonseca (2010).

¹⁷ Na análise do tempo e modo verbal, foi considerada a estrutura formal do verbo (nesses casos, o auxiliar, que se adequasse ao número e à pessoa do sujeito), por isso, contextos de perífrase com o verbo *ir*, como o apresentado na ocorrência, foram tomados como casos de verbo no presente do indicativo.

(47.a) aí depois **a gente vai pegá(r)** esse revestimento... colocá(r) num forno aí uns setecentos graus e vai... essa cera que a gente fez vai derretê(r)... e quando derretê(r) ela vai... ela vai:: virá(r) nada sabe? ela vai evaporá(r) e:: lá dentro vai ficá(r) o espacinho que ficô(u) ela entendeu?... vai ficá(r) o negativo dela

[BDI-042-12]

(47.b) bom então vamo(s) lá... – “aí **nós vamo(s) fazê(r)** uma rifa... de uma televisão eu dô(u) a televisão” –... eu falei – “no::ssa mas isso é muito complic::do” –... – “nã:: vamo(s) fazê(r) um rifa... vamo(s) fazê(r) um ri::fa... a gente estipula aí um valor

[BDI-115-300]

(47.c) então amanhã **nós estaremos in(d)o** pra lá **ficaremos** lá mais uns/ acho que uns dez dias lá pescan(d)o e... é o que a gente gosta de fazê(r) né? sempre

[BDI-093-20]

(47.d) e aí nós saímos em Rio Verde de Rio Verde nós... passamos por... Caia-pônia... de Caiapônia **nós iremos** até éh:: Piranhas... depois de Piranhas Aragarça

[BDI-093-50]

Nas amostras do PE, o grupo de fatores não foi selecionado pelo programa estatístico *GOLDVARB*, porém é possível observar que as ocorrências com verbos no presente e no pretérito perfeito do indicativo, diferentemente do que se observou na amostra do PB do interior paulista, exibiram percentuais muito semelhantes para a AP (40,8% e 40,4% de emprego de *a gente*, respectivamente, para presente e pretérito perfeito). A única categoria que exibiu frequência discrepante das demais foi a denominada *futuro e outros tempos verbais*, com 55,6% de emprego do pronome *a gente*.

Não obstante se tenha procedido à análise do grupo de fatores *tempo e modo verbal*, que será também proposta para os demais fenômenos, presume-se haver uma sobreposição do fator *saliência fônica verbal*, já apontado como de extrema relevância para o fenômeno, em relação ao fator *tempo e modo verbal*, aos moldes do que já se apontou ocorrer, para o estudo da 3PP variável, com as variáveis *saliência fônica* e *tipo de verbo*. Seguem os resultados e o cruzamento dos fatores, na AP de 1PP.

Quadro 4.9: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para as variáveis *saliência fônica verbal* e *tempo e modo verbal*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
A gente	Esdrúxula (proparoxítonas)	75,8% 307/405	0,509	46,5% 33/71	–
	Mínima	88,8% 754/849	0,689	43,4% 126/290	–
	Média	59,1% 471/794	0,332	36,9% 31/84	–
	Máxima	58,2% 71/122	0,304	33,3% 10/30	–
Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
A gente	Presente do indicativo e do subjuntivo	83,7% 810/968	0,551	40,8% 135/331	–
	Pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo	75,3% 287/381	0,536	45,7% 32/79	–
	Pretérito perfeito do indicativo	56,4% 399/708	0,364	40,4% 23/57	–
	Futuro e outros tempos verbais	92,2% 107/116	0,773	55,6% 10/18	–

Conforme apresentado no Quadro 4.9, que retoma os resultados dos diferentes contextos dos grupos *saliência fônica* e *tempo e modo verbal* no emprego do pronome *a gente*, as formas com *saliência* mínima entre 1PP e 3PS favorecem o uso do pronome *a gente*, o que ocorre também com os verbos no presente do indicativo e do subjuntivo. Pela observação do cruzamento dos fatores (Quadro 4.10), é possível constatar que a grande maioria dos verbos no presente apresenta também nível mínimo de *saliência* (quase 77% dos verbos no presente: 743 do total de 968 casos), já que a oposição entre 3PS e 1PP nesse tempo se faz, em grande parte das ocorrências, somente pelo acréscimo da desinência <-mos> à forma de 3PS, como se verifica em *canta/cantamos* e *chega/chegamos*.

Os verbos no pretérito perfeito do indicativo foram caracterizados como desfavorecedores do uso da forma pronominal *a gente*, e, ao considerar a sa-

Quadro 4.10: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista: resultados para o cruzamento entre as variáveis *tempo* e *modo verbal* e *saliência fônica verbal*

Português brasileiro		Saliência fônica				
		Esdrúxula	Mínima	Média	Máxima	Total
Tempo e modo	Presente do indicativo e do subjuntivo	–	88% 656/743	71% 139/195	50% 15/30	810/968
	Pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo	75% 286/381	–	–	–	286/381
	Pretérito perfeito do indicativo	–	–	55% 339/609	61% 60/99	399/708
	Futuro e outros tempos verbais	92% 22/24	95% 84/88	25% 1/4	–	107/116
	Total	307/405	754/849	471/797	71/122	1.603/2.173
Nós	Presente do indicativo e do subjuntivo	–	12% 87/743	29% 56/195	50% 15/30	158/968
	Pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo	25% 95/381	–	–	–	95/381
	Pretérito perfeito do indicativo	–	–	45% 270/609	39% 37/99	309/708
	Futuro e outros tempos verbais	8% 2/24	5% 4/88	75% 3/4	–	9/116
	Total	98/405	95/849	326/797	51/122	570/2.173

liência fônica verbal dessas ocorrências, conclui-se que apresentam, em sua totalidade, média ou máxima oposição entre as formas de 1PP e 3PS (todos os verbos no pretérito perfeito possuem saliência média ou máxima; 609 e 99, respectivamente), como em *cantou/cantamos* e *fez/fizeram*, categorias de saliência que já demonstraram, como apontado no Quadro 4.8, tendência a influenciar positivamente o uso do pronome *nós*.

Para as ocorrências com verbos no pretérito imperfeito, que se mostraram ligeiramente favorecedoras do emprego da forma pronominal *a gente* (peso relativo de 0,536), é possível notar a concentração de sua totalidade entre os casos de saliência esdrúxula (todas as 381 ocorrências de pretérito imperfeito), os quais, por sua vez, também se mostraram ligeiramente favorecedores do uso de *a gente* (peso relativo de 0,509).

Para os casos amalgamados sob o rótulo de *futuro e outros tempos verbais* – que, como se vê, abarca os verbos no infinitivo pessoal, no futuro

do pretérito e no futuro do subjuntivo, entre outros –, a explicação para a propensão a apresentarem-se mais frequentemente junto de *a gente* está na saliência fônica dessas formas, pois, como se pode observar, possuem, quase todos, *saliência fônica mínima* (88 das 116 ocorrências da categoria *futuro e outros tempos verbais*), o que, conforme comprovação anterior, favorece o emprego da forma pronominal *a gente*. Das 28 ocorrências restantes, 24 apresentam saliência fônica esdrúxula, que, como visto, também tende a apresentar maior frequência de emprego do pronome *a gente*.

O que ora se busca apontar, além do já exposto, é que, ao categorizar os verbos em tempo e modo, como proposto, consideram-se, em uma mesma categoria, verbos com diferentes características morfológicas e, por consequência, com saliências fônicas diversas.

Após ressalva feita a esse grupo de fatores linguístico, último selecionado pelo programa *GOLDVARB*, pode-se prosseguir com a apresentação dos grupos de fatores sociais selecionados como relevantes no fenômeno da AP de 1PP.

4.5.1.1.5 Escolaridade

No que diz respeito à variável social *escolaridade*, a hipótese já apresentada para fenômenos variáveis é a de que informantes com mais anos de escolarização apresentem maior tendência ao uso de formas tidas como padrão na comunidade e informantes com escolarização baixa ou nula apresentem maior emprego de formas não padrão (Labov, 1966, 1972). No caso da AP, é considerada padrão a forma *nós*, ainda preconizada pela tradição gramatical. Oposta a ela, há a forma *a gente*, considerada não padrão, por continuar sendo ignorada como forma pronominal na maioria das gramáticas da língua portuguesa. Na página seguinte, têm-se os resultados da AP em relação ao grupo de fatores *escolaridade*, relevante nas amostras do PB e do PE.

Observando os resultados da AP no PB, é possível, preliminarmente, concluir que o comportamento de informantes com mínima escolarização (peso relativo de 0,574 para uso de *nós*) aproxima-se muito do de informantes com o nível máximo de escolarização (peso relativo de 0,600 para emprego de *nós*), resultado oposto às expectativas para a influência do fator *escolaridade* em fenômenos variáveis do PB. Para além de contestar quaisquer hipóteses, a observação dos resultados apresentados, sem que se levem em conta os demais fenômenos relacionados, nos levaria a concluir que o

Quadro 4.11: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *escolaridade*

Variedade / Escolaridade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
A gente	Faixa 1 (1 a 4 anos)	61,5% 280/455	0,426	77,3% 133/172	0,809
	Faixa 2 (5 a 8 anos)	84,4% 455/539	0,621	31,4% 32/102	0,366
	Faixa 3 (9 a 11 anos)	81,6% 440/539	0,559	13,8% 13/94	0,255
	Faixa 4 (12 ou mais anos)	66,9% 428/640	0,400	20,4% 22/108	0,299
Nós	Faixa 1 (1 a 4 anos)	38,5% 175/455	0,574	22,7% 39/172	0,191
	Faixa 2 (5 a 8 anos)	15,6% 84/539	0,379	68,6% 70/102	0,634
	Faixa 3 (9 a 11 anos)	18,4% 99/539	0,441	86,2% 81/94	0,745
	Faixa 4 (12 anos ou mais)	33,1% 212/640	0,600	79,6% 86/108	0,701

fenômeno não sofre qualquer influência do fator social considerado, o que não se confirma, neste ponto, pela consideração das faixas intermediárias, as quais apresentaram tendência ao uso da forma não padrão *a gente* (pesos relativos de 0,650 e de 0,584, respectivamente, para falantes com segundo ciclo do ensino fundamental (5 a 8 anos de escolarização) e para falantes com ensino médio (9 a 11 anos)).

Consoante justificativas apresentadas desde o início desta pesquisa, tem-se como verdadeiro que os fenômenos de 1PP se inter-relacionam e podem depender uns dos outros. Dessa forma, a explicação para determinado comportamento variável ligado a um fenômeno pode centrar-se na observação dos demais fenômenos; em outras palavras, a explicação para o comportamento assemelhado das faixas de menor e maior escolarização da amostra do PB em relação à AP poderá ser obtida por meio da consideração dos fenômenos de CV com os pronomes *nós* e *a gente*, o que será proposto nas próximas seções.

No PE, os resultados apontam influência direta da escolarização no aumento de emprego da forma padrão, *nós*. A faixa de menor escolarização foi a única que se mostrou mais propensa ao uso da forma não padrão, *a gente*

(frequência de 77,3% e peso relativo de 0,809 para uso de *a gente*), apresentando, aliás, frequência maior do que a frequência média verificada no PB do interior paulista (73,8% de uso do pronome *a gente*). As faixas de 5 a 8 anos, de 9 a 11 anos e de 12 anos ou mais de escolarização demonstraram, todas, preferência de uso do pronome *nós*, respectivamente, com pesos relativos de 0,634; 0,745 e 0,701, e frequências de 68,6%; 86,2% e 79,6%.

Cabe destacar que as faixas de média escolarização (de 5 a 8 anos e de 9 a 11 anos) apresentaram-se mais propensas ao emprego da forma conservadora do que a faixa de maior escolarização (mais de 12 anos de frequência à escola), o que se justifica pela retomada do quadro de informantes das amostras do PE que, conforme já demonstrado, apresenta irregularidades em relação à distribuição de informantes entre os estratos sociais. Enquanto as faixas intermediárias de escolarização apresentam predominância de informantes do gênero feminino (na faixa de 5 a 8 anos de escolarização, doze informantes do gênero feminino e dez informantes do gênero masculino; na faixa de 9 a 11 anos de escolarização – que apresentou maiores frequências e pesos relativos para emprego do pronome *nós* –, dezesseis informantes do gênero feminino e onze informantes do gênero masculino), nas faixas de maior escolarização e de menor escolarização, que apresentam os informantes com mais de 12 anos de escolarização e com até 4 anos de escolarização, respectivamente, há o predomínio de informantes do gênero masculino (na faixa dos mais escolarizados, 16 mulheres e 22 homens; na faixa dos menos escolarizados, 21 mulheres e 25 homens).

Na sequência, após a apresentação da influência do fator social *gênero* na AP de 1PP no PE, tem-se o cruzamento entre os fatores *escolarização* e *gênero*, cujos resultados confirmarão o que fora afirmado em relação à influência da irregularidade da estratificação social nos resultados exibidos.

Independentemente disso, os resultados do PE apontam uma polarização em relação à AP, na qual falantes com pouco contato com o ambiente escolar optam pelo uso da forma *a gente* e falantes que possuem maior contato com o ambiente escolar fazem opção pelo uso do pronome *nós*.

Se no PB a atuação da escola não reflete grande alteração em relação à manutenção da variante padrão (o pronome *nós*), em Portugal, a frequência à escola altera substancialmente o emprego das formas pronominais de 1PP, elevando o uso da forma prescrita pela gramática normativa, *nós*, e diminuindo o uso da forma não padrão, *a gente*. A consideração de outros

fatores de ordem social, como *gênero*, a ser analisado após o fator *faixa etária*, confirmará o que já se anuncia: a forma pronominal *a gente* é desprestigiada no PE.

4.5.1.1.6 Faixa etária

Conforme discussão proposta no Capítulo 2, para o fator social *faixa etária*, as hipóteses subjacentes à investigação, não somente da AP, mas de qualquer fenômeno variável, estão ligadas à propensão de que faixas etárias mais jovens evidenciem o uso de formas inovadoras, e falantes de faixas etárias mais elevadas tendam ao uso de formas conservadoras nos processos de variação. A investigação desse fator também permite observar a possibilidade de implementação de uma ou outra variável na comunidade, já que as faixas etárias mais jovens são tomadas como o impulso das mudanças na comunidade, por sucederem gradativamente as faixas etárias mais elevadas.

A seguir, apresenta-se o Quadro 4.12, com os resultados para esse grupo de fatores, selecionado pelo programa estatístico *GOLDVARB* apenas para a amostra do PB do interior paulista.

Quadro 4.12: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *faixa etária*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
A gente	16 a 25 anos	86% 456/530	0,608	35,5% 33/93	–
	26 a 35 anos	77,6% 409/527	0,560	36,7% 47/128	–
	36 a 55 anos	59,3% 375/632	0,360	45,2% 85/188	–
	Mais de 55 anos	75% 363/484	0,502	52,2% 35/67	–
Nós	16 a 25 anos	14% 74/530	0,392	64,5% 60/93	–
	26 a 35 anos	22,4% 118/527	0,440	63,3% 81/128	–
	36 a 55 anos	40,7% 257/632	0,640	54,8% 103/188	–
	Mais de 55 anos	25% 121/484	0,498	47,8% 32/67	–

Os percentuais e pesos relativos expostos no Quadro 4.12 demonstram que a forma *a gente* está gradativamente substituindo a forma *nós*, visto as faixas etárias mais jovens apresentarem maiores frequências e tendências de uso daquela forma (86% e 0,608 para faixa de 16 a 25 anos; 77,6% e 0,560 para faixa de 26 a 35 anos). Excetuam-se da preponderância de uso do pronome *a gente* sobre o pronome *nós* apenas os informantes da faixa etária de 36 a 55 anos, que demonstraram menor percentual do que as outras faixas (59,3%) e um peso relativo de 0,360 para o uso da forma *a gente*.

Os resultados do PB confirmam a hipótese geral de que as formas inovadoras estejam relacionadas aos falantes de faixas etárias mais jovens, e as formas conservadoras estejam mais presentes na fala de informantes de maior idade, porém, embora os jovens tenham apresentado forte tendência ao uso do pronome *a gente*, não se verifica, na faixa etária mais elevada (mais de 55 anos), forte propensão ao uso da forma conservadora *nós*. Contrariamente a isso, constatou-se um percentual de uso de *a gente* (75%) maior do que o verificado para a faixa etária anterior (36 a 55 anos) e próximo do percentual exibido pela faixa de 26 a 35 anos (77,6%). No que diz respeito ao peso relativo, evidencia-se, para essa faixa etária, certa neutralidade para uso da forma conservadora e da forma inovadora (peso relativo de 0,502 para emprego de *a gente*).

Mesmo que a observação desse fenômeno já forneça subsídios suficientes para que se avenge a hipótese de substituição, no PB, em momento futuro, da forma pronominal *nós* pela forma pronominal *a gente*, essa discussão será retomada após a verificação dessa variável social nos demais fenômenos relacionados à 1PP do discurso. De antemão, pelos resultados apresentados, é possível afirmar que o fenômeno de implementação do pronome *a gente* já se encontra, na comunidade, em estágio avançado.

Embora o grupo de fatores *faixa etária* não tenha sido relacionado entre os relevantes na AP de *nós* e *a gente* no PE, a análise das frequências revela uma diminuição gradativa no emprego da forma pronominal inovadora *a gente* que parte da faixa de maior idade para a faixa dos mais jovens (52,2% para informantes com mais de 55 anos; 45,2% para informantes de 36 a 55 anos; 36,7% para informantes de 26 a 35 anos; 35,5% para informantes de 16 a 25 anos).

Tal diminuição no emprego da forma inovadora diretamente proporcional à diminuição na idade dos informantes sugere que está havendo, no

PE, um retrocesso no processo variável, em direção à manutenção da forma conservadora, *nós*, quase que inversamente ao que ocorre no PB do interior paulista.

Como visto em capítulo anterior, houve aumento expressivo do índice de escolarização da população portuguesa nas últimas décadas, o que, aliado ao fato de a escolaridade exercer influência direta na manutenção da forma conservadora *nós* no PE (conforme citado anteriormente), pode explicar o aumento do emprego da forma conservadora na população mais jovem – reflexo, portanto, dos efeitos da escolarização.¹⁸ A análise das variáveis *escolaridade* e *gênero*, presente nas próximas páginas, poderá fornecer maiores subsídios para a confirmação dessa hipótese.

Conforme vimos, além da variável *faixa etária*, para o PB, foi selecionado também o grupo *escolaridade*, dessa forma, propomos, a seguir, o cruzamento desses grupos de fatores sociais.

Quadro 4.13: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro e no português europeu: resultados para o cruzamento entre as variáveis *faixa etária* e *escolarização*

Português brasileiro		Tempo de escolarização			
		1 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos	12 anos ou mais
A gente	16 a 25 anos	71,4%; 0,384 40/56	82,1%; 0,534 115/140	99,5%; 0,979 189/190	77,8%; 0,476 112/144
	26 a 35 anos	58,7; 0,262 54/92	93,8; 0,792 122/130	73,7; 0,411 84/114	78 / 0,470 149/191
	36 a 55 anos	47,1; 0,182 80/170	83,8; 0,564 88/105	62; 0,289 88/142	55,3; 0,236 119/215
	Mais de 55 anos	77,4; 0,460 106/137	79,3; 0,488 130/164	84,9; 0,585 79/93	53,3; 0,222 48/90
Nós	16 a 25 anos	28,6%; 0,616 16/56	17,9%; 0,466 25/140	0,5%; 0,021 1/190	32,2%; 0,524 32/144
	26 a 35 anos	41,3%; 0,738 38/92	6,2%; 0,208 8/130	26,3%; 0,589 30/114	22%; 0,530 42/191
	36 a 55 anos	52,9%; 0,818 90/170	16,2%; 0,436 17/105	38%; 0,711 54/142	44,7%; 0,764 96/215
	Mais de 55 anos	22,6%; 0,540 31/137	20,7%; 0,512 34/164	15,1%; 0,415 14/93	46,7%; 0,778 42/90

18 No Brasil também houve aumento significativo do índice de escolarização da população. Entretanto, conforme apontado, o aumento da escolarização não exerce influência direta na elevação de emprego da forma normativa (*nós*), como se demonstrou ocorrer em Portugal.

O cruzamento entre a faixa etária e a escolaridade do informante revelou comportamento bastante heterogêneo em todos os estratos, com algumas células exibindo emprego semicategórico da forma *a gente*, como a faixa de 16 a 25 anos de idade e de 9 a 11 anos de escolarização (99,5% de emprego de *a gente* e peso relativo de 0,979). Por outro lado, a célula com informantes de idade entre 36 e 55 anos e 1 a 4 anos de escolaridade apresentou predomínio, embora discreto, da forma conservadora *nós*, com 52,9% de uso do pronome e peso relativo de 0,818.

Ainda que os resultados não permitam uma delimitação exata dos estratos que favorecem uma ou outra variante, é possível notar, em observação vertical do quadro, que as faixas de menor escolaridade e de maior escolaridade, independentemente das faixas etárias, possuem maior tendência ao emprego do pronome *nós* e, em contrapartida, a maioria das células de escolaridade intermediária (de 5 a 8 anos e de 9 a 11 anos de escolarização) demonstra o predomínio de uso do pronome *a gente*.

4.5.1.1.7 Gênero

Conforme amplamente discutido no Capítulo 2, de fundamentação teórica, o fator *gênero* normalmente apresenta resultados que podem revelar informações importantes a respeito de fenômenos linguísticos evidenciados em uma comunidade de fala. Como já verificado em diversos trabalhos, as mulheres são mais sensíveis ao significado social das variantes linguísticas e, dessa forma, podem ou não optar pelo uso da forma inovadora (no fenômeno em questão, o pronome *a gente*), a depender do *status* social que essa variante assume na comunidade. Em outras palavras, representantes do gênero feminino se apresentarão como precursoras do uso do pronome *a gente* se não houver estigma em relação a essa forma; por outro lado, frequências menores de uso por parte das mulheres em comparação com os homens permitem a constatação de estigma social em relação à variante inovadora. Vejam-se os resultados para o grupo de fator social *gênero*, selecionado como relevante apenas na amostra do PE, no Quadro 4.14.

A análise dos resultados da atuação do fator *gênero* na AP de 1PP no PE confirma que falantes do gênero masculino possuem maior tendência ao uso da forma inovadora e não padrão, *a gente* (53,9% de frequência e peso relativo de 0,610), e, por consequência, representantes do gênero feminino

Quadro 4.14: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *gênero*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
A gente	Masculino	72,6% 697/960	–	53,9% 131/243	0,610
	Feminino	74,7% 906/1.213	–	29,6% 69/233	0,385
Nós	Masculino	27,4% 263/960	–	46,1% 112/243	0,390
	Feminino	25,3% 307/1.213	–	70,4% 164/233	0,615

tendem ao uso da forma padrão e conservadora, *nós* (70,4% de frequência e peso relativo de 0,615). Deve-se ressaltar, ainda, a significativa diferença verificada entre o comportamento masculino e o feminino em relação ao uso dos pronomes de 1PP do discurso, com a discrepância entre os gêneros quase atingindo a casa dos 25 pontos percentuais.

No PB não se pôde notar estigma social em relação ao uso da forma *a gente*, o que se verifica pela observação do comportamento bastante semelhante de informantes de menor e de maior escolarização, os quais demonstraram tendências positivas ao uso da forma conservadora, *nós*, e, ainda, por meio da observação do comportamento linguístico associado a *gênero*, que, embora não tenha sido selecionado, exibiu percentuais muito próximos (72,6% de emprego de *a gente* para homens e 74,7% para mulheres).

Como já afirmado, a escolarização e o gênero tendem a funcionar como “termômetro” para indicar o grau de aceitação de uma variante linguística em um processo de variação. No caso da AP de 1PP no PE, os baixos percentuais e pesos relativos apresentados por informantes do gênero feminino e de escolarização elevada para uso da forma inovadora, *a gente*, podem apontar o desprestígio dessa variante no fenômeno variável, confirmando a atuação sobre esse fenômeno mais de variáveis sociais do que de estruturais.

Com o intuito de verificar a atuação conjunta de *gênero* e *escolarização* sobre a alternância pronominal no PE, apresenta-se, a seguir, o cruzamento desses grupos de fatores.

Quadro 4.15: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para o cruzamento entre as variáveis *gênero* e *escolarização*

Gênero		Português europeu	Tempo de escolarização			
			1 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos	12 ou mais anos
A gente	Masculino	85%; 0,897 85/100	45,6%; 0,563 26/57	21,4%; 0,295 9/42	25%; 0,338 11/44	
	Feminino	66,7%; 0,754 48/72	13,3%; 0,191 6/45	7,7%; 0,113 4/52	17,2%; 0,242 11/64	
Nós	Masculino	15%; 0,103 15/100	54,4%; 0,437 31/57	80,6%; 0,705 33/42	75%; 0,662 33/44	
	Feminino	33,3%; 0,244 24/72	92,7%; 0,809 39/45	92,3%; 0,887 48/52	82,8%; 0,768 53/64	

A observação do Quadro 4.15, de cruzamento dos grupos *escolaridade* e *gênero*, permite a constatação de que as mulheres, à medida que apresentem níveis mais altos de escolarização, possuem maior propensão a evitar a forma inovadora *a gente* do que os homens, embora haja também entre estes gradativo aumento na tendência do uso de *nós*. A partir dos 5 anos de escolarização, é possível notar uma forte tendência do gênero feminino a evitar a forma inovadora *a gente*, situação que se verifica para informantes do gênero masculino somente a partir dos 9 anos de escolarização.

Ainda que as faixas de média e alta escolaridade do gênero feminino tenham todas se apresentado como propensas ao emprego da forma conservadora, nota-se que a maior propensão ainda se mantém entre os informantes de 5 a 8 anos e de 9 a 11 anos, minimizando o efeito da irregularidade da estratificação das amostras nos resultados da influência da escolarização na AP de 1PP.

Os resultados para *gênero* e *escolaridade* confirmam as hipóteses aventadas anteriormente de que a forma inovadora *a gente* é estigmatizada no português europeu, pois tanto os falantes com maior escolarização quanto os falantes do gênero feminino tendem a evitar essa forma e, por meio do cruzamento, foi possível confirmar também que a junção dessas características (gênero feminino e escolarização elevada) gera as maiores frequências e os maiores pesos relativos de uso da forma conservadora e prescrita pela gramática normativa, *nós*, que, por consequência, é a forma prestigiada na comunidade.

4.5.2 Concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro e no português europeu

Após a observação e a análise do fenômeno da AP de 1PP nas amostras do PE e do PB, passa-se a tratar de dois outros fenômenos relacionados à 1PP, a CV variável junto do pronome *nós* e a CV variável junto do pronome *a gente*. A seguir, são apresentados os resultados gerais para esses processos de variação.

Quadro 4.16: Concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

Pronome Variedade	Nós		A gente	
	1PP	3PS	1PP	3PS
PB	85,5% (488/570)	14,5% (82/570)	6% (98/1.603)	94% (1.505/1.603)
PE	100% (276/276)	–	24,5% (49/200)	75,5% (151/200) ¹⁹

Ao observar os resultados gerais para a CV de 1PP nas variedades pesquisadas, é possível verificar características diferentes em relação ao uso de formas verbais de 1PP e 3PS. No PB, evidencia-se uma frequência considerável de uso de formas verbais de 3PS junto do pronome *nós* (14,5%) ((48.a)), enquanto no PE o uso de formas verbais de 3PS não ocorre nesse contexto, sendo categórica a regra de uso de 1PP (ao menos nas amostras consideradas), como ocorre em (48.b).

(48.a) foi uma traição assim uma coisa muito bem escondido porque *nós* nunca **desconfiô(u)** de nada... de nada de nada de nada... porque viVIA dentro da sua casa... a gente conviVIA ali

[BDI-090-500]

(48.b) então o que é que quer dizer formicar?" pois ela assim: "ai!" pois *nós* **rebolávamos** a rir e ela: "ai, se calhar é uma grande asneira! ai que coisa!

[CRPC-479-20]

Ao considerar, porém, a CV com o pronome *a gente*, os resultados demonstram haver maior variação na variedade lusitana do que na brasileira. O uso de formas verbais em 3PS junto da forma pronominal *a gente* foi de

¹⁹ Há de se destacar que não houve equilíbrio entre o número de ocorrências analisado no PB e no PE, o que se deve ao fato, já mencionado, de as entrevistas do CRPC possuírem menor extensão do que as entrevistas do Banco de Dados Iboruna.

94% no PB ((49.a)) e de 75,5% no PE, ou seja, o emprego de 1PP com *a gente* ((49.b)) é quase 20% maior nas amostras de Portugal.

(49.a) mais um po(u)co pra frente... já tem uma entradazinha... né? que *a gente fala* que é a Lagoa Seca né?... [Doc.: certo] então entrando ali... a/ tem bastante condomínios né?

[BDI-132-195]

(49.b) o navio fica ancorado e *a gente íamos* com os botezinhos é que íamos procurar

[CRPC-169-20]

A seguir, nos quadros 4.17 e 4.18, apresenta-se a comparação dos resultados obtidos no estudo para a CV de 1PP com os pronomes *nós* e *a gente* com os resultados evidenciados em outros estados e regiões do Brasil, a fim de verificar as possíveis semelhanças e discrepâncias de percentuais de aplicação de CV de 1PP.

Quadro 4.17: Concordância verbal com o pronome *nós* em variedades do português brasileiro e do português europeu

Variedade	Características sociais	1PP	3PS
Brasília (periferia de São Paulo) (Coelho, R. F., 2006)	Escolaridade: de nula a 8 anos Faixas etárias: – de 25, 25 a 50 e + de 50 anos Gêneros: masculino e feminino	30%	70%
Feira de Santana (BA) (Carmo; Araújo, 2010)	Escolaridade: nula e fundamental (português popular) Faixas etárias: diversas, mas não informadas no trabalho Gêneros: masculino e feminino	32,6%	67,4%
Rio de Janeiro (RJ) (Naro; Görski; Fernandes, 1999)	Escolaridade: até 3 anos e de 4 a 8 anos Faixas etárias: 6 a 12, 13 a 20, 21 a 40 e + de 40 anos Gêneros: masculino e feminino	53%	47%
Periferia de São Paulo (Rodrigues, A. C. de S., 1987)	Escolaridade: nula e até 4 anos Faixas etárias: 20 a 35, 36 a 50 e + de 50 anos Gêneros: feminino e masculino	54%	46%
São Miguel dos Pretos (RS) (Almeida, 2006)	Escolaridade: não explicitada Faixas etárias: 15 a 24, 40 a 64 e 65 a 90 anos Gêneros: masculino e feminino	73%	27%
Goiás (GO) (Mattos, 2010)	Escolaridade: médio e superior Faixas etárias: – de 21, 21 a 40 e + de 40 anos Gêneros: masculino e feminino	81%	19%
Interior paulista – BDI (2011)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixas etárias: 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos Gêneros: feminino e masculino	85,5%	14,5%

Continua

Quadro 4.17: *Continuação*

Variedade	Características sociais	1PP	3PS
Panambi e Porto Alegre (RS) (Zilles; Maya; Silva, 2000)	Escolaridade: baixa a superior Faixas etárias: 25 a 49 e + de 49 anos Gêneros: masculino e feminino	87%	13%
Nova Iguaçu e Copacabana (RJ) (Vianna, 2011)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixas etárias: 18 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos Gêneros: masculino e feminino	100%	–
Cacém, Oeiras e Funchal (Portugal) (Vianna, 2011)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixas etárias: 18 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos Gêneros: masculino e feminino	100%	–
Portugal – CRPC (2011)	Escolaridade: fundamental a superior Faixas etárias: 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos Gêneros: masculino e feminino	100%	–

Em relação à forma de 1PP concordante com o pronome *nós*, com base nos dados do Quadro 4.17, é possível afirmar que o fenômeno se atesta como variável na maioria das comunidades pesquisadas, com amplitudes maiores ou menores de emprego das formas verbais de 1PP (57 pontos percentuais de diferença entre a variedade de Brasilândia, na periferia paulista, que apresenta 30% de emprego de formas verbais de 1PP, e as variedades de Panambi e de Porto Alegre, que apresentam 87% de uso de verbos em 1PP com o sujeito *nós*).

Consideradas as variedades do PB de Copacabana e Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, e do PE de Oeiras, Cacém, Funchal e do CRPC, contudo, conforme já demonstrado, constata-se emprego invariável de formas verbais de 1PP junto do pronome *nós*.

A frequência de emprego da desinência de 1PP com o pronome *nós* apresentada nas amostras de fala do interior paulista (85,5%), a princípio, surpreende, por ser mais elevada que a apresentada em inúmeras amostras, entre elas a de algumas capitais de estados brasileiros. Entretanto, a observação das características sociais de cada *corpus*, principalmente o nível de escolaridade dos informantes, fornece explicações para a frequência mais elevada da amostra do interior de São Paulo: as amostras que apresentam menores frequências de verbos em 1PP com o pronome *nós* possuem, quase em sua totalidade (exceção feita para a amostra de Goiás, que possui frequência inferior de CV (81%), mas bastante próxima da frequência de CV do interior paulista (85,5%)), informantes com níveis de escolaridade menores do que os da amostra do Banco de Dados Iboruna e também das

amostras de CV de Panambi e Porto Alegre e de Nova Iguaçu e Copacabana, as quais apresentam todas informantes com escolaridade superior.

A consideração apenas das frequências gerais de emprego das formas de 1PP e de 3PS junto do pronome *nós* e das características sociais dos informantes, obviamente, não permite que se determinem com clareza todos os fatores responsáveis pela amplitude de variação na CV entre as diversas amostras do PB, porém é possível confirmar, de antemão, que, diferentemente do fenômeno variável de AP de *nós* e *a gente*, o fenômeno variável de CV de 1PP é influenciado diretamente pelo fator social escolaridade.

Veja-se, a seguir, o quadro comparativo para a CV com o pronome *a gente*.

Quadro 4.18: Concordância verbal com a forma pronominal *a gente* em variedades do português brasileiro e do português europeu

Variedade	Características sociais	1PP	3PS
Portugal – CRPC (2011)	Escolaridade: fundamental a superior Faixas etárias: 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos Gêneros: masculino e feminino	24,5%	75,5%
Rio de Janeiro (RJ) (Naro; Görski; Fernandes, 1999)	Escolaridade: – de quatro e de quatro a oito anos Faixas etárias: 6 a 12, 13 a 20, 21 a 40 e + de 40 anos Gêneros: masculino e feminino	13%	87%
Interior paulista – BDI (2011)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixas etárias: 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos Gêneros: masculino e feminino	6%	94%
Brasília (periferia de São Paulo) (Coelho, R. F., 2006)	Escolaridade: nula a 8 anos Faixas etárias: – de 25, 25 a 50 e + de 50 anos Gêneros: masculino e feminino	4%	96%
Feira de Santana (BA) (Carmo; Araújo, 2010)	Escolaridade: nula e fundamental (português popular) Faixas etárias: diversas, mas não informadas no trabalho Gêneros: masculino e feminino	2,2%	97,8%
Goiás (GO) (Mattos, 2010)	Escolaridade: médio e superior Faixas etárias: – de 21, 21 a 40 e + de 40 anos Gêneros: masculino e feminino	1%	99%
Nova Iguaçu e Copacabana (RJ) (Vianna, 2011)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixas etárias: 18 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos Gêneros: masculino e feminino	1%	99% ²⁰
Cacém, Oeiras e Funchal (Portugal) (Vianna, 2011)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixas etárias: 18 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos Gêneros: masculino e feminino	1%	99%

20 Rememore-se o fato de que as decisões metodológicas tomadas pela autora na consideração dos sujeitos não explícitos são diferentes das tomadas nesta pesquisa, visto a autora ter considerado as formas desinenciais de 1PP como casos de “*nós* implícito”, independente do referente da oração anterior. Dessa forma, somente as ocorrências com sujeito explícito *a gente* seguido de verbo em 1PP configuram o percentual de 1% exibido no quadro.

A CV com pronome *a gente* não pode ser caracterizada como fenômeno amplamente variável nem no PB nem no PE, haja vista alguns estudos terem apresentado percentuais de emprego de formas verbais de 3PS acima de 95% (as variedades de Brasilândia, na periferia de São Paulo, de Feira de Santana, na Bahia, de municípios do estado de Goiás, de Nova Iguaçu e Copacabana, no Rio de Janeiro, de Cacém, Oeiras e Funchal, em Portugal, com frequências, respectivamente, de 96%, 97,8%, 99%, 99% e 99% de emprego de 3PS junto da forma pronominal *a gente*), sugerindo uma aplicação semicategórica dessas formas junto do pronome. A amostra do interior paulista apresentou uma variação pouco superior a 5%, o que faz com que o fenômeno de CV junto de *a gente* na comunidade também se classifique como semicategórico, com grande predominância de formas verbais de 3PS junto do pronome *a gente*, como nas ocorrências a seguir.

(50.a) éh:: mais ou menos uma boate mas num é... especificamente uma boate... *a gente* **ficô(u)** lá **dançô::(u)** tal **conheceu** um monte de gen::te elas tomaram su::co refrigerante tal

[BDI- 024-5]

(50.b) a viagem do *Hopi Hari* foi muito legal... é::... *a gente* **acordô(u)** quatro horas da manhã... e:: pra í(r) lá perto do aeroporto embarcá(r) no ônibus que tinha bastante ge::nte... aí quando era umas cinco horas da manhã *a gente* **saiu** de lá.

[BDI-037-20]

(50.c) bom... *a gente* **saía** assim... bastan::te eu tinha desde os meus catorze anos *a gente* **era** acostumado a saí::(r) eu minha irmã:: os amigos e tal

[BDI-046-70]

Das variedades investigadas do PB, a única em que o fenômeno pode ser caracterizado como plenamente variável é a do Rio de Janeiro, que atingiu um percentual de emprego da 1PP junto de *a gente* de 13%, valor inferior somente ao verificado nas amostras do CRPC de Portugal, as quais apresentaram 24,5% de emprego de 1PP junto do pronome *a gente*. Nas ocorrências do PE que seguem, é possível notar verbos em 1PP, mesmo com o sujeito explícito na mesma oração, o que é pouco comum no PB do interior paulista (como se mostrará com mais detalhes a seguir).

- (51.a) com molhos lá ao modo deles, eles gostam, principalmente *a gente **da-**mos* aqui um cabrito que eles adoram, limpam até o pãozinho com... o pão limpam com, no prato aquele molhozinho do pão.
[CRPC-041-15]
- (51.b) não, os bolos fui eu a mais uma irmã minha, que também ela sabe muito de bolos e ao depois elas foram para lá de noite me ajudar e *a gente **fizemos***.
[CRPC-863-10]
- (51.c) a gente quer seja que o vento dê de caras ou que seja a chuva dá sempre de caras ou, ou que seja de lado, *a gente **temos*** que a aguentar sempre naquela posição e até é um dos serviços que eu me custava mais é a estrada
[CRPC-164-100]
- (51.d) e a gente, por acaso fui lá ao, lá abaixo ao arranjo buscar outro cabo inda mais grosso, onde *a gente **demós*** a volta para dar outra vez o cabo aos outros homens para (...) cá para fora
[CRPC-1293-100]
- (51.e) os homens cortaram as redes que tavam trilhadas na hélice, quando *a gente **tentámos*** ao depois e viemos pôr os homens na barra. cá mais, não achei mais perigo nenhum.
[CRPC-1293-100]
- (51.f) desde que o, que o temporal seja velhaco, ora *a gente **vamos*** aí por a estrada adiante, quer dizer, se a água está de costas... mas a gente com a, com a (...) com a rotação dos tractores, não é, tá sempre de caras ora *a gente não **temos*** um para-brisas
[CRPC-194-100]

Sendo assim, a variedade do PE do CRPC – a qual não registrou fenômeno variável relacionado à CV com o pronome *nós* –, no que diz respeito à CV com *a gente*, apresenta a maior frequência de emprego de formas verbais de 1PP, atestando o fenômeno, ao menos nas amostras consideradas, como efetivamente variável. Além disso, a frequência de emprego da forma inovadora (e não padrão) observada na CV com *a gente* no PE do CRPC (24,5% de 1PP) é maior do que a frequência de emprego da forma inovadora

(e não padrão) observada na CV com *nós* no PB do interior paulista (14,5% de 3PS).

Tendo em conta as diferentes características dos fenômenos variáveis das comunidades consideradas, apresenta-se, no Quadro 4.19, a ordem de seleção dos fatores sociais e linguísticos instanciadores do processo de variação.

Quadro 4.19: Ordem de seleção dos fatores considerados para os fenômenos de concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

Fatores		Fenômeno	CV com <i>nós</i> PB	CV com <i>a gente</i> PB	CV com <i>a gente</i> PE
Linguísticos	Explicitude do sujeito		5ª	4ª	1ª
	Paralelismo discursivo		4ª	1ª	Não selecionado
	Saliência fônica verbal		2ª	2ª	Não selecionado
	Tempo e modo verbal		Não selecionado	Não selecionado	2ª
	Grau de determinação do sujeito		Não selecionado	3ª	Não selecionado
Sociais	Gênero		Não selecionado	Não selecionado	3ª
	Faixa etária		3ª	5ª	4ª
	Escolaridade		1ª	Não selecionado	5ª

A seleção das variáveis exibida, associada à CV invariável com o pronome *nós* no PE, justifica a consideração dos casos de possíveis variações em relação à CV de 1PP de forma individual, visto cada um dos fenômenos variáveis ter apresentado diferentes ordens de seleção dos fatores e diferentes fatores relevantes no processo de variação.

Para a CV com o pronome *nós* no PB do interior paulista, por exemplo, destaca-se a relevância de dois, dos três fatores sociais considerados, até mesmo com a seleção da escolaridade como mais relevante no fenômeno. A observação da seleção proposta para a CV com o pronome *a gente* para essa mesma variedade, entretanto, mostra-se pouco influenciada por grupos de fatores sociais, já que apenas a *faixa etária* foi selecionada e, diga-se, como última na ordem de relevância. Para esse fenômeno, vê-se a forte influência de grupos de fatores linguísticos, com a seleção de quatro dos cinco considerados.

O fenômeno da CV com *a gente* no PE se mostrou suscetível a todos os grupos de fatores sociais e a apenas alguns grupos de fatores linguísticos, todavia, estes foram selecionados em primeiro e segundo lugares, conforme o critério de relevância estabelecido pelo programa estatístico *GOLDVARB*.

Concernente às variáveis consideradas, destaque deve ser dado a *explicitude do sujeito e faixa etária*, selecionadas para os fenômenos variáveis nas duas variedades. Em atenção à atuação do grupo *saliência fônica*, a importância verificada por sua seleção, como segundo mais importante para a CV com *nós* e com *a gente* no PB, não se atestou no PE, porquanto não foi selecionado. Em oposição a esse fato, houve a seleção do grupo *tempo e modo verbal* apenas no fenômeno variável do PE.

Passa-se a tratar, a seguir, de cada um dos fenômenos variáveis investigados e dos grupos de fatores que instanciam esses processos.

4.5.2.1 Resultados para as variáveis investigadas no estudo da concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *nós* no português brasileiro

Para a CV de 1PP variável com o pronome *nós* no PB, serão apresentados os fatores linguísticos e posteriormente os fatores sociais, seguindo-se a ordem de seleção fornecida pelo programa estatístico *GOLDVARB*. Para o PE, por não ter havido variação na CV junto do pronome *nós*, será apresentada posteriormente somente a distribuição da amostra entre os fatores considerados.

Conforme já destacado, para a CV com o pronome *nós* no PB, houve 85,5% de uso de formas verbais com desinência de 1PP e 14,5% de uso de formas de 3PS.

A seguir, são apresentados os resultados relativos ao grupo de fatores *saliência fônica verbal*, selecionado como variável linguística mais relevante no fenômeno variável.

4.5.2.1.1 Saliência fônica

A hipótese, evidenciada no Capítulo 2, de fundamentação teórica, para o fator *saliência fônica verbal*, é de que maiores níveis de *saliência* entre as formas verbais em competição (neste fenômeno, as desinências verbais de 1PP e 3PS) levariam a maiores usos de formas verbais de 1PP (Naro; Görski; Fernandes, 1999), exceção feita apenas para os contextos em que a forma de 1PP é proparoxítona, o que, segundo Lemle e Naro (1977) e Rodrigues (A. C. de S., 1987), entre outros, leva o falante a optar pelo uso da forma em 3PS, mesmo junto do pronome *nós*. Em seguida, veem-se os resultados para a atuação do grupo de fatores *saliência fônica verbal* na CV de 1PP no PB do interior paulista.

Quadro 4.20: Concordância verbal com o pronome *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável *saliência fônica verbal*

Saliência fônica \ Pronome nós	Desinência verbal de 1PP		
	%	Nº de ocorrências/total	Peso relativo
Esdrúxula (proparoxítonas)	68,6	67/98	0,096
Mínima	78,9	75/95	0,271
Média	91,5	298/326	0,680
Máxima	94,1	48/51	0,689

Os resultados evidenciados confirmam, em sua totalidade, as hipóteses, visto haver aumento gradual dos percentuais e dos pesos relativos à medida que se verifica aumento no nível de saliência entre as formas em competição (considerando os níveis de saliência mínima (52.a), média (52.b) e máxima (52.c), que apresentaram, respectivamente, 78,9%, 91,5% e 94,1% de emprego de formas verbais de 1PP, além de pesos relativos de 0,271, 0,680 e 0,689). A opção deste estudo por considerar separadamente os casos em que a oposição entre as formas verbais de 1PP e 3PS se faz pela presença de verbo proparoxítono em 1PP (52.d) se revelou necessária, já que, conforme previsto, essas formas, mesmo que de grande saliência fônica, demonstraram forte propensão à desinência de 3PS (68,6% de frequência e peso relativo de 0,096 para uso de 1PP).

(52.a) nessa sala que **nós tamo(s)** [tá] tem uma cortina bem grande... não muito grande né? ((risos))... tem o *rack* coisinha básica no *rack* televisão vídeo [Doc.: hum] aparelho de som... telefone que tá ali.

[BDI-066-290]

(52.b) ele e ela morava em Cuiabá... vieram pra cá e **nós fomo(s)** [foi]... pra São Paulo e de São Paulo nós pegamo(s) um avião da concorrência... na época num era concorrência era da VARIG.

[BDI-051-205]

(52.c) aí **nós tivemo(s)** [teve] a oportunidade de::... conhecê(r) Fernando de Noronha... chegamo(s) em Noronha pegamo(s) um aviãozinho pequeno – óh eu dentro dos aviões de novo

[BDI-051-215]

(52.d) aí... ela já tava meia assim... aí nós falamo(s) que ia [íamos] ajudá(r) e::la dá(r) uma força pra ela no chá de bebê... aquelas coisa toda que todo mundo fala

[BDI-072-80]

Em resumo, o fator *saliência esdrúxula* demonstrou ser inibidor da aplicação de desinência de 1PP, juntamente com o fator *saliência mínima*. As categorias *saliência média* e *máxima* influenciam positivamente a aplicação de marcas de CV de 1PP.

Na sequência, apresentam-se os resultados referentes à atuação do grupo de fator *paralelismo linguístico discursivo*.

4.5.2.1.2 Paralelismo linguístico discursivo

Para o grupo de fatores *paralelismo formal de nível discursivo*, a hipótese, embasada em Scherre e Naro (1993) e Scherre (1998), é a de que marcas de 1PP nos verbos de orações anteriores levem à aplicação de marcas de 1PP nos verbos da oração em análise (princípio de que marcas levam a marcas) e, ainda, de que o emprego de marcas de 3PS no verbo da oração anterior leva ao maior uso de verbos com marca de 3PS na oração em análise. Vejam, no Quadro 4.21, os resultados evidenciados na amostra do PB para esse grupo.

Quadro 4.21: Concordância verbal com o pronome *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável *paralelismo linguístico discursivo*

Paralelismo linguístico discursivo \ Pronome <i>nós</i>	Desinência verbal de 1PP		
	%	Nº de ocorrências/total	Peso relativo
Verbo isolado ou 1ª de uma série	84,4	397/469	0,437
Verbo anterior em 1PP	95,3	83/87	0,816
Verbo anterior em 3PS	57	8/14	0,200

Em concordância com a hipótese, os resultados evidenciados demonstram que as marcas presentes em verbos anteriores influenciam o uso das mesmas marcas nos verbos posteriores. Nas ocorrências em que se verifica contexto com verbo anterior em 1PP ((53)), houve 95,3% de uso de formas de 1PP e peso relativo de 0,816, o que indica que esse é um fator que condiciona a aplicação da forma verbal considerada padrão.

- (53) ontem à noite agora concluí o meu quarto meu e da minha esposa...
 nós tam(b)ém **fizemos** um ver::de cla::ro... ai uma parede da frente
 tam(b)ém **usamo(s)** o mesmo tom de verde... e as do lado... a a/ com
 cor branca

[BDI-077-50]

Os resultados para o fator *verbo anterior em 3PS* (como em (54)) demonstram que o uso de 3PS em verbo anterior leva a menor uso da forma em 1PP em oração seguinte, o que se verifica pelos 57% de frequência de uso dessa forma verbal e pelo peso relativo de 0,200.

- (54) nós saiu corren(d)o... e g/ ca/ nós **foi passá(r)** o ano novo na praInha...
 ao invés de **ficá(r)** dentro d'água ficô(u) fora d'água SÓ beben(d)o
 porque quem/ e depois dessa que cês tinham coragem de entrá(r) na
 prai/ na/ na água?

[BDI-062-5]

4.5.2.1.3 Explicitude do sujeito

O controle da explicitude do sujeito foi proposto, com base na premissa de que sujeitos ocultos ou desinenciais apresentam maior frequência de verbos com marcas de 1PP, visto serem essas marcas não redundantes, já que não há, nesses casos, a presença formal do sujeito (ver Bortoni-Ricardo, 1985, entre vários outros). A seguir, são apresentados os resultados desse controle para amostras do PB do interior paulista.

Quadro 4.22: Concordância verbal com o pronome *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável *explicitude do sujeito*

Explicitude do sujeito \ Pronome nós	Desinência verbal de 1PP		
	%	Nº de ocorrências/total	Peso relativo
Explícito	84,2	401/475	0,453
Oculto ou desinencial	91,8	87/95	0,710

Não se observam diferenças tão significativas de percentual entre as categorias *sujeito explícito* ((55.a) e (55.b)) e *sujeito oculto ou desinencial* ((55.c), (55.d), (55.e) e (55.f)) (84,2% e 91,8%, respectivamente), contudo a diferença de peso relativo entre as categorias (*range* de 257) demonstra a influência da categoria *sujeito oculto ou desinencial* no emprego de verbo

com desinência de 1PP (0,710) e da categoria *sujeito explícito* no emprego de verbo com desinência de 3PS (0,453 para uso de 1PP).

- (55.a) ... aí depois que *nós começamos a estudá(r)* a Bíblia a gente ia/ às vezes até comenta para e pensa que foi uma provisão de Deus né?...
[BDI-064-65]
- (55.b) é lá é grande *nós trabalha* numa base de umas de umas cento e cinquenta pessoa na produção... é:: no parque da:: onde tem as indústria beiran(d)o a rodovia
[BDI-056-75]
- (55.c) *nós dobramos a tam/ a ca(i)xa colocamo(s)* em cima a gente veio com a parte de trás do:: do carro fechada sem podê(r) vê(r) o retrovisor de cima... chegô(u) aqui em casa eu não queria que minha mãe soubesse
[BDI-086-10]
- (55.d) aí *nós* foi passá(r) uma temporada na Bahia na casa da irmã dela... conhecê(r) a Bahia que ela é da Bahia... e *voltamos* pra Rio Preto e::... uma temporada legal até que... *resolvemos* largá(r) que num deu mais certo
[BDI-032-120]
- (55.e) é:: é eu conheci a B. num::/ numa praça... e:: *nós* namoramo(s) um ano... e depois *nós* casô(u)... *nós* fugimo(s) casamo(s)... *teve* uma vida muito difícil... hoje graças a Deus tá estabilizado mas::... foi difícil no começo
[BDI-056-10]
- (55.f) *nós* saiu corren(d)o... e *nós* foi passá(r)... o ano novo na praInha... ao invés de *ficá(r)* dentro d'água *ficô(u)* fora d'água SÓ beben(d)o e depois dessa que cês tinham coragem de entrá(r) na prai/ na/ na água?
[BDI-062-280]

Conforme se pode observar em (55.d), a maior tendência ao uso de formas de 1PP se dá, nesses casos, pela ausência do sujeito formal na oração do verbo, que torna a desinência verbal não redundante, diferentemente do que ocorre nos contextos em que o sujeito se realiza de modo formal, na própria oração do verbo, por meio de um pronome pessoal. Na ocorrência,

embora o informante opte pelo emprego da forma verbal de 3PS junto da construção com o pronome explícito, ele emprega o verbo em 1PP na mesma sequência, em orações em que o pronome não está explícito.

Ademais, a variante concorrente da forma verbal de 1PP no processo de variação, a forma de 3PS, é empregada também junto a outras pessoas do discurso, como já ressaltado anteriormente. O emprego de 1PP nos casos de sujeito *oculto ou desinencial* ((56.a)), dessa maneira, evita a ambiguidade de referência, como se vê em (56.b), adaptada de (56.a).

(56.a) ontem à noite agora concluí o meu quarto meu e da minha esposa...
nós tam(b)ém fizemos um ver::de cla::ro... ai uma parede da frente
 tam(b)ém **usamo(s)** o mesmo tom de verde e as do lado... a a/ com
 cor branca... tam(b)ém com o(u)tro:: com uma esPÁtula **fizemos** uns
 desenhos diferenciados lá... e agora **vamo(s)** partí(r) pa cozinha na mi-
 nha cozinha

[BDI-077-150]

* (56.b) ontem à noite agora concluí o meu quarto meu e da minha esposa...
nós tam(b)ém **fez** um ver::de cla::ro... ai uma parede da frente tam(b)
 ém **usou** o mesmo tom de verde e as do lado... a a/ com cor branca...
 tam(b)ém com o(u)tro:: com uma esPÁtula **fez** desenhos diferencia-
 dos lá... e agora **vai** partí(r) pa cozinha na minha cozinha

É possível notar que a alteração do verbo de 1PP para 3PS causa ambiguidade de referente, principalmente nos verbos mais distantes, como os dois últimos em destaque (*fez e vai*), nos quais a ausência da desinência de 1PP faz com que se possa interpretar que o falante faz menção à 3PS (ou até à 2PS do discurso (você)), e não à 1PP do discurso. Para a ocorrência de verbo com sujeito explícito, o emprego da 3PS não causa alteração do referente.

Entre os fatores sociais, *escolaridade* foi o primeiro selecionado pelo programa estatístico para a CV envolvendo a 1PP do discurso. Os resultados para esse fator encontram-se a seguir.

4.5.2.1.4 Escolaridade

A expectativa em fenômenos variáveis envolvendo a variável social *escolaridade* é de que haja aumento no emprego da variante padrão, prescri-

ta pelo ambiente escolar, diretamente proporcional ao aumento dos anos de escolarização. No caso da CV junto do pronome de 1PP *nós*, a variante considerada padrão é a aplicação de formas verbais com desinência de 1PP ((57.a)), que deve, por consequência, apresentar predominância de uso entre os mais escolarizados. A forma considerada não padrão, formas verbais com desinência de 3PS ((57.b)), por outro lado, segundo a hipótese, deve ser observada com maior frequência entre falantes com níveis de escolaridade mais baixos.

(57.a) e chegava à tarde assim a gente ia pro... pro pomar – já fugi do tema né? – *nós iam*os pro pomar... e ela me contava... as coisas... de quando... de como ERA a infância dela

[BDI-082-55]

(57.b) a gente ia na cidade na igreja né? *nós morava* no sítio mas *nós ia* na cidade né? e:: a gente se conheceu na igreja

[BDI-122-500]

A seguir, são apresentados os resultados para esse grupo de fatores.

Quadro 4.23: Concordância verbal com o pronome *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável *escolaridade*

Escolaridade \ Pronome <i>nós</i>	Desinência verbal de 1PP		
	%	Nº de ocorrências/total	Peso relativo
Faixa 1 (1 a 4 anos)	72	126/175	0,161
Faixa 2 (5 a 8 anos)	81	68/84	0,245
Faixa 3 (9 a 11 anos)	90,9	90/99	0,685
Faixa 4 (12 ou mais anos)	95,8	204/212	0,852

As frequências e os pesos relativos apresentados no que diz respeito ao fator *escolaridade* confirmam totalmente a expectativa de que o aumento gradativo do nível escolar contribua para o aumento da aplicação de desinência de 1PP junto da forma pronominal *nós*.

As faixas de escolaridade 1 e 2 exibem percentuais mais baixos para o uso de desinência de 1PP (72% e 81%) e as faixas 3 e 4 apresentam percentuais mais altos para o uso de formas verbais de 1PP, ambas acima dos 90% (90,9% e 95,8%). Os pesos relativos também demonstram gradativa eleva-

ção na tendência ao uso da forma prescrita pela gramática normativa, com valores respectivos de 0,161, 0,245, 0,685 e 0,852.

Ao retomar os resultados do grupo de fator *escolaridade* relativos à AP de 1PP (a seguir, no Quadro 4.24), é possível observar que os comportamentos semelhantes das faixas escolares das extremidades do Quadro 4.23 (faixa 1, menos escolarizados, e faixa 4, mais escolarizados), em relação à preferência no uso da forma pronominal *nós*, distanciam-se no que concerne à CV aplicada junto dessa forma, já que os menos escolarizados optam com maior frequência pelo uso da desinência de 3PS, e os mais escolarizados, pelo uso da 1PP.

Quadro 4.24: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *escolaridade* no uso de *nós*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
Nós	Faixa 1 (1 a 4 anos)	38,5% 175/455	0,574	22,7% 39/172	0,191
	Faixa 2 (5 a 8 anos)	15,6% 84/539	0,379	68,6% 70/102	0,634
	Faixa 3 (9 a 11 anos)	18,4% 99/539	0,641	86,2% 81/94	0,745
	Faixa 4 (12 ou mais anos)	33,1% 212/640	0,600	79,6% 86/108	0,701

Para a faixa menos escolarizada, há maior apagamento das marcas redundantes de plural nos verbos. Já os mais escolarizados tendem a aproximar sua fala da norma-padrão, que prescreve o uso da desinência de 1PP.

Com base nos resultados para esse grupo de fator e na discussão anteriormente apresentada em relação à polêmica do tratamento do fenômeno de CV de 1PP no livro didático do MEC, é possível afirmar que a variante de 3PS junto do sujeito de 1PP *nós* é passível de estigmatização na comunidade do interior paulista (e em outras comunidades brasileiras), visto que falantes de maiores níveis de escolarização evitam o emprego dessa variante. Como já mencionado, a confirmação dessa conjectura se fará por meio da análise dos outros fatores sociais considerados na pesquisa.

Interessante notar que um estudo que se propusesse somente a tratar do fenômeno da AP, sem a consideração da CV de 1PP, tenderia a apresentar como resultado de pesquisa o comportamento inexplicavelmente semelhante de falantes com escolarização mínima e máxima, fato para o qual se chama a atenção quando da apresentação do resultado para a AP.

Na sequência, encontram-se os resultados relativos à atuação do grupo de fatores *faixa etária*.

4.5.2.1.5 Faixa etária

Os resultados vinculados à faixa etária dos informantes não apontam indícios de avanço na implementação de uma ou de outra variável, já que não houve gradativo aumento nem gradativa diminuição nos índices de aplicação de marcas de 1PP, relacionados às diferentes faixas etárias consideradas nesta investigação. No Quadro 4.25, seguem os resultados.

Quadro 4.25: Concordância verbal com o pronome *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável *faixa etária*

Faixa etária	Pronome <i>nós</i>	Desinência verbal de 1PP		
		%	Nº de ocorrências/total	Peso relativo
16 a 25 anos		83,8	62/74	0,434
26 a 35 anos		78	92/118	0,340
36 a 55 anos		91,1	234/257	0,633
Mais de 55 anos		81,8	99/121	0,414

Pelos resultados é possível verificar que apenas os informantes que possuem entre 36 e 55 anos apresentaram peso relativo acima de 0,5 (0,633) para o emprego de formas verbais de 1PP, o que os classifica como favorecedores do uso da desinência de 1PP para a CV com *nós*. Por outro lado, a faixa etária imediatamente anterior a essa (informantes de 26 a 35 anos) se apresentou como a mais favorável ao emprego de verbos em 3PS junto ao pronome *nós*, com peso relativo de 0,340 e frequência de emprego de 1PP de 78%.²¹

21 Observe-se que os resultados para o uso de 3PS devem ser inferidos da leitura complementar dos resultados aqui apresentados, já que a oposição é entre o emprego de 1PP e 3PS junto ao pronome *nós*.

As faixas etárias dos extremos do quadro, representadas por informantes mais jovens e mais idosos, apresentaram comportamento bastante semelhante em relação à CV de 1PP, ambas com ligeira tendência ao emprego de 3PS (pesos relativos de 0,434 e 0,414 e frequências de 83,8% e 81,8%, respectivamente), não diferindo muito da média geral de variação (85,5% para emprego de 1PP).

A esses informantes, das maiores e menores faixas etárias da amostra, é importante que se dê atenção, pois normalmente a chamada mudança em progresso se mostra mais visível nelas, quando há elevada diferença de comportamento entre essas faixas, o que, segundo os resultados, não ocorre para o fenômeno, já que possuem percentuais e pesos relativos que se assemelham.

4.5.2.1.6 Variáveis não selecionadas como relevantes para o fenômeno

Os resultados para grupos de fatores não selecionados pelo programa estatístico *GOLDVARB* para a CV com o pronome *nós* são apresentados aqui, seguidos de breve discussão a respeito de cada um deles.

Quadro 4.26: Concordância verbal com o pronome *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para as variáveis não selecionadas pelo programa *GOLDVARB*

Variáveis	Concordância com o pronome <i>nós</i>	
	%	Nº de ocorrências/total
Grau de determinação do sujeito		
Genérico e indefinido	84,6%	22/26
Genérico e definido	86,5%	199/229
Específico e definido	84,8%	267/315
Tempo e modo verbal		
Presente do indicativo e do subjuntivo	85,4%	133/156
Pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo	68%	67/98
Pretérito perfeito do indicativo	91,9%	281/307
Futuro e outros tempos verbais	80%	7/9
Gênero		
Masculino	85,6%	225/263
Feminino	85,3%	262/307

A observação das frequências exibidas pelos contextos variáveis do *grau de determinação do sujeito* e do *gênero* contribui para a confirmação da não relevância desses fatores na CV de 1PP com o pronome *nós*, pois, como se pode notar, os percentuais de cada fator não apresentam diferença significativa entre si (84,6%, 86,5% e 84,8% para o fator *grau de determinação do sujeito*, e 85,6% e 85,3%, para o fator *gênero*) e, ainda, em relação à frequência média do fenômeno, que é de 85,5%.

O mesmo não se pode dizer do grupo *tempo e modo verbal*, que, embora não tenha sido selecionado, exibe considerável diferença entre seus contextos variáveis e desses em relação à frequência média do fenômeno, principalmente entre a frequência de CV de 1PP dos verbos no pretérito perfeito (91,9%) e no pretérito imperfeito (68%).

Retome-se a discussão a respeito da relação direta existente entre o grupo de fatores *saliência fônica* (selecionado como relevante no fenômeno) e o grupo de fatores *tempo e modo verbal*, não selecionado. Os resultados do cruzamento dessas duas variáveis são os expostos no Quadro 4.27.

Quadro 4.27: Concordância verbal com o pronome *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para o cruzamento entre as variáveis *tempo e modo verbal* e *saliência fônica verbal*

Português brasileiro		Saliência fônica				
		Esdrúxula	Mínima	Média	Máxima	Total
CV com nós	Presente do indicativo e do subjuntivo	–	80% 70/87	89% 48/54	100% 15/15	133/156
	Pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo	68% 67/98	–	–	–	67/98
	Pretérito perfeito do indicativo	–	–	92% 247/270	92% 34/37	281/307
	Futuro e outros tempos verbais	0% 0/2	100% 4/4	100% 3/3	–	7/9
	Total	67/98	75/95	298/324	48/51	488/570

Como já confirmado, em relação à atuação da *saliência fônica verbal* na CV de 1PP com o pronome *nós*, os níveis *saliência esdrúxula* e *mínima* favorecem o emprego de verbos em 3PS, e os níveis *saliência média* e *máxima*, o de formas verbais em 1PP.

Por meio dessa observação, principalmente das células em destaque, é possível notar que os verbos no pretérito imperfeito, que exibiram menor frequência de emprego de 1PP (68%), apresentam todos nível de *saliência*

esdrúxula, por possuírem forma em 1PP proparoxítona. Os verbos no presente, os quais apresentaram frequência de 85,4% (quase semelhante à frequência média do fenômeno variável), possuem pouco mais da metade das ocorrências com nível de *saliência mínima* e o restante das ocorrências entre os níveis médio e máximo.

Por outro lado, as ocorrências que possuíam verbos no pretérito perfeito (e que exibiram alta frequência de emprego de 1PP (91,9%)) estão concentradas nos contextos de *saliência média* (a maior parte delas) e *máxima*, que, sabidamente, influenciam o emprego da 1PP junto do pronome *nós*.

Dessa forma, a variável linguística fortemente atuante na variação é *saliência fônica*, e não *tempo e modo verbal*, o que pode ser também confirmado pela observação das ocorrências do presente do indicativo, as quais exibem diferentes frequências de uso de 1PP a depender da *saliência verbal* (mínima, 80%; média, 89%, e máxima, 100%).

4.5.2.2 Concordância verbal com o pronome *nós* no português europeu

Se para diversas variedades do PB já foi atestada como fenômeno variável a CV de 1PP junto do pronome *nós*, para a variedade do PE investigada, o emprego de formas verbais de 1PP junto do pronome *nós* é categórico ((58.a) e (58.b)), ou seja, entre as 276 ocorrências consideradas do *corpus* do CRPC, não se verifica uso de formas de 3PS ou de formas diferentes das de 1PP.

(58.a) e então *nós saímos* das aulas para aí ao meio-dia, depois **telefonamos**, **combinamos** a, a hora, e **vamos** a caminho da praia. **fomos** para aí duas vezes. **chegámos** um dia à torre, para aí num sábado
[CRPC-122-6]

(58.b) *nós tínhamos* imensas castanhas na casa dos meus avós. fazia-se uma espécie de um, duma, duma sopa grossa de castanhas que se chamava paparote
[CRPC-129-10]

Dessa forma, quanto à CV de 1PP com o pronome *nós*, pode-se afirmar que, na variedade do PE pesquisada, não há variação. A seguir, tem-se a distribuição das amostras pelos fatores considerados na pesquisa.

Quadro 4.28: Distribuição das amostras do português europeu entre os fatores sociais considerados na concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *nós*

Categoria		Pronome <i>nós</i>	Distribuição da amostra	
			%	N ^o de ocorrências/total
Escolaridade	Faixa 1 (1 a 4 anos)		18,7%	52/276
	Faixa 2 (5 a 8 anos)		20,7%	57/276
	Faixa 3 (9 a 11 anos)		29,3%	81/276
	Faixa 4 (12 ou mais anos)		31,1%	86/276
Faixa etária	16 a 25 anos		21,7%	60/276
	26 a 35 anos		29,3%	81/276
	36 a 55 anos		37,3%	103/276
	Mais de 55 anos		11,6%	32/276
Gênero	Masculino		40,6%	112/276
	Feminino		59,4%	164/276

Quadro 4.29: Distribuição das amostras do português europeu entre os fatores linguísticos considerados na concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *nós*

Categoria		Pronome <i>nós</i>	Distribuição da amostra	
			%	N ^o de ocorrências/total
Saliência fônica	Esdrúxula (proparoxítonas)		14,1%	39/276
	Mínima		59,1%	163/276
	Média		18,8%	52/276
	Máxima		7,6%	21/276
Paralelismo discursivo	Verbo isolado ou 1 ^a de uma série		66,7%	184/276
	Verbo anterior em 1PP		33,3%	92/276
	Verbo anterior em 3PS		–	–
Explicitude do sujeito	Explícito		65,4%	181/276
	Oculto ou desinencial		33%	91/276
	Posposto		1,4%	4/276
Grau de determinação do sujeito	Genérico e indefinido		25,7%	71/276
	Genérico e definido		37,3%	103/276
	Específico e definido		37%	102/276
Tempo e modo verbal	Presente do indicativo e subjuntivo		70,7%	195/276
	Pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo		13,8%	38/276
	Pretérito perfeito do indicativo		12,3%	34/276
	Futuro e outros tempos verbais		3,3%	9/276

Justifica-se aqui, mais uma vez, a consideração dos fenômenos de CV de 1PP de forma independente, pois, mesmo que não se tenha verificado variação na CV com *nós* no PE, o mesmo não ocorre com a CV com *a gente*, cujos resultados mostram que se trata de fenômeno comprovadamente variável, até mesmo com maiores frequências de variação do que no PB.

4.5.2.3 Resultados para as variáveis investigadas no estudo da concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *a gente* no português brasileiro e no português europeu

Para a CV com a forma pronominal *a gente* no PB e no PE, as variantes em concorrência são verbos em 1PP e verbos em 3PS. Diferentemente da CV com *nós*, para esse fenômeno, a prescrição normativa, com base na consideração de que o pronome tem sua origem da gramaticalização de um SN, é o emprego da desinência de 3PS (Bechara, 2002, p.555).

Na amostra considerada para o PB, houve 93,9% de uso de formas verbais com desinência de 3PS e apenas 6,1% de uso de formas de 1PP. O PE, com percentuais que superam os casos de variação para a CV com o pronome *nós* no PB, apresentou, para o pronome *a gente*, 75,5% de emprego de formas verbais de 3PS e 24,5% de uso de formas verbais de 1PP.

Na sequência, retoma-se o quadro que apresenta os grupos de fatores relevantes na CV variável de 1PP do discurso com as formas pronominais *nós* e *a gente*.

Quadro 4.30: Ordem de seleção dos fatores considerados para os fenômenos de concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

Fatores		Fenômeno	CV com <i>nós</i> PB	CV com <i>a gente</i> PB	CV com <i>a gente</i> PE
Linguísticos	Explicitude do sujeito		5ª	4ª	1ª
	Paralelismo discursivo		4ª	1ª	Não selecionado
	Saliência fônica verbal		2ª	2ª	Não selecionado
	Tempo e modo verbal		Não selecionado	Não selecionado	2ª
	Grau de determinação do sujeito		Não selecionado	3ª	Não selecionado
Sociais	Gênero		Não selecionado	Não selecionado	3ª
	Faixa etária		3ª	5ª	4ª
	Escolaridade		1ª	Não selecionado	5ª

A seguir, passa-se a tratar das variáveis estatisticamente relevantes para o fenômeno da CV variável com *a gente* no PB do interior paulista e no PE, seguindo-se a ordem de seleção do Quadro 4.30.

4.5.2.3.1 Explicitude do sujeito

Segundo Rodrigues (A. C. de S., 1987), nos contextos em que a relação entre verbo e sujeito é estabelecida somente por meio da CV, ou seja, nos contextos de sujeito oculto, há o favorecimento de formas verbais marcadas. Essa afirmação é pertinente à CV de 1PP com *nós*, no entanto, cabe verificar se pode ser eficazmente aplicada à CV com o pronome *a gente*.

Se no caso do pronome *nós* a desinência de 1PP favorece a desambiguação em relação às outras pessoas, para o pronome *a gente*, a forma de 3PS promove, em determinados contextos, a ambiguidade de referente, por ser forma-padrão ou não padrão verbal utilizada em conjunto com vasta gama de pronomes pessoais. Os resultados para esse grupo de fatores estão expostos no Quadro 4.31.

Quadro 4.31: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *explicitude do sujeito*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% N ^a de ocorrências	Peso relativo	% N ^a de ocorrências	Peso relativo
CV com <i>a gente</i>	Explícito	99% 1.398/1.413	0,752	86,5% 129/149	0,658
	Oculto ou desinencial	56% 107/190	0,017	43% 22/51	0,131

Os resultados do PB e do PE mostram, para a CV com *a gente*, que contextos de sujeito explícito favorecem o uso de formas em 3PS, como ocorre em (59.a) e (59.b), e, por outro lado, contextos de sujeito oculto ou desinencial, como se verifica em (59.c) e (59.d), favorecem o uso de verbos em 1PP.

(59.a) então eu acho que é melhor às vezes... você fumá(r) um cigarro do que matá(r) um próprio pai... e uma mãe... como *a gente* **vê** ultimamente na televisão

(59.b) mas *a gente* **faz** legitimamente aqui, como fazemos a, fígado à portuguesa, que é fritinho, não é verdade, uma mourazinha de alho e tal, e eles gostam muito.

[CRPC-041-22]

(59.c) e depois *a gente* andô(u) no barco *vicking*... é:... **fomo(s)** no cinema que as cadê(i)ra me::xe... que era muito legal era um filme de dinossauro

[BDI-037-30]

(59.d) *a gente* tava apenas no mar, **andávamos** a arrastar, **largámos** a rede, quando chego a um momento, onde eu reparei e vi aquele barco e homens com uma boia a sinalar, a fazer gestos para um lado e para o outro.

[CRPC-1293-5]

Conforme se pode observar, ainda que os resultados do PB e do PE se distanciem consideravelmente em relação aos percentuais apresentados, com os sujeitos explícitos da amostra lusitana apresentando 86,5% de emprego de formas de 3PS e falantes do interior paulista demonstrando a aplicação quase categórica de verbos em 3PS nesses contextos, as tendências exibidas com base nos pesos relativos são muito semelhantes, com a categoria *sujeito explícito* mostrando-se favorecedora do emprego da 3PS (0,658 e 0,752, respectivamente para o PE e o PB). Da mesma forma, para os sujeitos ocultos ou desinenciais, as tendências do PB e do PE também são semelhantes, neste caso, favorecedoras do emprego de 1PP junto da forma pronominal *a gente* (no PE, observa-se a frequência de 43% de emprego de 3PS e peso relativo de 0,131; no PB, 56% de frequência de emprego de 3PS e peso relativo de 0,017).

Nos sujeitos desinenciais, a ausência do pronome *a gente*, representante da 1PP do discurso, pode causar ambiguidade, o que leva à maior frequência de uso da forma verbal de 1PP. A seguir, são apresentados o quadro e o gráfico comparativos de CV com os pronomes *nós* e *a gente*, relativos ao fator *explicitude do sujeito*, no PB do interior paulista.²²

22 O comparativo apenas do PB justifica-se pela ausência de variação na CV com o pronome *nós* no PE.

Quadro 4.32: Concordância verbal com os pronomes *a gente* e *nós* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável *explicitude do sujeito*

Pronome \ Sujeito	Explícito		Oculto ou desinencial	
	3PS (% / peso relativo)	1PP (% / peso relativo)	3PS (% / peso relativo)	1PP (% / peso relativo)
Nós	15,8%	84,2% / 0,453	8,2%	91,8% / 0,710
A gente	99% / 0,752	1%	56% / 0,017	44%

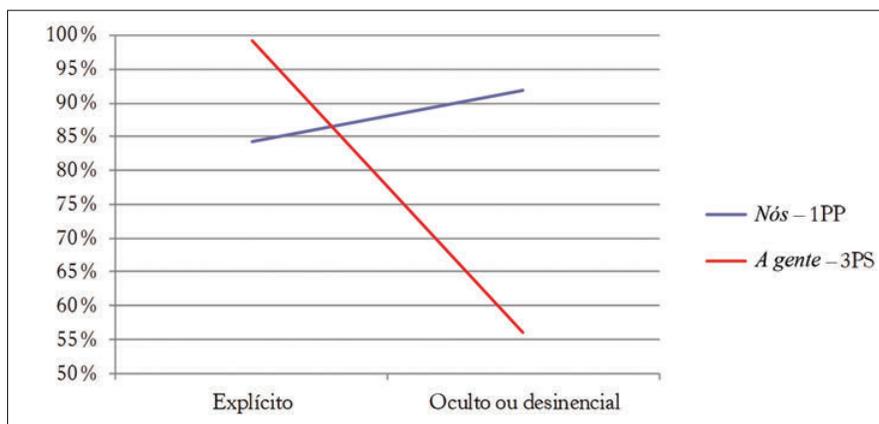


Gráfico 4.1: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista: resultados para a variável *explicitude do sujeito*

É possível verificar, em ambos os fenômenos variáveis, o aumento do uso de formas verbais de 1PP para os contextos em que se evidenciam sujeitos ocultos ou desinenciais, o que se justifica pela necessidade, nesses contextos, da expressão de referência à 1PP do discurso no único elemento presente na oração, a desinência verbal. Nas ocorrências exemplificativas em (60.a) e (60.b), a seguir, é possível notar a tendência apontada no Gráfico 4.1, de uso de 1PP para sujeitos desinenciais com referente anterior representado por *nós* ou por *a gente*.

(60.a) aí é:: foi eu... minha mãe é:: minha tia D. a V... minha/ minha o(u)
 tra ti::a... que tá me entrevistam(d)o agora... é::... aí *a gente* **entrô(u)**
 lá é:: **fomo(s)** lá **guardamo(s)** as coisa no::... onde tem lugar po cê
 guardá(r) lá os:: as bolsa tudo

- (60.b) não aqui nesse posto é sozinho olhan(d)o o movimento a noite inte(i)ra aí **nós chega** pa podê(r) ter um dia escala né?... **nós fica** mais sozinho aqui né?... e lá em cima fica um na guarita... e durante o dia fica DOIS... à noite éh:: **ficamo(s)** sozinho também... depois eu pe/ aí se acaba o expediente

[BDI-121-225]

Com base nos resultados ora apresentados, retomam-se as conclusões pré-apresentadas a respeito do fator *explicitude do sujeito*, reiterando as tendências evidenciadas: sujeitos explícitos revelam-se favorecedores do emprego de 3PS, e sujeitos desinenciais apresentam-se como favorecedores do uso de desinência de 1PP. Ressalve-se que o fenômeno, na variedade do PE, apresenta maiores proporções do que na variedade do PB do interior paulista.

4.5.2.3.2 Paralelismo linguístico discursivo

A atuação do fator *paralelismo linguístico discursivo* na CV variável com o pronome *a gente* segue os mesmos pressupostos evidenciados anteriormente, os quais sugerem que marcas de 1PP em verbos anteriores levam a marcas de 1PP no verbo que segue, e marcas de 3PS levam a marcas de 3PS.

Antes de tratar da influência desse grupo de fatores na CV com *a gente*, cabem algumas considerações: conforme já mencionado, a forma verbal mais comumente verificada junto do pronome *a gente* tem desinência de 3PS. Entretanto, o pronome é considerado concorrente de *nós*, que, por sua vez, atua como pronome de 1PP do discurso, o que sugere a verificação do fenômeno nos contextos de *sujeito desinencial ou oculto*, com antecedentes em 1PP ou em 3PS.

O grupo de fatores *paralelismo linguístico discursivo* foi selecionado pelo programa estatístico *GOLDVARB* somente para a amostra do PB. Os resultados constam do Quadro 4.33.

É de suma importância a relativização dos resultados expostos no Quadro 4.33, para que não se apresentem conclusões distorcidas que advoguem em favor da não atuação da variável na CV com *a gente*. Como se vê, o contexto *verbo isolado ou primeiro de uma série* apresenta quase categoricamente a aplicação de verbo em 3PS junto da forma pronominal *a gente* (99% de frequência e 0,651 de peso relativo), como em (61.a), por se tratar de um

Quadro 4.33: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *paralelismo linguístico discursivo*

Paralelismo discursivo		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% N ^o de ocorrências	Peso relativo	% N ^o de ocorrências	Peso relativo
CV com <i>a gente</i>	Verbo isolado ou 1 ^a de uma série	99% 1.398/1.413	0,651	86,5% 128/148	–
	Verbo anterior em 1PP	0,5% 1/21	0,001	15,8% 3/19	–
	Verbo anterior em 3PS	62,7% 106/169	0,324	60,6% 20/33	–

contexto em que a forma *a gente* aparece explícita na oração.²³ Ainda que raras (em um total de 1.413 ocorrências), aparece na amostra do PB do interior paulista um total de 15 ocorrências de emprego de verbo em 1PP junto da forma pronominal *a gente* explícita, apresentadas de (61.b) a (61.e).

(61.a) passaram-se mais do::is a::nos aí *a gente* **foi morá(r)** junto... aí a gente morô(u) jun::to... vivemos lá um tempo e:: eu acabei engravidan(d)o da minha filha...

[BDI-038-75]

(61.b) a minha casa é toda mura::da mas a FRENte o fundo NÃO porque é um lote inte::(i)ro... e meu irmão/ *a gente* **dividimo(s)** o lo::te meu irmão tá construindo no fun::do uma casa também com uma cozi::nha um quar::to

[BDI-038-170]

(61.c) então ó esse a::no... nesse ano *a gente* **fomo(s)** pra lá né? éh:: a gente passô(u) o ano novo... na prainha aqui de::... Ubarana... ai eu tenho até uma história legal né? ((rindo)) pa contá(r)::... a gente na/ n/ na::/ passamo(s) a noite ficamo(s)...

[BDI-062-255]

(61.d) eu achei muito bonito que eles falô(u) que eles estão retribuindo... o que a gente fez pra eles co/ porque *a gente* **compramo(s)** o CD deles...

23 A oposição entre sujeito explícito e sujeito desinencial será tratada no item 4.7.1.6, “Tipo estrutural de sujeito”.

ajudamos eles subi(r) na vida [Doc.: ham::] HOje... eles tão dando casas pas pessoas carentes

[BDI-066-55]

(61.e) e:: agora futuramente faz um ano e po(u)co *a gente fizemo(s)* uma varanda lá na fren/ lá do lado onde fazemo(s) churrasco... que quase todo domingo a gente reúne o pessoal

[BDI-067-185]

No contexto com verbo anterior em 1PP ((62.a)), é possível notar a quase nula frequência de desinência em 3PS (0,5%, com peso relativo de 0,001) (apenas a ocorrência (62.c)), o que confirma, em primeiro lugar, que as marcas anteriores influenciam as marcas que seguem, e, em segundo lugar, que, para os contextos com sujeito do tipo *oculto ou desinencial* com referência à 1PP do discurso, há maior tendência ao uso de formas verbais de 1PP, a fim de evitar a ambiguidade causada pelo uso da desinência de 3PS. Ratificam essas explanações a frequência e o peso relativo exibidos para o contexto verbo anterior em 3PS, como em (62.b) (62,7% de frequência e 0,324 de peso relativo), que, embora se mostrassem muito superiores aos verificados para o contexto verbo anterior em 1PP, comprovando a atuação do paralelismo formal na CV com o pronome *a gente*, reforçam a tendência, entre os casos de sujeito não explícito na oração, ao uso de 1PP como forma de desambiguação do referente sujeito.

(62.a) eles estão retribuindo... o que a gente fez pra eles porque *a gente* compramo(s) o CD deles... **ajudamos** eles subi(r) na vida HOje... eles tão dando casas pas pessoas carentes

[BDI-066-455]

(62.b) é um quintal grande sim ((vozes)) *a gente* tem uma área na fren::te uma área no fun::do **temos** a frente da ca::sa com calça::da... é uma aveni::da onde tem bastante movimen::to passa bastante ca::rro

[BDI-038-12]

(62.c) hoje já mudô(u) bastante... *a gente* reformô(u) a casa *colocamo(s)* laje **colocô(u)** piso... então::... reformô(u) praticamente toda/ modificô(u) toda a estrutura da casa do jeito/ do jeito que era né?... há muitos anos atrás

[BDI-133-12]

Embora o grupo de fatores não tenha sido selecionado na amostra do PE, os percentuais evidenciados apresentam as mesmas tendências da amostra brasileira, com frequências maiores nos contextos de verbos isolados ou primeiros de uma série (86,5%), frequências intermediárias para os contextos em que o verbo anterior está em 3PS (60,6%, enquanto a frequência do PB é de 62,7%) e frequências menores para contextos em que o verbo anterior encontra-se em 1PP (15,8%).

Confirma-se, assim, que há atuação do grupo *paralelismo formal discursivo* junto da CV com o pronome *a gente*, visto ter havido diferença substancial entre frequências e pesos relativos verificados na categoria *verbo anterior em 1PP* e na categoria *verbo anterior em 3PS*. Ademais, há também a atuação de outro fator, determinado pela natureza excepcional de origem da forma pronominal *a gente*, que, apesar de advir de um SN – o qual, naturalmente, se liga a formas verbais de 3PS –, representa, em concorrência com o pronome *nós*, a 1PP do discurso.

4.5.2.3.3 Saliência fônica

Os pressupostos para a atuação do fator *saliência fônica* na CV com *a gente* eram os mesmos evidenciados para a CV com *nós*, pois, conforme afirmam Naro, Görski e Fernandes (1999), à medida que a saliência entre as formas verbais concorrentes aumenta, aumenta também o uso de formas de 1PP, seja com o pronome *nós*, seja com o pronome *a gente*. Em relação ao emprego das formas verbais proparoxítonas em 1PP, também se confirmam as mesmas premissas estabelecidas por Lemle e Naro (1977) e Rodrigues (A. C. de S., 1987), que afirmam que os falantes tendem a optar, nesses casos, pelo uso das formas de 3PS. O grupo foi selecionado somente para o PB do interior paulista. No Quadro 4.34, são apresentados os resultados para a atuação da *saliência fônica* na CV com *a gente*.

Os resultados expostos confirmam as hipóteses em sua totalidade, pois nota-se diminuição gradativa do uso de 3PS (e, conseqüentemente, aumento gradativo no uso de 1PP) à medida que a saliência verbal aumenta, indicando que maiores níveis de saliência favorecem o uso de 1PP. A exceção, já prevista, pode ser observada apenas no nível de *saliência esdrúxula* ((63.a) e (63.b)), que apresentou aplicação de desinência de 3PS quase categórica junto da forma *a gente* (99,7%) (exceção apenas para a ocorrência (63.b), que apresenta verbo em 1PP), confirmando comportamento diferenciado para essa categoria.

Quadro 4.34: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *saliência fônica verbal*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
CV com <i>a gente</i>	Esdrúxula (proparoxítonas)	99,7% 304/305	0,924	78,8% 26/33	–
	Mínima	97,6% 737/757	0,522	78,6% 99/126	–
	Média	86,8% 409/471	0,200	64,5% 20/31	–
	Máxima	77,5% 55/71	0,135	60% 6/10	–

(63.a) ele conversava comigo *a gente* **tinha** [tínhamos] diá::logo... a gente era completamente feliz só que não deu certo... uma porque:: eu era casada ((risos)) ((a informante suspira))... e o(u)tra porque::... se eu ti/ se eu fosse corajosa se eu tivesse coragem na época

[BDI-068-40]

(63.b) e eu fui em Rio Preto eu e meu namorado e *a gente* não **tínhamos** [tinha] a intenção num TInha mesmo a intenção de comprá(r)... de repente a gente entrô(u) na loja viu a televisão com preço bom... vamo(s) comprá(r) fechamo(s) o negócio

[BDI-132-40]

Os pesos relativos verificados (0,200 e 0,135) revelam que as categorias de *saliência média* e *máxima* ((64.b) e (64.c), respectivamente) desfavorecem o uso de forma de 3PS, enquanto as categorias de *saliência mínima* ((64.a)) e *esdrúxula* favorecem-no.

(64.a) eu acho que num serviço... *a gente* **tem** [temos] que sê(r) organizada todo mundo como/ nã/ não só como no servi::ço como na esco::la... como os alunos os professor o diretor...

[BDI-068-180]

(64.b) eles iam voltá(r) pra soltá(r) a gente que eles tavam esperan(d)o só mais uns amigos deles... e:: aí deu uns vinte minutos assim *a gente* **viu** [vimos] que num... que num:: tinha mais barulho nenhum.

[BDI-077-70]

- (64.c) minha cortina... é da cor... da:: da textura que *a gente fez* [fizemos]... e nesse corredor que dá acesso assim que sai da sala pra cozinha... aí nós fizemo(s) uma textura éh:: mesclan(d)o as duas cores com as cores do sofá

[BDI-077-400]

Apesar de esse grupo de fatores não ter sido selecionado como relevante para as amostras do PE do CRPC, a observação dos percentuais de emprego de 3PS nos contextos variáveis denota comportamento bastante semelhante ao verificado no PB do interior paulista, já que as categorias *saliência esdrúxula* e *saliência mínima* apresentaram as maiores frequências de emprego de 3PS (78,8% e 78,6%, respectivamente), e as categorias *saliência média* e *saliência máxima*, as menores frequências de uso de verbos em 3PS (64,5% e 60%, respectivamente).

Em seguida, será abordado o grupo de fatores *tempo e modo verbal*, selecionado apenas para os dados da amostra do PE.

4.5.2.3.4 Tempo e modo verbal

Sobre a influência do grupo de fatores *tempo e modo verbal* na CV com o pronome *a gente*, a hipótese, baseada em Naro, Görski e Fernandes (1999), é de que formas no pretérito perfeito relacionadas ao sujeito *a gente* apresentem desinência de 1PP com maior frequência do que formas no presente. No Quadro 4.35, encontram-se as frequências e os pesos relativos para esse grupo de fatores.

Quadro 4.35: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *tempo e modo verbal*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
CV com <i>a gente</i>	Presente do indicativo e do subjuntivo	98,3% 798/811	–	80,7% 110/135	0,644
	Pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo	99,7% 285/286	–	83,2% 27/32	0,744
	Pretérito perfeito do indicativo	79,4% 317/399	–	26,1% 6/23	0,089
	Futuro e outros tempos verbais	95% 102/107	–	80% 8/10	0,549

Conforme se pode notar nos resultados do PE e consoante a expectativa, as categorias *presente do indicativo e do subjuntivo* ((65.a) e (65.b)), *pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo* ((65.c) e (65.d)) e *futuro e outros tempos verbais* ((65.e)) apresentam percentuais próximos dos 80% (80,7%, 83,2% e 80%, respectivamente) e pesos relativos mais altos (0,644, 0,744 e 0,549), o que mostra que essas categorias contribuem para o emprego de formas verbais de 3PS. Em contrapartida, a categoria *pretérito perfeito do indicativo* ((65.f)) apresenta, para as amostras investigadas, comportamento diferente das demais, com frequência de apenas 26,1% e peso relativo de 0,089 para aplicação de desinências verbais de 3PS, o que demonstra a preferência acentuada pelo uso de 1PP nesse contexto.

(65.a) mas é que no meu tempo – agora já não, está tudo muito; (...) os catecismos, *a gente dá* os catecismos às crianças, geralmente elas todas sabem ler – mas no meu tempo as crianças ainda eram muito pequenas, não sabiam.

[CRPC-031-12]

(65.b) ah, não saímos, você quer é, é que *a gente veja* o cinema, mas... não é nada, é que... isto tá a encher-se, eu tou a ver o rio a encher-se, a... tá aqui já água a correr na rua

[CRPC-965-20]

(65.c) para eles e para todos os, os leitores de, do jornal, porque o comboio, é claro, uma vez *a gente esperava* por ele ao meio-dia chegava às duas, chegava às três, chegava à uma, era conforme, se não avariasse pelo caminho

[CRPC-502- 2]

(65.d) quer dizer, se *a gente tivesse* todos os meses as chuvas aqui... temos apenas muita água e pouca água

[CRPC-673-2]

(65.e) ah! é pequenita! a horta é pequena, é enfim, é só para *a gente se entreter*

[CRPC-920-40]

(65.f) nós não tínhamos nada que ir para lá que é fora do concelho, mas pediram, *a gente fomos*.

[CRPC-863-30]

Ainda que tenhamos confirmado a influência direta das categorias do grupo de fatores *saliência fônica* no comportamento das categorias do grupo *tempo e modo verbal* nos fenômenos variáveis de 1PP no PB, os resultados apontam diferente caracterização do fenômeno de CV variável com o pronome *a gente* no PE. A seleção do grupo de fatores *tempo e modo verbal* (e a não seleção do grupo de fatores *saliência fônica verbal*) – com a categoria *pretérito perfeito* revelando-se como única fortemente desfavorecedora do emprego de verbos em 3PS com o sujeito pronominal *a gente* – confirma o favorecimento do emprego da desinência de 1PP <-mos> em verbos no pretérito perfeito como forma de distinção dos verbos do presente do indicativo, os quais, em 1PP, também apresentam a desinência de 1PP <-mos>. No Quadro 4.36, apresenta-se o cruzamento entre os grupos *saliência fônica verbal* e *tempo e modo verbal* no PE.

Quadro 4.36: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português europeu: resultados para cruzamento entre as variáveis *tempo e modo verbal* e *saliência fônica*

Português europeu Tempo e modo		Saliência fônica				
		Esdrúxula	Mínima	Média	Máxima	Total
CV com <i>a gente</i>	Presente do indicativo e do subjuntivo	–	82% 91/110	73% 16/22	100% 4/4	110/136
	Pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo	81% 27/32	–	–	–	27/32
	Pretérito perfeito do indicativo	–	–	30% 4/13	20% 2/10	6/23
	Futuro e outros tempos verbais	–	91% 8/10	–	–	8/10

O cruzamento entre os grupos de fatores fornece dados conclusivos da atuação do fator *tempo e modo verbal* e da não atuação da variável *saliência fônica*. Como se pode observar, independentemente do nível de *saliência fônica verbal*, há uma polarização entre os verbos no pretérito perfeito do indicativo, que se apresentam, em sua maioria, na 1PP, e os verbos nas demais categorias de tempo e modo, os quais se apresentam, majoritariamente, na 3PS. É possível notar ainda comportamento bastante diferente de verbos no pretérito e no presente abarcados pelas mesmas categorias de *saliência* (no nível máximo, por exemplo, há 20% de emprego de 3PS para verbos no pretérito e 100% de 3PS para verbos no presente), resultado que confirma a não atuação da variável *saliência fônica* e, por consequência,

demonstra que o contexto com verbos no pretérito perfeito exerce grande influência no emprego de verbos na 1PP.

Ressalta-se uma especificidade da variedade do PE que poderia justificar a preponderância do grupo de fatores *tempo e modo verbal*, principalmente da categoria que apresentou comportamento dessemelhante das demais (*pretérito perfeito*). Nessa variedade, é recorrente a diferenciação prosódica entre o passado e o presente, como se observa nas ocorrências a seguir, o que poderia contribuir para a preferência de uso da forma em 3PS para o presente ((66.b)) e da forma em 1PP para o passado ((66.a)).²⁴

(66.a) quer dizer que o barco passou-se para fora; quando ao depois *a gente* viemos e **arrebocámos** [arrebocou]... os homens cortaram as redes que tavam trilhadas na hélice, quando *a gente* **tentámos** [tentou] ao depois e viemos pôr os homens na barra. cá mais, não achei mais perigo nenhum.
[CRPC-1293-5]

(66.b) há o alqueive que é ao depois *a gente* **começa** [começamos] a ver o alqueive, começa a aparecer com erva, com coiso, torna-se a passar outra vez com uma faca, com um cultivador até chegar à altura de, de se começar as sementeiras, depois começam-se a... chega-se à altura, por exemplo
[CRPC-167-15]

4.5.2.3.5 Grau de determinação do sujeito

Mesmo que não houvesse hipótese em outros trabalhos para a atuação do grupo de fator *grau de determinação do sujeito* na CV com o pronome *a gente*, em estudo preliminar foi constatado que sujeitos mais específicos e definidos correlacionam-se com a aplicação de desinência de 1PP, pois observa-se aumento na frequência de desinências verbais de 1PP para sujeitos de *referente específico e definido* (Rubio; Gonçalves, 2010). No Quadro 4.37, seguem os resultados para a atuação desse grupo de fator em amostras do PB do interior paulista e as frequências de cada categoria para o PE, que não apresentou essa variável como relevante no fenômeno de CV com *a gente*.

24 Nas ocorrências seguintes, destaca-se que os acentos agudos são originais das transcrição das amostras e foram utilizados para marcar a diferença que se evidencia, no PE falado, entre as formas homógrafas de 1PP no presente do indicativo e no pretérito perfeito.

Quadro 4.37: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *grau de determinação do sujeito*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
CV com <i>a gente</i>	Genérico e indefinido	99% 501/507	0,830	72,5% 50/69	–
	Genérico e definido	97% 162/168	0,545	100% 21/21	–
CV	Específico e definido	90% 841/929	0,320	72,7% 80/110	–

Confirmando os resultados evidenciados em estudo preliminar e as hipóteses presentes em trabalhos anteriores, sujeitos com grau de determinação específico e definido propiciam aumento do uso de desinências de 1PP ((67.a)) e, por consequência, diminuição da CV em 3PS junto da forma *a gente* (90% de frequência e 0,320 de peso relativo). Por outro lado, sujeitos com referentes genéricos e indefinidos ((67.b)) revelaram-se favorecedores do uso de formas verbais de 3PS (99% de frequência e 0,830 de peso relativo). Sujeitos genérico e definido ((67.c)), em posição intermediária às duas outras categorias, apresentaram frequência de 97% e peso relativo de 0,545. A gradação evidenciada na consideração dos três contextos sugere que quanto maior o grau de indeterminação do sujeito, maior será o uso da forma verbal no singular.

(67.a) aí de noite quando *a gente* **chegamo(s)** do serviço ela pegô(u) e ligô(u) pra colega dela (ela) num tinha chegado ainda... aí depois ligô(u) de no::vo

[BDI-032-40]

(67.b) você casá(r) c'a pessoa... e é errado porque o filho *a gente* **carrega** pro resto da vida e o único prejudicado vai sê(r) a pesso/... a mulher que engravidô(u)... porque o cara vai dá(r) a pensão e se dê(r)

[BDI-046-430]

(67.c) chega no aeroporto a gente confe::re... as êh:: *a gente* **solicita**... a identidade de::le... éh confere... a identidade com as reservas confere éh éh por exemplo – “seu Joaquim o senhor tá in(d)o pra onde?”

[BDI-051-335]

A seguir, serão tratados os fatores sociais selecionados para as amostras do PE e do PB. A variável *gênero*, selecionada somente nas amostras do PE, é o primeiro grupo a ser apresentado.

4.5.2.3.6 Gênero

A consideração dos grupos de fatores *gênero* e *escolaridade* revela se no fenômeno variável a variante não padrão é estigmatizada, visto a tendência, já amplamente discutida neste trabalho, de que os falantes mais escolarizados, em conjunto com falantes do gênero feminino, rejeitem as formas desprestigiadas, sejam elas conservadoras ou inovadoras. As frequências e os pesos relativos para essa variável no PE e as frequências no PB encontram-se no Quadro 4.38.

Quadro 4.38: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *gênero*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% N ^o de ocorrências	Peso relativo	% N ^o de ocorrências	Peso relativo
CV com <i>a gente</i>	Masculino	93,1% 648/696	–	71% 93/131	0,362
	Feminino	94,6% 856/906	–	84,1% 58/69	0,866

Se para a amostra brasileira, em relação à CV com a forma *a gente*, os percentuais se mostraram equilibrados (93,1% para homens e 94,6% para mulheres), para o PE, houve diferença considerável de comportamento para a CV junto do pronome *a gente*, com representantes do gênero masculino apresentando 71% de emprego de verbos em 3PS junto do sujeito *a gente*, contra 84,1% apresentado pelas mulheres. Da mesma forma, os pesos relativos revelam tendência masculina maior para o uso de 1PP com o pronome *a gente* (0,362 para uso de verbo em 3PS) e tendência feminina favorável ao uso de 3PS (0,866 para uso de verbo em 3PS).

Cabe ressaltar, com base na retomada dos resultados para a AP no PE, que as mulheres já haviam apresentado maior recusa em relação ao uso de *a gente*, com apenas 29,6% de uso do pronome, contra 53,9% por parte dos homens.

Os resultados para a CV junto de *a gente* reforçam a discriminação do emprego do pronome no PE e comprovam a rejeição do uso de formas de

1PP junto dela por parte das mulheres. É interessante observar outros fatores sociais, principalmente a escolaridade, para conclusão a respeito do *status* social do fenômeno aqui considerado.

4.5.2.3.7 Faixa etária

Em fenômenos variáveis, a seleção do fator social *faixa etária* normalmente está associada ao fato de uma ou mais faixas etárias apresentarem comportamento diferente das demais. Se essa discrepância se verifica entre os mais jovens e os mais velhos, evidencia-se uma mudança de comportamento na comunidade, em relação ao processo de variação investigado. A seguir, são expostos os resultados da influência do fator social *faixa etária* na CV com *a gente* no PE e no PB do interior paulista.

Quadro 4.39: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *faixa etária*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% N ^a de ocorrências	Peso relativo	% N ^a de ocorrências	Peso relativo
CV com <i>a gente</i>	16 a 25 anos	95,6% 435/455	0,608	57,6% 19/33	0,351
	26 a 35 anos	90% 367/408	0,303	76,6% 36/47	0,547
	36 a 55 anos	94,4% 354/375	0,485	76,5% 65/85	0,576
	Mais de 55 anos	95,9% 348/363	0,599	88,6% 31/35	0,699

No PB, as frequências e os pesos relativos apresentados revelam comportamento muito semelhante ao dos informantes das faixas etárias extremas, informantes mais jovens e informantes mais velhos (95,6% e 95,9% de emprego de desinências de 3PS e pesos relativos de 0,608 e 0,599, respectivamente), o que sugere não haver, na comunidade, alteração de comportamento dos informantes no que diz respeito ao fenômeno variável de CV com o pronome *a gente*. Além disso, tais resultados revelam que os informantes dessas duas faixas são os que favorecem o emprego de verbos em 3PS.

Destaque apenas para a faixa etária de 26 a 35 anos, provavelmente, responsável pela seleção do grupo de fatores, que apresentou frequência pouco menor do que as demais (90%) e peso relativo de 0,303, o que revela que

essa faixa atua como favorecedora do uso de desinências de 1PP junto do pronome *a gente*.

No PE, entretanto, a faixa etária de menor idade (16 a 25 anos) foi a que se mostrou menos propensa ao uso de formas de 3PS com o pronome *a gente*, visto ter exibido percentual de uso da forma de 57,6% e PR de 0,351. Depois dela está a faixa de 26 a 35 anos, que registra 76,6% e 0,547. As faixas com informantes de idade mais elevada (36 a 55 anos e mais de 55 anos) demonstram maior tendência ao uso de verbos em 3PS, com 76,5% e 88,6% de frequência e pesos relativos de 0,576 e 0,699, respectivamente.

Para a amostra do PB do interior paulista, a não seleção de outros fatores sociais, como *gênero* e *escolaridade*, associada ao comportamento observado para o fator *escolaridade*, permite-nos concluir que a CV variável de 1PP com *a gente* é fenômeno pouco influenciado pelo contexto social, com predominância de fatores estruturais na instanciação do fenômeno.

A consideração apenas do fator *faixa etária* no PE poderia sugerir mudança em progresso, com a implementação gradativa da variante *verbos em 1PP junto da forma a gente*; no entanto, outros fatores sociais, como *gênero* e *escolaridade* não corroboram essa afirmativa. No Quadro 4.40, apresenta-se o cruzamento entre *gênero* e *faixa etária* no PE.

Quadro 4.40: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português europeu: resultados para o cruzamento entre as variáveis *gênero* e *faixa etária*

Gênero		Português europeu	Faixa etária				
			16 a 25 anos	26 a 35 anos	36 a 55 anos	Mais de 55 anos	Total
CV com <i>a gente</i>	Masculino		46% 12/26	70% 28/39	76% 28/37	86% 25/29	93/131
	Feminino		100% 7/7	100% 8/8	77% 37/48	100% 6/6	58/69

As frequências exibidas no cruzamento apontam, por parte dos informantes do gênero feminino, forte propensão ao emprego da variante formas verbais em 3PS em quase todas as faixas de escolaridade, inclusive entre os mais jovens. Esses resultados denotam que, apesar de ter havido diminuição no uso de 3PS entre os mais jovens, de forma geral, a redução está restrita somente aos informantes do gênero masculino, não atingindo as mulheres, que tendem a barrar a variante não padrão.

Segue-se com a observação e a análise do fator social *escolaridade*, selecionado apenas nas amostras do PE.

4.5.2.3.8 Escolaridade

A análise da atuação dos diferentes níveis de escolaridade dos informantes do PE revela que a CV com a forma *a gente* sofre intervenção direta dessa variável social, pois a frequência de emprego de formas de 3PS se eleva em escala diretamente proporcional à elevação dos anos de escolarização dos informantes, como mostram os resultados do Quadro 4.41.

Quadro 4.41: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *escolaridade*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
CV com <i>a gente</i>	Faixa 1 (1 a 4 anos)	93,6% 262/280	–	69% 93/133	0,387
	Faixa 2 (5 a 8 anos)	91,6% 417/455	–	81% 26/32	0,541
	Faixa 3 (9 a 11 anos)	95,9% 422/440	–	84,6% 11/13	0,656
	Faixa 4 (12 anos ou mais)	94,6% 405/428	–	95,4% 21/22	0,697

No PE, a faixa 1, com informantes que possuem até 4 anos de escolarização, apresenta 69% de uso de formas de 3PS e peso relativo de 0,387, os quais demonstram desfavorecimento dessa faixa ao uso da forma de 3PS. Opostas a ela, as faixas 2, 3 e 4, com informantes que possuem mais de 4 anos de escolarização, exibem frequências de 81%, 84,6% e 95,4% de uso de 3PS e pesos relativos de 0,541, 0,656 e 0,697, respectivamente, apontando a tendência ao favorecimento do uso da forma de 3PS com sujeito *a gente*.

Esses resultados e os apresentados para o fator social *gênero* levam à constatação de que a variante *emprego de formas verbais de 1PP junto do pronome a gente* é estigmatizada na comunidade investigada, pois os falantes com maiores níveis de escolaridade e os falantes do gênero feminino tendem a evitar essas formas, fazendo uso, em contextos variáveis, da outra variante, *formas verbais de 3PS*, a qual, por sua vez, é variante prestigiada.

A seguir, tem-se o cruzamento entre os fatores sociais *escolaridade* e *gênero* no PE, que comprova essa afirmação.

Quadro 4.42: Concordância verbal com o pronome *a gente* no português europeu: resultados para o cruzamento entre as variáveis *gênero* e *escolaridade*

Gênero		Português europeu	Escolaridade			
			1 a 4 anos	4 a 8 anos	8 a 11 anos	12 anos ou mais
CV com <i>a gente</i>	Masculino	63%	88%	56%	91,5%	93/131
		55/85	22/25	5/9	11/12	
	Feminino	79%	83%	100%	100%	58/69
		38/48	5/6	4/4	11/11	

Como se pode observar, falantes do gênero feminino e com alta escolarização são os que apresentam, nas amostras, emprego categórico da 3PS junto do sujeito pronominal *a gente*.

Cabe notar ainda que os falantes do gênero feminino, em sua maioria, são mais sensíveis à atuação da escola do que os falantes do gênero masculino, visto ter havido aumento gradativo da forma-padrão, verbos em 3PS, diretamente proporcional ao aumento do nível de escolaridade das mulheres. Embora o mesmo não tenha ocorrido entre os homens, o percentual de emprego de 3PS se elevou de 63%, entre os menos escolarizados, para 91,5%, entre os mais escolarizados. Todavia, em oposição às “pressões” sociais dos mais escolarizados e de representantes do gênero feminino em favor da variante de prestígio, a retomada dos resultados da variável *faixa etária* revela aumento de uso da forma estigmatizada (*verbos em 1PP com a gente*) entre os mais jovens.

No PB, como visto, em relação ao *gênero*, o emprego de 3PS apresenta apenas 1,5 ponto percentual de diferença (93,1% para homens e 94,6% para mulheres). A mesma uniformidade na apuração da frequência de uso de 3PS foi verificada para os diferentes níveis de escolaridade, pois foi observada discrepância de apenas um ponto percentual entre a faixa de menor escolaridade e a de maior escolaridade (93,6% e 94,6%, respectivamente).

Em consideração a todos os aspectos revelados sobre o fenômeno da CV de 1PP com o pronome *a gente* no PB do interior paulista, é interessante chamar a atenção para o baixo índice de variação exibido, que somente ultrapassou a casa dos cinco pontos percentuais em razão da presença de

sujeitos do tipo *oculto ou desinencial*. Dessa maneira, crê-se que devem ser guardadas as devidas restrições à classificação do fenômeno como plenamente variável, cabendo mais o rótulo de fenômeno semicategórico (termo empregado por Labov (2003)), que admite maior variação em determinados contextos – como nos de sujeito *oculto ou desinencial*, em que o uso da 1PP é favorecido pela necessidade de referência à 1PP nos verbos, visto não haver sujeito explícito de 1PP na oração.

4.5.2.4 Outros contextos de variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural

Conforme já afirmado, verifica-se também a variação de CV junto de sujeitos compostos, formados pela concatenação do pronome *eu* e outras estruturas (de base nominal, pronominal etc.), que, em conjunto, formam um referente em 1PP do discurso ((68.a) e (68.b)). Essas estruturas compostas, por uma questão de recorte metodológico, não foram consideradas em conjunto com os dados de CV de 1PP com os pronomes *nós* e *a gente*, cabendo, portanto, sobre elas, empreender apenas uma análise qualitativa.

(68.a) era um homem maravilhoso... pena que tem três filho... tem a esposa dele... SÓ... que tudo que *eu e ele* **tivemo(s)** juntos... ninguém ficô(u) saben(d)o NUNca

[BDI-068-50]

(68.b) *eu*, num concurso que **fomos** lá em Pataias, precisamente, em Pataias, com um grupo de rapazes cá de Espinho, **fomos** para a, para a, pescar, para as rochas.

[CRPC-106-30]

A sugestão para tratamento dos casos de variação ora exemplificados seria a consideração das ocorrências separadamente, o que, entretanto, não se permite efetuar de modo pleno por causa da baixa frequência de emprego desse tipo de estrutura nos *corpora* investigados. Foram 38 ocorrências no PB e apenas duas na amostra do PE.

Outra questão já considerada é que se trata de fenômeno de CV com variável dependente eneária (no PB do interior paulista), com formas verbais em 1PS ((69.a)), 1PP ((69.b)), 3PS ((69.c)) e 3PP ((69.d)).

- (69.a) porque essa área muito eu fiz ela pra cultivá(r) meus animais... **moro** eu e meu filho... mais quatro cachorro e CINco gato éh:: é uma casa realmente muito animada
[BDI-085-300]
- (69.b) todo dia de:: charrete... pro... pro... pra escola... éh::... e eu e meu irmão pequenos... **ficávamos** com uma::... éh... com uma empregada
[BDI-082-240]
- (69.c) o dia que ela faleceu eu estava de plantão... eu e uma médica... **tava** de plantão dentro da UTI...
[BDI-105-20]
- (69.d) uma festa numa boate e::u num me recordo o nome mas é... ali no centro de Rio Preto **foram** eu e meus amigos tal fomo(s) nessa boate assim muito lo::(u)Ca
[BDI-074-75]

Do total de 38 ocorrências, uma apresenta desinência de 1PS; treze, de 1PP; vinte, de 3PS e quatro, de 3PP.

Das treze ocorrências com verbos em 1PP, nove possuem contexto de anteposição de sujeito (SV), como verificado em (70.a), e apenas quatro, posposição do sujeito (VS), como em (70.b). Sobre os vinte casos que exibem verbos em 3PS, catorze deles evidenciam sujeito posposto ao verbo (VS), como em (70.d), e o restante (seis casos) apresenta sujeito anteposto (SV), como em (70.c).

Além dos casos do PB com verbos em 3PS e sujeito posposto, cabe destacar, interessantemente, uma das duas ocorrências selecionadas do PE, que também apresenta esse contexto, conforme se observa em (70.e).

- (70.a) são três quartos né? um quarto... suíte... que é onde eu e minha esposa **ficamos** né? um::/ é mais ou menos grande relativamente grande
[BDI-083-195]
- (70.b) durante o carnaval... **estávamos** no fusca... da minha cunhada eu meu noivo... minha cunhada e o noivo dela e como nós estávamos indo po carnaval tava todo mundo de::... de de:: bermuda né?
[BDI-118-5]

- (70.c) *eu:: meu tio:: meu pri::mo e um colega nosso tava* sentado ali na frente de casa ali né?... eu morava no fundo e meu tio morava na frente né?
[BDI-015-389]
- (70.d) tem uma delas que eu... nem quando:: eu conheci a minha esposa e a gente começô(u) a namorá(r) né?... então... inclusive **morava** só *eu e minha mãe*... e::... minha mãe era::... era muito severa muita coisa
[BDI-133-5]
- (70.e) o hospital novo, ainda há pouco tempo que a gente o tem, não é? e o serviço era aqui, este serviço era, serviço de urgências e trabalhava aqui, **trabalhava** só *eu e o médico* praticamente
[CRPC-964-12]

O contexto verificado nas quatro ocorrências que apresentam desinências de 3PP foi de sujeito posposto (VS) (em todos os casos), consoante se pode observar na ocorrência seguinte, retirada do PB do interior paulista.

- (71) dá acesso à sala onde eu trabalho... **trabalham** *eu e mais seis pessoas*... cada um tem sua mesa:: um micro... e um telefone... êh temos a máquina de xerox com impressora
[BDI-085-180]

Embora cerceados pela falta de uma análise estatística mais completa dos casos de CV com sujeito sentencial composto de pronome pessoal de 1PS em conjunto com outras estruturas, propõem-se, aqui, algumas considerações.

A observação dessas ocorrências permite perceber que a anteposição dos sujeitos (mesmo que compostos) em relação ao verbo (posição SV) favorece o emprego de 1PP, já que, entre os casos, 69% (nove de treze ocorrências) apresentam esse contexto.

Em contrapartida, a posposição do sujeito ao verbo (VS) demonstra favorecimento do uso de formas verbais de 3PS, visto que catorze das vinte ocorrências (70%) inserem-se nesse contexto. Mais do que favorecer o uso de 3PS, sugere-se que a posposição do sujeito desfavorece o uso de formas verbais de 1PP, já que também as ocorrências em 3PP exibem sujeitos pospostos. Reforça essa hipótese a ocorrência (70.e), verificada no PE, com sujeito composto posposto ao verbo em 3PS, pois, embora única, evidencia comportamento não verificado com o pronome *nós* naquela variedade.

Pelo fato de a variável dependente possuir quatro variantes, não foi possível a observação, para esses casos, de outros fatores linguísticos comprovadamente relevantes para os fenômenos de CV, como a *saliência fônica verbal* e o *paralelismo oracional*, já que não há oposição entre apenas duas formas, como ocorre na CV de 1PP, em que se opõem formas verbais de 1PP e 3PS, e na CV de 3PP, em que se opõem formas verbais de 3PS e 3PP.

A seguir tem-se a rodada unidimensional da CV para os fatores sociais, com amalgamação e oposição dos casos de 1PS, 3PS e 3PP aos casos de 1PP.²⁵

Quadro 4.43: Concordância verbal de primeira pessoa do plural com sujeito composto (*eu + outras estruturas*) no português brasileiro do interior paulista: resultados para fatores sociais

Categoria		CV com sujeito composto em 1PP – PB (<i>eu + estruturas</i>)	Desinência verbal de 1PP	
			%	Nº de ocorrências
Gênero	Masculino		17%	3/18
	Feminino		50%	10/20
Faixa etária	16 a 25 anos		27%	3/11
	26 a 35 anos		57%	4/7
	36 a 55 anos		67%	6/9
	Mais de 55 anos		100%	6/6
Escolaridade	Faixa 1		20%	1/5
	Faixa 2		9%	1/11
	Faixa 3		38%	5/8
	Faixa 4		67%	6/9
Total			34%	13/38

Considerando o reduzido número de ocorrências e também o fato de ter sido apresentada no Quadro 4.43 uma rodada simples, sem pesos relativos, será tecido apenas um breve comentário a respeito da estratificação dos casos junto aos grupos de fatores sociais.

Em relação ao *gênero*, há maior frequência de aplicação de desinências de 1PP pelas mulheres, com 50% de uso de formas verbais de 1PP, do que pelos homens, que apresentam apenas 17% de uso da 1PP.

Considerando o fator *faixa etária*, houve gradativo aumento do uso de verbos em 1PP, à medida que se consideram faixas etárias mais elevadas, o

25 A proposta de amalgamação das formas de 1PS, 3PS e 3PP e a oposição em relação à forma de 1PP se devem ao fato de que esta última é a prescrita pela gramática normativa.

que se confirma até mesmo na última faixa, a qual apresenta, na amostra considerada, uso categórico de forma de 1PP junto do sujeito composto.

Como previsto em estudos de CV, a faixa com mais anos de estudo registrou também maior tendência ao emprego da forma de CV normativa, ou seja, de 1PP. Em oposição, as faixas de baixa escolarização exibiram menores percentuais de uso das formas verbais de 1PP.

A essas afirmações, certamente, cabe a devida diligência, por se basearem somente nas ocorrências analisadas e nos *corpora* considerados, os quais constituem somente pequenos recortes da comunidade de fala.

4.6 Fenômenos variáveis relacionados à segunda pessoa do plural

No que diz respeito à 2PP do discurso, três fenômenos variáveis podem ocorrer na língua portuguesa falada. O primeiro deles, a CV variável de 3PS e 3PP junto do pronome *vocês*, ocorre em variedades do PB, inclusive na variedade do interior paulista, conforme se observa nas ocorrências a seguir, extraídas das Amostras de Interação do Banco de Dados Iboruna (identificadas com as letras “AI”).²⁶

(72.a) *cês assiste* também esse programa?... nós assiste T₀do dia... bom eu quando tô em casa

[BDI-AI-002-30]

(72.b) ela acreditô(u) mas ela era assim... discutia c’os professor falava – “mas *cês* num tá ensin(an)d)o direi::to” – ... ela ainda falava – “eu quero aprendê mais” –

[BDI-AI-004-65]

(72.c) a gente vê que *cês dão* muito valor no estudo... *cês a::cha* importan::te estudá::(r)

[BDI-AI-004-45]

²⁶ As Amostras de Interação foram coletadas de diálogos sem a presença do documentador, de forma secreta, sendo revelada a gravação e solicitada a autorização de uso em momento posterior. Ainda que, nessas amostras, ocorra o uso da 2PS e da 2PP, as ocorrências não se apresentam em número suficiente para um estudo quantitativo. Interessante notar também um fenômeno de ordem fonético-fonológica no uso do pronome, com a alternância entre as formas *vocês* e *cê(i)s*.

(72.d) então mas vocês nunca/... *vocês* nunca **foram** no fórum pra resolvê(r) isso?

[BDI-AI-009-78]

(72.e) é assim cê sa/ cê sa/ lembra onde tem um xerox?... logo na entrada do I.C.M.C.?... ali pela rodoviá::ria tal?... *cês* num **entraram** por ali?

[BDI-AI-008-220]

Não obstante a referência, nesses casos, seja à 2PP, o comportamento em relação à CV é semelhante ao verificado junto dos pronomes de 3PP, *eles* e *elas*.

O segundo e terceiro fenômenos referentes à 2PP do discurso, a se confirmarem por meio de estudos sociolinguísticos no PE, estão relacionados mais especificamente ao uso variável das formas verbais de 2PP e 3PP junto do pronome *vós* e à alternância entre os pronomes *vocês* e *vós* em posição de sujeito, conforme apresentado a seguir, com base em ocorrências do CRPC.²⁷

(73.a) é que eu vou ter folga, *vós* **ides** cozinhar. **venham** para comer, **venham** para comer, **venham** para comer!

[CRPC-075-12]

(73.b) eu às vezes penso – não sei se *vocês* **estão** de acordo que para a geração – eu sou um pouco mais velha do que *vocês* – mas acho que por exemplo para a geração da minha idade e possivelmente da *vossa* também, é a geração em que é mais difícil viver!

[CRPC-218-23]

(73.c) olha pá, não é para *vos* estar a desiludir mas essa coisa de vendedores e de inquéritos dura um mês, *vocês* **ganham** seis contos num mês...

[CRPC-377-44]

Conforme se evidencia, os pronomes *vós* (73.a) e *vocês* (73.b) encontram-se em processo de variação no PE, para representação da 2PP do discurso. Ainda que não se tenha número suficiente de ocorrências para maiores conclusões, podem-se observar a alternância, mesmo na aplicação de CV de 2PP e de 3PP junto da forma pronominal *vós*, e o uso do pronome pos-

²⁷ Ainda que se tenham encontrado ocorrências no *corpus* que confirmem os fenômenos para a variedade europeia, não se obteve contato com estudos que tratassem desses fenômenos sob a ótica variacionista.

sessivo *vossa* em ocorrência em que o pronome sujeito *vocês* assume função de sujeito nas sentenças anteriores (ambos em (73.b)). A mesma variação pode ser verificada ((73.c)) no uso do pronome oblíquo padrão de 2PP *vos* e posterior emprego da forma pronominal inovadora *vocês*.

As observações sobre os fenômenos de 2PP aqui apresentadas são superficiais e embasadas apenas na análise qualitativa das ocorrências registradas nos *corpora* das variedades consideradas nesta pesquisa. Contudo, apontam, ao menos, para a necessidade de uma investigação mais acurada desses contextos passíveis de variação e para a composição de novos *corpora* específicos para esse fim.

4.7 Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural

São inúmeros os estudos sociolinguísticos que tratam da CV de 3PP nas variedades do PB, e muitos são os fatores linguísticos e sociais que demonstram exercer influência sobre o fenômeno nessas variedades. No PE, entretanto, embora a variação já tenha sido atestada (em menor ou em maior escala), há poucas pesquisas apontando os fatores que poderiam promover os usos variáveis e indicando, ainda, se essa variação está restrita a determinados contextos ou não.

Apresentam-se, no Quadro 4.44, os resultados relativos à CV de 3PP no PB e no PE, juntamente com os fatores selecionados como relevantes nos processos de variação.

Pelos resultados expostos, é possível verificar que, apesar de as duas variedades terem apresentado variação na CV de 3PP, a amostra do PB apresenta frequências menores de uso da 3PP junto de sujeitos de 3PP (73%). Nas amostras do PE, a frequência de uso das formas verbais no plural foi de 93,9%.²⁸

²⁸ Em Rubio (2008), é possível verificar frequência pouco menor de CV de 3PP (70%) em amostras do interior paulista (também selecionadas do Banco de Dados Iboruna) e, ainda, pequena diferença na ordenação de fatores relevantes para o fenômeno variável, o que se justifica pela desconsideração, no presente estudo, de informantes da faixa etária de 7 a 15 anos, dada a inexistência de faixa correspondente para os informantes da amostra do PE. O número total de ocorrências aqui analisadas (2.699), conseqüentemente, também difere do número analisado em Rubio (2008) (um total de 3.308 ocorrências).

Quadro 4.44: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

Variedade	Desinência de 3PP	Desinência de 3PS	Total
Português brasileiro – BDI	73% (1.971)	27% (728)	100% (2.699)
Português europeu – CRPC	93,9% (1.039)	6,1% (68)	100% (1.107)

Foi efetuada a comparação dos resultados obtidos neste estudo com resultados evidenciados em outras regiões do estado de São Paulo, em outros estados brasileiros e para variedades do PE, a fim de verificar possíveis semelhanças e dessemelhanças para PB, de modo mais geral, e para o PE. Seguem as tabelas de resultados gerais.

Quadro 4.45: Concordância verbal de terceira pessoa do plural em diferentes variedades do português brasileiro²⁹

PORTUGUÊS BRASILEIRO			
Variedade	Características sociais	3PP	3PS
Interior da Bahia (português popular) (Silva, 2005)	Escolaridade: nula ou fundamental Faixa etária: variável entre 25 e 107 anos Gêneros: masculino e feminino	17%	83%
São Carlos (SP) (Monte, A., 2007)	Escolaridade: analfabetos e escolarizados (EJA) Faixa etária: variável entre 22 e 38 anos Gêneros: masculino e feminino	25%	75%
Periferia de São Paulo (Rodrigues, A. C. de S., 1987)	Escolaridade: nula a 4 anos Faixas etárias: 20 a 35, 36 a 50 e + de 51 anos Gêneros: masculino e feminino	29%	71%
Pará (analfabetos) (Nina, 1980)	Escolaridade: nula (somente analfabetos) Faixa etária: variável entre 25 e 75 anos Gêneros: masculino e feminino	29%	71%
Vale do Rio Doce (MG) (Gonçalves, V. de F., 2007)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixas etárias: 15 a 18, 35 a 45 e + de 63 anos Gêneros: masculino e feminino	34%	66%
Araraquara (SP) (Gameiro, 2005)	Escolaridade: variável de nula até mais de 12 anos Faixas etárias: 7 a 15, 16 a 25, 26 a 55 e + de 55 anos Gêneros: masculino e feminino	45%	55%
Vitória da Conquista (BA) (Oliveira, 2005)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixas etárias: 15 a 25, 26 a 49 e + de 50 anos Gêneros: masculino e feminino	51%	49%

Continua

29 Não é intuito desta pesquisa fazer referência a todos os estudos já propostos sobre a variação de CV de 3PP na língua portuguesa, o que, crê-se, pela grande atenção já dedicada ao tema, principalmente nos últimos anos, e pelo grande número de estudos já elaborados, se não impossível, seria tarefa para inúmeros anos de pesquisa. A proposta, diferentemente disso, é demonstrar que o fenômeno, ainda que se encontre exaustivamente catalogado, apresenta diferentes características, a depender, sobretudo, de fatores de ordem diatópica e diastrática.

Quadro 4.45: *Continuação*

Variedade	Características sociais	3PP	3PS
Rio Branco (AC) (Rodrigues, A. C. de S., 1997)	Escolaridade: analfabetos, 1 a 4 e 5 a 8 anos Faixa etária: 20 a 35 anos Gêneros: masculino e feminino	58%	42%
Belo Horizonte (MG) (Faria, 2008)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixa etária: 17 a 29 anos Gêneros: masculino e feminino	65%	35%
Salvador (BA) (Souza, 2011)	Escolaridade: fundamental, médio e superior Faixas etárias: 15 a 24, 25 a 35, 45 a 55 e + de 65 anos Gêneros: masculino e feminino	69%	31%
Rio de Janeiro (Scherre; Naro, 2010)	Escolaridade: 1 a 4, 5 a 9 anos e 9 a 11 anos Faixas etárias: 7 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e + de 49 anos Gêneros: masculino e feminino	73% (1980) 83% (2000)	27% (1980) 17% (2000)
Interior paulista – BDI (2012)	Escolaridade: 1 a 4, 5 a 8, 9 a 11 e 12 anos ou mais Faixas etárias: 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos Gêneros: masculino e feminino	73%	27%
Florianópolis (SC) (Monguilhott; Coelho, 2002)	Escolaridade: 4 e 11 anos Faixas etárias: 15 a 25, 26 a 49 e + de 49 anos Gêneros: masculino e feminino	79%	21%
São Miguel dos Pretos (RS) (Almeida, 2006)	Escolaridade: não especificada Faixas etárias: 16 a 24, 40 a 64 e 65 a 90 anos Gêneros: masculino e feminino	81%	29%
Pelotas (RS) (Welchen, 2009)	Escolaridade: fundamental, médio, superior e pós-graduação Faixas etárias: 15 a 25, 26 a 49 e + de 49 anos Gêneros: masculino e feminino	82%	18%

Quadro 4.46: Concordância verbal de terceira pessoa do plural em diferentes variedades do português europeu

Português europeu			
Variedade	Características sociais	3PP	3PS
Funchal (Portugal) (Bazenga, 2010)	Escolaridade: nula, fundamental, médio e superior Faixas etárias: 18 a 35, 36 a 56 e 57 a 75 anos Gêneros: masculino e feminino	84%	16%
Lisboa (Portugal) (Monguilhott, 2010)	Escolaridade: fundamental e superior Faixas etárias: 15 a 36 e 45 a 76 anos Gêneros: masculino e feminino	91%	9%
Portugal (português popular) (Varejão, 2006)	Escolaridade: nula e até 4 anos Faixas etárias: 18 a 35, 36 a 55 e + de 56 anos Gêneros: masculino e feminino	92,2%	8,8%
Portugal – CRPC (2012)	Escolaridade: 1 a 4, 5 a 8, 9 a 11 e 12 anos ou mais Faixas etárias: 16 a 25, 26 a 35, 36 a 55 e + de 55 anos Gêneros: masculino e feminino	93,9%	6,1%

Como se pode observar, o fenômeno variável de CV de 3PP atinge diferentes frequências em variedades do PB e do PE, o que se comprova pela observação do extremo superior da tabela do PB e do extremo inferior da tabela do PE, que revela discrepância de quase 77 pontos percentuais entre a amostra do interior da Bahia (17% de emprego de verbos em 3PP) e a amostra do CRPC de Portugal (com 93,9% de CV de 3PP). Tal diferença não se mostra relevante somente na observação de amostras de diferentes países, pois, consideradas as variedades do interior da Bahia e de Pelotas (RS), com percentual de 82% de uso de formas verbais de 3PP, há uma separação de 65 pontos percentuais. Da mesma forma, a diferença de frequências entre estudos de regiões próximas, como são os da região noroeste (73% de CV de 3PP) e os da região central do estado de São Paulo (45% de CV de 3PP), pode chegar a 28 pontos percentuais, e entre cidades vizinhas do interior de São Paulo, como são Araraquara (45% de uso de 3PP) e São Carlos (25% de 3PP), a 48 pontos percentuais.

Os resultados alcançados para cada variedade, no PB, dependem dos fatores sociais considerados na composição das amostras de fala das comunidades investigadas, principalmente o fator *escolaridade*. As variedades que apresentaram menores frequências de pluralização verbal são também as que possuem informantes com os menores níveis de escolaridade (amostra do interior da Bahia, escolaridade nula ou fundamental; de São Carlos, analfabetos e escolarizados da EJA; da periferia de São Paulo, escolaridade nula ou de até 4 anos; do Pará, somente analfabetos). Por outro lado, as amostras com maiores frequências de emprego da variante padrão, verbos em 3PP, possuem informantes com escolarização superior. A variedade de Pelotas, a qual apresentou maior frequência de pluralização, inclui informantes com nível superior e com pós-graduação.

Os quadros 4.45 e 4.46 permitem verificar também maiores proximidades e, até mesmo, semelhanças de percentuais, reveladas entre comunidades que não apresentam proximidade geográfica, como se pode verificar entre o estudo da CV da região do Funchal, em Portugal (84% de 3PP), e os estudos da CV de São Miguel dos Pretos (81%) e de Pelotas (82%), ambas no Rio Grande do Sul, que exibem diferença pouco significativa entre elas em termos percentuais. Comparando-se também as frequências do estudo de 1980, reapresentado em Scherre e Naro (2010), que considerou

variedade do Rio de Janeiro, e do estudo da variedade do interior paulista, é possível notar percentuais iguais de CV de 3PP, 73%. O mesmo se pode observar nas pesquisas da periferia de São Paulo e na amostra do Pará, que exibiram, ambas, 29% de emprego de verbos em 3PP para sujeitos de 3PP.

Nas variedades lusitanas, embora as frequências apresentadas em todos os estudos excedam 84% de CV de 3PP, é possível notar a discrepância considerável, de quase dez pontos percentuais, verificada entre o estudo da região do Funchal (84%) e o do CRPC (93,9%). Se para o PB a escolaridade do informante revela-se como fator de extrema relevância no aumento da frequência de emprego da variante padrão, no fenômeno da CV de 3PP no PE, o fator, preliminarmente, não demonstrou influenciar de modo direto a variação, visto amostras com mesmos níveis de escolaridade terem apresentado frequências díspares e, ainda, a variedade do português popular investigada por Varejão (2006) exibir maiores frequências de emprego da variante padrão do que outras variedades portuguesas com informantes de maior escolarização (até mesmo de nível superior), como são as analisadas por Monguilhott (2010) e por Bazenga (2010).

Além das diferenças percentuais em relação ao fenômeno variável de CV de 3PP, é possível notar também que variáveis sociais e contextos linguísticos distintos instauram esses processos nas variedades pesquisadas, como se apresenta no Quadro 4.47.

Quadro 4.47: Ordem de seleção das variáveis para os fenômenos de concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

Variáveis		Fenômeno	CV de 3PP no português brasileiro	CV de 3PP no português europeu
Linguísticas	Posição do sujeito		6 ^a	1 ^a
	Traço semântico do referente do sujeito		5 ^a	2 ^a
	Paralelismo formal discursivo		2 ^a	Não selecionado
	Saliência fônica verbal		3 ^a	Não selecionado
	Paralelismo formal oracional		4 ^a	Não selecionado
	Tipo morfológico do sujeito		Não selecionado	3 ^a
Sociais	Escolaridade		1 ^a	Não selecionado
	Faixa etária		7 ^a	Não selecionado
	Gênero		8 ^a	Não selecionado

O fenômeno variável no PB sofre a influência direta de vários grupo de fatores de ordem social e linguística, o que se confirma pela seleção de oito grupos, dos nove considerados, com destaque para o fator *escolaridade*, primeiro em ordem de relevância.

Para o PE, diferentemente do que ocorre no PB, há a seleção de apenas três grupos, dos mesmos nove. Ademais, não se verifica a seleção de nenhum dos grupos de fatores sociais investigados, o que pode apontar que o fenômeno possui comportamento uniforme nos diferentes estratos sociais considerados.

Os três grupos de fatores linguísticos selecionados na amostra lusitana, todos relacionados ao sujeito (*posição do sujeito, traço semântico do sujeito e tipo morfológico de sujeito*), não obtiveram o mesmo grau de relevância da amostra do PB do interior paulista, já que, desses três, dois foram selecionados em quinto e sexto lugares e o último não foi selecionado. As diferenças em relação às variáveis selecionadas, à ordem de relevância delas e ao percentual de variação evidenciado contribuirão para a explicação das semelhanças e dessemelhanças observadas nos processos.

A seguir, passa-se a tratar das variedades investigadas. Os fatores relevantes no processo variável de CV de 3PP serão apresentados de acordo com a ordem exibida no Quadro 4.47, a iniciar-se pelos fatores linguísticos.

4.7.1 Resultados para as variáveis investigadas no estudo da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro e no português europeu

O grupo *posição do sujeito em relação ao verbo*, selecionado como relevante pelo programa estatístico *GOLDVARB* nas duas amostras, será o primeiro fator a ser analisado para a CV de 3PP.

4.7.1.1 Posição do sujeito em relação ao verbo

Na investigação desse grupo de fatores, como já referido, a hipótese a confirmar é a de que sujeitos distantes de seus verbos, ou sujeitos em posição pós-verbal, distantes ou não dos verbos, tendem a enfraquecer a CV (Lemle; Naro, 1977, entre outros).

Considerando que o português atual é uma língua do tipo SVO (*sujeito + verbo + objeto*) e que admite variação nessa ordenação, foram analisadas

para esse grupo de fatores posições de sujeito anteriores e posteriores ao verbo, controlando, ainda, nos casos de anteposição do sujeito, a distância deste em relação ao verbo.

A seguir são expostos os resultados referentes ao controle desse grupo de fatores para o PB e para o PE.

Quadro 4.48: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *posição do sujeito em relação ao verbo*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
CV de 3PP	Pré-verbal – 0 a 5 sílabas	76,9% 1.384/1.800	0,555	96% 617/643	0,570
	Pré-verbal – 6 a 10 sílabas	67,9% 298/439	0,418	96,9% 158/163	0,536
	Pré-verbal – mais de 10 sílabas	74,2% 239/322	0,477	95,5% 168/176	0,398
	Pós-verbal	38% 34/88	0,132	76,8% 96/125	0,257

No PB, a probabilidade de aplicação da concordância mostrou-se mais elevada nos casos em que o sujeito se antepõe ao verbo, em contextos de menor distanciamento de um em relação ao outro, como observado no Quadro 4.48: sujeito pré-verbal com núcleo distante de zero a cinco sílabas (76,9% de frequência e 0,555 de peso relativo), como na ocorrência (74.a). Os casos de sujeito pós-verbal apresentaram o menor peso relativo (0,132) e apenas 38% de uso da forma verbal de 3PP, ou seja, como previsto, é menor a probabilidade de CV nesses contextos, como se pode observar em (74.b).

(74.a) eu não consegui entender direito... que o amigo meu tava me contando lá...e::...mas *os computadores são* bons...tem...três impressoras também que dá pra imprimir..

[BDI-053-207]

(74.b) aconteceu na minha VI da.. assim ... na adolescê::ncia:: . deixa eu pensar ... na adolescência **aconteceu tantas coisas** ... eu comecei sair ... saía MUI::to ... fiquei reBELde era uma pessoa muito rebelde

[BDI-062-29]

A frequência de 67,9% e o peso relativo de 0,418, apresentados para a categoria de sujeitos pré-verbais com distância de seis a dez sílabas do verbo, na variedade brasileira, são menores do que os verificados para sujeitos próximos do verbo e maiores do que para sujeitos pós-verbais, demonstrando que o alargamento da distância do verbo em relação a seu sujeito, como apresentado em (75), promove, conforme as premissas pré-apresentadas, enfraquecimento da CV (Pontes, 1986).

- (75) e os *político* que é única solução prá gente é os que mais rouba dinheiro... da população

[BDI-024-431]

Não se poderia deixar de notar, contudo, que, para a categoria *núcleo do sujeito em posição pré-verbal, distante mais de dez sílabas do verbo* ((76)), a premissa citada é contrariada, pois o contexto apresenta uma frequência intermediária em relação às duas categorias com sujeito pré-verbal, com 74,2% de emprego de 3PP e um peso relativo acima do esperado (0,477), considerando que em outros trabalhos (Naro; Scherre, 1999) comumente a categoria registra comportamento semelhante à categoria pós-verbal (frequência de 38% e peso relativo de 0,132).

- (76) não... aí chegamos no hospital e me internei... aí *todas as mulheres*... assim que estavam do meu lado **sentia** dores... a bolsa já tinha rompido e a minha NAda...

[BDI-036-48]

A possível explicação para o comportamento desse fator linguístico pode estar justamente na perda da relação estabelecida entre sujeito e verbo, que faz com que não haja um elemento formal próximo (sujeito de 3PP) indicando a pluralização, o que leva à maior necessidade de marcação de plural nos verbos, como forma de manutenção da 3PP, aos moldes do que ocorre nos casos de sujeito desinencial, sobre os quais já se discutiu na seção de CV de 1PP e nos quais a falta do elemento formal sujeito na oração faz com que o verbo receba a desinência de plural.

Os resultados evidenciados para a amostra do PE também revelam a atuação em acordo com a hipótese e em acordo com o comportamento evidenciado em trabalhos que consideraram o fenômeno de CV de 3PP variável no português brasileiro do interior paulista, apresentado anteriormente, com tendência à manutenção das formas verbais de plural em contextos de

sujeito anteposto e próximo ao verbo e de diminuição do uso de verbos em 3PP para contextos de sujeito pós-verbal. Os pesos relativos e as frequências apontam que sujeitos próximos e antepostos aos verbos, como exibido em (77.a), tendem a condicionar o emprego de 3PP (peso relativo de 0,570 e frequência de 96% de verbos em 3PP). Do mesmo modo, os sujeitos antepostos que apresentam distância média em relação ao verbo (cinco a dez sílabas), como o da ocorrência (77.b), também demonstram tendência ao emprego da forma verbal de plural, com peso relativo de 0,536 e frequência de verbos em 3PP de 96,6%. Para sujeitos em posição anterior e de maior distância em relação ao verbo (mais de dez sílabas, como em (77.c)), o peso relativo de 0,398 demonstra que esse contexto desfavorece o uso de verbos no plural, embora a frequência de emprego de 3PP tenha se apresentado pouco menor do que as dos grupos anteriormente apresentados (95,5%). O contexto *sujeito pós-verbal*, como o das ocorrências (77.d) e (77.e), apresenta maior propensão, em relação aos demais contextos, ao uso de formas no singular, com peso relativo de 0,257 e frequência de 76,8%.

(77.a) multa vez. até... vi até *lobos* **mataram** os cães muita, muita aquilo tem os dentes muito grandes, não é, quando, aquilo é uns que traçam mesmo. traçam, fazem logo uns buracos formidáveis.

[BDI-854-8]

(77.b) agora em vindo cá *as pessoas* a pagar promessas **perguntam** por as fitas, digo que as comi, não? digo que o senhor prior que as queimou.

[CRPC-1.055-44]

(77.c) o hábito que tem um cordão e *as senhoras, senhoras*, ou **mulheres**, com pouco mais de quarenta anos que lá **vão** e puxam o cordão ao santo e pedem-lhe um marido.

[CRPC-8.575-20]

(77.d) e... às vezes **aparece** assim também *clientes chatos*...

[CRPC-426-4]

(77.e) só se vê é, é disparates e asneiras, é realmente é o que se vê e, **foi os tais casais** que tiveram aquelas preparações pré-conjugais.

[CRPC-426-4]

Pela análise das amostras da variedade do PE e dos resultados evidenciados para o PB, é possível notar que, embora haja uma diferença percentual

considerável entre os contextos variáveis observados, as tendências verificadas nas duas variedades são muito semelhantes, apontando que, em ambas, a CV de 3PP é influenciada fortemente pelo grupo de fatores *posição do sujeito em relação ao verbo*.

O próximo fator linguístico a ser considerado, *traço semântico do sujeito*, foi selecionado como relevante tanto na amostra do PB quanto na amostra do PE.

4.7.1.2 Traço semântico do sujeito

A hipótese a verificar para o grupo de fatores *traço semântico do sujeito* é de que sujeitos com traço [+humano] tendem a um índice maior de emprego de formas de 3PP do que sujeitos que não têm características humanas. Da mesma maneira, espera-se, embasados em trabalhos anteriores, que sujeitos animados apresentem maior frequência de CV que sujeitos inanimados. A princípio, seria considerada também a categoria *sujeito misto*, para as ocorrências que contivessem sujeitos compostos pelos traços [+humano] e [-humano], como na ocorrência (78), entretanto, não houve ocorrência desses sujeitos na amostra selecionada.³⁰

(78) *aí a irmã dele e os cachorro cheGOU::.... daÍ:: ela pegou vazar eles vaZArAm de lá*

[BDI-012-116]

Observem-se os resultados do PB e do PE para esse grupo de fatores no Quadro 4.49.

Quadro 4.49: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *traço semântico do sujeito*

Traço semântico do sujeito \ Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% N ^o de ocorrências	Peso relativo	% N ^o de ocorrências	Peso relativo
CV de 3PP	[+ humano]	75,7% 555/2.285	0,533	97% 733/756	0,588
	[+ animado]	50% 7/14	0,316	92,3% 24/26	0,326
	[- animado]	58,5% 234/400	0,326	86,8% 282/325	0,316

30 A ocorrência exemplificativa é da amostra de um informante não incluído neste estudo (faixa etária de 7 a 15 anos).

No PB, mesmo que os contextos de sujeitos com traço [+ *humano*], como em (79.a) e (79.b), se destaquem dos demais, exibindo maior propensão ao uso de verbos em 3PP, com percentual de 75,7% de emprego da forma de plural e peso relativo de 0,533, os contextos em que o sujeito possui traço [+ *animado*], como se verifica em (79.c) e (79.d), apresentaram maior propensão ao uso de formas em 3PS do que os sujeitos com traço [- *animado*] (ocorrências (79.e) e (79.f)), com frequência de 50% de uso de 3PP e peso relativo de 0,316. Porém, o baixo número de ocorrências desse contexto (catorze no total) requer certa cautela na interpretação desses resultados estatísticos.

- (79.a) crian::ças... da:: faixa etária de dez anos pra cima já **começam roubar**... já começa a mata::r... já começa a se droga::r já começa::/ sabe?
[BDI-035-515]
- (79.b) sempre eu dou conselho pro meus AMI::go *eles fala* que eu sou um cara care::ta (inint.) então ((risos do informante)) porque porque eu dedico muito no serviço
[BDI-089-130]
- (79.c) no outro dia nós começamos fazer pa/ voltamos a fazer passe::io conhecemos a bahia dos golfi::nhos lá onde *os golfinhos ficam pulan::do*
[BDI-051-220]
- (79.d) e arremessar dentro da água pôr a isca do peixe no caso a (inint.) gosta de massa *outros peixes* já **gosta** de minhoca e iscar que é uma coisa meio/ meio
[BDI-067-305]
- (79.e) lá tava muito frio depois começou ficar frio lá aí *todos os brinquedos pararam* aí a gente começou ficar com medo
[BDI-037-25]
- (79.f) fomos nessa boate...uma boate assim muito louca sabe *os sons é* muito bons assim n/n/n/não é assim da:: os sons não são dessa:: que nem toca aqui em Mirassol
[BDI-073-20]

Em visão geral das amostras do PB, com oposição de sujeitos com traço [+ *humano*] e [- *humano*], todavia, houve favorecimento da marcação de

plural dos primeiros (peso relativo de 0,533) e favorecimento do emprego da forma singular dos últimos (pesos relativos de 0,316 e 0,326, para sujeitos com traço [+ *animado*] e [- *animado*], respectivamente).

Se para o PB do interior paulista a hipótese não foi totalmente confirmada, para as amostras do PE houve a confirmação de todas as premissas, haja vista a categoria que engloba sujeitos com traço [+ *humano*], como o das ocorrências (80.a) e (80.b), ter se apresentado como de maior tendência ao emprego de 3PP, com frequência de 97% de aplicação de verbos em 3PP e peso relativo de 0,588, seguida da categoria que engloba sujeitos com traço [+ *animado*], como o evidenciado em (80.c) e (80.d), que, embora apresentasse fraca tendência à pluralização dos sujeitos, devido ao peso relativo abaixo de 0,5 (0,326), exhibe comportamento intermediário (frequência de 92,3%) entre sujeitos de traço [+ *humano*] e sujeitos de traço [- *animado*]. Os últimos ((80.e) e (80.f)), por sua vez, demonstram favorecimento do uso de verbos em 3PS, com frequência de emprego de 3PP de 86,8% e peso relativo de 0,316.

(80.a) coitado, como é que *os rapazes* **hão de adquirir** a mentalidade, a mentalidade rural, agrária que se quer para os especialistas dos dias de hoje? penso que os rapazes lá em Lisboa devem continuar a estudar coisas de computadores, de físicas, desse género

[CRPC-770-22]

(80.b) há *caçadores* também, por exemplo, de arma branca que não **caça** só coelhos nem lebres, **caça**, por exemplo, um ouriço que é um animal que tem o pêlo bicudo e tem... e focinho de porco

[CRPC-564-10]

(80.c) agora tamos é, tou eu e o major a agarrar nos *outros cavalos todos* que **estão** aí e a pô-los a saltar, aqueles novos que não saltavam

[CRPC-483-2]

(80.d) são todos *animais* do campo que se **pode** utilizar, não para comer... para, para se matar para não, não des(...), não desdenharem por exemplo os ninhos dos outros animais que podem prejudicar, por exemplo, a morte a qualquer pessoa.

[CRPC-564-30]

(80.e) não; temos, temos... *as frutas são* um problema, porque nós não nascemos na fruta, não sabemos nada de fruta, tentamos saber qualquer coisa de fru[ta], não sei se há alguém que sabe, a fruta é muito difícil,
[CRPC-793-12]

(80.f) mas isso, felizmente *os incêndios do monte é* no verão, quando a gente vê o sol, não é, e quando há, quando há, às vezes uma pessoa se for a tempo apaga aquilo depressa
[CRPC-769-12]

Mais uma vez, considerando a atuação do fator *traço semântico do sujeito*, há tendências gerais bastante semelhantes nas amostras do PB e do PE, com sujeitos de traço [+ *humano*] favorecendo o emprego de verbos em 3PP e sujeitos de traço [- *humano*] favorecendo o uso de verbos em 3PS.

Será abordada, na sequência, a variável *paralelismo linguístico discursivo*, selecionada como relevante somente na amostra brasileira.

4.7.1.3 Paralelismo linguístico discursivo

Para o grupo de fatores *paralelismo discursivo*, a expectativa, semelhante à verificada para a 1PP, é de que os contextos em que os verbos anteriores fossem marcados com 3PP favorecessem o uso de 3PP nos verbos posteriores, e, ao contrário, contextos com verbos anteriores em 3PS favorecessem o uso de 3PS nos verbos seguintes.

No Quadro 4.50, seguem os resultados relativos à atuação desse grupo de fatores na CV de 3PP no PB do interior paulista e no PE.

Quadro 4.50: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *paralelismo linguístico discursivo*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
CV de 3PP	Verbo isolado ou 1ª de uma série	75,8% 1.483/1.956	0,508	92,6% 736/795	–
	Verbo anterior em 3PP	84,3% 396/470	0,602	97,4% 295/303	–
	Verbo anterior em 3PS	27,6% 34/123	0,109	88,9% 8/9	–

Os resultados apresentados para o PB do interior paulista assemelham-se aos verificados em outras variedades do PB e aos verificados para a 1PP na variedade do interior paulista; desse modo, a hipótese se confirma, já que os verbos antecidos de verbos com marca de 3PP, como em (81.a), apresentaram alta frequência de marcação de plural (84,3%) e peso relativo consideravelmente superior às demais categorias (0,602), demonstrando que o fator correlaciona-se fortemente com a marcação de plural nos verbos. Os verbos antecidos de verbos com marcas de 3PS, como se observa em (81.b), apresentaram baixa frequência de marcação de plural (27,6%) e peso relativo muito inferior à categoria anterior (apenas 0,109), o que permite afirmar que tal contexto é altamente desfavorecedor da pluralização nos verbos. Para os contextos em que o verbo era o primeiro de uma série ou se apresentava isolado de outros verbos, como em (81.c), a frequência de aplicação foi de 75,8% e o peso relativo foi de 0,508, não sendo possível afirmar categoricamente se há ou não influência na marcação de plural dos verbos. Nesse caso, outros fatores, tanto sociais quanto linguísticos, irão influenciar a “escolha” dos falantes.

(81.a) naquele ano foi uma situação bastante chata que foi para o noivo que até *os noivos* foram hospitalizados... na Santa Casa de Rio Preto... não **puderam** nem seguir para a lua de mel... **ficaram** ali hospitalizados mas felizmente num houve nada num houve óbito

[BDI-113-85]

(81.b) tem uma outra historinha... que ela fala que tinha... nessa fazenda... *meus avôs* fez um cercado... **fez** um pomar de:: jabuticaba... então... quando as jabuticabas nasciam... que estavam na época de colher... eles...ela tocava né... um... beRRANte...

[BDI-102-174]

(81.c) porque muitas vezes na separação... *os filhos* se **dividem**... éh:: um fica com uma avó outro fica com outro éh... (o restante) vai com uma tia ou com u::/ com uma outra irmã...

[BDI-102-351]

Os resultados para o grupo de fatores *paralelismo formal de nível discursivo* confirmam o princípio de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, visto que verbos com marca de plural de 3PP levam ao uso de verbos

em 3PP nas orações subsequentes, e verbos sem marcas de 3PP (em 3PS) levam ao emprego de verbos em 3PS nas orações seguintes.

Embora esse grupo de fatores não tenha sido selecionado para as amostras do PE, é possível notar, com base nas frequências, as mesmas tendências verificadas no PB, pois os maiores percentuais de emprego de 3PP foram verificados na categoria *verbo anterior em 3PP*, e os menores percentuais foram verificados na categoria *verbo anterior em 3PS*. A categoria *verbo isolado ou primeiro de uma série*, também como no PB, apresentou frequência intermediária entre as outras duas.

Na sequência, será considerado o grupo de fatores *saliência fônica verbal*.

4.7.1.4 Saliência fônica verbal

Para o grupo de fatores *saliência fônica verbal*, semelhante ao que se verificou na investigação da CV de 1PP, tem-se a expectativa de que formas mais salientes de plural, em relação às suas formas singulares, tendem a ser mais marcadas do que as formas plurais menos salientes, ou seja, oposições mais salientes são mais perceptíveis e, portanto, aumentam a probabilidade de ocorrência da variante explícita de plural.

No Quadro 4.51, apresentam-se os resultados para esse grupo.

Quadro 4.51: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *saliência fônica verbal*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
CV de 3PP	Mínima	67,7% 1.004/1.483	0,395	93,9% 775/825	–
	Média	78,1% 719/921	0,585	95,3% 164/172	–
	Máxima	84,1% 248/295	0,744	90,9% 100/110	–

Como se pode observar, no PB, o aumento do nível de *saliência fônica* acompanha o aumento do percentual de uso de verbos com desinência de 3PP. Para os verbos em que a *saliência fônica* entre a forma plural e a singular é *mínima*, ou seja, casos em que não há grande distinção entre a desinência de 3PP e a de 3PS ((82)), a frequência de emprego de 3PP é de 67,7% e o peso relativo é de 0,395. Há, portanto, desfavorecimento do uso de plural nesses contextos.

- (82) e:: os funcionários de lá também são bons tem as *as faxinei::ras que...*
que **cuida** [cuidam] da limpeza que tem três elas limpa todas as classes
a esco::la

[BDI-036-294]

Para os níveis de saliência *médio* e *máximo* ((83.a) e (83.b), respectivamente), a frequência de aplicação é de 78,1% e 84,1%, e os pesos relativos são de 0,585 e de 0,744, confirmando que o aumento gradual da *saliência fônica* leva também ao aumento gradual do uso de formas verbais com desinência de 3PP. Além disso, demonstra que esses fatores atuam positivamente na marcação de plural nos verbos.

- (83.a) lá tava muito frio depois começou ficar frio lá aí todos *os brinquedos*
pararam [parou] aí a gente começou ficar com medo

[BDI-036-54]

- (83.b) tudo bem?... olha... e a pessoa que eu gosto... é uma pessoa dos ca-
belos... dos cabelos... castanhos... castanho médio... *os olhos são* [é]
castanho amendoim::... ela tem uma apa/ uma aparência ba::ixo

[BDI-035-274]

No PE, o grupo de fatores *saliência fônica verbal* não foi selecionado, entretanto, tem-se, a seguir, uma análise das frequências e das ocorrências observadas nas amostras, o que contribuirá para maior entendimento das especificidades dos contextos de CV variável no PE.

Chama a atenção o fato de a categoria *saliência máxima* ter apresentado percentual menor que as demais para o emprego de verbos em 3PP (90%). A hipótese, baseada em estudos do PB, era de que esse nível de saliência apresentasse o maior percentual de CV da amostra, o que, no entanto, não ocorreu. Em análise qualitativa das ocorrências com *saliência máxima* que não apresentaram verbos em 3PP (dez ocorrências), foi possível constatar que, em seu total, tratava-se de contextos com o verbos *ser*, como os apresentados em (84.a), (84.b) e (84.c).

- (84.a) mas isso, felizmente *os incêndios do monte* é no verão, quando a gente
vê o sol, não é, e quando há, quando há, às vezes uma pessoa se for a
tempo apaga aquilo depressa.

[CRPC-863-2]

(84.b) : é. e depois há, há isto que, que parece-me, parece-me que tem importância, é que, dantes a farmácia era a farmácia oficina, on[de], onde ha(...), havia... como sabem... agora os *medicamentos* é quase tudo especializado

[CRPC-1.082-20]

(84.c) *as picarias* é um género de touros só para curiosos, não, não é toureio, nem nada; larga-se um touro

[CRPC-784-14]

É possível notar, após o verbo no singular, a presença do predicativo também no singular, um contexto em que a própria gramática normativa admite variação na CV, conforme afirma Bechara (2001, p.558): “[...] em alguns casos, o verbo *ser* se acomoda à flexão do predicativo”.

Ainda em consideração ao grupo de fatores *saliência fônica*, é possível notar que cinquenta dos 68 casos de não pluralização verbal apresentam nível *mínimo* de saliência, caracterizado pela desnasalização da forma verbal de plural ((85.a), (85.b) e (85.c)). Soma-se a isso o fato de 50% desses casos apresentarem sujeito em posição pós-verbal (25 ocorrências), conforme se pode verificar em (85.d) e (85.e).

(85.a) digamos, *colegas de escritório ou dum trabalho qualquer* **via-as** na rua.

[CRPC-1.202-2]

(85.b) umas casas *que vende* selos de maneira que... comprando aos poucos, depois vou comprando, compro alguns, é claro que isso, isso é por, há aquelas marés de, de coleção

[CRPC-1.308-4]

(85.c) lá lhes pedi, eles lá disseram que gostaram de algumas, *doutras* que não lhes **tinha** interessado grandemente, que as não tinham sentido, e o np também se pronunciou e eu perguntava por quê então, e ele disse: “também gostei, sou mau aluno, mas também gostei muito de poesia

[CRPC-093-4]

(85.d) agradava a todos, percebes?, **via-se** lá *madames* com, com brutas cabeleiras e, e oxigenadas, e não sei quê, até (...) hippies, e aqueles tipos armados em revolucionários,

[CRPC-1.292-10]

- (85.e) o império também nas ilhas também se faz, é uma espécie dum, dum onde **toca as bandas de música**, dum coreto

[CRPC-111-16]

Ao reunir as dez ocorrências com o verbo *ser* e as cinquenta ocorrências de *saliência mínima*, restam apenas oito casos de ausência de plural nos contextos de 3PP, fora dos contextos restritos evidenciados. Por meio do cruzamento dos fatores *saliência fônica* e *posição do sujeito*, foi possível verificar que, desses oito casos, quatro apresentaram posposição do sujeito ((86.a) a (86.d)) e um, grande distanciamento do sujeito em relação ao verbo ((86.e)), contextos que desfavorecem o emprego do plural.

- (86.a) Só se vê é, é disparates e asneiras, é realmente é o que se vê. e, **foi os tais casais** que tiveram aquelas preparações pré-conjugais.

[CRPC-725-8]

- (86.b) que eu estava deitada. coisa terrível! **abriu imensas fendas...** quer dizer, estes arranjos assim, mais ou menos aldrabados, são vestígios tudo desse tremor de terra.

[CRPC-79-9]

- (86.c) de maneira que aqueles dez gajos são quase escolhidos assim um bocado ad hoc, percebes? **faz-se** uma autocrítica, as pessoas dizem-te uma série de coisas, portanto, acerca delas, não sei quê não sei quê, que mais. e **vai-se** eliminando *pessoas*, vão, vão outras ficando assentes.

[CRPC-1.333-9]

- (86.d) isto ficou com os co(...), coberto de lodo e depois, quando **acabou as inundações**, o presidente da câmara mandou limpar isto tudo e quando andou aqui pessoal a limpar

[CRPC-964-3]

- (86.e) sai tudo, quer dizer, e... há *clientes* que até dá gosto, pegam nisto, pegam naquilo, pegam no outro, põem tudo em cima do balcão, **faz** a conta e pronto; nem... descontos, nem... faça mais baratinho, nem... não há esses problemas,

[CRPC-75-3]

Somente as três ocorrências restantes não se encaixam nos contextos restritos de variação de CV do PE ((87.a) a (87.c)), todavia duas delas

encontram-se na sequência e são pertencentes ao mesmo falante ((87.b) e (87.c)).

(87.a) desse Sporting havia vários sócios (...) devido a *umas questões quaisquer* que não **foi** do meu tempo, resolvemos criar um outro clube
[CRPC-75-3]

(87.b) tem a sua solução agradável, porque nascem *as culturas de primavera* e não **vai** prejudicar as culturas de sequeiro.
[CRPC-79-3]

(87.c) já vai prejudicar as culturas de sequeiro, que os trigos já estão feitos e, e *as culturas de primavera* já não as **vai** beneficiar, porque já é bastante tarde.
[CRPC-79-3]

Apresenta-se, na sequência, o grupo de fatores *paralelismo linguístico oracional*, relevante somente para as amostras do PB do interior paulista.

4.7.1.5 Paralelismo linguístico oracional

O grupo de fatores *paralelismo formal de nível oracional* foi proposto porque marcas formais existentes no sujeito tendem a se repetir também no verbo, aos moldes do que ocorre no paralelismo formal de nível discursivo, em uma sequência de verbos de mesmo sujeito. A expectativa é de que marcas formais de plural no sujeito sejam acompanhadas de marcas de plural nos verbos (desinências de 3PP) e, em oposição, a ausência de marcas de pluralização no sujeito leve à ausência de marcas no verbo subsquente (verbos em 3PS).

Para esse grupo de fatores, o total de ocorrências analisado foi de 2.176, já que não são consideradas as ocorrências de sujeito do tipo *desinencial*, como em (88), por não apresentarem um elemento formal em posição de sujeito.

(88) se eles falassem alguma coisa... podia ter acontecido o pior né? mas num **reagiram** nada... pegaram pediu as coisa onde tinha os pertence eles falaram num deixaram nada

[BDI-067-65]

Seguem os resultados do *paralelismo linguístico oracional* na CV de 3PP no PB e no PE.

Quadro 4.52: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *paralelismo linguístico oracional*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
CV de 3PP	Presença de plural no último elemento do SN sujeito	80,2% 1.426/1.829	0,547	96,4% 873/906	–
	Ausência de plural no último elemento do SN sujeito	33,5% 69/206	0,167	90% 9/10	–
	Presença de plural no último elemento de um SPrep	73,9% 17/23	0,655	93,3% 14/15	–
	Ausência de plural no último elemento de um SPrep	57,8% 37/64	0,402	90,7% 39/43	–
	Numeral	71,4% 21/30	0,574	90,9% 10/11	–
	Neutralização	79,2% 19/24	0,502	100% 9/9	–

Para o PB, o percentual da categoria *presença de marcas de plural no último elemento do SN-sujeito* ((89.a)) é de 80,2%, com peso relativo de 0,547 para emprego de verbos em 3PP. Embora o peso relativo não exceda em muitos pontos o valor de 0,50, pela comparação desse valor (0,547) com o dos demais do grupo de fatores, esse contexto pode ser considerado favorecedor da presença de marcas de plural nos verbos. A categoria *ausência da forma de plural no último elemento do SN-sujeito* ((89.b)) apresenta percentual de uso de verbos em 3PP de apenas 33,5% e peso relativo de 0,167, valores extremamente baixos em comparação ao percentual e ao peso relativo da categoria anterior, o que confirma que o fator favorece fortemente o uso de 3PS.

(89.a) *se essas pessoas **colocassem** um pouco mais de amor... carinho dentro do coração sabe?... não vamos nos cuidar... vamos dar as mãos e:: vamos seguir em frente a união faz a força*

[BDI-035-532]

(89.b) *as duas moto **ficou** quase em oitocentos reais a minha e a dele mas a dele do que a minha.*

[BDI-080-43]

Considerando a atuação dos fatores *presença* e *ausência da forma plural no último elemento inserido em um SPrep*, no PB, os resultados são semelhantes aos apresentados anteriormente, com percentuais e pesos relativos superiores nas ocorrências em que há a presença da forma plural no último elemento do SN inserido em um SPrep, como em (90.a), e inferiores nas ocorrências em que há a ausência da forma plural, como em (90.b), no entanto, com frequências e pesos relativos de menor discrepância entre presença (73,9% de frequência e peso relativo de 0,655) e ausência (57,8% de frequência e peso relativo de 0,402) da forma de plural no último elemento do SN inserido em um SPrep, em comparação à discrepância verificada entre o par anterior. Esse resultado pode ser justificado pela influência do SPrep dentro da estrutura do sujeito, o que faz com que o distanciamento maior do núcleo do SN-sujeito em relação ao verbo desfavoreça a aplicação de CV de 3PP. Ao fazer uso dessa forma, o falante nem sempre realiza a concordância com o núcleo do sujeito, mas com núcleo do SN imediatamente próximo, seja ele singular, seja ele plural. Pela comparação dos pesos relativos evidenciados para essas duas categorias, fica claro que a presença de um elemento plural no último elemento inserido em um SPrep favorece o emprego de verbos em 3PP, e a ausência desse elemento desfavorece o uso de formas de 3PS.

(90.a) o sinal de zap que seria as manilhas preta que seria de paus né? *todas as manilhas de paus seriam* o zap... que seria dar o/ tem vários sinal mas (inint.) pis/ o piscar né? que seria o sinal do zap e tem a sete copa.

[BDI-067-286]

(90.b) *as mulheres da secretaria vai* lá prá:: matrícula coisa de RG éh:: essas coisas tem a diretora que fica na sala dela que também é boa

[BDI-037-300]

As ocorrências que apresentam *numeral* em posição de sujeito, como verificada em (91), registraram um percentual intermediário entre os apresentados pelos fatores acima (frequência de 71,4% e peso relativo de 0,574), o que pode ser explicado pelas características dessa categoria, já que, apesar de alguns numerais apresentarem terminação em <-s>, esta não é considerada uma marca que diferencia uma forma singular de uma forma plural.

- (91) tomei a direção não que seja melhor dos outros dois meus irmãos que os dois **tão** na mão de funcionário não daria certo

[BDI-067-75]

Mesmo que se optasse pela diferenciação dos numerais terminados em <-s> ((92.a)) e dos não terminados em <-s> ((92.b)), o número reduzido de ocorrências com numerais não terminados em <-s> inviabilizaria a distinção. Dessa maneira, procedeu-se à amalgamação dos casos sob o rótulo de *numerais*, decisão metodológica, porém, que não impede que se observe, pelo peso relativo verificado (0,574), que os numerais em posição de sujeito favorecem o emprego de 3PP.

- (92.a) a vaga era pra uma pessoa mas das três pessoas *duas* **foram** consideradas aptas

[AC-114-47]

- (92.b) pra num ter perigo de roubar né?... acho que tinha::... treze computador que funciona::va... vinte computador acho que *sete* num **funcionava** né?...

[BDI-115-300]

Conquanto os casos de neutralização, como observado em (93), apresentem frequência de CV acima da média (79,2%) e peso relativo de 0,502, não é recomendável considerá-los na análise como casos em que há tendência à realização da concordância devido à presença de <-s> no último elemento do SN-sujeito, pois são contextos em que não se é possível detectar se há ou não a presença da forma plural no último elemento do sujeito. Na ocorrência a seguir, não é possível certificar a presença ou ausência da marca de plural no último elemento do SN-sujeito (*filho(s)*), pois segue-se a ele um advérbio iniciado pela consoante <-s> (*sempre*).

- (93) a gente os *filho(s)* **sempre acaba** sofrendo né por ver aquilo... meu pai não posava em ca::sa coisa que... e naquela época eu era muito criança

[BDI-038-14]

No PE, o grupo de fatores *paralelismo linguístico oracional* não foi selecionado, entretanto, de maneira menos contundente, podem-se notar as mesmas tendências evidenciadas no PB do interior paulista, com maiores frequências de emprego de 3PP nos contextos *presença de plural no último*

elemento do SN-sujeito e presença de plural no último elemento de um SPrep (96,4% e 93,3% de emprego de 3PP, respectivamente) e, em oposição, menores frequências nos contextos *ausência de plural no último elemento do SN-sujeito e ausência de plural no último elemento de um SPrep inserido no SN-sujeito* (90% e 90,7% de emprego de 3PP, respectivamente).

Será considerado, em seguida, o grupo de fatores *tipo estrutural de sujeito*, selecionado na amostra do PE.

4.7.1.6 Tipo estrutural de sujeito

O controle do grupo de fatores *tipo estrutural de sujeito* é proposto para verificação da hipótese de que características presentes em alguns tipos de sujeito podem influenciar a CV. A análise dos fatores desse grupo permite confirmar se sujeitos pronominais, por exemplo, são propensos ou não a atuar na manifestação da CV.

A seguir, são apresentados os resultados para esse grupo de fatores.

Quadro 4.53: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *tipo estrutural de sujeito*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
CV de 3PP	Pronome pessoal	83,5% 764/915	–	99,4% 179/180	0,807
	Oculto ou desinencial	73,8% 456/618	–	96,9% 281/290	0,566
	Composto (núcleo adjacente singular)	40,6% 26/64	–	85% 6/7	0,312
	Composto (núcleo adjacente no plural)	71,4% 15/21	–	100% 9/9	0,830
	Pronome relativo	66,5% 216/325	–	95,7% 225/235	0,447
	Quantificador	56,7% 17/30	–	92,3% 12/13	0,381
	SN-pleno simples	64% 418/653	–	89,1% 286/321	0,348
	Pronome indefinido ou demonstrativo	82% 41/50	–	84,2% 32/38	0,203
	SN-pleno nu	76,9% 10/13	–	70,6% 12/17	0,186

Nas amostras do PE, as características evidenciadas na estruturação dos sujeitos influenciam a CV de 3PP, pois podem-se observar, no Quadro 4.53, diferenças significativas de percentuais e de pesos relativos entre as variantes desse grupo. Destaca-se a discrepância considerável de quase 30 pontos percentuais de frequência e um *range* de 0,621 entre a categoria que apresentou menor frequência (*SN-pleno nu*), como em (92.b), e a categoria com maior frequência de CV (*pronomes pessoais*), como em (94.a). Esta última, aliás, apresentou quase categoricidade no emprego de verbos em 3PP, com frequência de 99,4% (uma ocorrência apenas de uso de 3PS (94.d)) e peso relativo de 0,807, o que demonstra que ela é fortemente favorecedora da pluralização verbal. De modo semelhante, a categoria *sujeito oculto ou desinencial*, conforme se observa em (94.c), mostrou-se favorecedora do uso de verbos em 3PP, haja vista ter apresentado frequência de 96,9% e peso relativo de 0,566.

(94.a) com molhos lá ao modo deles, *eles gostam*, principalmente a gente damos aqui um cabrito que eles adoram, limpam até o pãozinho com... o pão limpam com, no prato aquele molhozinho do pão.

[CRPC-041-2]

(94.b) pois, minha senhora, *vinha capitães*, vinha tudo aflito.

[CRPC-149-10]

(94.c) mas é que no meu tempo – agora já não, está tudo muito; (...) os catecismos, a gente dá os catecismos às crianças, geralmente elas todas sabem ler – mas no meu tempo as **crianças** ainda eram muito pequenas, não **sabiam**.

[CRPC-031-20]

(94.d) mesma coisa. só há, a, as raparigas então ao domingo é que elas... *elas*... lá na cozinha **faz** o jantar

[CRPC-1.055-90]

O peso relativo de 0,830, verificado na categoria *sujeito composto com núcleo adjacente ao verbo no plural* ((95.a)), aponta que essa categoria é favorecedora do emprego de plural nos verbos. Em contrapartida, a categoria *sujeito composto com núcleo adjacente no singular* ((95.b)) revelou-se desfavorecedora do emprego de 3PP, com frequência de 85% e peso relativo de

0,312. A categoria *quantificador* ((95.c)), (92,3%), por sua vez, exibiu peso relativo de 0,381, valor que sugere que o contexto desfavorece o uso de 3PP.

(95.a) tudo muito bem; quando *o tabaco e os fósforos acabaram*, já se viu mais apertado com eles... chegou então à beira duma povoação chamada (...) e foi então lá fazer levantar o taberneiro às três da manhã e, e comprou tabaco e fósforos

[CRPC-785-22]

(95.b) é só praticamente... *ginástica e ténis de mesa* é só os únicos desportos que eles praticam. nós lá em cima não, praticamos todos

[CRPC-785-12]

(95.c) agora veja se por exemplo esses sessenta mil operários, que só *trinta mil fossem* casados, portanto eram mais trinta mil pessoas, depois desses trinta mil que só quinze mil tivessem dois, dois filhos que é o, normalmente é o que se tem, portanto eram mais trinta mil pessoas

[CRPC-135- 2]

Retomando, nesse momento, Naro (2003), é importante verificar não somente se o peso relativo do contexto observado ultrapassa ou não o valor de 0,5, mas também se ele, em face dos demais, pode ser considerado como favorecedor de uma variante ou de outra. Partindo do extremo inferior do Quadro 4.53, é possível verificar que sujeitos do tipo *SN-pleno nu* são desfavorecedores do emprego de verbos em 3PP, pois apresentam a menor frequência e o menor peso relativo de todos os contextos observados (70,6% e 0,186, respectivamente). Da mesma maneira, sujeitos representados por pronomes indefinidos ou demonstrativos, como em (96.a), registraram frequência de 84,2% e peso relativo de 0,203, que superaram somente os valores da categoria anterior, ou seja, comparada às demais categorias, essa também tende a desfavorecer a CV de 3PP, juntamente com a categoria *SN-pleno simples* ((96.b)), que, embora apresentasse frequência e peso relativo pouco maiores (89,1% e 0,348), em equiparação com as categorias *pronomes pessoais* e *sujeito oculto o desinencial*, também é desfavorecedora do uso de verbos em 3PP junto a sujeitos de 3PP.

(96.a) e há aquele género de, de rapazes que não fazem absolutamente nada, vivem à custa dos pais – e *alguns já são* grandes – e eu conheço exem-

plos e conhe(...), e conheço-os a eles... eu não concordo. levam uma vida de café e não fazem mais nada,

[CRPC-832-9]

(96.b) só se vê é, é disparates e asneiras, é realmente é o que se vê. e, **foi os tais casais** que tiveram aquelas preparações pré-conjugais.

[CRPC-711-2]

Em posição intermediária estão os contextos com pronomes relativos, como em (97), que, neste estudo, ainda que exibam frequência de 95,7% e peso relativo pouco abaixo de 0,5 (0,447), podem ser analisados como neutros ou sem favorecimento de uma ou outra variante dependente no processo de variação.

(97) e especialmente no nosso país escasseiam precisamente essas... escolas técnicas **que existem** noutros países e que aqui não se consegue nada e a formação, tirando o ensino médio, ou o ensino liceal, curso comercial, praticamente, tecnicamente, e tecnicamente não há qualquer escola

[CRPC-476-2]

Não é demais chamar a atenção para o baixo número de ocorrências de algumas categorias, como *sujeito composto com núcleo adjacente ao verbo no singular e com núcleo adjacente ao verbo no plural* (sete e nove ocorrências, respectivamente), *quantificador* (treze ocorrências) e *SN-pleno nu* (dezesete ocorrências), o que sugere que os resultados apresentados para esses contextos sejam observados com ponderação. No intento de justificar as tendências exibidas para algumas categorias, essas observações serão retomadas mais adiante.

O contexto em que se verifica o pronome de 3PP (*eles/elas*) como sujeito denota tendência semicategórica ao emprego de 3PP, justificada pelas características desse contexto, entre elas o fato de a representação de plural no sujeito, nesse contexto, estar presente em um único elemento, como se observa na ocorrência (98.a). A não ocorrência de posposição desse tipo de sujeito em relação ao verbo também pode contribuir para a tendência apresentada, pois essa posição é comum a outros contextos, como os de sujeito do tipo *SN-pleno simples* e *SN-pleno nu*, verificados em (98.b) e (98.c), e se mostrou extremamente propensa ao emprego de formas verbais de 3PS, conforme já constatado. As categorias de sujeito que se apresentaram como de menor

tendência ao uso dos verbos em 3PP, inclusive, são passíveis de posposição do sujeito, o que influenciou sobremaneira a diminuição da frequência. Essa característica foi verificada como muito recorrente para a categoria *SN-ple-no nu* ((98.c) e (98.d)) (doze das dezessete ocorrências), demonstrando também, não por coincidência, ser a mais propensa ao uso de 3PS.

(98.a) acerca dum medicamento novo que *eles lançaram* era um, um calmante que *eles lançaram*. e, e eu sou capaz de não errar se disser que dez por cento dos medicamentos que vendo são calmantes

[CRPC-1.082-60]

(98.b) quando tinha vagar, portanto normalmente antes de me deitar... ou **falhava-me os dedos**, ou falhava-me o sopro, ou falhava-me aquilo.

[CRPC-710-8]

(98.c) as pessoas dizem-te uma série de coisas, portanto, acerca delas, não sei quê não sei quê, que mais. e **vai-se eliminando** pessoas, vão, vão outras ficando assentes.

[CRPC-1.230-12]

(98.d) olha, deixa, espera lá, **deve vir** aí *meninas* a comprar qualquer coisa – e eu estava à hora do almoço a cozinhar

[CRPC-1.292-2]

Em relação aos sujeitos do tipo *oculto ou desinencial*, em confirmação ao que já fora afirmado para a CV de 1PP, a propensão maior à pluralização verbal pode ser justificada pela falta de referente explícito de 3PP nos sujeitos, o que leva a maior necessidade de marcação de plural nos verbos, nesses contextos, único elemento a receber marca número-pessoal na oração, como se pode observar na ocorrência (99.a). Os verbos em 3PS, conforme já mencionado, podem ocasionar ambiguidade, por serem usados em conjunto com ampla gama de pronomes pessoais, nas variedades não padrão, como se verifica com a mudança de verbo em 3PP da ocorrência (99.b) para verbo em 3PS, em (99.c).

(99.a) que já ninguém quer viver nos montes. ora pois se *eles* têm as aldeias, onde **podem** ver a televisão à noite **podem** conviver com, com as outras pessoas,

[CRPC-673-5]

- (99.b) a mulherzinha da limpeza andava lá no trabalho dela, e os soldados depois entravam e **saíam** com as botas sujas e não sei... e, se mais coisas sujas – calças e tudo! – **salpicavam** aquilo tudo, e então a... um dos s(...) um deles, ou o np, ou lá um dos camaradas, disse para os soldados, lá para um dos soldados;

[CRPC-1.071-2]

- * (99.c) a mulherzinha da limpeza andava lá no trabalho dela, e os soldados depois entravam e **saía** com as botas sujas e não sei... e, se mais coisas sujas – calças e tudo! – **salpicava** aquilo tudo, e então a... um dos s(...) um deles, ou o np, ou lá um dos camaradas, disse para os soldados, lá para um dos soldados;

Em (99.c), a mudança dos verbos com sujeito do tipo *oculto ou desinen-cial* para 3PS ocasiona a ambiguidade de referente, principalmente no último contexto, da forma verbal *salpica*, que pode apresentar como referente *mulherzinha da limpeza* ou *soldados*. Nesses casos, é comum que os falantes optem pelo uso de 3PP.

O grupo de fatores *tipo estrutural de sujeito* não foi selecionado como relevante para as amostras do PB, entretanto é importante frisar que algumas categorias apresentaram frequências de pluralização com as mesmas tendências da amostra do PE. A categoria de sujeito do tipo *pronomes pessoais*, no PB, exibiu frequências mais elevadas do que a média da amostra (83,5%), como ocorreu também na variedade portuguesa. Do mesmo modo, os sujeitos compostos com núcleo adjacente ao verbo no singular e os sujeitos do tipo *SN-pleno simples* e *SN-pleno nu* atingiram baixa frequência de emprego de 3PP (40% e 64%, respectivamente), o que ocorreu também no PE (89,1% e 70,6%, respectivamente, considerando uma média de mais de 94% de uso de 3PP). Algumas outras categorias, porém, não apresentaram tendências semelhantes, como a categoria *pronomes indefinidos* ou *demonstrativos*, que na amostra do PE se revelou desfavorecedora do emprego de 3PP e na amostra brasileira apresentou frequência de pluralização acima da média.

Como já demonstrado, os fatores sociais considerados nesta pesquisa revelaram-se relevantes apenas para as amostras do PB. Em seguida, exibem-se os resultados para cada um desses fatores, iniciando pelo fator *nível de escolarização dos informantes*.

4.7.1.7 Escolaridade

Em relação ao grupo de fatores *escolaridade*, considerado mais relevante no processo de CV variável de 3PP no PB, as premissas são as já apresentadas para os fenômenos variáveis relacionados à 1PP do discurso, ou seja, há expectativa de que falantes com menores níveis de escolarização, por possuírem menor contato com a variante padrão (verbos em 3PP) presente no ambiente escolar, tendam mais ao uso da variante não padrão (verbos em 3PS). Em contrapartida, falantes com mais anos de escolarização apresentariam maior frequência de uso da forma normativa.

A elevação substancial do uso da forma-padrão associada ao aumento do nível de escolarização pode apontar desprestígio da forma não padrão e, por consequência, prestígio da variante padrão. No Quadro 4.54 estão os resultados referentes a esse grupo de fatores.

Quadro 4.54: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *escolaridade*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
CV de 3PP	Faixa 1 (1 a 4 anos)	52,1% 241/463	0,224	91,9% 329/358	–
	Faixa 2 (5 a 8 anos)	65,6% 489/745	0,407	93,9% 184/196	–
	Faixa 3 (9 a 11 anos)	77% 465/604	0,519	93,7% 222/237	–
	Faixa 4 (12 ou mais anos)	87,5% 776/887	0,713	96,2% 304/316	–

Considerando as frequências e os pesos relativos apresentados, confirma-se totalmente a hipótese clássica da atuação da variável *escolaridade* sobre fenômenos variáveis, já que tanto a primeira quanto o segundo crescem gradativamente de acordo com o aumento do nível de escolaridade dos informantes. Ocorrências de informantes com maior escolarização (*faixa 4 – 12 anos ou mais*) registram maiores percentuais e pesos relativos para uso de verbos em 3PP (87,5% e 0,713, respectivamente), aos quais se seguem, ordenadamente, os índices de informantes da *faixa 3 (9 a 11 anos de escolarização)* (77% de frequência e 0,519 de peso relativo), os de informan-

tes da *faixa 2 (5 a 8 anos)* (65,6% de frequência e 0,407 de peso relativo) e, por fim, os de informantes de mais baixo nível de escolaridade, da *faixa 1 (1 a 4 anos)* (52,1% de frequência e 0,224 de peso relativo). Assim, também para a comunidade de fala do interior paulista, confirma-se a premissa de que quanto maior o nível de escolaridade, maior a probabilidade de aplicação da regra de CV de 3PP. Entre informantes da *faixa 1* e da *faixa 4*, há uma diferença de mais de 35 pontos percentuais, o que demonstra haver rejeição da forma não padrão, *verbos em 3PS*, forte indício de que a forma é estigmatizada por determinados estratos sociais da comunidade. Em oposição, a propensão ao uso da forma-padrão, *verbos em 3PP*, por falantes mais escolarizados revela também que essa forma é a prestigiada. Para total validade dessas afirmações, torna-se necessária a consideração dos outros fatores sociais envolvidos no processo de variação e também selecionados estatisticamente.

Em relação aos percentuais de emprego de 3PP exibidos pelas diferentes faixas de escolaridade no PE, é possível verificar diferença de pouco mais de quatro pontos entre a faixa de menor escolaridade (*1 a 4 anos*) (91,9%) e a faixa de maior escolaridade (*12 anos ou mais*) (96,2%), o que sugere, mesmo que discretamente, a influência positiva da escola no emprego da variante-padrão. As faixas intermediárias de escolaridade (*5 a 8 anos* e *9 a 11 anos*) também tiveram patamares intermediários de CV (93,9% e 93,7%, respectivamente), ficando entre as faixas de menor e maior escolaridade.

4.7.1.8 Faixa etária

O grupo de fatores *faixa etária* do informante é controlado, conforme já mencionado, para a verificação da implementação do fenômeno variável no estrato social (Weinreich; Labov; Herzog, 2006), pela observação de informantes de diferentes idades que, por consequência, pelo princípio do tempo aparente, refletirão a língua falada em diversas épocas.

Assim, grandes contrastes verificados entre os informantes mais jovens e os de maior idade indiciam mudança em direção a uma das variantes. Por outro lado, comportamento uniforme das faixas etárias em relação ao fenômeno é indício de um fenômeno variável relativamente estabilizado na comunidade. Os resultados para esse grupo de fatores encontra-se no Quadro 4.55.

Quadro 4.55: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *faixa etária*

Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
CV de 3PP	16 a 25 anos	75,1% 405/539	0,466	93,4% 185/198	–
	26 a 35 anos	68,5% 387/565	0,416	93,9% 275/293	–
	36 a 55 anos	75,3% 584/776	0,552	94% 487/518	–
	Mais de 55 anos	72,6% 595/819	0,530	93,9% 92/98	–

Conforme evidenciado, há relativa uniformidade entre as faixas etárias consideradas, com apenas 2,5 pontos percentuais separando a faixa de maior idade (72,6%) da faixa de menor idade (75,1%), o que sugere que o fenômeno variável provavelmente não sofrerá grandes alterações nas próximas gerações e, ainda, que se trata de uma variação relativamente estável. Com base em uma visão dicotômica dos pesos relativos, seria possível afirmar que as faixas de maior idade (36 a 55 anos e mais de 55 anos) se apresentam como mantenedoras da forma conservadora (verbos em 3PP), com pesos relativos de 0,530 e 0,552, e as faixas de menor idade (16 a 25 anos e 26 a 35 anos) demonstram ser propulsoras da forma inovadora (verbos em 3PS), com pesos relativos de 0,446 e 0,416. Entretanto, uma observação mais acautelada revela não haver também entre esses pesos relativos diferença maior do que um décimo e meio. Não obstante as duas se situem acima de 0,5 e as outras duas, abaixo desse valor.

Destaque deve ser dado apenas para o comportamento da faixa de informantes de 26 a 35 anos, que, diferentemente das demais, apresenta percentual inferior a 70% (68,5%) e peso relativo de 0,416.

No que diz respeito aos resultados exibidos no PE para o grupo de fatores *faixa etária*, os percentuais de grande semelhança (93,4%, 93,9%, 94% e 93,9%, respectivamente, partindo da faixa de menor idade para a de maior idade) confirmam a validade da não seleção desse fator no processo de variação e a homogeneidade de comportamento dos informantes da amostra em relação a ele.

O último grupo de fator de que se tratará é a variável *gênero do informante*, também selecionada somente para a amostra do PB.

4.7.1.9 Gênero

Para o grupo de fatores *gênero*, há a expectativa de que as mulheres apresentem maior emprego de verbos em 3PP do que os homens, se a forma inovadora e não padrão se confirmar como estigmatizada na comunidade. Previamente, tal emprego maior já se revela como verdadeiro pela consideração dos resultados relativos à influência da *escolaridade* no processo de variação. O Quadro 4.56 exhibe os resultados da atuação do *gênero* sobre a CV de 3PP para o PB.

Quadro 4.56: Concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu: resultados para a variável *gênero*

Gênero \ Variedade		Português brasileiro – BDI		Português europeu – CRPC	
		% Nº de ocorrências	Peso relativo	% Nº de ocorrências	Peso relativo
CV de 3PP	Masculino	70% 908/1.284	0,469	92,9% 560/603	–
	Feminino	75,1% 1.063/1.415	0,528	95% 479/504	–

Os resultados para a estratificação das amostras em relação ao *gênero* do informante evidenciam a confirmação da expectativa de que as mulheres tendem mais ao emprego de verbos em 3PP junto de sujeitos de 3PP do que os homens; todavia a diferença exibida é modesta, próxima dos cinco pontos percentuais em favor de informantes do gênero feminino (75,1%, contra 70% dos informantes do gênero masculino), e com pesos relativos bastante próximos (0,528 na amostra feminina, contra 0,469 na amostra masculina).

O maior favorecimento de informantes do gênero feminino ao emprego da variante padrão (verbos em 3PP), aliado aos resultados observados no item 4.7.1.7, que tratou da variável *escolaridade* no fenômeno variável de CV de 3PP (os quais indicaram forte tendência à elevação do emprego da forma de 3PP ligada diretamente ao aumento dos anos de escolarização dos informantes), ratifica o rótulo de variante prestigiada na comunidade à variante padrão, *verbos em 3PP*, e, por consequência, o rótulo de variante estigmatizada à variante não padrão, *verbos em 3PS*.

Com base na semelhança de comportamento verificada nas diferentes faixas etárias consideradas e com base na constatação de que a variante inovadora é estigmatizada pelos mais escolarizados e por representantes do gênero feminino, parece haver possibilidade restrita de mudança em direção à variante inovadora, *verbos em 3PS*, no PB do interior paulista.

No PE, assim como verificado para o fator *escolaridade*, a diferença de percentual entre falantes do gênero masculino e do gênero feminino foi pequena, chegando a pouco mais de três pontos percentuais (92,9% de emprego de verbos em 3PP para homens e 95%, para mulheres), porém não se pode deixar de notar o maior emprego da forma de CV padrão por parte das mulheres, conforme hipótese geral e conforme se evidenciou nos outros fenômenos investigados em que a forma inovadora era estigmatizada.

Retomando alguns resultados, há, para a variação de CV de 3PP no PE, apenas três fatores selecionados como relevantes, o que pode ser justificado previamente pela alta frequência de pluralização verbal (93,9%), ou, em outros termos, pela baixa frequência de variação.

A consideração dos três fatores selecionados revelou que os contextos em que a variação se dá de forma mais explícita são restritos, cabendo aos outros contextos um processo semicategórico de emprego de 3PP, com percentuais que superam os 95%.

Em relação ao grupo de fatores *posição do sujeito*, a variação ocorre de forma mais efetiva somente nos contextos de posposição do sujeito, com percentuais que realmente indicam fenômeno variável.

Para o grupo *traço semântico do sujeito*, somente os contextos de sujeitos com traço [- *humano*] apresentaram-se como passíveis de variação, por registrar percentuais abaixo de 92%, pois o contexto com sujeitos de traço [+ *humano*] (por seu elevado percentual) mostrou-se como semicategórico em relação ao emprego de verbos em 3PP.

Nos contextos considerados para o grupo de fatores *tipo estrutural de sujeito*, o fenômeno de variação ficou restrito aos sujeitos do tipo *SN-pleno simples, pronome indefinido ou demonstrativo e composto com núcleo adjacente ao verbo no singular*, já que os sujeitos do tipo *pronome pessoal, oculto ou desinencial e pronome relativo* também apresentaram CV de 3PP semicategórica, e os sujeitos do tipo *quantificador e SN-pleno nu* exibiram número de ocorrências que restringe a análise.

Associada a essas constatações, tem-se ainda a não seleção de nenhuma das variáveis sociais consideradas, com percentuais muito semelhantes para todos os estratos sociais analisados, o que, neste contexto, determina a impossibilidade de ampliação da frequência de emprego da variante inovadora, *verbos em 3PS*, pois nenhum dos estratos sociais demonstra ser precursor da mudança. Além disso, a igualdade de percentuais, verificada sobretudo em relação aos fatores *gênero* e *escolaridade*, denota não haver estigma da variante inovadora, que também é não padrão, por serem específicos os contextos em que se verifica o seu emprego.

Com base nas evidências apresentadas, reitera-se que a CV de 3PP no PE é um fenômeno semicategórico, que apresenta variação mais ampla somente em contextos específicos, como são os contextos de posposição do sujeito e de emprego da cópula com o verbo *ser* e os contextos de saliência mínima, nos quais as formas de plural e singular se diferenciam apenas pela nasalização da vogal final.

CONCLUSÕES

A discussão empreendida ao longo desta obra permitiu a confirmação da ocorrência de fenômenos variáveis, de maior ou menor amplitude, desde a primeira pessoa do singular até a terceira pessoa do plural. Por meio da pesquisa bibliográfica, da observação dos *corpora* adotados e da análise estatística, foi possível detectar variação: na concordância verbal de primeira pessoa do singular, na alternância pronominal de segunda pessoa do singular e na concordância verbal de segunda pessoa do singular com o pronome *tu*, na concordância verbal de terceira pessoa do singular, na alternância pronominal de primeira pessoa do plural, na concordância verbal de primeira pessoa do plural com os pronomes *nós* e *a gente*, na alternância pronominal de segunda pessoa do plural, na concordância verbal de segunda pessoa do plural e na concordância verbal de terceira pessoa do plural.

Atestou-se que as variedades do português europeu, assim como as variedades do português brasileiro, apresentam fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal, ainda que não possuam exatamente as mesmas características dos fenômenos das variedades presentes no Brasil.

Retomam-se aqui os principais resultados exibidos para os fenômenos analisados quantitativamente e qualitativamente (a alternância pronominal de primeira pessoa do plural, a concordância verbal de primeira pessoa do plural com *nós* e com *a gente* e a concordância verbal de terceira pessoa do plural), para que sejam elaboradas as considerações finais a respeito das variedades investigadas na pesquisa.

Em relação à **alternância pronominal de primeira pessoa do plural**, com base nos *corpora* do português brasileiro e do português europeu, foi possível verificar que o fenômeno ocorre nas duas variedades, mas, no português brasileiro do interior paulista, há predominância da forma *a gente* e, no português europeu, prevalece o pronome padrão, *nós*. Na comparação com resultados obtidos para outras variedades do português brasileiro, constatou-se, na maioria dos trabalhos, a predominância da forma *a gente* sobre a forma *nós*, o que demonstra que o processo de variação encontra-se em diferentes estágios no português brasileiro e no português europeu, mais avançado naquele e menos neste.

A diferença entre o português brasileiro do interior paulista e o português europeu não se restringe somente às discrepâncias de percentuais de emprego das formas em concorrência, pois diferentes grupos de fatores se mostraram atuantes nos processos variáveis, com seis atuando no português brasileiro do interior paulista – quatro linguísticos (*paralelismo discursivo*, *saliência fônica*, *grau de determinação do sujeito* e *tempo e modo verbal*) e dois extralinguísticos (*escolaridade* e *faixa etária*) – e apenas três no português europeu – um linguístico (*paralelismo discursivo*) e dois extralinguísticos (*escolaridade* e *gênero*).

O *paralelismo discursivo* foi o único fator linguístico apontado como relevante nas duas amostras investigadas, com atuação de tendências bastante semelhantes em ambas as variedades. Os contextos antecedidos do pronome *nós* ou de formas verbais em primeira pessoa do plural demonstraram ser favorecedores do emprego do pronome *nós*, e os contextos antecedidos do pronome *a gente* ou de formas verbais em terceira pessoa do singular revelaram-se favorecedores do pronome *a gente*.

No português brasileiro do interior paulista, o grupo de fatores *saliência fônica verbal* permitiu a confirmação de que alguns contextos, como os de *saliência mínima* e *saliência esdrúxula*, favorecem o emprego da forma não padrão, *a gente*, e, em contrapartida, os níveis de *saliência média* e *saliência máxima* contribuem para o emprego da forma-padrão, *nós*. Deve-se salientar, entretanto, a relação, no português brasileiro, entre os contextos variáveis desse grupo de fatores e os do grupo *tempo e modo verbal*. No português europeu, a não seleção da variável *saliência fônica* e a seleção da variável *tempo e modo verbal* revelam configuração distinta do fenômeno na variedade europeia.

Em relação à atuação da variável *grau de determinação do sujeito*, confirmou-se, para a amostra brasileira, a hipótese de preferência de uso da forma *a gente* para referência a sujeitos genéricos e da forma *nós* para referência a sujeitos específicos e definidos. Já no português europeu, embora essa variável não tenha sido selecionada, as frequências evidenciaram maior emprego da forma *a gente* para referência a sujeitos definidos e específicos e maior uso do pronome *nós* para sujeitos de referente genérico e indefinido.

O controle do grupo de fatores *tempo e modo verbal* revelou que, no português brasileiro, a forma *nós* tem seu uso mais vinculado a formas verbais do pretérito perfeito do indicativo e a forma *a gente*, a formas do presente do indicativo. Como mencionado na análise dos resultados, o grupo de fatores *saliência fônica* apresenta contextos variáveis que se relacionam diretamente com os contextos do grupo de fatores *tempo e modo verbal*, pois, conforme visto, verbos no pretérito perfeito do indicativo possuem maiores níveis de *saliência (médio e máximo)*, que, por sua vez, levam ao maior emprego da forma conservadora, *nós*. Em contrapartida, verbos no presente apresentam níveis de *saliência mínima e máxima* (esta somente para o verbo *ser*), podendo ou não contribuir para o emprego da forma inovadora, *a gente*. Não é demais lembrar, nestas conclusões, que os diferentes níveis de *saliência fônica verbal* promovem também diferentes influências na concordância de primeira e terceira pessoa do plural. No português europeu, o grupo de fatores não foi selecionado como relevante na alternância pronominal. As categorias *pretérito perfeito do indicativo* e *presente do indicativo* e do *subjuntivo* apresentaram praticamente as mesmas frequências de emprego dos pronomes alternantes.

Levando em conta algumas variáveis formais, como *paralelismo discursivo*, as amostras apresentam comportamento com tendências semelhantes, porém, considerando as variáveis linguísticas funcionais, como *traço semântico do sujeito* e *tempo e modo verbal*, há diferença significativa de comportamento em cada um dos contextos variáveis, sugerindo que o fenômeno variável se sujeita às mesmas “pressões” formais, ainda que os pronomes exerçam funções diferentes em cada uma das variedades.

A estratificação dos informantes por anos de escolarização, no português brasileiro, permitiu verificar comportamento semelhante, em relação à alternância pronominal de primeira pessoa do plural, de informantes de diferentes faixas de escolaridade (*1 a 4 anos* e *12 anos ou mais de escolariza-*

ção), com tendência maior ao emprego da forma conservadora *nós* do que as outras faixas de escolaridade (5 a 8 anos e 9 a 11 anos de escolarização), o que aponta estabilidade em relação ao fenômeno variável considerado. A observação desse resultado, em conjunto com os resultados obtidos para a concordância verbal de primeira pessoa do plural, permitiu constatar que a possível semelhança de comportamento de faixas escolares tão distintas não se confirmou para o fenômeno da concordância verbal de primeira pessoa do plural com *nós*, de que se tratará adiante.

Na amostra do português europeu, os resultados para o fator *escolaridade* revelaram maior tendência ao uso da forma inovadora, *a gente*, somente entre os falantes com menor nível de escolaridade (1 a 4 anos), já que as outras faixas escolares apresentaram propensão ao emprego da forma conservadora, *nós*. Esses resultados indicam que os anos de escolarização são importantes para a manutenção da forma-padrão, conservadora, *nós*.

Em relação à atuação do fator social *faixa etária*, na amostra brasileira, foram observadas tendência de aumento do emprego da forma inovadora nas faixas etárias mais jovens, o que denota implementação de *a gente* sobre *nós*, por processo de sucessão geracional. No português europeu, o grupo *faixa etária* não foi selecionado como relevante, entretanto os resultados apontam maiores frequências de emprego da forma pronominal padrão, *nós*, por parte das gerações de menor idade.

A consideração dos resultados para a atuação do fator *gênero* no fenômeno variável de alternância pronominal no português europeu permitiu verificar forte discrepância entre homens e mulheres, com grande inclinação masculina ao emprego de *a gente* e feminina ao emprego de *nós*.

Os resultados da influência do fator *gênero*, em conjunto com os resultados da influência do fator *escolarização* na alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português europeu, mostram que o pronome *a gente* é estigmatizado na comunidade da variedade portuguesa, já que informantes do gênero feminino e informantes de maior escolarização tendem a evitar o emprego da forma inovadora, *a gente*, optando pelo emprego da forma conservadora, *nós*.

No português brasileiro, o fator *gênero* não foi selecionado e as frequências apontam comportamentos bastante semelhantes entre homens e mulheres no emprego dos pronomes *nós* e *a gente*, constatação que, aliada ao comportamento semelhante dos mais escolarizados e dos menos escolari-

zados para o mesmo fenômeno, denota que não há estigma da variante não padrão, *a gente*.

Além disso, a maior propensão ao uso da forma inovadora por parte dos falantes mais jovens, atrelada à constatação de prestígio dessa forma, demonstra ocorrer na comunidade do interior paulista um processo de mudança em progresso, com a elevação da frequência de uso da variante inovadora, *a gente*, e a conseqüente diminuição de emprego da variante conservadora, *nós*.

No português europeu, os resultados para os grupos de fatores sociais *escolaridade* e *gênero* – que apontam desfavorecimento da forma inovadora pelos mais escolarizados e pelas mulheres, além da não seleção do fator *faixa etária* pelo programa estatístico *GOLDVARB* – permitem interpretar que não há mudança em progresso em relação ao fenômeno da alternância pronominal de primeira pessoa do plural. Contrariamente a isso, no fenômeno variável de alternância pronominal no português europeu, há variação estável, com tendência ao predomínio da forma-padrão *nós* sobre a forma não padrão *a gente*.

Referente à **concordância verbal de primeira pessoa do plural**, foram investigados dois processos variáveis, emprego de verbos em primeira pessoa do plural e terceira pessoa do singular com a forma *a gente* e emprego de verbos em primeira pessoa do plural e terceira pessoa do singular com o pronome *nós*.

A **concordância verbal de primeira pessoa do plural com a forma pronominal nós** somente se revelou fenômeno variável no português brasileiro do interior paulista, visto, nas amostras do português europeu, ter se verificado emprego categórico de formas verbais de primeira pessoa do plural.

Os resultados gerais observados em outras variedades do português brasileiro mostram que a variação, mesmo que não ocorra no português europeu, é amplamente observada no Brasil. Nas amostras de fala do interior paulista, para o fenômeno variável de concordância verbal de primeira pessoa do plural com *nós*, houve grande predomínio do emprego de formas verbais de primeira pessoa do plural com o sujeito *nós* (85,5%), com a seleção de três variáveis linguísticas (*saliência fônica*, *paralelismo discursivo* e *explicitude do sujeito*) e duas sociais (*escolaridade* e *faixa etária*).

Considerando a atuação do fator *saliência fônica verbal*, os resultados permitem constatar que maiores níveis de *saliência*, como os níveis *médio*

e *máximo*, favorecem o emprego de verbos em primeira pessoa do plural e menores níveis contribuem com o uso de verbos em terceira pessoa do singular. Em relação ao nível *saliência esdrúxula*, constatou-se também que os falantes tendem a evitar emprego de formas verbais proparoxítonas (de primeira pessoa do plural), recorrendo, nesses casos, com maior frequência, a formas em terceira pessoa do singular (não proparoxítonas).

Para o grupo de fatores *paralelismo discursivo*, as premissas foram confirmadas, pois houve maior tendência ao emprego de formas de primeira pessoa do plural nos contextos em que se verificava verbo em primeira pessoa do plural em oração anterior e maior tendência ao uso de formas de terceira pessoa do singular nos contextos em que havia verbo em terceira pessoa do singular em oração anterior.

O controle da *explicitude do sujeito* permitiu a constatação, conforme se previa, de que contextos de *sujeitos ocultos ou desinenciais*, os quais não possuem referente formal e explícito na própria oração, favorecem o emprego de formas verbais de primeira pessoa do plural, o que se justifica por ser, nesse caso, a desinência verbal, a única marca de referência à primeira pessoa do plural do discurso. Em oposição, o contexto de *sujeito explícito* favorece o uso de terceira pessoa do singular, justificada pela presença de marcas de primeira pessoa do discurso também no sujeito. A diferença de frequências entre um e outro contexto, entretanto, revelou-se modesta (menos de sete pontos percentuais).

O grupo de fatores *escolaridade*, selecionado como mais relevante no processo variável, indicou que o aumento do emprego de formas verbais de primeira pessoa do plural com *nós* está diretamente relacionado à elevação da escolarização do informante. Os falantes mais escolarizados são também os que apresentam maior emprego de verbos em primeira pessoa do plural.

A estratificação dos informantes por idade proporcionou a verificação de que o fenômeno variável já se encontra presente de forma relativamente uniforme em todas as faixas etárias, não cabendo nem aos mais jovens nem aos mais velhos comportamento diferente das demais faixas etárias.

Em relação à consideração do grupo de fatores *gênero*, não selecionado para o fenômeno da concordância verbal variável com *nós*, constatou-se grande equilíbrio de resultados entre os falantes do gênero masculino e feminino.

Considerando os resultados da atuação das variantes de *faixa etária*, que demonstraram comportamento semelhante para os mais jovens e para os

mais velhos, e os resultados do comportamento de *gênero*, que apresentou mesmas frequências de emprego da variante padrão, pode-se concluir que o fenômeno é mais fortemente influenciado pelo fator *escolaridade*, com manutenção da forma-padrão, verbos em primeira pessoa do plural, entre os mais escolarizados.

No fenômeno de **concordância verbal com o pronome *a gente*** no português brasileiro do interior paulista, houve elevado predomínio do emprego de formas verbais de terceira pessoa do singular (94% contra apenas 6% de uso de verbos em primeira pessoa do plural). A variação instancia-se pelos fatores linguísticos *paralelismo discursivo*, *saliência fônica*, *grau de determinação do sujeito* e *explicitude do sujeito*, e pelo fator social *faixa etária*.

No português europeu, a concordância verbal com o pronome *a gente* exhibe frequências diferentes das verificadas no português brasileiro, com 24,5% de emprego de verbos em primeira pessoa do plural (consequentemente, 75,5% de uso de terceira pessoa do singular), ou seja, frequências de variação consideravelmente maiores do que as evidenciadas nas variedades do português brasileiro, com a seleção de dois grupos de fatores linguísticos (*explicitude do sujeito* e *tempo e modo verbal*) e três sociais (*gênero*, *faixa etária* e *escolaridade*).

O grupo de fatores *explicitude do sujeito* apresentou relevante atuação na concordância verbal com *a gente*, no português europeu e no português brasileiro, exibindo, para ambas as variedades, as mesmas tendências, com contextos de sujeito explícito favorecendo o emprego da variante *verbos em terceira pessoa do singular* e contextos de sujeito oculto ou desinencial, contribuindo com o uso de verbos em primeira pessoa do plural, justificado pela necessidade de reiteração da referência à primeira pessoa do plural do discurso, nesses casos, presente somente na desinência verbal. Dessa forma, independentemente da forma pronominal presente em oração anterior (*nós* ou *a gente*), há sempre a tendência ao uso de verbos em primeira pessoa do plural nos contextos de sujeito oculto ou desinencial.

A consideração do fator *paralelismo discursivo* confirmou a hipótese de que marcas em verbos anteriores influenciam o emprego de marcas nos verbos seguintes e “zeros” em verbos anteriores influenciam o uso de “zeros” em verbos seguintes, pois os contextos com verbos anteriores em terceira pessoa do singular apresentaram maior tendência ao emprego de verbos em terceira pessoa do singular do que contextos com verbos anteriores em pri-

meira pessoa do plural. É importante destacar, entretanto, que os contextos de sujeito desinencial ou oculto, de forma geral, são mais desfavorecedores do uso de terceira pessoa do singular do que os sujeitos explícitos. Embora o grupo tenha se mostrado relevante somente nas amostras do português brasileiro, as frequências exibidas pela amostra do português europeu são de tendências bastante semelhantes às da fala do interior paulista.

Para a atuação do grupo *saliência fônica verbal* na concordância verbal com *a gente*, verificou-se, para o português brasileiro, que maiores graus de saliência fônica (níveis de saliência *médio* e *máximo*) desfavorecem o emprego da variante *verbos em terceira pessoa do singular*. Em contrapartida, o nível mínimo de saliência e o nível *saliência esdrúxula* favorecem o uso de formas verbais de terceira pessoa do singular, exibindo, este último, emprego quase categórico dessas formas verbais. Para o português europeu, o grupo de fatores *saliência fônica* não foi apontado como estatisticamente relevante pelo programa *GOLDVARB*.

Se para o português brasileiro o grupo *tempo e modo verbal* não se mostrou atuante na concordância verbal com o pronome *a gente*, no português europeu, confirmou-se que os verbos em pretérito perfeito apresentam comportamento bastante diferente das demais categorias de *tempo e modo verbal*, exibindo forte favorecimento da primeira pessoa do plural.

O controle dos diferentes graus de determinação dos sujeitos demonstrou que a variedade do português brasileiro investigada está sujeita à atuação desse fator na concordância verbal com *a gente*, pois os sujeitos com referentes genéricos e indefinidos favorecem o emprego de formas de terceira pessoa do singular, enquanto sujeitos com referentes específicos e definidos, o uso de verbos em primeira pessoa do plural. Não houve a seleção desse grupo de fatores para o português europeu e, em observação às frequências apresentadas, foram verificados os mesmos percentuais para as categorias *referente específico e definido* e *referente genérico e indefinido*.

A estratificação dos informantes por gênero revelou tendência maior de emprego de verbos em terceira pessoa do singular no português europeu junto de *a gente* por parte das mulheres do que por parte dos homens. Na variedade do português brasileiro do interior paulista, no entanto, as frequências no fenômeno variável foram praticamente as mesmas.

Faixa etária foi a única variável social atuante no processo de concordância com *a gente* no português brasileiro e no português europeu. Po-

rém, naquele evidenciou-se não haver avanço ou retrocesso das variantes em concorrência, visto que os informantes das faixas etárias de maior idade e de menor idade apresentam comportamento semelhante, favorecendo sutilmente o emprego de terceira pessoa do singular junto da forma pronominal *a gente*. Em contrapartida, no português europeu, os resultados demonstraram gradativo aumento no emprego de verbos em primeira pessoa do plural junto do pronome *a gente*, relacionados diretamente com a diminuição da idade dos informantes, sugerindo mundança em progresso, em favor do emprego de primeira pessoa do plural junto de *a gente*.

Pela observação da atuação do fator social *escolaridade*, foi possível notar, na variedade europeia do português, a relação direta entre o aumento da escolarização e o aumento do emprego de formas verbais de terceira pessoa do singular junto do pronome *a gente*, o que revela que as faixas de maior escolarização evitam os verbos em primeira pessoa do plural. Na variedade do interior de São Paulo, o grupo de fatores não foi selecionado como relevante, e as frequências exibidas em todas as categorias são bastante semelhantes.

No português do interior paulista, a seleção apenas do fator *faixa etária* leva à conclusão de que a variante *verbos em primeira pessoa do plural* não exhibe sinais de que irá se implementar de forma mais efetiva, o que se confirma também pela consideração do contexto linguístico restrito em que essa variante é mais empregada, o de sujeito oculto ou desinencial.

Na variedade europeia do português, aliando os resultados exibidos para a atuação dos fatores sociais na concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *a gente*, é possível afirmar que a variante *verbos em primeira pessoa do plural* é estigmatizada, pois é evitada pelos mais escolarizados e pelas mulheres. O estigma atestado em torno do emprego dessas formas verbais com o sujeito *a gente* poderia sugerir que essa variante não suplantará a variante *verbos em terceira pessoa do singular* de forma plena na comunidade, caso não se considerasse o aumento no emprego da variante, como se constata pela observação do grupo de fatores *faixa etária*.

A investigação da **concordância verbal de terceira pessoa do plural** no português brasileiro do interior paulista e no português europeu revelou que, em ambas as variedades, há uso variável de verbos em terceira pessoa do plural e em terceira pessoa do singular, porém, na amostra brasileira, o índice de não aplicação de plural nos verbos é quase 21 pontos percentuais

maior do que o índice das amostras do português europeu (27% de emprego de terceira pessoa do singular no português brasileiro do interior paulista e 6,1%, no português europeu). Todavia, comparando-se aos índices apresentados por outras variedades do português brasileiro, como os da periferia de São Paulo, que apresentou 71% de verbos no singular (terceira pessoa do singular), o índice de concordância verbal de terceira pessoa do plural do interior paulista é considerado alto, principalmente por ser de uma variedade interiorana da qual, socialmente, não se esperariam esses resultados. Costumeiramente, a caricaturização do falante do interior do estado, vulgo “caipira”, está associada, entre vários traços linguísticos, à falta de concordância verbal.

Em relação à seleção de grupos de fatores relevantes nos processos variáveis, houve maior número para o português brasileiro do que para o português europeu: oito grupos foram indicados como relevantes no processo de variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na amostra brasileira e apenas três foram apontados para a amostra lusitana. Dos oito selecionados do português brasileiro, cinco são linguísticos (*paralelismo discursivo*, *saliência fônica*, *paralelismo oracional*, *traço semântico do sujeito* e *posição do sujeito*) e três são extralinguísticos (*escolaridade*, *faixa etária* e *gênero*).

O processo de variação de concordância verbal de terceira pessoa do plural no português europeu, diferentemente do que se verificou no português brasileiro, possui contextos variáveis mais restritos, o que se reflete até mesmo no menor número de variáveis atuantes no processo, três no total, todas de ordem linguística (*posição do sujeito em relação ao verbo*, *traço semântico do sujeito* e *tipo estrutural de sujeito*).

Os resultados para o grupo de fatores *posição do sujeito* ratificaram a hipótese amplamente reconhecida de que sujeitos anteriores e próximos aos verbos favorecem o emprego de verbos em 3PP e sujeitos pós-verbais desfavorecem a pluralização dos verbos na concordância verbal variável de terceira pessoa do plural. Nas duas variedades, revelaram-se as mesmas tendências, com os contextos de *sujeito em posição pós-verbal* contribuindo com o uso de verbos em terceira pessoa do singular junto dos sujeitos de terceira pessoa do plural, e os contextos de *sujeito pré-verbal* favorecendo o emprego de verbos em terceira pessoa do plural.

O controle do *traço semântico do referente do sujeito* proporcionou, também, a confirmação das mesmas tendências para as duas variedades, pois

sujeitos com traço [+ *humano*] demonstraram favorecimento de utilização de verbos no plural e sujeitos com traço [- *humano*], possuam eles traço [+ *animado*] ou [- *animado*], desfavoreceram o uso de verbos em terceira pessoa do plural.

Conforme as expectativas para o grupo de fatores *paralelismo discursivo*, no português brasileiro, contextos em que o verbo anterior apresentava marcas de plural tiveram maior tendência a apresentar também marcas de plural e, da mesma forma, contextos em que o verbo anterior encontrava-se no singular (terceira pessoa do singular) demonstraram inclinação a apresentar verbos sem marcas de plural (também em terceira pessoa do singular). Mesmo que essa variável não tenha sido selecionada para a amostra do português europeu, o contexto com verbo anterior em terceira pessoa do singular exibiu menor frequência de pluralização verbal.

Para a variável *saliência fônica*, comprovadamente relevante em fenômenos de concordância verbal no português brasileiro, houve confirmação das hipóteses apenas para a variedade brasileira do interior paulista, com verbos de maiores níveis de saliência apresentando maior favorecimento de pluralização e verbos com níveis menores de saliência se revelando como desfavorecedores do uso de formas verbais em terceira pessoa do plural. Para o português europeu, as frequências demonstraram tendências diferentes, com contextos de verbos com maior saliência registrando frequências de pluralização menores do que os contextos de menor saliência.

Para o grupo de fatores *paralelismo linguístico de nível oracional*, aos moldes do que foi verificado no nível discursivo, foi comprovado, para o português brasileiro do interior paulista, que a presença de marcas de plural no sujeito, seja no último elemento do núcleo, seja no último elemento de um SPrep presente no sujeito, leva a presença de marcas de plural no verbo. A ausência de marcas no último elemento do núcleo do sujeito ou no último elemento de um SPrep do sujeito, por outro lado, influencia a ausência de marcas no verbo.

A consideração do grupo de fatores *tipo estrutural de sujeito* na concordância verbal de terceira pessoa do plural do português europeu permitiu confirmar que alguns tipos de sujeito, como *pronome pessoal, oculto ou desinencial* e *pronome relativo*, são mais propensos a exibir verbos com marcas de plural do que outros tipos de sujeito, como os formados por *SN-pleno simples, pronome indefinido* ou *demonstrativo* e *SN-pleno nu* e *quantificador*.

Para o português brasileiro do interior paulista, essa variável não foi considerada relevante, ainda que algumas categorias, como *pronomes pessoais, oculto ou desinencial e pronomes demonstrativo ou indefinido* e *SN-pleno nu*, tenham apresentado menores frequências do que as demais.

Ao observar a atuação do fator *escolaridade*, primeiro dos fatores sociais selecionados pelo programa estatístico *GOLDVARB*, para a variedade brasileira, verificou-se aumento do emprego de formas verbais no plural, relacionado diretamente ao aumento dos anos de escolarização dos informantes, constatação que pode ser atribuída à influência do ambiente escolar na manutenção da forma-padrão, *verbos em terceira pessoa do plural*, e, por consequência, na recusa da forma não padrão, *verbos em terceira pessoa do singular*. As faixas de menor escolaridade (*1 a 4 anos e 5 a 8 anos de escolarização*) tendem a favorecer o emprego de terceira pessoa do singular, e as faixas de maior escolaridade (*9 a 11 anos e 12 anos ou mais*), a favorecer o uso de terceira pessoa do plural. Para o português europeu, as frequências para as quatro faixas escolares se revelaram bastante semelhantes, constatação que comprova que a variável social escolaridade não exerce influência considerável sobre o fenômeno.

Nas amostras do português brasileiro, os resultados apresentados para a atuação do grupo de fatores *faixa etária* denotam não haver fortes tendências à implementação de uma ou de outra variável, pois evidenciou-se relativa uniformidade de comportamento na concordância verbal de terceira pessoa do plural em todas as faixas etárias consideradas, embora as faixas etárias mais elevadas tenham apresentado peso relativo pouco superior a 0,50 e as faixas etária mais jovens, peso relativo levemente inferior a 0,50. Do mesmo modo, a observação das frequências da amostra europeia aponta total uniformidade entre as diferentes faixas de idade dos informantes.

A estratificação social dos informantes pelo *gênero* revela, para o fenômeno variável no português brasileiro, maior tendência feminina ao emprego da forma-padrão, *verbos em terceira pessoa do plural*, e maior tendência masculina ao uso da forma não padrão, *verbos em terceira pessoa do singular*. Todavia, não houve diferença marcante de comportamento entre os gêneros, com apenas cinco pontos percentuais separando as duas categorias e uma diferença modesta entre os pesos relativos.

A reunião dos resultados referentes à atuação dos fatores sociais na concordância verbal de terceira pessoa do plural faz conhecer o valor das varian-

tes linguísticas no processo de variação em questão, *verbos em terceira pessoa do plural* e *verbos em terceira pessoa do singular*. No português brasileiro do interior paulista, a preferência de uso da forma-padrão e conservadora (terceira pessoa do plural) por parte dos falantes mais escolarizados e pelas mulheres denota prestígio dessa forma e estigma em relação à forma inovadora e não padrão (terceira pessoa do singular), a qual tem maior tendência até mesmo de ser usada por falantes menos escolarizados e por homens.

A variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural encontra-se relativamente estabilizada na comunidade do interior paulista, o que pode ser comprovado pela semelhança de frequências de uso das variantes em todas as faixas etárias e o que indica não haver mudança no processo de variação. O relativo equilíbrio é mantido por forças inconscientes que atuam em conjunto, refreando e impulsionando a inserção da variante inovadora. Os de maior escolarização e as mulheres, por exemplo, agem em favor da manutenção da forma conservadora, enquanto os de menor escolarização e os homens agem para a sobrelevação da forma inovadora.

No português europeu, os contextos mais restritos de variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural, aliados ao fato de que nenhum dos três grupos de fatores sociais considerados foi selecionado para o fenômeno, contribuem com a afirmação de que há um processo semicategórico naquela comunidade, com um afrouxamento das normas relativas à pluralização verbal e com a aceitação da variação em determinados contextos, como os *contextos de sujeito pós-verbal*, os *contextos com verbo ser* e os *contextos de saliência mínima*, em que a oposição entre singular e plural nos verbos se dá somente em relação à nasalização da vogal final (*come/comem*). Todavia, não se pode deixar de considerar que, embora as frequências do fenômeno variável sejam bastante dessemelhantes, diversos grupos de fatores linguísticos apresentaram tendências semelhantes às verificadas no português brasileiro, revelando que o fenômeno de concordância verbal variável na língua portuguesa pode se iniciar por influência das características internas do próprio sistema linguístico. A diferença entre a amostra brasileira e a lusitana é que a primeira sofreu contribuições de fatores externos para ampliação do processo que já se mostrava suscetível à variação, consoante afirmam Naro e Scherre (2007).

Considerando as discussões empreendidas nessa pesquisa, propõe-se, a seguir, um quadro-resumo das conclusões a respeito da investigação dos

fenômenos relacionados à concordância verbal no português europeu e no português brasileiro do interior paulista, hierarquizando os condicionantes investigados para cada um deles.

Quadro-resumo: Características dos fenômenos relacionados à concordância verbal no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

Variedade	Português brasileiro do interior paulista BANCO DE DADOS IBORUNA	Português europeu CORPUS DE REFERÊNCIA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO
Fenômenos	Comportamento / Variáveis atuantes	Comportamento / Variáveis atuantes
Alternância pronominal de 1PP	Variável Paralelismo discursivo > saliência fônica > grau de determinação do sujeito > tempo e modo verbal > escolaridade > faixa etária	Variável Paralelismo discursivo > escolaridade > gênero
Concordância verbal com <i>nós</i>	Variável Saliência fônica > paralelismo discursivo > explicitude do sujeito > escolaridade > faixa etária	Catagórica
Concordância verbal com <i>a gente</i>	Semicatagórica Paralelismo discursivo > saliência fônica > grau de determinação do sujeito > explicitude do sujeito > faixa etária	Variável Explicitude do sujeito > tempo e modo verbal > gênero > faixa etária > escolaridade
Concordância verbal de 3PP	Variável Paralelismo discursivo > saliência fônica > paralelismo oracional > traço semântico do sujeito > posição do sujeito > escolaridade > faixa etária > gênero	Semicatagórica Posição do sujeito em relação ao verbo > traço semântico do sujeito > tipo estrutural de sujeito

No português brasileiro do interior paulista atestaram-se três fenômenos como variáveis: a alternância pronominal de primeira pessoa do plural, a concordância verbal de primeira pessoa do plural com o pronome *nós* e a concordância verbal de terceira pessoa do plural. A concordância verbal com *a gente*, conforme observações prévias, foi tomada como fenômeno semicategórico, visto apresentar variação apenas em contextos específicos.

A consideração da amostra do português europeu permitiu que se confirmassem dois fenômenos variáveis naquela variedade, a alternância pronominal de primeira pessoa do plural e a concordância verbal com o pronome *a gente*. Para a concordância verbal de terceira pessoa do plural, a variação é semicategórica, visto restringir-se a apenas alguns contextos. Na

verificação dos casos de emprego do pronome *nós*, foi constatado uso categórico de formas de primeira pessoa do plural.

Esses resultados comprovam que o português europeu também apresenta fenômenos variáveis relacionados à concordância verbal e à alternância pronominal, os quais, por motivações externas e internas, encontram-se em estágios diferentes dos mesmos fenômenos variáveis nas variedades do português brasileiro.

A bem da verdade, não há também homogeneidade em relação aos fenômenos variáveis presentes nas variedades brasileiras, pois, como se observou, em algumas comunidades pode haver variação na concordância verbal de primeira pessoa do singular, o que comprovadamente não ocorre no português brasileiro do interior paulista. O mesmo se verifica em relação ao fenômeno da alternância pronominal de segunda pessoa do plural, que somente é observada em determinadas regiões, sendo categórico o emprego do pronome *você* em outras regiões brasileiras.

Retomando as discussões encetadas no início deste estudo, a respeito das teses de origem do português brasileiro, argumenta-se em favor da consideração de que as variedades de língua portuguesa hoje faladas no território brasileiro, apesar de terem sua origem única, em território português, são frutos das múltiplas e diferentes influências recebidas, ao longo de séculos, em cada uma das regiões desse imenso território.

No interior de São Paulo (e em muitas outras regiões brasileiras) não houve a mesma intensidade de influência dos negros advindos da África e de suas línguas na formação da variedade aqui existente. Não se pode afirmar, para essa variedade de língua, que tenha havido um crioulo na região, e sim uma língua com base fortemente centrada no português de Portugal, trazida por camadas sociais, em sua maioria, de origem rural e sem escolaridade, que, por sua vez, possuíam uma variedade já desprestigiada no país de origem, como se procurou mostrar na sócio-história da formação do português europeu.

Essa variedade – que possivelmente apresentava fenômenos semicategóricos de variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural, como os verificados nas amostras atuais do português europeu –, influenciada pelo contexto social brasileiro, no princípio predominantemente rural e com grande miscigenação de povos e culturas, proporcionou a expansão dos fenômenos variáveis, que ganharam novos contextos de variação, que

não são fruto de uma aprendizagem irregular, mas de uma generalização das normas de concordância verbal do português europeu, as quais somente previam variação em determinados contextos, como se argumentou ao longo deste estudo.

A generalização, provavelmente, possibilitou que o fenômeno de variação se estendesse, no português brasileiro, à primeira pessoa do plural, por analogia com a terceira pessoa do plural.

Em resumo, os indícios apontam que os fenômenos variáveis de concordância verbal de primeira pessoa do plural e terceira pessoa do plural, hoje presentes no português brasileiro do interior paulista, seriam uma expansão do fenômeno semicategórico de concordância verbal de terceira pessoa do plural do português europeu, que não teria ganhado força lá devido às características geográficas, sociais e econômicas portuguesas, que muito diferiam das presentes no Brasil.

Ainda que a origem das variedades atualmente encontradas no Brasil esteja em território português, a complexa rede de relações estabelecidas entre os povos presentes em território brasileiro, com as peculiaridades de cada região, deu origem às diversas variedades hoje existentes. São muitas as variedades presentes no país, as quais somente podem ser generalizadas sob o rótulo de “português brasileiro” para serem comparadas com variedades de outros países, mas que, por vezes, diferem mais umas das outras do que diferem do português europeu e do português africano.

Com base em toda a discussão empreendida ao longo desta obra e nos resultados da análise das variedades contemporâneas do português brasileiro e do português europeu, defende-se que os fenômenos hoje presentes no português brasileiro seriam frutos de uma generalização das variações particulares já existentes no português europeu, que teriam ganhado novas caracterizações em razão de uma “confluência de múltiplas motivações, cada qual com sua força variável através do tempo” e do espaço, conforme afirmam Naro e Scherre (2007, p.186).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, C. A. de et al. *Por uma vida melhor*. Global: São Paulo, 2011.
- ALKMIM, T. M. A variedade linguística de negros e escravos: um tópico da história do português no Brasil. In: MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *Para a história do português brasileiro: primeiros estudos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP/Fapesp, 2001. v.2, p.317-36.
- _____. Estereótipos linguísticos: negros em charges do século XIX. In: ALKMIM, T. M. (Org.). *Para a história do português brasileiro: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 2002. v.3, p.383-402.
- ALMEIDA, A. P. *A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS*. Porto Alegre, 2006. 159f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- ALVES, J. F. Percursos de um brasileiro do Porto: o Conde de Ferreira. *Revista da Faculdade de Letras: História*, Porto, série II, v.IX, Porto, p.199-213, 1992.
- _____. Analfabetismo e emigração: o caso do distrito do Porto no século XIX. *Revista da Faculdade de Letras: História*, Porto, série II, v.X, p.271-87, 1993a.
- _____. *Os “brasileiros”*: emigração e retorno no Porto oitocentista. Porto, 1993b. 451f. Tese (Doutorado em História Moderna e Contemporânea) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*: gramática, vocabulário. 3.ed. São Paulo: Hucitec/SCET-CEC, [1920]1976.
- _____. *O dialeto caipira*: gramática, vocabulário. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1982.
- AMARAL, L. I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. Porto Alegre, 2003. 181f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- ANJOS, S. E. dos. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala pesense*. João Pessoa, 1999. 188f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba.

- ANTONINO, V.; BANDEIRA, M. *Nós, a gente e a concordância em uma comunidade afro-brasileira isolada. Pápis: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, São Paulo, n.21, v.1, p.159-76, 2011.
- ARROTEIA, J. C. *A emigração portuguesa: suas origens e distribuição*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação (Biblioteca Breve, n.79), 1983.
- _____. *A evolução demográfica portuguesa: reflexos e perspectivas*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação (Biblioteca Breve, n.93), 1984.
- _____. *Atlas da emigração portuguesa*. Porto: Secretaria de Estado da Emigração – Centro de Estudos, 1985.
- _____. Aspectos da emigração portuguesa. *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, n.94, v.30, 1 ago. 2001.
- ASSIS, R. M. Variações linguísticas e suas implicações no ensino do vernáculo: uma abordagem sociolinguística. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n.20, p.59-81, 1988.
- AZEVEDO, J. L. de. *Épocas de Portugal económico: esboços de história*. 4.ed. Lisboa: Clássica Editora, 1978.
- BACELAR DO NASCIMENTO, M. F. A observação e análise de dados reais na investigação e ensino de línguas. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS CENTROS DE LÍNGUAS DO ENSINO SUPERIOR, 2, 1996, Évora. *Actas...* Universidade de Évora, 1996, p.11-23.
- _____. Corpus de Référence du Portugais Contemporain. In: BILGER, M. (Ed.). *Corpus: méthodologie et applications linguistiques*. Paris: Honoré Champion et les Presses Universitaires de Perpignan, 2000a. p.25-30.
- _____. O Corpus de Referência do Português Contemporâneo e os projectos de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa sobre variedades do português falado e escrito. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SHÖNBERGER, A. (Ed.). *Estudos de gramática portuguesa (I)*. Frankfurt am Main: Instituto Ibero-Americano, 2000b. p.185-200.
- BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; CHACOTO, L.; NETO, P. Como escrever o oral? *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, Lisboa, n.2, p.36-40, dezembro de 1989.
- BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; GONÇALVES, J. B. Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), desenvolvimento e aplicações. In: BACELAR DO NASCIMENTO, M. F.; GONÇALVES, J. B. (Org.). *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística: Corpora*. Lisboa: APL, 1996. v.I, p.143-9.
- BACELAR DO NASCIMENTO, M. F. et al. Corpus de Referência do Português Contemporâneo (pôster). In: FEIRA DE PROJECTOS, 2001, Lisboa. Comissão Nacional do Ano Europeu das Línguas, Centro Cultural Casapiano.
- BAGNO, M. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 12.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

- BARROS, J. de. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: Lisboa, 1540. In: BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://purl.pt/12148>. Acesso em: 22 mar. 2010.
- BAXTER, A. N. A contribuição das comunidades afro-brasileiras isoladas para o debate sobre a criouliização prévia: um exemplo do estado da Bahia. In: D'ANDRADE, E.; KIHM, A. (Org.). *Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*. Lisboa: Colibri, 1992. p.7-35.
- BAXTER, A. N.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n.19, p.65-83, 1997.
- _____. Un paso más hacia la definición del pasado criollo del dialecto afro-brasileño de Helvécia (Bahia). In: ZIMMERMANN, K. (Ed.). *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 1999, p.119-41.
- BAZENGA, A. *Realização variável da concordância verbal no português falado no Funchal*. 2010. In: ACADEMIA. Academia.edu. Disponível em: http://uma-pt.academia.edu/AlineBazenga/Talks/30134/Realizacao_variavel_da_concordancia_verbal_no_portugues_falado_no_Funchal. Acesso em: 22 jul. 2011.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. 2.ed. Campinas: Pontes, 1988.
- _____. *Problemas de linguística geral I*. 4.ed. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1995.
- BERGMAN, M. *Nasce um povo: estudo antropológico da população brasileira: como surgiu, composição racial, evolução futura*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BERLINCK, R. de A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (Org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1989, p.95-112.
- BLANCHE-BENVENISTE, C. Langue parlée et langue écrite: décalages en morphologie et en syntaxe. In: MOURA, D. (Org.). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, 1999.
- BOLOGNINI, C. Z.; PAYER, M. O. Línguas de imigrantes. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.57, n.2, 2005. In: SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 jul. 2011.
- BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de "a gente" no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. Porto Alegre, 2004. 216f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *The Urbanization of Rural Dialect Speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge University Press, 1985.

- BYBEE, J. L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.
- CALLOU, D. M. I. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1980. [s.f.]. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v.37, p.101-16, 1993.
- CÂMARA JÚNIOR., J. M. Erros escolares como sintomas de tendências linguísticas no português do Rio de Janeiro. *Romanistisches Jahrbuch*, Berlim, n.8, p.279-86, 1957.
- _____. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CARENO, M. F. do. *Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras*. São Paulo: Arte & Ciência/Unip, 1997. Coleção Universidade Aberta, v.27.
- CARMO, M. C. do. *As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. São José do Rio Preto, 2009a. 122f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- _____. *Sobre vogais médias em nomes e verbos na fala do interior paulista*. São José do Rio Preto, 2009b. Projeto de Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- CARMO, S. D. S.; ARAÚJO, S. S. F. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural no português popular falado em Feira de Santana-BA. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS, 14, 2010, Feira de Santana. *Anais...* Feira de Santana: UEFS, 2010, p.575-80.
- CASTILHO, A. T. de. Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa? [s.d.]. In: MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_9.pdf. Acesso em: set. 2009.
- CASTRO, I. Para uma história do português clássico. In: DUARTE, I.; LEIRIA, I. (Org.). *Actas do Congresso Internacional sobre o português*. Lisboa: Colibri/APL, 1994. v.II, p.135-50.
- CHAMBERS, J. K. Patterns of Variation including Change. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden: Blackwell, 2001.
- CHESHIRE, J. Sex and Gender in Variationist Research. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Malden: Blackwell, 2001.
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Berlim: Mouton, 1957.
- _____. *Lectures on Government and Binding Theory*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CINTRA, L. F. L. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, Lisboa, t.22, p.81-116, 1973.

- _____. Áreas lexicais no território português. [s.d.]. In: INSTITUTO CAMÕES. Centro Virtual Camões. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/historia-da-lingua-portuguesa.html>. Acesso em: 12 fev. 2010.
- COELHO, F. A. Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. In: MORAIS-BARBOSA, J. (Ed.). *Estudos linguísticos crioulos*: reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967.
- COELHO, R. F. “*É nós na fita!*” *Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana*: o pronome de primeira pessoa do plural e a marcação do plural no verbo. São Paulo, 2006. 182f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- COSTA, J.; MOURA, D.; PEREIRA, S. Concordância com *a gente*: um problema para a teoria de verificação de traços. In: CORREIA, C. N.; GONÇALVES, A. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2001. p.639-55.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DECAT, M. B. N. Verbal Agreement Differences in Spoken and Written Brazilian Portuguese and Their Consequences for the Teaching of Composition. *Ensaios de Linguística: Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, Belo Horizonte, n.5, p.25-39, 1981.
- _____. Concordância verbal, topicalização e posposição do sujeito. *Ensaios de Linguística: Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, Belo Horizonte, n.9, p.10-47, 1983.
- DIAS, E. P. *O uso do tu no português brasileiro falado*. Brasília, 2007. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p.107-28.
- FARIA, N. V. M. de. *A concordância verbal no português de Belo Horizonte*. Belo Horizonte, 2008. 142f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica/MG.
- FERNANDES, E.; GÖRSKI, E. A concordância verbal com os sujeitos *nós* e *a gente*: um mecanismo do discurso em mudança. In: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL, 1986, Salvador. *Atas...* Salvador: UFBA, 1986, p.175-83.
- FERNANDES, E. A. *Nós* × *a gente*: variação estável ou mudança em progresso? In: SOARES, M. E.; ARAGÃO, M. S. S. (Ed.). *Anais da XVI Jornada de Estudos Linguísticos*. Fortaleza: UFC/GELNE, 1999. p.331-4.
- FERNANDES, F. O. *Construções com os verbos andar, continuar, ficar e viver seguidos de gerúndio*: um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização. São José do

- Rio Preto, 2010. Relatório de iniciação científica apresentado à Fapesp – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- FERREIRA, J. S. *O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto*. São José do Rio Preto, 2010. 145f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- FIAMENGUI, A. H. R. *A marcação de pluralidade no SN na fala e na escrita de adolescentes da região de São José do Rio Preto*. São José do Rio Preto, 2011. 144f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- FISCHER, J. L. Social Influences on the Choice of a Linguistic Variant. *Word*, Nova York, v.14, p.47-56, 1958.
- FLORENTINO, M.; MACHADO, C. Ensaio sobre a imigração portuguesa e os padrões de miscigenação no Brasil (séculos XIX e XX). *Portuguese Studies Review*, Ontário, n.10, p.58-84, 2002.
- FONSECA, A. M. H. da. *A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização*. São José do Rio Preto, 2010. 176f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- _____. *Um estudo diacrônico da perífrase verbal ir+infinitivo na interface com a Sociolinguística*. São José do Rio Preto, 2011. Projeto de Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- FORTILLI, S. de C. *Orações completivas em posição argumental de sujeito: gramaticalização e dessentencialização de orações matrizes*. São José do Rio Preto, 2009. Projeto de Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos [em andamento]) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- FURTADO, I. de S. Análise da variação no uso de “nós” e “a gente”. [s.d.]. In: MACKENZIE. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/IsmeriaFurtado.pdf. Acesso em: 19 mai. 2010.
- GALVES, C. C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p.387-408.
- _____. O papel das línguas africanas na formação do português brasileiro: (mais) pis-tas para uma nova agenda de pesquisa. *Gragoatá*, Niterói, n.24, p.145-64, 1. sem. 2008.
- GAMEIRO, M. B. *A concordância verbal na língua falada da região central do estado de São Paulo*. Araraquara, 2005. 198f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- GONÇALVES, S. C. L. *O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo*. São José do Rio Preto,

2006. Relatório científico parcial II apresentado à Fapesp. Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/histórico/relatorio2>. Acesso em: 22 jun. 2011.
- _____. *O português falado na região de São José do Rio Preto*: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo. São José do Rio Preto, 2007. Relatório científico parcial III apresentado à Fapesp. Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/histórico/relatorio3>. Acesso em: 22 jun. 2011.
- GONÇALVES, S. C. L.; RUBIO, C. F. Confrontos e contrastes entre duas variedades lusófonas no emprego da concordância verbal. In: MARÇALO, M. J. et al. (Org.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Editora da Universidade de Évora, 2010. p.158-79.
- _____. Variação nos usos de primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA, D. P. de (Org.). *Estudos linguísticos: gramática e variação*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2011. p.111-35.
- GONÇALVES, P. Towards a Unified Vision of Classes of Language Acquisition and Change: arguments from the genesis of Mozambican African Portuguese. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, Amsterdam, v.19, n.2, p.225-59, 2004.
- GONÇALVES, P.; CHIMBUTANE, F. O papel das línguas bantu na gênese do português de Moçambique: o comportamento sintático de constituintes locativos e direccionais. *Papia: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, São Paulo, v.14, p.7-30, 2004.
- GONÇALVES, V. de F. *A ausência de concordância verbal no Vale do Rio Doce-MG*. Belo Horizonte, 2007. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG.
- GRACIOSA, D. M. D. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Rio de Janeiro, 1991. 176f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GUY, G. R. *Linguistic Variantion in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. Philadelphia, 1981. 391f. Dissertação (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania.
- _____. A questão da crioulização no português do Brasil. In: ZILLES, A. M. S. (Org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p.15-62.
- HAUSEN, T. A. P. *Concordância verbal do pronome “tu” no interior do estado de Santa Catarina*. Curitiba, 2000. 131f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- HOLM, J. A semicrioulização do português vernáculo do Brasil: evidência do contacto nas expressões idiomáticas. *Papia: Revista de Crioulos de Base Ibérica*, Brasília, v.3, n.2, 1994.
- HOPPER, P. On Some Principles of Gramaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to Gramaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.17-35.

- INVERNO, L. C. *Angola's Transition to Vernacular Portuguese*. Coimbra, 2005. 182f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade de Coimbra.
- KATO, M. A. A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, n.2, p.97-127, 2000.
- LABERGE, S. *Étude de la variation des pronoms sujets définis et indéfinis dans le français parlé à Montréal*. Montreal, 1977. 212f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Montreal.
- LABOV, W. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- _____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. The Intersection of Sex and Social Class in the Course of Linguist Change. *Language Variation and Change*, v.2, n.2, p.205-54, 1990.
- _____. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- _____. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. *Sociolinguistics: the essential readings*. Malden: Blackwell, 2003. p.234-50
- LEMLE, M.; NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: Mobrale-MEC/Fundação Ford, 1977.
- LOPES, C. R. dos S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Rio de Janeiro, 1993. 189f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. *Delta*, São Paulo, v.14, n.2, p.405-22, 1998.
- _____. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Rio de Janeiro, 1999. 181f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Madri: Iberoamericana, 2003.
- LOPES, Q. dos S.; NARO, A. J. Concordância variável de primeira pessoa do singular no PB: amostra Cuiabá. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 15, 2011, Rio de Janeiro. *Cadernos...* Rio de Janeiro, UERJ, Instituto de Letras, 2011, p.56. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/resumos/cvconcordancia_variavel_de_primeira_QUEZIA_ANTHONY.pdf. Acesso em: 23 out. 2011.
- LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Florianópolis, 1996. 156f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- LUCCHESI, D. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, Lisboa, v.12, p.17-28, 1994.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A. da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p.331-72.

- MACHADO, M. dos S. *Sujeitos pronominais “nós” e “a gente”*: variação em dialetos populares do norte fluminense. Rio de Janeiro, 1995. 135f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MATTOS, S. E. R. *Sujeito coletivo singular em português*: concordância e referencialidade. Brasília, 2003. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal de Brasília.
- _____. A primeira pessoa do plural em Goiás. In: MARÇALO, M. J. et al. (Org.). *Língua portuguesa*: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Editora da Universidade de Évora, 2010. p.11-22.
- MATTOS E SILVA, R. V. Contribuição para a leitura crítica de textos medievais portugueses: sintaxe e grafia. In: COLLOQUE CRITIQUE TEXTUELLE PORTUGAISE, 1986, Paris. *Actes...* Paris: Centre Culturel Portugais, 1986. p.85-98.
- _____. *O contacto português*: línguas indígenas: uma história de glotocídios. Conferência, inédita, 1987.
- _____. Diversidade e unidade: a aventura linguística do português. *Revista Icalp*, Lisboa, v.11, p.60-72, mar. 1988.
- _____. A articulação do sintagma nominal sujeito e do sintagma verbal: concordância. In: MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas trecentistas*: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989. p.488-507.
- _____. De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *Para a história do português brasileiro*: primeiros estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP/Fapesp, 2001. v.2, p.275-301.
- _____. *O português arcaico*: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Klincksieck, 1951. v.II.
- MENDONÇA, A. K. de. *Nós e a gente em Vitória*: uma análise sociolinguística da fala capixaba. Vitória, 2010. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo.
- MENON, O. P. S. “A gente”: um processo de gramaticalização. *Estudos Linguísticos*, Taubaté, n.25, p.622-8, 1996.
- MODESTO, A. T. T. *Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de Santos-SP*. São Paulo, 2006. 152f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p.9-14.
- MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. Florianópolis, 2009. 229f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina.

- _____. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE. In: ENCONTRO DO CELSUL, 9, 2010, Palhoça, SC. *Anais...* Palhoça: Editora da Unisul, 2010. p.1-20.
- MONGUILHOTT, I. de O. e S.; COELHO, I. L. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação e mudança no português falado na região Sul*. Pelotas: Educat, 2002. p.189-215.
- MONTE, A. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*. Araraquara, 2007. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- MONTE, V. M. do. Os fonemas sibilantes e a variedade de sua representação em documentos setecentistas. In: MAGALHÃES, J. S. de; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). *Múltiplas perspectivas em linguística*. Uberlândia: Edufu, 2008. p.2947-58.
- MOURA, D. (Org.). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, 1999.
- NARO, A. J. The Social and Structural Dimensions of a Syntactic Change. *Language*, v.57, n.1, 1981.
- _____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.15-26.
- NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without Change. *Language Variation and Change*, v.11, n.2, p.197-211, 1999.
- NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: SILVA, G. M. de O. e; TARALLO, F. (Org.). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.20, p.9-16, 1991.
- _____. Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, D. (Org.). *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: Edufal, 1999. p.26-37.
- _____. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito simples. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. (Org.). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p.135-65.
- _____. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito composto. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. (Org.). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main: TFM, 2000a. p.167-88.
- _____. Variable Concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: McWHORTER, J. (Org.). *Language Change and Language Contact in Pidgins and Creoles*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000b. p.235-55.
- _____. A relação verbo/sujeito: o efeito máscara do *que* relativo. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p.383-401.
- _____. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

- NASCENTES, A. de V. *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1961.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.
- NICOLAU, E. M. das D. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística*. Belo Horizonte, 1984. 179f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.
- NINA, T. de J. de C. *Concordância nominal/verbal do analfabeto na microrregião de Bragantina*. Porto Alegre, 1980. 165f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica/RS.
- OLIVEIRA, M. dos S. *Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista: variação estável ou mudança em progresso?* Salvador, 2005. 177f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.
- OMENA, N. P. de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, A. J. et al. *Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986. p.286-319
- _____. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: SILVA, G. M. de O. e; SCHERRE, M. M. P. *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.309-23.
- _____. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003. p.63-80.
- OMENA, N. P. de; BRAGA, M. L. *A gente está se gramaticalizando?* In: MACEDO, A. T. de; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (Org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.75-84.
- ORLANDI, E. P. Língua brasileira. [s.d.]. In: LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS. Enciclopédia das Línguas do Brasil. Disponível em: http://www.la-beurb.unicamp.br/elb/portugues/lingua_brasileira.html. Acesso em: 27 out. 2011.
- ORLANDI, P. S. *Usos e (des)usos da flexão verbal de 2ª pessoa do singular em texto orais de informantes de Tubarão (SC): um estudo de caso*. Tubarão, 2004. 94f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina.
- PAGOTTO, E. G. Variedades do português no mundo e no Brasil. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.57, n.2, p.31-4, 2005.
- PAIVA, M. da C. A. de; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006, p.131-48.
- PAREDES SILVA, V. L. A variação você/tu na fala carioca. In: ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO CONE SUL, 1, 1996, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS. (no prelo)

- PEREIRA, D. Crioulos de base portuguesa. In: FERRONHA, A. L. (Coord.). *Atlas da língua portuguesa na história e no mundo*. Lisboa. Imprensa Nacional/Comissão Nacional para os Descobrimentos/União Latina, 1992. p.120-5.
- PEREIRA, S. M. de B. *Gramática comparada de a gente: variação no português europeu*. Lisboa, 2003. 100f. Dissertação (Mestrado em Gramática Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- POPLACK, S. The Notion of the Plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (Ed.). *Locating Language in Time and Space*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1980. p.57-67.
- QUEIROZ, S. *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- RAMOS, A. P. *Descrição das vogais postônicas não finais na variedade do noroeste paulista*. São José do Rio Preto, 2009. 177f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- RODRIGUES, A. C. de S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, 1987. 189f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- _____. *A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco*. Campinas, 1997. 178f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- RODRIGUES, A. D.'I. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Delta*, São Paulo, n.9, v.1, p.83-103, 1993a.
- _____. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Ciência e Cultura*, São Paulo, n.95, p.20-6, 1993b.
- _____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1994.
- _____. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.57, n.2, p.35-8, 2005.
- _____. As línguas gerais sul-americanas. [s.d.]. Disponível em: <http://vsites.unb.br/il/labind/lingerais.htm>. Acesso em: 8 nov. 2010.
- RODRIGUES, A. N. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.
- ROMAINE, S. *Language in Society: an Introduction to Sociolinguistics*. Oxford University Press, 1994.
- _____. *Communicating Gender*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1999.
- RUBIO, C. F. *A concordância verbal de 1ª e 3ª pessoas do plural no dialeto do interior paulista: versão preliminar*. São José do Rio Preto, 2006. 60f. Relatório de Iniciação Científica – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- _____. Por uma definição da variante estigmatizada na concordância verbal no interior paulista: a atuação da variável gênero/sexo. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.36, n.2, p.380-8, 2007.

- _____. *A concordância verbal na região noroeste do estado de São Paulo*. São José do Rio Preto, 2008. 152f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- _____. A multifuncionalidade da construção *vamos supor* na fala da região noroeste do estado de São Paulo. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.38, n.3, p.283-92, set.-dez. 2009.
- _____. Regularidades no fenômeno da concordância verbal em variedades do português brasileiro: estudo sociolinguístico comparativo. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.39, n.2, p.602-16, mai.-ago. 2010.
- RUBIO, C. F.; GONÇALVES, S. C. L. Opções metodológicas no estudo de fenômenos variáveis relacionados à primeira pessoa do discurso no plural. *Gragoatá*, Niterói, n.29, p.161-82, 2010, 2. sem. 2010.
- SALOMÃO, M. H. *A variação de pluralidade nas estruturas predicativas da variedade falada na região de São José do Rio Preto*. São José do Rio Preto, 2010. 162f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- SANKOFF, G.; THIBAUT, P. L'Alternance entre les auxiliaires avoir et être en français parlé à Montreal. *Langue Française*, v.34, p.81-108, mai. 1977.
- SANTOS, R. M. A. dos. *O uso variável do subjuntivo em estruturas complexas*. São José do Rio Preto, 2005. 144f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- SCHER, A. P. O verbo *dar* e o léxico gerativo. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.29, p.761-6, 2000.
- SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, 1988. 555f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos. *Organon*, Porto Alegre, v.5, n. 18, p.52-70, 1991.
- _____. Breve histórico do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). In: SILVA, G. M. de O. e; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p.27-36.
- _____. Variação da concordância nominal no português do Brasil: influência das variáveis posição, classe gramatical e marcas precedentes. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SUBSTANDARD UND SPRACHWANDEL IM BRASILIANSCHEN PORTUGIESISCH/SUBSTANDARD E MUDANÇA LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO, 1997, Berlim, Instituto Ibero-Americano.
- _____. Paralelismo linguístico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.29-59, 1998.
- _____. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

- SCHERRE, M. P.; NARO, A. J. Marking in Discourse: “birds of a feather”. *Language Variation and Change*, v.3, n.1, p.23-32, 1991.
- _____. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. *Delta*, São Paulo, v.9, n.1, p.1-14, 1993.
- _____. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, D. da (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997. p.93-114.
- _____. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, G. (Org.). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza: Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998a. v.5, p.509-23.
- _____. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, n.1, p.45-71, 1998b.
- _____. Shifting Control: the use of agreement in written language. In: ANNUAL MEETING OF THE MICHIGAN LINGUISTIC SOCIETY, 1999, East Lansing, Department of Linguistics & Germanic, Slavic, Asian and African Languages – Michigan State University.
- _____. Sobre as origens estruturais do português brasileiro: crioulização ou mudança natural? *Papia: Revista de Crioulos de Base Ibérica*, São Paulo, v.11, p.40-50, 2001.
- _____. Passado e presente na concordância de número em português: evidências do português europeu moderno. In: MASSINI-CAGLIARI, G. et al. (Org.). *Estudos de linguística histórica do português*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2005. p.31-71.
- _____. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *Scripta*, Belo Horizonte, v.9, n. 18, p.107-29, 2006.
- _____. Ampliando os horizontes do debate sobre as origens da concordância variável no português brasileiro. In: NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007a. p.87-113.
- _____. Sobre o deslocamento do controle da concordância verbal. *Linguística*, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p.133-58, jun. 2007b.
- _____. Perceptual vs. Grammatical Constraints and Social Factors in Subject-Verb Agreement in Brazilian Portuguese. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, Philadelphia, v.16, n.2, p.165-71, 2010.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J.; CARDOSO, C. R. O papel do tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro. *Delta*, São Paulo, v.23, n.especial, p.283-317, 2007.
- SEARA, I. C. A variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana. *Organon*, Porto Alegre, v.14, n.28-29, p.179-94, 2000.
- SILVA, J. A. A. da. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia*. Salvador, 2005. 340f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

- SILVA NETO, S. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1950.
- _____. *A língua portuguesa no Brasil: problemas*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1977.
- SILVEIRA, A. A. M. da. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. São José do Rio Preto, 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- SOUZA, C. B. A concordância verbal no português falado em Salvador: uma realidade linguística bipolarizada. *Papia: Revista Brasileira de Estudos e Similares*, São Paulo, n.21, v.2, p.183-93, 2011.
- TAMANINE, A. M. B. *A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina*. Curitiba, 2002. 120f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- TARALLO, F. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p.35-68.
- TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1982.
- _____. *Manual de língua portuguesa (Portugal-Brasil)*. Coimbra Editora, 1989.
- TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction*. Harmondsworth: Penguin, 1974.
- VAREJÃO, F. de O. A. *Variação em estruturas de concordância verbal e em estratégias de relativização no português europeu popular*. Rio de Janeiro, 2006. 187f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- VIANNA, J. B. de S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. Rio de Janeiro, 2006. 127f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- _____. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. Rio de Janeiro, 2011. 255f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- VIEIRA, M. de F. *A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no português europeu oral contemporâneo: uma investigação sociolinguística*. Rio de Janeiro, 2011. 168f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- VOGT, C.; FRY, P. *Cafundó, a África no Brasil: linguagem e sociedade*. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp/Companhia das Letras, 1996.
- ZANETTI, U. *La grammatica bergamasca*. Bergamo: Sestante, 2004.
- ZILLES, A. M. S. A posposição do sujeito ao verbo no português falado no Rio Grande do Sul. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.35, n.1, p.75-96, mar. 2000.
- _____. Grammaticalization of *a gente* as a Cluster of Changes: evidence from apparent and real time studies. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v.4, n.1, p.13-46, 2004.

- _____. The Development of a New Pronoun: the linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v.17, n.1, p.19-53, 2005.
- _____. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de *a gente*? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.42, n.2, p.27-44, 2007.
- ZILLES, A. M. S.; MAYA, L. Z.; SILVA, K. Q. da. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre-RS. *Organon*, Porto Alegre, v.14, n.28-29, p.195-219, 2000.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMAN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p.95-195.
- _____. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.
- WOLFRAM, W. A. *A Sociolinguistic Description of Detroit Negro Speech*. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1969.

SOBRE O LIVRO

Formato: 16 x 23 cm

Mancha: 27,5 x 49,0 paicas

Tipologia: Horley Old Style 11/15

1ª edição: 2012

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação Geral

Arlete Zebber

